

Diana Wynne Jones

OS MUNDOS DE

CRESTOMANCI

AS VIDAS DE
CHRISTOPHER CHANT



A Série Os Mundos de Crestomanci é Composta dos
Seguintes Títulos:

Vida Encantada
As Vidas de Christopher Chant
Os Mágicos de Caprona
A Semana da Bruxa
Mixed Magics

As Vidas de Christopher Chant
Título original: The Lives of Christopher Chant
1988 by Diana Wynne Jones
Ilustrações by Tim Stevens
1ª edição — Abril de 2002
Editor Luiz Fernando Emediato
Ilustração da capa Paul Slater
Revisão Alexandra Costa da Fonseca
Diagramação e editoração eletrônica ABBÃ — Pro-
dução Editorial Ltda.
Tradução de Eliana Sabino
Impresso no Brasil Printed in Brazil

As Vidas De Christopher Chant

A infância de Crestomanci

Tradução de
Eliana Sabino



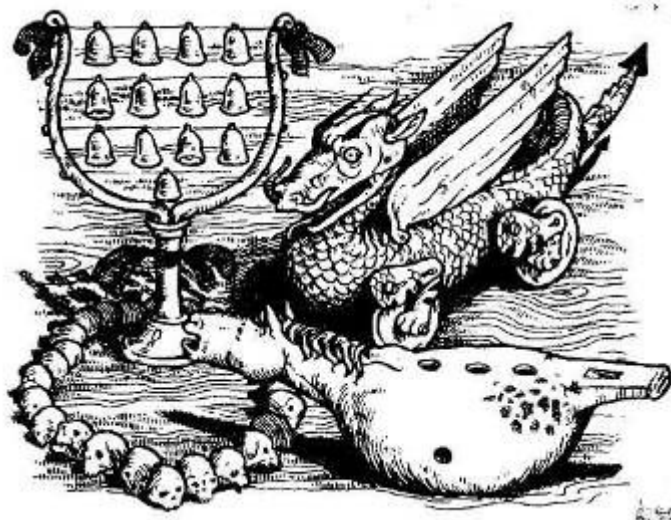
GERAÇÃO

EDITORIAL

Este livro é para Leo,
que foi atingido na cabeça
por um taco de críquete.

Nota do Autor

Tudo neste livro acontece pelo menos 25 anos antes da história contada em Vida Encantada.



Capítulo I

Passaram-se anos até Christopher contar seus sonhos a alguém. Isso aconteceu porque ele vivia a maior parte do tempo nos aposentos infantis, no andar superior da grande mansão londrina, e as babás que tomavam conta dele mudavam a cada poucos meses.

Christopher mal via os pais. Quando era pequeno, tinha pavor de que um dia, passeando no parque, encontrasse Papai e não o reconhecesse. Na esperança de guardar na mente o rosto de Papai, ele

costumava ajoelhar-se e espiar por entre as grades do corrimão, nas raras ocasiões em que Papai chegava do centro da cidade antes da hora de Christopher ir dormir. Mas o máximo que conseguia era a vista aérea de uma figura de fraque, com enormes costeletas negras bem penteadas, entregando uma cartola preta ao criado, e em seguida o vislumbre de um repartido perfeito na cabeleira negra, quando Papai avançava e rapidamente desaparecia de vista. Christopher pouco mais sabia de Papai além do fato de que ele era mais alto do que a maioria dos criados.

Em certas ocasiões, Mamãe ficava na escada à espera de Papai, e a sua ampla saia de seda, com uma profusão de plissados e babados, tapava a visão de Christopher. Em tom gélido, ela dizia ao criado:

— Lembre ao seu patrão que hoje à noite haverá uma Recepção nesta casa e será necessário que, pelo menos uma vez na vida, ele banque o anfitrião.

Papai, que as roupas largas de Mamãe escondiam de Christopher, respondia em tom melancólico:

— Diga a Madame que eu trouxe muito trabalho para fazer em casa esta noite. Diga-lhe que ela deveria ter me avisado com antecedência.

Então Mamãe respondia ao criado:

— Informe ao seu patrão que, se eu tivesse avisado, ele encontraria uma desculpa para não estar presente. Lembre a ele que é o meu dinheiro que financia os negócios dele, e que eu o retirarei se ele não fizer este pequeno favor para mim.

Então Papai suspirava.

— Diga a Madame que vou subir para trocar de roupa — replicava. — Sob protesto. Peça-lhe para me

dar passagem na escada.

Para a decepção de Christopher, Mamãe nunca dava passagem; sempre juntava as saias e subia a escada na frente de Papai, para certificar-se de que ele faria o que ela queria. Mamãe tinha enormes olhos lustrosos, um corpo perfeito e montes de brilhantes cachos castanhos. As babás diziam a Christopher que Mamãe era uma Beldade. Naquele estágio da sua vida, Christopher achava que os pais de todas as pessoas eram exatamente assim; mas bem que gostaria que pelo menos uma vez Mamãe lhe permitisse enxergar Papai...

Ele julgava também que todas as pessoas tinham o mesmo tipo de sonhos que ele tinha — por isso achava que não valia a pena mencioná-los. Os sonhos sempre começavam da mesma maneira: Christopher saía da cama e rodeava a quina da parede do quarto de dormir das crianças — a parte com a lareira, que sobressaía — e chegava a uma trilha pedregosa, quase no topo da encosta de um vale. O vale era verde e íngreme, tendo no meio um córrego que corria de cascata em cascata, mas Christopher nunca achou que valesse a pena acompanhar o córrego através do vale. Em vez disso, subia a trilha, rodeava uma grande rocha e entrava no local em que ele sempre pensava como O Lugar do Meio. Christopher imaginava que provavelmente era um pedaço do mundo que sobrara de antes de alguém vir e fazer o mundo direito.

Encostas de rochedos informes erguiam-se e inclinavam-se em todas as direções. Alguns rochedos eram firmes e íngremes, outros eram amontoados, como cascalhos, e nenhum deles tinha muita forma. Tampouco havia muita cor — a maior parte das rochas

era da feia cor marrom, que se consegue quando se misturam todas as cores da caixa de tintas. Nesse lugar sempre pairava uma neblina úmida e sem forma, que aumentava a indefinição de todas as coisas ali. Nunca se conseguia enxergar o céu. Aliás, Christopher às vezes pensava que poderia não haver um céu: tinha a intuição de que a rocha informe não terminava, e sim fazia um grande arco lá em cima — mas quando pensava sobre o assunto, isso não lhe parecia possível.

Christopher sempre soube, no sonho, que a partir do Lugar do Meio podia-se chegar a Quase Qualquer Um Lugar. Ele chamava de Quase Qualquer Um Lugar porque havia um Um Lugar que não queria que se entrasse nele. Era bem próximo, mas Christopher sempre acabava por evitá-lo sem perceber; ele sempre continuava em frente, deslizando, tropeçando, esgueirando-se em volta de pedras molhadas e protuberantes, e subia ou descia, até encontrar outro vale e outra trilha. Havia centenas. Ele os chamava de Uns Lugares.

Os Uns Lugares eram, na maioria, bem diferentes de Londres. Eram mais frios ou mais quentes, com árvores estranhas e casas ainda mais estranhas. Em alguns, as pessoas pareciam normais; em outros, tinham a pele azulada ou avermelhada e os seus olhos eram esquisitos. Mas sempre se mostravam simpáticas com Christopher. Ele vivia uma nova aventura cada vez que embarcava em um sonho. Nas aventuras agitadas, as pessoas o ajudavam a escapar através dos porões de casas esquisitas, ou ele as ajudava em combates, ou a reunir animais perigosos. Nas aventuras calmas, ele ganhava coisas desconhecidas para comer, e

as pessoas lhe davam brinquedos. Christopher perdia a maioria dos brinquedos ao voltar para casa pelos rochedos, mas conseguiu trazer de volta o colar de conchas cintilantes que as mulheres tolas lhe deram, pois pôde dependurá-lo no pescoço.

Ele foi várias vezes ao Um Lugar das mulheres tolas. Lá havia um mar azul e areia muito branca, perfeita para fazer buracos e construir coisas. Havia também pessoas comuns, mas Christopher só as avistava de longe. As mulheres tolas saíam do mar e vinham sentar-se nas pedras, e davam risadinhas para ele enquanto ele construía castelos de areia.

— Ah, clistófer! — cantarolavam, em voz ciciante. — Conte para nós o que faz de você um clistófer.

E explodiam em sonoras gargalhadas.

Eram as únicas mulheres que ele já vira despidas. Tinham a pele esverdeada, e também os cabelos. Ele era fascinado pelas extremidades delas, grandes caudas prateadas que se enrolavam e se mexiam quase como a cauda de um peixe, e jogavam fortes borrifos de água sobre ele com seus estranhos pés enormes, dotados de barbatanas. Ele nunca conseguiu convencê-las de que não era um animal esquisito chamado clistófer.

Cada vez que Christopher ia até aquele Um Lugar, a babá da ocasião queixava-se da quantidade de areia na cama dele. Ele aprendera muito cedo que as babás reclamavam ainda mais quando encontravam seus pijamas enlameados, molhados e rasgados, por ele ter atravessado o Lugar do Meio. Então levou uma muda de roupas para a trilha pedregosa e deixou-as lá para poder vesti-las. A cada ano ele precisava levar

novas roupas, quando as roupas rasgadas e enlameadas ficavam pequenas demais, mas as babás eram trocadas com tanta frequência que nenhuma delas percebeu. Também não repararam nos estranhos brinquedos que ele trouxe de volta ao longo dos anos. Havia um dragão de dar corda, um cavalo que na realidade era uma flauta, e o colar das mulheres tolas, que — dava para perceber quando se olhava com atenção — era feito de pequenas caveiras de pérola.

Christopher pensava muito nas mulheres tolas. Olhava para os pés da sua babá mais recente e calculava se os sapatos dela seriam suficientemente grandes para esconder nadadeiras. Mas nunca conseguira ver mais alguma coisa de qualquer mulher, por causa das saias que elas usavam. E ficava a se perguntar como Mamãe e a babá conseguiam caminhar em cima de uma grande cauda flexível em vez de pernas.

Sua chance de descobrir surgiu certa tarde, quando a babá enfiou-o em um incômodo terninho de marinheiro e levou-o para a sala de visitas no andar térreo. Mamãe e outras senhoras estavam lá, com alguém chamado Lady Badgett, que era uma espécie de prima de Papai. Ela pedira para ver Christopher. O menino fixou o olhar no nariz comprido e nas rugas dela.

— Ela é bruxa, Mamãe? — perguntou bem alto.

Todos, com exceção de Lady Badgett — que ficou mais enrugada do que nunca —, fizeram “Psiu!”. Depois disso, Christopher percebeu com alívio que elas aparentemente haviam se esquecido dele. Então, discretamente, deitou-se de costas no tapete e pôs-se a rolar de uma senhora para outra. Quando o pegaram

em flagrante, ele estava debaixo do sofá, olhando para dentro das anáguas de Lady Badgett. Foi retirado da sala em meio à reprovação geral, muito decepcionado por ter descoberto que todas as senhoras tinham grandes pernas grossas, exceto Lady Badgett: as dela eram finas e amarelas como as de uma galinha.

Mais tarde, no mesmo dia, Mamãe mandou chamá-lo ao seu quarto de vestir.

— Ah, Christopher, como é que você pôde fazer aquilo! — exclamou. — Custei tanto a conseguir que Lady Badgett viesse me visitar, e agora ela nunca mais virá. Você estragou o esforço de muitos anos!

Christopher compreendia que ser uma Beldade dava muito trabalho. Mamãe estava muito ocupada, diante do espelho, com toda sorte de pequenos frascos e potinhos de cristal. Atrás dela, uma criada estava ainda mais atarefada, muito mais do que as babás algum dia foram, cuidando dos cachos brilhantes de Mamãe. Christopher ficou tão envergonhado por ter posto a perder todo aquele esforço de Mamãe que, para disfarçar o seu constrangimento, pegou um frasco da penteadeira.

Mamãe, em tom brusco, mandou que ele o largasse.

— O dinheiro não é tudo, entende, Christopher? Uma posição de destaque na Alta Sociedade vale muito mais. Lady Badgett poderia ter ajudado nós dois. Por que acha que me casei com o seu pai?

Como Christopher simplesmente não fazia idéia do que poderia ter unido Mamãe e Papai, estendeu a mão para tornar a pegar o frasco. Mas lembrou-se a tempo de que tinha ordens para não tocar nele, em vez

disso pegou então um grande cacho de cabelos falsos. Ficou a girá-lo nas mãos enquanto Mamãe falava.

— Você vai crescer com a boa família do seu pai e o meu dinheiro — ela disse. — Agora, quero que me prometa que vai tomar o seu lugar na Alta Sociedade em companhia das melhores pessoas. Mamãe pretende que você seja um grande homem... Christopher, está me escutando?

Christopher havia desistido de tentar entender Mamãe. Em vez disso, estendeu a mão que segurava os cabelos falsos.

— Para que serve isto?

— Para dar volume aos meus cabelos — Mamãe explicou. — Por favor, preste atenção, Christopher. É muito importante que você comece agora a preparar-se para o futuro. Largue este aplique!

Christopher colocou os cabelos de volta na penteadeira.

— Achei que podia ser um rato morto — comentou.

E, de alguma forma, Mamãe deve ter se enganado, porque, para grande interesse de Christopher, a coisa era realmente um rato morto. Tanto Mamãe quando a criada puseram-se a gritar. Christopher foi levado dali enquanto um criado chegava correndo com uma pá.

Depois disso, Mamãe freqüentemente chamava Christopher ao seu quarto de vestir e conversava com ele. Ele ficava de pé, tentando lembrar-se de não mexer nos frascos, estudando o seu reflexo no espelho, perguntando-se por que os seus cabelos eram pretos e os de Mamãe, castanho-escuros, e por que os seus olhos

eram tão mais parecidos com carvão do que os de Mamãe. Alguma coisa parecia impedir que aparecesse outro rato morto, mas às vezes uma aranha podia ser incentivada a descer de um fio em frente ao espelho, sempre que a conversa de Mamãe ficava por demais alarmante.

Ele compreendia que Mamãe preocupava-se profundamente com o futuro dele. E sabia que seria obrigado a entrar para a Alta Sociedade com as pessoas especiais. Mas a única Sociedade de que já ouvira falar era a Sociedade de Ajuda aos Pagãos, para a qual ele era obrigado a dar uma moeda todos os domingos na igreja, portanto julgava que Mamãe se referia a ela.

Christopher fez perguntas cuidadosas à babá dos pés grandes. Ela lhe disse que os pagãos eram povos selvagens que comiam gente. Os missionários eram pessoas melhores, e eram eles que os pagãos comiam. Diante disso, Christopher tirou a conclusão de que quando crescesse seria um missionário. Achava a conversa de Mamãe cada vez mais alarmante; gostaria que ela tivesse escolhido outra carreira para ele.

Também perguntou à babá sobre o tipo de mulheres que tinham caudas como a de um peixe.

— Ah, você está falando das sereias! — disse a moça, rindo. — Elas não são reais.

Christopher sabia que as sereias não eram reais, porque só as encontrava em seus sonhos. Agora estava convencido de que encontraria pagãos também, se fosse ao Quase Qualquer Um Lugar errado. Durante algum tempo, ficava com tanto medo de encontrar pagãos que, quando chegava a um novo vale que descia do Lugar do Meio, deitava-se no chão e observava

cuidadosamente o Um Lugar a que ele levava, para ver como eram as pessoas de lá, antes de seguir em frente. Mas depois de certo tempo, como ninguém tentou comê-lo, ele concluiu que os pagãos provavelmente viviam no Um Lugar, o que impedia que se fosse até eles, e desistiu de se preocupar até ficar mais velho. Quando cresceu mais um pouquinho, as pessoas nos Uns Lugares às vezes lhe davam dinheiro. Christopher aprendeu a recusar moedas, porque, assim que as tocava, tudo simplesmente parava; ele aterrissava bruscamente na cama e despertava todo suado. Certa vez isso aconteceu quando uma bela dama, que lhe lembrava Mamãe, tentou, rindo, colocar um brinco na orelha dele. Christopher teria perguntado sobre isso à babá dos pés grandes, mas ela tinha pedido demissão muito tempo antes. A maioria das que vieram depois diziam simplesmente, quando ele lhes perguntava coisas:

— Não me perturbe agora, estou ocupada! Até aprender a ler, Christopher achava que era isso que todas as babás faziam: permaneciam durante um mês, ocupadas demais para conversar, e então franziam os lábios e iam embora agitadas. Ele ficou espantado ao ler sobre os Fiéis Criados que passavam a vida inteira com uma família e podiam ser convencidos a relatar episódios longos (e às vezes bastante cansativos) sobre o passado da família. Na casa dele, ninguém da criação ficava mais do que seis meses.

O motivo parecia ser que Mamãe e Papai haviam deixado de falar um com o outro, mesmo através dos criados. Em vez disso, davam a eles bilhetes para serem entregues. Como nunca ocorreu a Mamãe ou a

Papai lacrar os bilhetes, mais cedo ou mais tarde alguém levava o bilhete para os aposentos infantis e o lia em voz alta para a babá. Christopher ficou sabendo que Mamãe era sempre concisa e não fazia rodeios:

“Pede-se ao Sr. Chant para fumar charutos apenas no seu próprio quarto” ou “Será que o Sr. Chant pode fazer o favor de tomar conhecimento de que a lavadeira tem reclamado de furos queimados nas suas camisas?”. Ou, ainda, “O Sr. Chant deixou-me bastante constrangida ao sair no meio do meu Desjejum Festivo”.

Papai em geral deixava que os bilhetes se acumulassem e então respondia a todos de uma vez, com uma espécie de raiva generalizada:

“Minha cara Miranda:

Fumarei onde bem entender, e faz parte do trabalho da folgada da lavadeira cuidar das consequências. No entanto, com a sua extravagância de empregar gente preguiçosa, estúpida e ignorante, você cuida apenas do seu conforto egoísta, jamais do meu. Se quer que eu permaneça nas suas festas, tente contratar uma cozinheira que saiba distinguir um toicinho de um sapato velho, e pare de soltar essa sua risadinha idiota o tempo todo”

Geralmente as respostas de Papai faziam com que os empregados fossem embora na mesma hora.

Christopher até que gostava do conhecimento que aqueles bilhetes lhe traziam. De certa forma, Papai ficava mais parecido com uma pessoa real, mesmo sendo tão crítico. Foi um duro golpe para Christopher quando ele perdeu o acesso aos bilhetes, com a chegada da sua primeira governanta.

Mamãe mandou chamá-lo. Estava em lágrimas.

— Desta vez o seu pai exagerou — declarou. — E papel da mãe cuidar da educação do seu filho. Quero que você vá para um bom colégio, Christopher. É muito importante. Mas não quero forçá-lo a coisa alguma. Quero que a sua ambição também floresça. Mas o seu pai surge de repente com idéias esquisitas e, sem me consultar, contrata essa tal governanta, que, pelo que conheço do seu pai, deve ser horrível! Ah, coitado do meu filhinho!

Christopher compreendia que a governanta era o primeiro passo para ele se tornar um missionário. Sentia-se solene e amedrontado. Mas quando a governanta chegou, era simplesmente uma senhora sem graça, de olhos vermelhos, que era discreta demais para conversar com a criadagem. Para grande júbilo de Mamãe, ela só ficou um mês.

— Agora podemos realmente iniciar a sua educação — Mamãe declarou. — Eu mesma vou escolher a próxima governanta.

Mamãe disse isso com bastante freqüência nos dois anos seguintes, pois as governantas entravam e saíam, exatamente como as babás antes delas. Eram todas senhoras sem graça e discretas, e Christopher misturava o nome delas. Ele concluiu que a principal diferença entre uma governanta e uma babá era que a governanta geralmente caía no choro antes de partir — e aquela era a única ocasião em que uma governanta dizia algo de interessante sobre Mamãe e Papai.

— Lamento muito fazer isto com você, porque você é um bom menino, mesmo sendo um pouco distante, mas o ambiente nesta casa!... — queixou-se,

em prantos, a terceira (ou, talvez, a quarta) governanta. — Todas as noites em que ele está em casa, o que, graças a Deus, é raro, tenho de me sentar à mesa de jantar cora eles em total silêncio. E ela me passa um bilhete para entregar a ele, e ele me passa um para ela. Então eles abrem os bilhetes e olham um para o outro com ódio, e depois os dois olham para mim. Não suporto mais!

A nona — ou talvez décima — governanta foi ainda mais indiscreta.

— Sei que eles se odeiam, mas ela não tem o direito de me odiar também! — soluçou. — Ela é uma dessas mulheres que não consegue suportar outra mulher. E é feiticeira, também, eu acho. Não tenho certeza, pois ela só faz coisas pequenas, e ele é pelo menos tão poderoso quanto ela. Deve ser até mago. Os dois juntos criam um ambiente tal, que não é de se espantar que não consigam que os criados parem no emprego! Ah, Christopher, perdoe-me por falar deste modo dos seus pais!

Todas as governantas pediam a Christopher que as perdoasse, e ele as perdoava de boa vontade, pois essas eram as únicas ocasiões em que tinha notícias de Mamãe e Papai. Aqueles pedidos de desculpas lhe davam uma sensação meio melancólica de que talvez as outras pessoas tivessem pais que não eram como os seus. Ele tinha certeza também de que havia uma crise qualquer prestes a explodir; os trovões abafados que anunciavam a crise chegavam até o quarto de estudos, embora as governantas já não lhe permitissem fuxicar com os criados.

Ele lembrava-se da noite em que a crise estou-

rou, porque foi nessa noite que ele chegou a um Um Lugar onde um homem sob um guarda-chuva amarelo deu-lhe uma espécie de castiçal que, em vez de velas, tinha pequenos sinos. Era tão lindo que Christopher resolveu levá-lo para casa. Segurou-o entre os dentes enquanto vencida com esforço as rochas do Lugar do Meio. Para sua alegria, o castiçal estava em sua cama quando ele acordou. Mas foi um sentimento bem diferente do que reinava na casa. A décima-segunda governanta fez as malas e foi-se embora logo depois do café da manhã.



Capítulo II

Naquela tarde, Christopher foi chamado ao quarto de vestir de Mamãe. Havia uma nova governanta sentada na única cadeira dura, usando as costumeiras roupas feias acinzentadas e um chapéu que era mais feio do que de costume. As luvas de algodão surradas estavam dobradas sobre a bolsa simples, e ela tinha a cabeça baixa, como se fosse tímida ou estivesse assustada, ou ambas as coisas. Christopher achou-a desinteressante; tudo de interessante que havia no quarto concentrava-se no homem que estava de pé atrás da cadeira de Mamãe, com a mão pousada no ombro dela.

— Christopher, este é o meu irmão — disse Mamãe em tom alegre. — O seu tio Ralph.

Mamãe pronunciou Rafe. Christopher levou mais de um ano para descobrir que esse nome era es-

crito “Ralph”.

De imediato Christopher simpatizou com o tio Ralph. Para começar, ele estava fumando um charuto. Os cheiros do quarto de vestir estavam mudados, misturados à fumaça espessa, parecendo incenso, e Mamãe não estava protestando, nem sequer estava fungando. Isso, por si só, era suficiente para mostrar que o tio Ralph pertencia a uma categoria à parte. Além disso, ele estava usando roupas de tweed, grossas, castanho-avermelhadas — quase da cor de uma raposa — e com um cheiro especial, um pouco folgadas aqui e ali, mas mesclando-se lindamente à cor-de-raposa mais escura dos cabelos do tio Ralph e à cor-de-raposa mais avermelhada do seu bigode. Christopher raramente vira um homem de tweed ou sem costeletas, e isso contribuiu ainda mais para lhe dar a certeza de que o tio Ralph era alguém especial. Como toque final, o tio Ralph sorriu para ele como um raio de sol em uma floresta de outono. Era um sorriso tão simpático que o rosto de Christopher abriu-se em um sorriso de retribuição, quase que sem querer.

— Olá, meu camarada — cumprimentou o tio Ralph, soltando fumaça azul acima dos cabelos brilhantes de Mamãe. — Sei que esta não é a melhor maneira de um tio recomendar-se a um sobrinho, mas andei resolvendo os negócios da família, e infelizmente tive que fazer uma ou duas coisas bem chocantes, como trazer uma nova governanta para você e providenciar para que você comece a escola no outono. A governanta é esta. A Srta. Bell. Espero que gostem um do outro, pelo menos o suficiente para me perdoar.

Sorriu para Christopher, um sorriso cálido e

bem-humorado que o levou até quase a adoração. Ainda assim, o menino lançou um olhar preocupado à Srta. Bell. Ela retribuiu o olhar, e por um instante uma espécie de beleza oculta dentro dela quase veio à tona. Ela então pestanejou, baixando as pálpebras de cílios claros.

— Prazer em conhecê-lo — murmurou, em uma voz tão pouco interessante quanto as suas roupas.

— Ela será sua última governanta, eu espero — Mamãe comentou.

Por causa disso, Christopher desde então passou a pensar na Srta. Bell como a Última Governanta.

— Ela vai prepará-lo para a escola — Mamãe prosseguiu. — Eu não pretendia enviar você agora, mas o seu tio... De qualquer maneira, uma boa educação é importante para a sua carreira e, para ser bastante franca com você, Christopher, o seu pai cometeu um vexatório engano investindo dinheiro, que, aliás, era meu e não dele, como você sabe, e perdeu praticamente tudo. Felizmente eu tinha o seu tio a quem recorrer e...

— E quando recorrem a mim, não decepção — o tio Ralph completou, com um rápido olhar à governanta; talvez ele estivesse querendo insinuar que ela não deveria estar escutando. — Felizmente, sobrou o suficiente para mandar você para o colégio, e então sua Mamãe vai recuperar-se um pouco morando no estrangeiro. Ela vai gostar disso, não vai, Miranda? E a Srta. Bell encontrará outro emprego e terá referências excelentes. Todos vão ficar bem.

Ele sorriu para todos os presentes, um de cada vez, cheio de carinho e confiança. Mamãe riu e colocou

perfume atrás das orelhas. A Última Governanta quase sorriu, de modo que a beleza oculta quase emergiu outra vez. Christopher tentou dar um sorriso forte e másculo para o tio Ralph, pois aquela lhe parecia ser a única maneira de expressar a imensa e quase desesperada adoração que crescia dentro dele. O tio Ralph deu uma risada de um marrom dourado, e completou a conquista de Christopher quando pescou uma moeda novinha de dentro do bolso do paletó de tweed e deu de presente a ele.

Christopher preferiria morrer a gastar aquela moeda. Cada vez que trocava de roupa, transferia a moeda para o bolso novo. Era outra maneira de expressar sua adoração pelo tio Ralph. Era óbvio que o tio Ralph tinha interferido para salvar Mamãe da ruína, e aquilo fazia dele o primeiro homem bom que Christopher conhecia. E, ainda por cima, era a única pessoa fora dos Uns Lugares que se dera ao trabalho de falar com ele de maneira amigável e de homem para homem.

Christopher tentou adorar também a Última Governanta, por causa do tio Ralph, mas aquilo não era tão fácil. Ela era muito chata. Tinha um jeito de falar calmo e monótono, e nunca erguia a voz ou demonstrava impaciência, mesmo quando ele mostrava ignorância em Aritmética Mental ou Levitação — duas matérias que todas as outras governantas, por um motivo qualquer, tinham deixado de fora.

— Se um arenque e meio custam três moedas de meio pence, Christopher, quer dizer um pence e meio para um arenque e meio — ela explicava monotona-mente. — Então quanto custa um arenque inteiro?

— Não sei — ele respondia, tentando não bocejar.

— Muito bem, vamos voltar a pensar nisto amanhã — dizia calmamente a Última Governanta. — Agora, olhe neste espelho e veja se consegue fazer com que ele se erga no ar só um pouquinho...

Mas Christopher não conseguia mover o espelho, assim como não conseguia entender o preço de um arenque. Então a Última Governanta guardava o espelho e calmamente passava a confundi-lo ensinando-lhe francês. Depois de alguns dias disso, Christopher tentou deixá-la zangada, na esperança de que ela ficasse mais interessante quando gritava. Mas ela limitou-se a dizer calmamente:

— Christopher, você está ficando bobo. Pode brincar com seus brinquedos agora. Mas lembre-se de que só pode pegar um de cada vez, e deve guardá-lo antes de pegar outro. Esta é a nossa regra.

Christopher havia se acostumado àquela regra com rapidez — e tristeza: ela atrapalhava muito o seu divertimento. Acostumara-se também a ter a Última Governanta sentada ao seu lado enquanto ele brincava. As outras governantas aproveitavam essa ocasião para descansar, mas aquela ficava sentada em uma cadeira dura, consertando eficientemente as roupas dele com linha e agulha, o que reduzia ainda mais a diversão. Mesmo assim, ele pegou o castiçal de sininhos no armário, pois era uma peça fascinante à sua maneira. Ela tocava melodias diferentes, dependendo do sininho em que ele mexesse primeiro.

Quando acabou de brincar com os sininhos, a Última Governanta fez uma pausa no seu cerzido para

dizer:

— Isto aí fica no centro da prateleira superior. Guarde-o no lugar antes de pegar o dragão de corda.

Ela esperou até ouvir o tilintar que mostrava que Christopher havia feito o que ela mandara. Então, enquanto tornava a enfiar a agulha na meia, perguntou, no seu tom mais monótono:

— Quem foi que lhe deu esses sinos, Christopher?

Ninguém jamais fizera perguntas a Christopher a respeito de qualquer coisa que ele houvesse trazido dos Uns Lugares. Ele ficou sem saber o que dizer.

— Um homem com um guarda-chuva amarelo — respondeu.

— Ele disse que eles trazem sorte para a minha casa.

— Que homem, em que lugar? — a Última Governanta perguntou, embora não parecesse fazer muita questão de saber a resposta.

— Em um Quase Qualquer Um Lugar — Christopher explicou. — Aquele que é quente, com os cheiros e os encantadores de serpentes. O homem não me disse o nome dele.

— Isto não é resposta, Christopher — disse calmamente a Última Governanta.

E nada acrescentou até a ocasião seguinte, dois dias depois, quando Christopher tornou a pegar os sininhos.

— Lembre-se de onde devem ser guardados quando você terminar de brincar com eles — ela recomendou. — Já conseguiu recordar-se de onde estava o homem com o guarda-chuva amarelo?

— Do lado de fora de um lugar pintado onde moram uns deuses — Christopher esclareceu, fazendo soar os pequeninos sinos prateados. — Ele era bonzinho. Disse que não fazia questão de dinheiro.

— Muito generoso — a Ultima Governanta comentou. — Onde ficava essa casa de deuses pintada, Christopher?

— Em um Um Lugar, eu já lhe disse. — Christopher respondeu.

— E eu lhe disse que isto não é resposta — retrucou a Ultima Governanta, dobrando sua costura. — Christopher, insisto que me conte de onde vieram estes sinos.

— Por que quer saber? — Christopher perguntou, desejando que ela o deixasse em paz.

A Ultima Governanta respondeu, com uma calma verdadeiramente sinistra:

— Porque você não está sendo sincero e franco como um bom menino deve ser. Suspeito que você tenha roubado esses sininhos.

Diante dessa monstruosa injustiça, o rosto de Christopher ficou vermelho e as lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Não roubei! — ele gritou. — Ele me deu isto! As pessoas sempre me dão coisas nos Uns Lugares, só que eu deixo cair a maioria delas. Veja!

E, desobedecendo à regra de um brinquedo de cada vez, ele correu para o armário e pegou a flauta em forma de cavalo, o colar das sereias e o dragão de dar corda, e jogou tudo dentro da cesta de costura dela.

— Olhe! Essas coisas são de outros Uns Lugares! A Ultima Governanta contemplou os objetos com

terrível impassividade.

— Devo acreditar que você roubou estas coisas também? — ela perguntou. Colocou no chão a cestinha e os brinquedos antes de levantar-se. — Venha comigo. Isto deve ser levado ao conhecimento da sua Mamãe imediatamente.

Ela agarrou Christopher pelo braço e, apesar dos gritos e dos protestos dele de que não havia roubado, arrastou-o inexoravelmente para o andar térreo.

Christopher jogava o corpo para trás e arrastava os pés, enquanto implorava que ela não fizesse isso. Sabia que nunca seria capaz de explicar a Mamãe. A única reação da Ultima Governanta foi dizer:

— Pare com esta barulheira desgraçada. Você já é um rapazinho.

Aquilo era uma coisa sobre a qual todas as governantas tinham a mesma opinião. Mas Christopher já não fazia questão de ser um rapazinho. As lágrimas desciam-lhe vergonhosamente pelo rosto e ele gritou o nome da única pessoa que ele conhecia que salvava os outros.

— O tio Ralph! Vou explicar ao tio Ralph!

Ouvindo isto, a Ultima Governanta baixou os olhos para ele. Por um momento apenas, a beleza oculta lampejou no rosto dela. Mas para desespero de Christopher, ela o arrastou para o quarto de vestir de Mamãe e bateu à porta.

Mamãe, que se olhava no espelho, virou-se, surpresa. Ela voltou-se para Christopher, de rosto rubro e molhado de lágrimas, e em seguida olhou para a Ultima Governanta.

— Que é que está acontecendo? Ele está do-

ente?

— Não, senhora — disse a Última Governanta no seu tom mais monótono. — Aconteceu uma coisa e acho que o seu irmão deveria ser informado imediatamente.

— Ralph? Está dizendo que devo escrever para o Ralph? Ou é ainda mais urgente que isso?

— E muito urgente, eu acho — disse a Última Governanta sombriamente. — Christopher diz que está disposto a confessar ao tio. Sugiro, se é que posso cometer esta ousadia, que a senhora o chame agora mesmo.

Mamãe bocejou. Aquela governanta a entediava terrivelmente.

— Vou fazer o possível, mas não me responsabilizo pela reação do meu irmão — disse. — Ele tem uma vida muito atarefada, você sabe.

Descuidadamente ela puxou um fio dos seus cabelos escuros e brilhantes da escova de cabo de prata que estivera usando. Então, cora muito mais cuidado, começou a remexer nos fios de cabelo guardados dentro de uma caixinha de cristal e prata.

A maioria dos fios eram escuros, de Mamãe. Christopher, porém, enquanto soluçava, engolia em seco e tornava a soluçar, observava as lindas unhas peroladas de Mamãe pinçando e puxando os fios delicadamente, e viu que um deles tinha uma cor muito mais avermelhada. Foi esse que Mamãe retirou e depois colocou em cima do seu próprio fio, retirado da escova. Então, pegando o que parecia ser um grampo de cabelo com a ponta brilhante, ela o pousou em cima dos dois fios e bateu em cima dele com uma unha

pontiaguda e impaciente.

— Ralph! — chamou. — Ralph Weatherby Argent! Miranda quer falar com você!

Um dos espelhos da penteadeira mostrou ser uma janela, com o tio Ralph olhando através dela, bastante irritado, enquanto dava o nó em sua gravata.

— Que foi? — quis saber. — Estou muito ocupado hoje.

— E quando é que não está? — Mamãe perguntou. — Escute, a governanta está aqui, parecendo, como sempre, uma sombra. E trouxe Christopher. E alguma coisa sobre uma confissão. Será que você pode vir e resolver isto? Está além das minhas forças.

— A governanta? — o tio Ralph repetiu. Ele inclinou-se de lado para olhar através do espelho (ou da janela, ou fosse o que fosse) e quando viu Christopher, piscou e deu o seu sorriso mais carinhoso. — Ora, ora. Isto parece mesmo preocupante. Vou imediatamente.

Christopher viu-o afastar-se da janela e encaminhar-se para um lado. Mamãe só teve tempo de virar-se para a Última Governanta e dizer:

— Pronto, fiz o possível!

Então a porta do quarto de vestir abriu-se e o tio Ralph entrou.

Diante daquele fato tão interessante, Christopher esqueceu-se inteiramente do choro. Tentou lembrar-se do que havia do outro lado da parede do quarto de vestir de Mamãe: a escada, pelo que ele sabia. Imagava que o tio Ralph podia muito bem ter um aposento secreto, com uns 30 centímetros de largura, dentro da parede, porém inclinava-se muito mais a pensar que estava testemunhando magia de verdade.

Enquanto o menino chegava a essa conclusão, tio Ralph passou-lhe disfarçadamente um grande lenço branco e dirigiu-se, com a fisionomia alegre, para o centro do quarto, para dar a Christopher tempo de enxugar o rosto.

— Agora, que é que está acontecendo? — quis saber.

— Não faço a menor idéia — Mamãe declarou.
— Ela vai explicar, sem dúvida.

O tio Ralph virou-se para a Ultima Governanta, erguendo uma sobrancelha ruiva.

— Encontrei Christopher brincando com um artefato de um tipo que eu nunca havia visto antes, feito de um metal que me é inteiramente desconhecido — ela declarou monotonamente. — Ele então revelou ter três outros artefatos, cada um diferente do outro, mas mostrou-se incapaz de explicar como vieram parar nas suas mãos.

O tio Ralph olhou para Christopher, que escondeu o lenço atrás das costas e retribuiu nervosamente o olhar.

— E o suficiente para deixar qualquer pessoa em má situação, meu camarada — disse. — Que tal você me levar para ver essas coisas e explicar de onde elas vêm de verdade?

Christopher soltou um grande suspiro de alívio. Sabia que podia contar com o tio Ralph para salvá-lo.

— Sim, por favor — disse.

Voltaram a subir a escada, com a Ultima Governanta na frente e Christopher, cheio de gratidão, agarrado à mão grande e quente do tio Ralph. Quando chegaram ao quarto, a Ultima Governanta sentou-se

em silêncio e voltou à sua costura, como se tivesse a certeza de ter feito o que lhe cabia fazer. O tio Ralph pegou os sininhos e balançou-os.

— Por Júpiter, o som deles não tem igual em todo o universo! — exclamou.

Levou-os para a janela e examinou cuidadosamente cada sino.

— Acertou em cheio! Você é uma mulher inteligente! — declarou. — Não existe nada como eles no universo. Algum tipo estranho de liga metálica, eu acho, diferente em cada sino. Feitos a mão, pela aparência. — Ele apontou entusiasticamente para o pufe perto da lareira.

— Sente-se ali, meu camarada, e me faça a gentileza de explicar o que fez para trazer estes sinos para cá.

Christopher sentou-se, cheio de ansiosa boa vontade.

— Tive que carregá-los na boca enquanto subia pelo Lugar do Meio — explicou.

— Não, não — protestou o tio Ralph. — Isto parece quase o final da história. Comece com o que fez no princípio, antes de ganhar os sinos.

— Desci o vale até a cidade dos encantadores de serpentes — Christopher contou.

— Não, antes disso, meu camarada — interrompeu o tio Ralph. — Quando partiu daqui. Que horas eram, por exemplo? Depois do desjejum? Antes do almoço?

— Não, durante a noite — Christopher explicou. — Foi um dos sonhos.

Desse modo, recuando cuidadosamente cada

vez que Christopher pulava alguma coisa, o tio Ralph fez o menino contar-lhe em detalhes sobre os sonhos, e o Lugar do Meio, e os Quase Quaisquer Uns Lugares a que ele chegava quando descia os vales. Como o tio Ralph, longe de ficar zangado, parecesse cada vez mais deliciado, Christopher contou-lhe tudo que conseguiu recordar.

— Que foi que eu disse? Sempre pude confiar em meus pressentimentos! — declarou, possivelmente para a Última Governanta. — Alguma coisa tinha que sair de uma hereditariedade como esta! Por Júpiter, Christopher, meu camarada, você deve ser a única pessoa no mundo que consegue trazer objetos sólidos de uma viagem espiritual! Aposto que nem o velho Witt consegue fazer isto!

Christopher encheu-se de orgulho ao ver o tio Ralph tão satisfeito com ele, mas não conseguiu deixar de sentir um certo ressentimento para com a Última Governanta.

— Ela disse que eu roubei! — queixou-se.

— Não ligue para ela. As mulheres estão sempre tirando conclusões erradas — disse o tio Ralph acendendo um charuto.

Diante disso, a Última Governanta deu de ombros e sorriu. Sua beleza oculta revelou-se com mais força do que Christopher já vira, quase como se ela fosse humana e estivesse achando graça em uma piada.

O tio Ralph soltou um rolo de fumaça azul sobre ambos, enquanto sorria como o sol surgindo entre as nuvens.

— Agora, meu camarada, a próxima coisa é fazer algumas experiências para testar o seu dom. Você

consegue controlar esses sonhos seus? Sabe distinguir quando está prestes a partir para um Quase Qualquer Um Lugar desses seus, ou não sabe?

Christopher pensou sobre o assunto.

— Vou quando quero ir — afirmou.

— Então não vai se importar se eu fizer um teste? Digamos, amanhã à noite? — o tio Ralph perguntou.

— Eu poderia ir esta noite — Christopher ofereceu.

— Não, amanhã. Vou precisar de um dia para preparar as coisas. E quando você for, ouça o que quero que faça.

Inclinou-se para a frente e apontou o seu charuto na direção de Christopher, para mostrar que aquilo era importante.

— Você vai começar como sempre faz, quando estiver pronto, e vai tentar fazer duas experiências para mim. Primeiro, vou providenciar para que um homem fique esperando no seu Lugar do Meio. Quero ver se você consegue encontrá-lo. Pode ser que você precise gritar para encontrá-lo, não sei, eu próprio não faço viagens espirituais. Mas como eu ia dizendo você vai perambular por lá para ver se consegue fazer contato com ele. Se conseguir, então fará a segunda experiência. O homem vai lhe contar o que é. Se as duas funcionarem, então poderemos experimentar outras coisas. Acha que vai conseguir fazer isto? Está disposto a ajudar, não está, meu camarada?

— Sim! — Christopher exclamou.

Tio Ralph ficou de pé e deu-lhe uns tapinhas no ombro.

— Bom rapaz. Não deixe que ninguém o engane, meu camarada. Você tem aí um dom muito extraordinário e importante. Tão importante que eu aconselho a não falar sobre isso com outra pessoa além de mim e a Srta. Bell aqui presente. Não conte a ninguém, nem mesmo à sua Mamãe.

— Certo — Christopher concordou.

Achava maravilhoso que o tio Ralph o considerasse importante. Estava tão feliz e deliciado que teria feito muito mais pelo tio Ralph do que simplesmente não contar a ninguém. Isso era fácil; não havia para quem contar.

— Então este é um segredo só nosso — continuou o tio Ralph, indo para a porta. — Só de nós três. E do homem que vou mandar, é claro. Não se esqueça de que pode ser que precise procurar muito para encontrá-lo; vai fazer isso?

— Não vou me esquecer — Christopher prometeu de bom grado.

— Bom garoto — disse o tio Ralph, e saiu pela porta em meio a uma lufada de fumaça de charuto.



Capítulo III

Christopher achou que não agüentaria esperar o tempo passar entre aquele momento e a noite do dia seguinte. Estava ansioso para mostrar ao tio Ralph aquilo que conseguia fazer. Se não fosse pela Última Governanta, ele teria se sentido mal de tanta expectativa, mas ela conseguia ser tão chata que, de um modo qualquer, fazia tudo mais ficar chato também. Quando, no final do dia seguinte, chegou o momento de ir para a cama, ele estava quase a se perguntar se valia a pena sonhar. Mas sonhou, porque o tio Ralph lhe havia pedido isso, e saiu da cama como de costume e contornou a lareira, chegando ao vale, onde, também como de costume, suas roupas estavam estendidas na trilha pedregosa. A essa altura, aquelas roupas estavam em péssimo estado, cobertas de lama e de detritos variados de uma centena de Quase Quaisquer Uns

Lugares, e pelo menos dois números abaixo do tamanho que ele usava agora. Christopher vestiu-as depressa, sem se preocupar em abotoar-se, pois naquelas roupas apertadas demais os botões não chegavam perto das casas. Nunca usava sapatos, porque eles atrapalhavam quando ele trepava pelas rochas. Descalço ele contornou o penhasco e penetrou no Lugar do Meio.

Era tudo informe e incompleto como sempre, pedras desmoronadas e amontoadas em todas as direções. A neblina formava ondas tão sem formas quanto as pedras. Era uma daquelas ocasiões em que a chuva caía lateralmente, jogada de um lado para outro pelos ventos desordenados que sopravam no Lugar do Meio, e Christopher tinha a esperança de não precisar passar muito tempo ali caçando o homem do tio Ralph. Aquele lugar, além de ser frio e molhado, fazia com que ele se sentisse muito pequeno. Obedientemente postou-se no topo de um desmoronamento e respirou fundo antes de gritar:

— Olá! O Lugar do Meio fazia sua voz soar baixa como o pio de um passarinho. A neblina e o vento pareciam agarrar o som e soterrá-lo sob um alvoroço de chuva. Christopher ficou tentando escutar uma resposta, mas durante minutos infundáveis o único ruído que havia era o murmúrio sibilante do vento.

O menino estava em dúvida se devia tornar a gritar quando ouviu um fiozinho de som percorrendo a distância até ele através dos rochedos.

— Olaaaá!

Era o seu próprio grito, Christopher tinha certeza. Desde o começo dos sonhos ele sabia que o Lugar

do Meio gostava de mandar tudo o que não era dali de volta ao lugar de onde havia saído. Era por isso que ele sempre subia de volta para a sua cama mais depressa do que quando subia para um novo vale: o Lugar o empurrava de volta.

Christopher pensou um pouco sobre isso e concluiu que provavelmente não adiantaria gritar; se o enviado do tio Ralph estivesse ali no meio da neblina, não conseguiria ficar parado à espera durante muito tempo sem ser empurrado de volta para o vale de onde viera. Assim, o homem seria obrigado a aguardar na entrada de um vale e torcer para que Christopher o encontrasse.

Christopher suspirou. Havia milhares e milhares de vales, uns no alto, outros bem baixos, fazendo curvas em todos os ângulos imagináveis, e alguns vales saíam de outros vales — isso se ele se limitasse a seguir pelo lado do Um Lugar que ficava mais perto; se fosse para o outro lado, em direção ao Um Lugar que não queria gente lá, encontraria, provavelmente, muitos milhares mais. Por outro lado, o tio Ralph não ia querer tornar aquilo difícil demais, portanto o homem devia estar bem perto.

Decidido a fazer da experiência do tio Ralph um sucesso, se conseguisse, Christopher partiu, trepando, escorregando, avançando centímetro por centímetro da rocha molhada, com o rosto perto do cheiro frio e forte da pedra. O primeiro vale que alcançou estava vazio.

— Olá? — o menino gritou para dentro dele.

Mas a correnteza forte do rio atravessava um espaço verde e deserto, e ele via que lá não havia nin-

guém. Recuou e subiu em diagonal, para o vale seguinte. E ali, antes que chegasse à entrada, distinguiu alguém através da neblina, um vulto escuro, que brilhava com os pingos da chuva, agachado sobre uma pedra e tentando encontrar um ponto de apoio para as mãos acima da cabeça.

— Olá! — Christopher gritou.

— Ora, mas que... Christopher, é você? — a pessoa perguntou. Era a voz de um homem jovem e forte. — Vamos para onde a gente possa se ver!

Com muito esforço e vários escorregões, os dois transpuseram um monte de rochas e desceram em outro vale, onde o ar era calmo e quentinho. Sobre a grama recaía a luz rosada do sol que se punha a distância.

— Bem, bem — disse o emissário do tio Ralph. — Você tem a metade do tamanho que eu imaginava que tivesse. Prazer em conhecê-lo, Christopher. Eu sou Tacroy.

Ele sorriu para Christopher. Tacroy era forte e jovem como a sua voz, meio atarracado e corpulento, de rosto redondo e moreno, e olhos castanhos de expressão alegre.

Christopher gostou dele de imediato — em parte porque Tacroy era o primeiro homem adulto que ele conhecia que tinha cabelos cacheados, como os seus. Não eram exatamente parecidos; os cabelos de Christopher formavam cachos negros e soltos, e os de Tacroy eram cachinhos apertados, como uma massa de pequenas molas de cor marrom-clara. Christopher ficou imaginando que os cabelos de Tacroy deviam doer quando a governanta ou alguém o obrigava a

penteá-los. Aquilo fez com que ele se desse conta de que os cachinhos de Tacroy estavam enxutos. Tampouco havia qualquer sinal das gotas brilhantes que um momento antes cobriam as roupas dele. Tacroy estava usando um terno de lã esverdeada, bastante barato, mas que não estava sequer úmido.

— Como foi que ficou seco tão depressa? — Christopher quis saber.

Tacroy riu.

— Não estou aqui tão corporalmente quanto você parece estar. E você está ensopado! Como foi isto?

— A chuva no Lugar do Meio — Christopher explicou. — Você também estava molhado, lá.

— Estava mesmo? Não consigo visualizar coisa alguma na Passagem. Mais parece noite, com algumas estrelas para servir de orientação — disse Tacroy. — Acho muito difícil enxergar até mesmo aqui na Borda do Mundo, embora eu consiga ver você muito bem, é claro, já que nós dois estamos querendo isto.

Percebeu então que Christopher tinha os olhos fixos nele sem entender mais do que uma palavra, e franziu os olhos pensativamente. Aquilo produziu um pé-de-galinha de ruguinhas em volta dos seus olhos. Christopher gostou dele mais do que nunca.

Acenando com a mão morena na direção do resto do vale, Tacroy perguntou:

— Diga-me, o que é que você está vendo aqui?

— Um vale com capim verde — disse Christopher, imaginando o que era que Tacroy via. — O sol está se pondo e fazendo o córrego que corta o vale ficar cor-de-rosa.

— É mesmo? Então imagino que você ficará muito surpreso ao saber que tudo o que consigo enxergar é uma névoa levemente rosada.

— Por quê? — Christopher perguntou.

— Porque só estou aqui em espírito, ao passo que você parece estar realmente aqui, em carne e osso — Tacroy explicou. — O meu precioso corpo está deitado em um sofá em Londres, em transe profundo, debaixo de cobertores e aquecido por garrafas cheias de água quente, enquanto uma jovem linda e prestativa toca canções para mim em sua harpa. Insisti na jovem como parte do meu pagamento. Acha que também está deitado na cama debaixo de cobertores, em algum lugar?

Quando viu que essa pergunta deixava Christopher ao mesmo tempo perplexo e impaciente, Tacroy tornou a franzir os olhos.

— Vamos indo — disse. — A segunda parte da experiência é ver se você consegue trazer de volta um pacote. Já fiz a minha marca; faça a sua, para descermos para este mundo.

— Marca? — Christopher repetiu.

— Marca, sim. Se não fizer uma marca, como acha que vai encontrar o seu caminho para entrar e sair deste mundo, ou saber em qual mundo você está entrando?

— É muito fácil encontrar os vales — Christopher protestou. — E posso lhe dizer que já estive neste Um Lugar antes. É o que tem o córrego menor de todos.

Tacroy deu de ombros, com os olhos muito apertados.

— Meu rapaz, você está me dando arrepios. Seja bonzinho e me faça um favor, raspe um número 9 em uma pedra ou qualquer coisa assim. Não quero ser aquele que perdeu você.

Christopher obedientemente pegou uma lasca de pedra pontuda e riscou a lama do caminho até conseguir fazer um grande e irregular número 9.

Ergueu o olhar e encontrou Tacroy de olhos fixos em si, como se Christopher fosse um fantasma.

— Qual é o problema? Quis saber. Tacroy soltou uma risada curta e estranha.

— Ah, nada demais. Eu consigo ver a sua marca, simplesmente. Isto é inédito, só isso. Você consegue ver a minha marca?

Christopher procurou em todos os lugares em que conseguiu pensar, inclusive no céu poente, e foi obrigado a confessar que não conseguia ver alguma coisa que pudesse ser uma marca.

— Graças aos Céus! Pelo menos isto está normal! — Tacroy exclamou. — Mas estou seriamente curioso para saber quem é você. Começo a compreender por que deixou o seu tio tão entusiasmado.

Os dois desceram prazerosamente até o vale. Tacroy tinha as mãos nos bolsos e parecia bastante tranquilo, mas ainda assim Christopher ficou com a sensação de que Tacroy normalmente entrava em um Um Lugar através de algum meio mais rápido e bem diferente. Flagrou Tacroy olhando para ele várias vezes, como se não estivesse bem certo do caminho a seguir e esperasse para ver o que Christopher faria. E pareceu ficar muito aliviado quando chegaram ao final do vale e se encontraram na estrada irregular que a-

travessava a floresta de árvores gigantescas. O sol estava quase posto. Diante deles, havia luzes nas janelas da velha estalagem quase em ruínas.

Aquele era um dos primeiros Uns Lugares em que Christopher estivera. Lembrava-se dele mais quente e mais úmido. Anteriormente, as grandes árvores eram de um verde brilhante, e gotejavam; agora pareciam marrons e um pouco murchas, pelo que ele conseguia ver à luz rosada. Quando, seguindo Tacroy, ele atravessou a varanda da estalagem, que era feita de madeira e tinha um formato esquisito, viu que as bolhas de fungos coloridos que o haviam fascinado na ocasião anterior haviam se tornado brancas e secas. Não sabia se o proprietário iria lembrar-se dele.

— Estalajadeiro! — Tacroy gritou.

Como nada acontecesse, ele pediu a Christopher:

— Pode dar uns murros na mesa? Eu não consigo. Christopher percebeu que as tábuas empenadas da varanda estalavam sob seus pés, mas não sob os de Tacroy. Parecia mesmo que, de algum modo, Tacroy não estava realmente ali. Pegou uma terrina de madeira e bateu-a com força contra a mesa retorcida. Isso foi outra coisa que fez Tacroy apertar os olhos. Quando o proprietário chegou, arrastando os pés, estava embulhado em pelo menos três xales de lã e infeliz demais para notar a presença de Christopher e muito menos lembrar-se dele.

— Sou o mensageiro de Ralph — Tacroy apresentou-se. — Acredito que você tenha um pacote para mim.

— Ah, sim — disse o estalajadeiro, estreme-

cendo. — Não quer sair deste frio excepcionalmente inóspito, senhor? Este é o pior inverno que alguém já conheceu.

Tacroy ergueu os olhos e olhou para Christopher.

— Está bem quente — disse Christopher.

— Então vamos ficar do lado de fora. E o pacote?

— Imediatamente, senhor — disse o estalajadeiro estremecendo. — Mas não quer beber alguma coisa quente para aquecer-se? E por conta da casa, senhor.

— Sim, por favor — Christopher apressou-se a responder. Na última ocasião em que ele estivera ali, deram-lhe alguma

coisa parecendo uma espécie de chocolate que não era feito de cacau, porém muito mais gostoso. O estalajadeiro assentiu, sorriu e voltou para os fundos, tremendo e arrastando os pés. Christopher sentou-se diante da mesa. Mesmo sendo quase noite, ele se sentia deliciosamente aquecido. Suas roupas estavam secando lindamente. Multidões de insetos carnudos batiam asas de encontro às janelas iluminadas, mas delas vinha luz suficiente para ele ver Tacroy sentar-se no ar e depois deslizar de lado para uma cadeira do outro lado da mesa.

— Seja o que for, você vai ter que beber por mim — disse.

— Isto não será problema. Por que você me mandou escrever o número nove?

— Porque este conjunto de mundos é conhecido como Série Nove — Tacroy explicou. — Parece

que o seu tio tem muitos negócios aqui. Ê por isso que foi fácil montar a experiência. Se funcionar, acho que ele está planejando toda uma série de viagens, ao longo de todos os Mundos Vinculados. Você acharia isto um pouco chato, não acharia?

— Ah, não, eu gostaria! — Christopher afirmou.

— Quantos conjuntos existem depois da Série Nove?

— A nossa é a Doze — disse Tacroy. — Elas vão até a Série Um. Não me pergunte por que eles vão de trás para diante. É tradicional.

Christopher ficou confuso com isso. Havia muito mais do que 12 vales no Lugar do Meio, e eram todos dispostos desordenadamente, não da maneira certinha que tornava necessário contar até 12. Mas ele imaginava que devia haver um modo qualquer que Tacroy — ou o tio Ralph — utilizava para saber mais do que ele.

O estalajadeiro tornou a sair apressado, arrastando os pés. Trazia duas xícaras que soltavam uma fumaça que cheirava a chocolate amargo. No entanto, aquele aroma maravilhoso era estragado por um cheiro muito menos agradável, que saía de um frasco de couro redondo pendurado era uma tira comprida. O homem largou o frasco sobre a mesa, ao lado das xícaras.

— Aqui estão — declarou. — Este é o pacote e isto é para tirar o frio de vocês e para que façam um brinde a futuros negócios, senhor. Não sei como conseguem suportar ficar aqui fora!

— Viemos de um clima frio e nevoento — Tacroy explicou. — Obrigado — acrescentou para as costas do estalajadeiro, que voltava às pressas para dentro de casa. — Imagino que normalmente o clima

daqui seja tropical — comentou, enquanto a porta batia. — Não tenho como saber. No espírito, não consigo sentir frio nem calor. Este negócio é gostoso?

Christopher assentiu com felicidade. Já tinha bebido uma xícara inteira. Era escuro, quente e delicioso. Ele puxou para si a xícara de Tacroy e bebeu o conteúdo aos golinhos, para fazer o sabor durar o máximo possível. A garrafa redonda de couro cheirava tão mal que prejudicava a sua degustação; Christopher colocou-a no chão.

— Vejo que você consegue levantar a xícara e beber — disse Tacroy, observando-o. — O seu tio disse para eu me certificar bem, mas não tenho dúvida alguma. Ele disse que você perde objetos na Passagem.

— É porque é difícil trepar pelas rochas carregando coisas. Preciso usar as duas mãos para escalar — Christopher explicou.

Tacroy ficou pensando.

— Hum. Isto explica a alça na garrafa — disse. — Mas poderia haver mil outras razões. Eu adoraria descobrir. Por exemplo, você alguma vez já tentou levar de volta alguma coisa viva?

— Como um rato? — Christopher sugeriu. — Eu poderia colocá-lo no bolso...

De repente uma expressão de júbilo cruzou a fisionomia de Tacroy. Ele parecia a Christopher uma pessoa prestes a cometer uma grande travessura.

— Vamos tentar fazer isso — disse. — Vamos ver se você consegue levar de volta um pequeno animal. Vou convencer o seu tio de que precisamos ficar sabendo. Acho que vou morrer de curiosidade se não tentarmos, mesmo que seja a última coisa que você faça

para nós!

Depois disso, Tacroy mostrou-se cada vez mais impaciente. Finalmente levantou-se com tanta pressa que ficou de pé dentro da cadeira, como se ela não estivesse ali.

— Ainda não terminou? Vamos embora.

Christopher emborcou pesadamente a pequena xícara para beber os últimos goles. Pegou a garrafa redonda e dependurou-a em volta do pescoço pela tira. Então saltou da varanda e partiu pela rua irregular, cheio de ânimo para mostrar a cidade a Tacroy. Em todas as varandas os fungos cresciam como corais.

Tacroy gostaria de ver aquilo.

Tacroy gritou atrás dele:

— Ei! Para onde vai? Christopher estacou e explicou.

— Impossível — Tacroy afirmou. — Não importa se o fungo é cor-de-rosa e azul-celeste; não vou poder ficar em transe por muito tempo mais, e quero ter a certeza de que você também vai conseguir voltar.

Aquilo era decepcionante. Mas quando Christopher chegou perto e olhou para ele com atenção, pareceu-lhe que Tacroy estava mesmo assumindo uma aparência nebulosa, como se fosse dissolver-se e transformar-se em escuridão, ou virar um dos insetos que batiam contra as janelas da estalagem. Bastante assustado com isso, Christopher colocou a mão na manga de Tacroy para prendê-lo ali. Por um instante, mal sentiu que ali havia um braço — e ele lembrou-se das bolas de poeira que cresciam sob a sua cama. Depois do primeiro momento, porém, o braço tornou

a ficar normalmente sólido, e o contorno de Tacroy ficou novamente nítido e negro contra as árvores escuras. O próprio Tacroy estava imóvel

— Acredito que você fez alguma coisa para me solidificar — declarou, como se não acreditasse. — Que foi que fez?

— Eu endureci você — disse Christopher. — Precisei fazer isso para que pudéssemos visitar a cidade. Vamos.

Mas Tacroy riu e segurou o braço de Christopher com força — tanta força que Christopher arremeteu-se de tê-lo solidificado.

— Não, vamos deixar para ver os fungos em outra ocasião. Agora que sei que você consegue fazer isso também, vai ficar muito mais fácil. Mas contratei só uma hora para esta viagem. Vamos.

Enquanto subiam para sair do vale, Tacroy insistia em olhar para trás.

-Tenho certeza de que também estaria vendo este lugar como um vale, se não estivesse tão escuro. Consigo até escutar o córrego. Isto é espantoso!

Mas era óbvio que Tacroy não conseguia enxergar o Lugar do Meio, pois quando chegaram lá, ele continuou caminhando como se achasse que ali ainda era o vale. Quando o vento afastou a névoa, ele já não estava lá.

Christopher não sabia se devia voltar para dentro da Série Nove ou continuar em frente e entrar em outro vale. Mas sem companhia aquilo já não lhe parecia tão divertido, de modo que ele deixou que o Lugar do Meio o empurrasse de volta para casa.



Capítulo IV

Na manhã seguinte, Christopher acordou inteiramente nauseado por causa do cheiro — ou melhor, do fedor — que vinha da garrafa de couro. Colocou-a debaixo da cama, mas o fedor ainda era tão forte que ele precisou levantar-se e cobri-la com um travesseiro, antes de conseguir adormecer outra vez.

Quando a Última Governanta veio chamá-lo para levantar-se, encontrou a garrafa na mesma hora, por causa do cheiro.

— Céus! — exclamou, puxando-a pela tira. — E difícil acreditar! Eu não imaginava que até mesmo o seu tio fosse capaz de pedir uma garrafa cheia desta coisa! Será que ele não pensou no perigo?

Christopher pestanejou, olhando para ela. Nunca vira a Última Governanta tão perturbada. Toda a sua beleza oculta viera à tona, e ela tinha os olhos

fixos na garrafa como se não soubesse se devia ficar zangada, assustada ou contente.

— Que é que tem aí dentro? — ele perguntou.

— Sangue de dragão — revelou a Última Governanta. — E nem sequer está seco! Vou levar isto diretamente para o seu tio enquanto você se veste, senão sua Mamãe vai ter um ataque. — Ela encaminhou-se para a porta, apressada, segurando a garrafa pela tira, longe do corpo, com o braço bem estendido. — Acho que o seu tio vai ficar muito satisfeito — comentou, olhando para trás, por cima do ombro.

Disso não havia dúvida. No dia seguinte chegou um grande pacote para Christopher. A Última Governanta levou-o para a sala de aula com uma tesoura e permitiu que ele próprio cortasse o barbante, o que aumentou muito a excitação dele. Dentro havia uma enorme caixa de bombons de chocolate, tendo na capa um grande laço vermelho e a figura de um menino soprando bolhas de sabão. Chocolate era uma coisa tão rara na vida de Christopher que ele por pouco deixava de reparar no envelope enfiado no laço. Nele havia uma moeda de ouro e um bilhete do tio Ralph. Dizia:

“Muito bem!!! A próxima experiência será na semana que vem. A Srta. Bell vai lhe dizer quando. Parabéns, e o carinho do seu Tio Ralph.”

Aquilo deixou Christopher tão deliciado que ele permitiu que a Última Governanta escolhesse primeiro um bombom.

Enquanto pegava um bombom de amêndoas do tipo que Christopher nunca apreciara, ela disse secamente:

— Acho que sua Mamãe gostaria que você lhe

oferecesse um, antes que a caixa fique quase vazia.

Então tirou o bilhete da mão de Christopher e jogou-o no fogo da lareira, como se insinuasse que ele não devia explicar a Mamãe o que havia feito para ganhar os bombons.

Christopher prudentemente comeu a primeira camada antes de ir oferecer a caixa à Mamãe.

— Ah, meu querido, isto é tão ruim para os seus dentes! — disse Mamãe, enquanto seus dedos hesitavam acima de um bombom de morango e um bombom trufado. — Pelo jeito, você conquistou mesmo o seu tio. E ainda bem, já que coloquei todo o meu dinheiro nas mãos dele. Um dia esse dinheiro será seu — acrescentou, enquanto pegava um bombom de caramelo. — Não deixe que meu irmão mime demais este menino — disse, dirigindo-se à Última Governanta. — E acho melhor você levá-lo ao dentista.

— Sim, senhora — respondeu a Última Governanta, toda boazinha e humilde.

Era óbvio que Mamãe não tinha a menor suspeita do motivo daquele presente. Christopher ficou feliz por ter sido tão fiel aos desejos do tio Ralph, embora preferisse que Mamãe não tivesse escolhido o bombom de caramelo.

Os bombons não chegaram a durar até o final da semana, mas serviram para fazer Christopher esquecer-se da excitação da experiência seguinte. Assim, ele experimentou um sentimento mais de profissionalismo do que de excitação quando, na sexta-feira seguinte, na hora de mandá-lo para a cama, a governanta anunciou calmamente:

— O seu tio quer que esta noite você viaje em

outro sonho. Vai ter de tentar chegar à Série Dez e encontrar o mesmo homem de antes — ela explicou. — Acha que consegue fazer isso?

— Fácil! Consigo com um pé nas costas — Christopher exclamou em tom vaidoso.

— Pelo jeito, estamos ficando um pouco presunçosos — comentou a Última Governanta. — Não se esqueça de pentear os cabelos e escovar os dentes, e não fique confiante demais. Isto na verdade não é uma brincadeira.

Christopher tentou honestamente não se sentir confiante demais, porém a tarefa era mesmo fácil. Ele seguiu pela trilha, vestiu suas roupas enlameadas e então subiu pelo Lugar do Meio procurando por Tacroy. A única dificuldade foi que os vales não eram dispostos na ordem correta; o Número Dez não era o que vinha depois do Nove, mas ficava bem mais abaixo e mais distante. Christopher quase chegou a pensar que não ia conseguir encontrá-lo. Mas finalmente, depois de deslizar encosta abaixo sobre um cascalho amarelado, ele avistou Tacroy através da neblina, brilhando de umidade, agachado desconfortavelmente na borda do vale. Ele estendeu para Christopher o braço gotejante.

— Pensei que você nunca chegaria! — exclamou. — Ajude-me a me solidificar, por favor. Já estou desaparecendo. A nova garota não é tão competente quanto a outra.

Christopher pegou a mão de Tacroy, que estava fria e dava a sensação de ser feita de lã; Tacroy imediatamente começou a solidificar-se de novo. Logo estava firme, molhado e tão sólido quanto Christopher, e

muito contente com isso.

— Esta foi a parte que o seu tio achou mais difícil de acreditar — comentou, enquanto subiam para dentro do vale. — Mas jurei a ele que consegui enxergar... oh... hum... Que é que você está enxergando, Christopher?

— É o Um Lugar onde ganhei meus sinos — Christopher respondeu, sorrindo ao ver as encostas verdes e íngremes.

Ele se lembrava perfeitamente. Naquele Um Lugar, o córrego fazia uma curva peculiar na metade da encosta. Mas havia algo de novo, uma espécie de nuvem à beira do caminho.

— Que é aquilo? — perguntou, esquecendo-se de que Tacroy não conseguia enxergar o vale.

Mas Tacroy evidentemente conseguia enxergar o vale, agora que estava sólido. Ficou olhando para a nuvem com os olhos apertados e tristes.

— Uma parte da experiência do seu tio que parece não ter dado certo — disse. — Deveria ser uma carroça sem cavalos. Ele estava tentando mandá-la para cá. Acha que consegue solidificar isso também?

Christopher foi até a nuvem e tentou tocá-la com a mão. Mas aquela coisa parecia não estar ali o suficiente para que ele a tocasse: sua mão simplesmente atravessou-a.

— Não tem importância — Tacroy declarou. — Simplesmente o seu tio vai ter que pensar em outra coisa. E a carroça era apenas uma das três experiências desta noite. — Ele insistiu para que Christopher escrevesse um enorme número 10 na poeira do caminho, e então os dois continuaram o seu caminho, descendo

até o vale. — Se a carroça tivesse funcionado, iríamos tentar alguma coisa bem grande. Já que foi assim, vamos fazer como eu queria e experimentar com um animal — Tacroy explicou. — Que bom que você chegou naquela hora. Eu estava quase tão ruim quanto a carroça. E tudo por culpa daquela garota.

— A linda jovem com a harpa? — Christopher quis saber.

— Ah, infelizmente não — disse Tacroy em tom de lástima. — Ela teve um ataque quando você me solidificou na vez passada. Parece que meu corpo lá em Londres tornou-se um fio de névoa e ela achou que eu tivesse ido embora de vez. Começou a gritar, e chegou a quebrar as cordas da harpa. Saiu assim que cheguei de volta. Disse que não era paga para tomar conta de fantasmas, declarou que o seu contrato era apenas para um transe e recusou-se a voltar, mesmo pelo dobro do dinheiro.

Uma pena. Eu tinha esperanças de que ela fosse feita de material mais resistente. Lembrou-me muito outra jovem com uma harpa que já foi a luz da minha vida. — Por um instante ele pareceu tão triste quanto era possível para uma pessoa de fisionomia tão alegre. Então sorriu. — Mas eu não poderia pedir a qualquer uma das duas para compartilhar o sótão onde moro. De modo que foi melhor assim.

— Então você teve que contratar outra pessoa? — Christopher quis saber.

— Preciso disso, infelizmente, ao contrário de você. Um profissional de viagens espirituais precisa de outro médium para mantê-lo ancorado, de preferência com música, e para chamá-lo de volta em caso de haver

algum problema, mantê-lo aquecido e não deixar que ele seja interrompido por cobradores e coisas desse tipo — Tacroy explicou. — Então o seu tio encontrou às pressas essa nova garota. Ela é durona mesmo. Tem uma voz que parece um tambor. Toca a flauta como se alguém escrevesse em um quadro-negro com um giz molhado. — Tacroy estremeceu de leve. — Quando presto atenção, consigo ouvir a música bem longe.

Christopher também conseguia ouvir uns guinchos, mas achava que eram as flautas dos encantadores de serpentes que se sentavam em fileiras de encontro aos muros da cidade naquele Um Lugar. Agora os dois conseguiam ver a cidade. Estava muito quente ali, muito mais quente do que na Série Nove. Os muros altos, da cor de barro, e, acima deles, os domos de formas estranhas, tremulavam no calor como objetos debaixo d'água. A poeira erguia-se era nuvens, quase escondendo a fila de anciãos acorados diante das suas cestas, soprando suas flautas. Christopher lançou um olhar preocupado às serpentes gordas que se erguiam, ondulantes, dentro das cestas.

Tacroy riu.

— Não se preocupe. Assim como você, o seu tio não tem a menor vontade de possuir uma serpente!

A cidade tinha um portão muito alto, porém estreito. Quando chegaram até ele, os dois estavam cobertos de poeira e Christopher transpirava, o suor escorrendo através da camada de pó. Tacroy parecia invejavelmente fresco. No lado de dentro dos muros fazia ainda mais calor. Esse era o único defeito daquele Um Lugar inteiramente agradável.

As bordas sombreadas das ruas estavam api-

nhadas de pessoas, cabras e barraquinhas improvisadas com guarda-chuvas coloridos, de modo que Christopher era forçado a caminhar com Tacroy pela faixa de sol cegante no centro das ruas. Todas as pessoas gritavam e tagarelavam animadamente. O ar estava repleto de cheiros estranhos, de balidos das cabras, de cacarejos das galinhas e de uma estranha música que retinia. Todas as cores brilhavam, e as que mais brilhavam eram aquelas coisas nas esquinas que pareciam casinhas de boneca douradas. Estavam sempre cercadas de flores e pratos de comida. Christopher imaginou que deviam pertencer a deuses bem pequeninos.

Uma senhora sob um guarda-chuva azul-berrante deu-lhe um pouco do doce que estava vendendo. Era como um ninho de passarinho, crocante, mergulhado no mel. Christopher deu um pouco a Tacroy, mas este respondeu que só podia prová-lo como se provam doces em sonhos, mesmo quando Christopher o solidificou novamente.

— Será que o tio Ralph vai querer que eu lhe mande um bode? — Christopher perguntou, lambendo o mel dos dedos.

— Teríamos tentado isso se a carroça tivesse funcionado. Porém, o que o seu tio realmente quer é um gato de um dos templos. Precisamos encontrar o Templo de Asheth — Tacroy explicou.

Christopher guiou-o até a grande praça onde ficavam todas as enormes casas dos deuses. O homem de guarda-chuva amarelo ainda estava lá, nos degraus do templo maior.

— Ah, sim, é aqui — disse Tacroy.

Mas quando Christopher fez menção de ir

conversar novamente com o homem de guarda-chuva amarelo, Tacroy objetou:

— Não, acho que o melhor é tentarmos entrar por um dos lados.

Os dois seguiram pelos becos estreitos que circundavam o templo. Não havia outra porta de entrada, e o templo tampouco tinha janelas. Os muros eram altos, da cor de barro e totalmente lisos, com exceção dos espetos de ferro de aparência assustadora enfiados no topo. Tacroy estacou, animado, em um beco que parecia um forno de tão quente, bem no lugar onde alguém havia jogado fora uma carroça de repolhos velhos, e ergueu os olhos para os espetos. Trepadeiras em flor, que cresciam do outro lado do muro, enroscavam-se neles.

— Isto parece promissor — comentou e, aproximando-se do muro, encostou-se nele, fazendo força. Sua expressão de felicidade desapareceu. Por um instante ele pareceu frustrado e bastante chateado. — Por esta eu não esperava: você me deixou sólido demais para atravessar, droga! — Ele meditou sobre o assunto por um instante, depois deu de ombros. — De qualquer maneira, esta seria a experiência número três. O seu tio achou que, se você consegue chegar a um caminho entre os mundos, certamente poderá atravessar um muro. Está disposto a tentar? Acha que pode entrar e pegar um gato sem a minha ajuda?

Tacroy parecia muito nervoso e preocupado com aquilo. Christopher olhou para o muro e achou que provavelmente seria impossível.

— Posso tentar — disse.

Então, em grande parte para consolar Tacroy,

ele avançou de encontro às pedras quentes do muro e tentou empurrar-se para dentro delas. A princípio foi mesmo impossível, mas depois de um momento ele percebeu que, virando-se de lado de certa maneira, começava a afundar-se dentro das pedras. Assim fez, e deu um sorriso de incentivo para o rosto preocupado de Tacroy.

— Volto em um instante — prometeu.

— Não gosto de deixar você ir sozinho...

Tacroy estava dizendo estas palavras quando houve um ruído como SHLUC! e Christopher encontrou-se do outro lado do muro, todo emaranhado nos ramos da trepadeira. Por um segundo ele ficou cego por causa do sol. Conseguia ver, ouvir e sentir que havia coisas em movimento por todo o pátio à sua frente, afastando-se dele às pressas de um modo furtivo e veloz que o deixou quase paralisado de terror. Serpentes! Ao pensar isto, ele piscou, apertou os olhos e tornou a piscar, tentando enxergar melhor.

Eram simplesmente gatos que fugiam correndo do barulho que Christopher havia produzido ao atravessar o muro. Quando ele conseguiu enxergar direito, a maioria deles já estava fora do seu alcance. Alguns tinham subido pela trepadeira e o resto havia se refugiado nas diversas arcadas escuras que rodeavam o pátio. Mas um gato branco era mais lento do que os outros e ficou a trotar, de um modo hesitante e pesado, pela sombra larga que havia a um canto.

Aquele estava bom para Christopher pegar. O menino resolveu ir atrás dele.

Quando Christopher conseguiu desvencilhar-se da planta, o gato branco assustou-se e correu. Chris-

topher correu em seu encalço, passando por baixo de um arco de onde pendiam mais plantas, atravessando outro pátio, mais sombreado, e chegando a uma passagem fechada por uma cortina em lugar de uma porta. O gato entrou por ali, passando entre a cortina e a parede; Christopher empurrou a cortina para um lado e entrou atrás do animal, mas encontrou-se em um lugar tão escuro que mais uma vez ficou cego.

— Quem é você? — perguntou uma voz na escuridão. Parecia cheia de surpresa e arrogância. — Você não devia estar aqui.

— Quem é você? — Christopher devolveu a pergunta cautelosamente, desejando conseguir enxergar alguma coisa além de um brilho verde e azul.

— Sou a Deusa, naturalmente — disse a voz. — Asheth Viva. Que é que você está fazendo aqui? Ninguém pode me ver, além das sacerdotisas, até o Dia do Festival.

— Só vim para apanhar um gato. Assim que conseguir, vou embora — disse Christopher.

— Você não tem permissão para fazer isso — respondeu a Deusa. — Os gatos são sagrados para Asheth. Além disso, se é Bethi que você está querendo pegar, ela é minha, e vai ter gatinhos de novo.

Os olhos de Christopher estavam se adaptando à escuridão. Depois de olhar bastante para o canto de onde vinha a voz, conseguiu vislumbrar uma pessoa, mais ou menos do seu tamanho, sentada sobre o que parecia ser uma pilha de almofa-das, e distinguir a mancha branca do gato seguro nos braços da pessoa. O menino avançou um passo para enxergar melhor.

— Fique onde está, senão vou chamar o fogo

para queimar você! — disse a Deusa.

Christopher, para grande surpresa sua, percebeu que não conseguia sair do lugar. Mexeu os pés para ter certeza. Era como se as solas dos seus pés descalços estivessem grudadas nas lajotas do chão com uma cola forte e borrachuda. Enquanto isso, os olhos dele voltaram a funcionar corretamente.

A Deusa era uma garota de rosto redondo e comum, e cabelos compridos cor de rato. Usava uma túnica marrom-ferrugem sem mangas e muitas jóias de turquesa, inclusive no mínimo vinte pulseiras e uma pequena grinalda cravejada de turquesas. Parecia um pouco mais nova do que ele — nova demais para conseguir prender os pés de alguém no chão. Christopher ficou impressionado.

— Como conseguiu fazer isto? — perguntou.

A Deusa deu de ombros.

— Pelo poder de Asheth Viva — disse. — Fui escolhida entre todas as candidatas porque sou o melhor recipiente para o poder dela. Asheth me escolheu dando-me a marca de um gato no pé. Veja.

Ela inclinou-se de lado sobre as almofadas e estendeu para Christopher um pé descalço que trazia uma pulseira no tornozelo. Na sola havia uma grande marca de nascença de cor vermelha escura. Christopher não achou que a marca se parecesse muito com um gato, mesmo quando ele apertava tanto os olhos que se sentia como Tacroy.

— Você não acredita em mim — disse a Deusa em tom acusador.

— Não sei. Nunca tinha conhecido uma deusa — Christopher confessou. — Que é que você faz?

— Fico no templo sem ser vista, a não ser um dia por ano, quando percorro a cidade e a bênção — disse a Deusa.

Christopher achou que isso não parecia muito interessante. Antes, porém, que pudesse expressar essa opinião, a Deusa acrescentou.

— Para falar a verdade, não é muito divertido, mas é assim que as coisas são quando a pessoa é adorada como eu sou. A Deusa Asheth Viva sempre tem que ser uma menina, entende?

— Então você vai deixar de ser Asheth quando crescer? — Christopher perguntou.

A Deusa franziu a testa. Era evidente que não estava bem certa quanto a isso.

— Bom, Asheth Viva nunca é uma adulta, de modo que imagino que sim... Eles não disseram. — O seu rosto redondo e solene iluminou-se. — É sempre uma esperança, não é, Bethi? — acrescentou, acariciando a gata branca.

— Se não posso levar este gato, vai deixar que eu pegue outro?

— Christopher perguntou.

— Depende. Acho que não tenho permissão para dar os gatos — respondeu a Deusa. — Para que você quer um?

— E para o meu tio. Estamos fazendo uma experiência de ver se consigo levar um animal vivo do seu Um Lugar para o nosso. O seu é o número 10 e o nosso é 12. E é muito difícil subir para atravessar o Lugar do Meio, de modo que, se você me deixar mesmo levar um gato, pode me emprestar uma cesta também, por favor?

A Deusa meditou por um instante.

— Quantos Uns Lugares existem? — perguntou, em tom de quem faz um teste.

— Centenas, mas Tacroy pensa que só existem doze.

— As sacerdotisas dizem que existem doze Outros Lugares conhecidos — disse a Deusa, assentindo. — Mas Mãe Proudfoot tem quase certeza de que existem muitos mais do que esses. Sim, e como você entrou no Templo?

— Atravessando o muro — Christopher revelou. — Ninguém me viu.

— Então você poderia entrar e sair de novo se quisesse? — a Deusa quis saber.

— Facilmente! — Christopher declarou.

— Bom — disse a Deusa.

Ela soltou a gata branca sobre as almofadas e pôs-se de pé em um salto, em meio a um escarcéu produzido pelas jóias que usava.

— Vou fazer uma troca com você — propôs. — Vou lhe dar um gato, mas primeiro você terá de jurar pela Deusa que vai voltar e me trazer o que eu quero, senão vou deixar seus pés presos no chão e gritar para que o Braço de Asheth venha aqui e o mate.

— Que é que você quer em troca? — Christopher perguntou.

— Primeiro jure — insistiu a Deusa.

— Eu juro — disse Christopher.

Mas aquilo não era o suficiente. A Deusa pendurou os polegares no cinturão cravejado de jóias e encarou-o sem expressão. Na realidade, era um pouco mais baixa do que Christopher, mas isso não tornava o

seu olhar menos impressionante.

— Juro pela Deusa que vou voltar com aquilo que você quiser em troca do gato — Christopher entou. — Assim está bom? Agora, que é que você quer?

— Livros para ler — disse a Deusa. — Estou entediada — explicou. Não disse isso em tom de queixa, mais sim de um modo brusco que fez Christopher entender que era verdade.

— Aqui não há livros? — quis saber.

— Centenas. Mas são todos educativos ou sagrados — disse a Deusa em tom melancólico. — E a Deusa Viva não tem permissão para tocar em qualquer coisa deste mundo que venha de fora do templo. Qualquer coisa deste mundo, está entendendo? — Acrescentou, ressaltando bem as palavras “deste mundo”.

Christopher assentiu; entendera perfeitamente.

— Qual gato posso levar? — perguntou.

— Throgmorten — disse a Deusa.

Quando ela disse essa palavra, os pés de Christopher desgrudaram-se das lajotas do piso. Ele então foi capaz de caminhar ao lado da Deusa, que ergueu a cortina da porta e saiu para o pátio sombreado.

— Não me importo que você leve Throgmorten — ela declarou. — Ele cheira mal, arranha e ataca todos os outros gatos. Eu o odeio. Mas temos que andar depressa para pegá-lo. Não vai demorar para as sacerdotisas acordarem da sesta. Espere um instante.

Ela entrou correndo por um arco, fazendo tanto barulho com as pulseiras dos tornozelos que Christopher deu um salto. Quase no mesmo instante ela estava de volta, em meio a um redemoinho de pano cor

de ferrugem e cabelos cor de rato. Carregava uma cesta com tampa.

— Isto deve servir. A tampa tem um fecho bem resistente — disse, passando sob o arco coberto de plantas e entrando no pátio do sol cegante. — Geralmente ele fica por aqui, intimidando os outros gatos. Ah, lá está ele, é aquele no canto.

Throgmorten era um gato avermelhado. Naquele momento ele estava olhando com raiva para uma gata preta e branca que se encolhera a ponto de grudar o corpo no chão enquanto tentava retroceder humildemente. Throgmorten aproximou-se dela com calma, balançando a cauda que parecia uma cobra, até que a gata preta e branca não agüentou o suspense e saiu correndo. Então ele voltou-se para ver o que Christopher e a Deusa queriam.

— Ele não é horrível? — perguntou a Deusa, jogando a cesta para Christopher. — Segure a tampa aberta e feche depressa depois que eu colocar o gato dentro dela.

Christopher tinha que admitir que Throgmorten era um gato verdadeiramente desagradável. Os olhos amarelos os encaravam com uma zombaria insolente, e havia alguma coisa nas suas orelhas — uma delas mais alta do que a outra — que dizia a Christopher que Throgmorten atacaria traiçoeiramente qualquer coisa que se metesse no seu caminho. Assim sendo, Christopher ficava perplexo pelo fato de que Throgmorten lhe lembrasse tanto o tio Ralph. Imaginou que devia ser a cor castanha-avermelhada.

Nesse instante, Throgmorten sentiu que estavam atrás dele; arqueou as costas com incredulidade e

então praticamente levitou até enfiar-se na ramagem da trepadeira junto ao muro, subindo velozmente cada vez mais, até encontrar-se bem acima da cabeça deles.

— Ah, não vai fugir, não! — exclamou a Deusa.

E o corpo arqueado de Throgmorten veio voando das trepadeiras como um bumerangue alaranjado e peludo, e aterrissou dentro da cesta. Christopher ficou profundamente impressionado — tanto que demorou um pouco a baixar a tampa. A cabeça de Throgmorten assomou para fora da cesta em um clarão alaranjado; a Deusa agarrou-o e empurrou-o de volta, e foi quando um grande número de patas castanhas em movimento — pelo menos sete, para os olhos admirados de Christopher — agarraram as pulseiras da Deusa, sua túnica e suas pernas sob a túnica, arrancando pedaços.

Christopher esperou um momento em que uma das cabeças de Throgmorten — que parecia ter pelo menos três, cada uma com mais dentes do que parecia possível — ficou em uma posição favorável, então aplicou-lhe um golpe forte com a tampa da cesta. Em um piscar de olhos Throgmorten transformou-se em um gato comum, meio atordoado, em vez de um demônio lutador. A Deusa jogou-o dentro da cesta com um repelão. Christopher fechou a tampa. No mesmo instante, uma enorme pata castanha, armada de compridas lâminas rosadas, esgueirou-se pelo orifício da fechadura e arrancou várias tiras da pele de Christopher enquanto ele prendia o fecho.

— Obrigado — disse, chupando o sangue dos dedos.

— Estou contente de ficar livre dele — res-

pondeu a Deusa, lambendo um arranhão no braço e limpando o sangue da perna com a túnica rasgada.

Uma voz melodiosa chamou, vinda do outro lado do arco cheio de plantas:

— Deusa, minha querida, onde é que você está?

— Preciso ir — sussurrou a Deusa. — Não se esqueça dos livros. Você prometeu fazer uma troca — disse. — Já vou! — gritou, e saiu correndo em direção à arcada, as jóias tilintando.

Christopher virou-se depressa para o muro e tentou passar por dentro dele. Mas não conseguiu. Por mais que tentasse virar-se de lado naquela maneira esquisita, não funcionava. Ele sabia que era por causa de Throgmorten; segurar um gato vivo e a debater-se dentro de uma cesta fazia dele parte daquele Um Lugar, portanto ele seria obrigado a obedecer às regras locais. Que deveria fazer? Havia mais vozes melodiosas chamando a Deusa a distância, e ele via pessoas movendo-se dentro de pelo menos mais duas arcadas em volta do pátio. Ele nunca chegou a pensar em deixar a cesta; o seu tio Ralph queria aquele gato. Em vez disso, Christopher preferiu fugir, e correu para o arco mais próximo que parecia estar deserto.

Infelizmente o movimento da cesta mostrou a Throgmorten que ele estava mesmo sendo raptado. E ele protestou o mais alto que conseguiu — Christopher jamais teria acreditado que um simples gato pudesse fazer tanto barulho. A voz de Throgmorten enchia os corredores escuros do outro lado do arco, gemendo, pulsando, erguendo-se em um guincho como um vampiro moribundo e em seguida caindo para um uivo forte em contralto. Depois tornava a virar um guincho

alto.

Antes que Christopher tivesse percorrido 20 metros, ouviu gritos atrás de si, e o barulho de sandálias e também o de pés descalços. Ele pôs-se a correr o mais rápido que pôde, virando para outro corredor cada vez que encontrava um, sem diminuir a velocidade, mas durante todo o tempo Throgmorten soltava seus brados de protesto dentro da cesta, mostrando aos perseguidores exatamente por onde deviam seguir. Pior ainda, ele atraiu mais perseguidores. Havia duas vezes o número de gritos e de ruídos de passos atrás de Christopher quando ele finalmente avistou a luz do dia. Ele saltou naquela direção, seguido por uma multidão.

E na realidade não era a luz do dia, e sim de um templo enorme e tumultuado, cheio de devotos, estátuas e gordas colunas pintadas. A luz do dia vinha de grandes portas abertas a quase cem metros de distância. Christopher conseguia ver o homem do guarda-chuva amarelo delineado do lado de fora das portas, e soube exatamente onde estava. Disparou para as portas, evitando as colunas e as pessoas que rezavam.

— Wong wong WONG WONG! — uivava Throgmorten dentro da cesta na sua mão.

— Pega ladrão! — gritavam as pessoas que o perseguiam. — Braço de Asheth!

Christopher viu um homem de máscara prateada, ou talvez uma mulher — de qualquer maneira, uma pessoa usando uma máscara prateada —, de pé no alto de uma pequena escada, apontando cuidadosamente uma lança para ele. Ele tentou evitar ser atingido, mas não houve tempo, ou então a lança o seguiu de alguma forma. E atingiu o peito dele com uma

pancada atordoante.

Parecia então que as coisas começaram a ir bem devagar. Christopher ficou imóvel, segurando com força a cesta que uivava, e fixou os olhos com incredulidade no cabo da lança que saía do seu peito através da camisa suja. Enxergava-o com todos os detalhes. Era feito de madeira marrom lindamente polida, com palavras e figuras entalhadas. Mais ou menos na metade do cabo havia um punho de prata brilhante, com desenhos quase totalmente desgastados pelo uso. Umas poucas gotas de sangue escorriam de onde a madeira encontrava a camisa; a ponta da lança devia estar profundamente enterrada dentro dele. O menino ergueu os olhos e avistou a figura mascarada avançando triunfantemente na sua direção. Atrás dela, à porta, certamente atraído pelo barulho, Tacroy estava parado, paralisado, olhando com horror.

Com um gesto sem forças, Christopher estendeu a mão livre e segurou a lança pelo punho de prata, para puxá-la. E tudo parou com um solavanco.



Capítulo V

Era de manhã cedo. Christopher tomou consciência de que o barulho que o havia acordado era o de um gato furioso e vinha da cesta caída de lado no chão, no centro do quarto. Era Throgmorten, querendo sair. Christopher sentou-se imediatamente, sorrindo, com uma sensação de triunfo porque havia provado que poderia trazer um animal vivo de um Um Lugar. Então lembrou-se que tinha uma lança saindo do seu peito. Olhou para baixo — não havia sinal da lança. Nem havia sangue. Nada lhe doía. Ele apalpou o peito, depois abriu o paletó do pijama e olhou. Com incredulidade viu apenas a pele clara e lisa, sem o menor sinal de ferimento.

Ele estava bem. Então os Uns Lugares eram, afinal, apenas uma espécie de sonho! Christopher riu.

— Wong! — exclamou Throgmorten com

muita raiva, fazendo rolar a cesta.

Christopher achou que seria melhor deixar o animal sair. Lembrando-se daquelas garras afiadas e perigosas, ficou de pé sobre a cama e soltou a pesada vara que sustentava as cortinas. Era difícil manobrá-la com as cortinas penduradas deslizando de um lado para outro, mas Christopher achava que poderia precisar das cortinas para proteger-se da ira de Throgmorten, de modo que manteve-as emboçadas diante de si. Depois de algumas tentativas, ele conseguiu enfiar a ponteira de bronze da vara da cortina sob o fecho da tampa, e abriu a cesta.

Os ruídos felinos cessaram; Throgmorten parecia estar desconfiado de que aquilo era um truque. Dando pequenos saltos sobre a cama e segurando a vara de ferro e o bolo formado pelas cortinas, Christopher ficou esperando que Throgmorten o atacasse. Mas nada aconteceu. Christopher inclinou-se para a frente com cautela, até poder enxergar dentro da cesta. Ela continha uma trouxinha castanha que se movia suavemente para cima e para baixo: Throgmorten, desdenhando a liberdade agora que a tinha, enrodi-lhara-se e adormecera.

— Então está muito bem. Seja como quiser! — disse Christopher.

Com certo esforço, tornou a encaixar a vara da cortina de volta no lugar e também ele voltou a dormir.

Quando acordou outra vez, Throgmorten estava explorando o quarto. Christopher ficou deitado de costas observando, cauteloso, Throgmorten saltar de um móvel para outro, por todo o aposento. Pelo que ele podia concluir, Throgmorten já não estava zangado;

parecia simplesmente cheio de curiosidade.

Enquanto Throgmorten preparava o salto e pulava do alto do armário para a vara da cortina, Christopher pensava: talvez o gato houvesse feito uma aposta consigo mesmo de que conseguiria circundar o quarto sem tocar no chão. Quando Throgmorten pôs-se a caminhar pela vara da cortina, pendurando-se nela e na cortina com aquelas suas garras notáveis, Christopher teve certeza disso.

O que aconteceu então não foi, definitivamente, por culpa de Throgmorten. Christopher sabia que o culpado era ele próprio, por não ter recolocado a vara da cortina de maneira correta. A extremidade que ficava mais distante de Throgmorten e mais próxima de Christopher desprendeuse e mergulhou como um arpão, com as cortinas deslizando ruidosamente por ele e Throgmorten pendurado, agarrando-se freneticamente.

Por um instante, Christopher viu os olhos aterrorizados de Throgmorten fixos nos seus, enquanto o gato escorregava pela vara da cortina. Então a extremidade de cobre atingiu o centro do peito de Christopher, penetrando nele como a lança havia feito. Não era aguçada e tampouco tão pesada, mas atravessou-o mesmo assim. Um instante depois, Throgmorten aterrissou no seu estômago, todo garras e pânico. Christopher achou que havia soltado um grito. De qualquer maneira, alguém — ele ou Throgmorten — fez barulho suficiente para atrair a Última Governanta, que veio correndo. A última coisa que Christopher enxergou naquela ocasião foi a Última Governanta em sua camisola branca, o rosto cinzento de

horror, movendo as mãos era gestos rápidos e estranhos, e balbuciando palavras muito esquisitas...

Ele despertou muito tempo depois — à tarde, a julgar pela luz —, com uma forte dor no peito e sem muita certeza das coisas, e escutou a voz do tio Ralph.

— É uma droga de uma chateação, Effie, justamente quando as coisas estavam parecendo tão promissoras! Ele vai ficar bem?

— Acho que sim — respondeu a Última Governanta. Os dois estavam parados junto à cama de Christopher. — Cheguei aqui a tempo de pronunciar um feitiço cessante, e parece que está cicatrizando.

Christopher pensou: engraçado, ele não sabia que ela era bruxa! Ela prosseguiu:

— Não tive coragem de contar à sua irmã.

— Não conte. Ela tem seus planos para ele prontinhos, e vai colocar um ponto final nos meus, se descobrir — disse o tio Ralph. — Droga de gato! Tenho coisas preparadas em todos os Mundos Vinculados por causa daquela primeira viagem, e não quero ser obrigado a cancelar tudo. Acha que ele vai se recuperar?

— Com o tempo, sim. Há um feitiço poderoso no curativo — afirmou a Última Governanta.

— Então serei obrigado a adiar tudo — disse o tio Ralph, em tom não muito satisfeito. — Pelo menos temos o gato. Para onde foi aquela coisa?

— Está debaixo da cama. Tentei tirá-lo daí, mas tudo o que consegui foi levar uns arranhões — contou a Última Governanta.

— Mulheres! — exclamou o tio Ralph. — Eu vou pegá-lo. Christopher escutou o ruído dos joelhos

do tio apoiando-se no chão. A voz dele chegou-lhe de baixo para cima:

— Aqui, gatinho. Vem, gatinho, vem...

Houve uma forte explosão de ruídos felinos. Christopher ouviu então o som dos joelhos do tio Ralph afastando-se da cama, e a voz dele soltando uma torrente de palavrões.

— Este animal é um demônio! Arrancou pedaços de mim! — ele finalizou. Então sua voz veio de mais alto e mais longe. —

Não deixe que ele fuja. Coloque um feitiço aprisionante neste quarto até eu voltar.

— Aonde vai? — perguntou a Última Governanta.

— Vou buscar luvas de couro grosso e um veterinário — informou da porta a voz do tio Ralph. — E um gato do Templo de Asheth. Não tem preço. Qualquer mago pagaria quinhentas libras só por dois centímetros das tripas dele ou por uma das suas garras. Os olhos valem muitos milhares de libras cada um. Portanto, faça um feitiço forte e seguro; posso levar uma hora ou mais para encontrar um veterinário.

Depois disso, fez-se silêncio. Christopher cochilou. Acordou sentindo-se tão melhor que sentou e deu uma olhada no ferimento. A Última Governanta o tinha coberto eficientemente com um grande curativo branco. Christopher espiou debaixo dele com grande interesse. A ferida era um buraco redondo e vermelho, muito menor do que ele esperava. E mal provocava dor.

Enquanto pensava em um modo de descobrir a profundidade do ferimento, ele escutou um uivo pe-

netrante vindo do peitoril da janela às suas costas. Olhou para trás. A vidraça estava semi-aberta — pois a Última Governanta tinha paixão pelo ar fresco — e Throgmorten estava acorado no peitoril, olhando fixo para o menino com um olhar de apelo. Quando viu que Christopher estava olhando, Throgmorten estendeu uma das patas munidas de lâminas e arranhou com elas o espaço vazio entre a vidraça e o peitoril da janela. Suas garras fizeram no ar o som de uma pessoa arranhando um quadro-negro.

— Wong — Throgmorten ordenou.

Christopher tinha vontade de saber por que motivo Throgmorten pensava que ele estava do seu lado. Afinal, de um modo ou de outro, Throgmorten quase o matara.

— Wong? — Throgmorten repetiu em tom lastimoso. Christopher pensou: por outro lado, nenhuma das quase-

mortes havia sido por culpa de Throgmorten. E embora Throgmorten fosse provavelmente o gato mais feio e malvado de qualquer Um Lugar, não lhe parecia justo seqüestrá-lo e arrastá-lo para um mundo desconhecido e então deixar que ele fosse vendido para os magos pedacinho por pedacinho.

— Está bem — disse, e desceu da cama. Throgmorten levantou-se ansiosamente, erguendo a cauda fina e castanha, como uma cobra.

— E, mas não sei direito como quebrar feitiços — continuou, aproximando-se com muita cautela.

Throgmorten recuou e não fez menção de arranhá-lo. Christopher estendeu a mão para a parte aberta da janela. O espaço vazio dava a sensação de ser

de borracha, e cedeu quando ele o pressionou, mas ele não conseguiu atravessá-lo com a mão, mesmo empurrando com força. Assim, fez a única coisa que lhe ocorreu; abriu mais ainda a vidraça. Sentiu o feitiço rasgar-se como uma teia de aranha muito resistente.

— Wong! — fez Throgmorten, como quem agradece.

E então partiu. Christopher observou-o descer a galope um cano em diagonal e levitar até uma janela quando o capo acabou. Dali foi um salto fácil para o topo de uma janela de sacada e depois para o chão. A figura castanha de Throgmorten afastou-se trotando para dentro dos arbustos e espremeu-se sob a cerca do terreno vizinho, já com o ar de quem está procurando passarinhos para matar e outros gatos para atacar. Christopher colocou cuidadosamente a vidraça de volta à posição em que a encontrara, e retornou para a cama.

Quando tornou a despertar, Mamãe estava do lado de fora da porta perguntando ansiosamente:

— Como é que ele está? Espero que não seja contagioso.

— Nem um pouco, senhora — disse a Última Governanta.

Então Mamãe entrou, enchendo o quarto com os seus perfumes — o que vinha a calhar, pois Throgmorten havia deixado seu próprio odor penetrante debaixo da cama — e olhou para Christopher.

— Ele parece um pouco pálido — comentou. — Será que precisamos chamar o médico?

— Já providenciei tudo isso, senhora — disse a Última Governanta.

— Obrigada — disse Mamãe. — Não deixe que

isto interrompa os estudos dele.

Depois que Mamãe saiu, a Última Governanta pegou o seu guarda-chuva e cutucou debaixo da cama e atrás dos móveis, procurando Throgmorten.

— Onde será que ele se meteu? — exclamou, erguendo-se para cutucar o espaço no alto do armário.

— Não sei. Ele estava aqui antes de eu adormecer — disse Christopher sem mentir, já que sabia que Throgmorten estaria bem longe a essa altura.

— Sumiu! — exclamou a Última Governanta.
— Um gato não pode simplesmente desaparecer!

Christopher disse experimentalmente:

— Era um gato do Templo de Asheth.

— É verdade. Eles são mesmo loucamente mágicos, a julgar pelo que todos dizem. Mas o seu tio não vai ficar nem um pouquinho satisfeito de saber que ele fugiu.

Aquilo fez Christopher sentir-se decididamente culpado. Não conseguiu tornar a adormecer e quando, cerca de uma hora depois, ouviu passos pesados e rápidos aproximando-se da porta, sentou-se de imediato, perguntando-se o que iria dizer ao tio Ralph.

Mas o homem que entrou não era o tio Ralph. Era um total desconhecido — mas não, era Papai! Christopher reconheceu as costeletas negras. O rosto de Papai também era bastante familiar, porque era bem parecido com o seu próprio, exceto pelas costeletas e por um ar solene e ansioso. Christopher ficou atônito, porque imaginava — sem que qualquer pessoa algum dia lhe tivesse dito — que Papai abandonara o lar, envergonhado, depois do que quer que tenha saído errado com o dinheiro.

— Você está bem, filho? — Papai perguntou.

O modo apressado e preocupado como ele falou, e o modo como olhava nervosamente para trás, em direção à porta, revelaram a Christopher que Papai havia realmente deixado o lar e não desejava ser encontrado ali. Aquilo tornava claro que Papai viera especialmente para ver Christopher, o que deixou o menino ainda mais atônito.

— Estou muito bem, obrigado — Christopher respondeu educadamente. Não tinha a menor idéia de como falar com Papai cara a cara. A polidez pareceu-lhe o modo mais seguro.

— Tem certeza disso? — Papai perguntou, encarando-o com olhar atento. — O feitiço-de-vida que tenho de você mostrou... Na verdade, ele parou, como se você estivesse... hum... Francamente, achei que pudesse estar morto.

Christopher ficou ainda mais atônito.

— Ah, não, estou me sentindo muito melhor, agora — disse.

— Graças a Deus! — Papai exclamou. — Devo ter cometido um erro na hora de fazer o feitiço. Parece que isso agora virou um hábito para mim. Mas fiz o seu horóscopo, também, e verifiquei muitas vezes, e tenho que lhe avisar que os próximos 18 meses serão uma época de grande perigo para você, meu filho. Deve tomar muito cuidado.

— Sim, vou tomar — disse Christopher.

E falava a sério. Se fechasse os olhos, ainda conseguiria ver a vara de ferro da cortina caindo sobre ele. E era preciso ficar tentando não pensar no modo como a lança saía do seu peito.

Papai inclinou-se um pouco mais e tornou a olhar furtivamente para a porta.

— Aquele irmão da sua Mamãe, Ralph Argent, ouvi dizer que ele está tomando conta dos negócios dela — disse. — Tente ter com ele o menor contato possível, meu filho. Não é uma boa pessoa.

E, tendo dito isto, Papai deu um tapinha no ombro de Christopher e retirou-se às pressas. Christopher ficou bastante aliviado. De um modo ou de outro, Papai o deixava muito constrangido, e ele agora estava ainda mais preocupado com o que iria dizer ao tio Ralph.

Para seu grande alívio, contudo, a Última Governanta avisou-lhe que o tio Ralph não viria. Mandara dizer que estava chateado demais por perder Throgmorten para ser um bom visitante para um doente.

Christopher suspirou, aliviado, e acomodou-se para aproveitar a sua situação de inválido. Fez desenhos, comeu uvas, leu livros e esticou a doença pelo máximo de tempo que conseguiu. Isso não foi fácil; na manhã seguinte a ferida era apenas uma casquinha redonda que coçava, e no terceiro dia ela mal se percebia. No quarto dia, a Última Governanta obrigou-o a levantar-se e tomar aulas, como de costume; mas havia sido maravilhoso enquanto durou.

No dia seguinte a esse, a Última Governanta disse:

— O seu tio deseja tentar outra experiência amanhã. Desta vez ele quer que você se encontre com o homem na Série Oito. Acha que estará se sentindo suficientemente bem?

Christopher sentia-se perfeitamente bem, e,

contanto que ninguém lhe pedisse para chegar perto da Série Dez outra vez, estava disposto a partir em outro sonho.

A Série Oito mostrou ser um Um Lugar melancólico e pedregoso acima da Série Nove. Christopher não havia gostado muito de lá quando o explorara sozinho, mas Tacroy ficou tão feliz ao vê-lo que isso teria feito valer a pena até se o lugar fos-se bem pior.

— Mas que prazer em ver você! Já tinha me resignado a ter sido a causa da sua morte — disse, enquanto Christopher o solidificava. — A minha vontade era de dar um chute em mim

mesmo, por ter convencido o seu tio a lhe pedir para ir buscar um animal! Todo mundo sabe que criaturas vivas causam toda espécie de problemas, e já comuniquei a ele que nunca mais tentaremos isso. Está realmente bem?

— Ótimo! — disse Christopher. — Meu peito estava liso quando acordei.

Na verdade, a coisa estranha sobre ambos os acidentes era que os arranhões de Throgmorten haviam levado duas vezes mais tempo para cicatrizar do que qualquer dos dois ferimentos. Mas Tacroy pareceu achar isso tão difícil de acreditar, e mostrava-se tão cheio de sentimento de culpa, que Christopher ficou sem graça e mudou de assunto.

— Ainda está com a moça que é feita de material mais resistente? — perguntou.

— Mais resistente do que nunca — disse Tacroy, ficando de imediato muito mais alegre. — Neste exato momento aquela infeliz está me deixando arrepiado com a sua flauta. Dê uma olhada no vale lá

embaixo. O seu tio andou trabalhando depois que você... depois do seu acidente.

O tio Ralph havia aperfeiçoado a carroça sem cavalos. Ela estava parada na grama rala ao lado do córrego, sólida como qualquer outra coisa, embora parecesse mais um rústico trenó de madeira do que qualquer tipo de carroça. Alguma coisa havia sido aperfeiçoada nela, pois Tacroy conseguiu pegar a corda amarrada à parte da frente e, quando a puxou, a carroça veio deslizando vale abaixo atrás dele sem na realidade tocar no chão.

— Ela deve voltar para Londres comigo quando eu retornar para o meu sótão — ele explicou. — Sei que não parece provável, mas o seu tio me garantiu que desta vez fez tudo certo. A questão é: ela voltará com uma carga, ou a carga ficará para trás? E isto que a experiência de hoje vai descobrir.

Christopher teve que ajudar Tacroy a puxar o trenó encosta acima pelo caminho pedregoso atrás do vale. Tacroy nunca conseguia ficar suficientemente sólido para puxar com eficácia. Depois de muito tempo, chegaram a uma casa de fazenda feita de pedra, a meio caminho do alto do morro, onde um grupo de mulheres silenciosas, de braços roliços, esperavam no quintal junto a um monte de pacotes cuidadosamente embrulhados em seda encerada. Os pacotes tinham um cheiro estranho, que era abafado pelo forte hálito de alho das mulheres; o ar encheu-se de ondas de alho quando o trenó parou e as mulheres puseram-se a erguer do chão os pacotes e a tentar colocá-los no trenó. Mas os pacotes atravessavam o trenó e caíam no chão abaixo dele.

— Não adianta — Tacroy concluiu. — Pensei que estivessem avisadas. Deixem que Christopher faça isso.

Foi um trabalho árduo. As mulheres observavam, desconfiadas, enquanto Christopher empilhava os pacotes no trenó e os amarrava no lugar com corda. Tacroy tentou ajudar, mas não estava suficientemente sólido, e suas mãos atravessavam os pacotes. No vento forte, Christopher sentia cansaço e frio. Quando uma das mulheres deu-lhe um sorriso franco e amistoso e convidou-o para entrar um instante e beber alguma coisa, ele aceitou com prazer.

— Hoje não, obrigado — disse Tacroy. — É melhor voltarmos. Esta coisa ainda é experimental e não temos certeza de quanto tempo os feitiços vão durar.

Ele percebeu que Christopher ficou decepcionado. Enquanto puxavam o trenó morro abaixo, ele disse:

— Entendo o que está sentindo. Vamos chamar isto de viagem de negócios. O seu tio pretende corrigir esta carroça segundo o desempenho dela esta noite. Minha profunda esperança é de que ele consiga fazê-la suficientemente sólida para ser carregada pelas pessoas que trazem a carga, para poupar você deste trabalho.

— Mas gosto de ajudar — Christopher protestou. — Além do mais, como você a puxaria, se eu não estivesse aqui para solidificá-lo?

— Isto é verdade — disse Tacroy. Ficou pensando nisso enquanto chegavam ao sopé do morro e começavam a subir o vale com a corda esticada sobre o ombro. — Tem uma coisa que preciso lhe dizer —

ofegou. — Está aprendendo magia?

— Acho que não — Christopher respondeu.

— Bom, devia estar — Tacroy ofegou. — Deve ter o maior talento que já encontrei. Peça a sua mãe para deixar que tome aulas.

— Acho que Mamãe quer que eu seja missionário — Christopher contou.

Ouvindo isso, Tacroy apertou os olhos.

— Tem certeza? Não ouviu errado? Será que a palavra não era “mago”?

— Não. Ela diz que devo entrar para a Alta Sociedade — Christopher insistiu.

— Ah, a Alta Sociedade! — Tacroy repetiu em tom nostálgico, ofegando. — Eu mesmo sonho em entrar na Alta Sociedade, todo bonitão em um terno de veludo e cercado de moças tocando harpas.

— Os missionários usam terno de veludo? — Christopher quis saber. — Ou você está falando do Paraíso?

Tacroy ergueu o olhar para o céu cinzento e tempestuoso.

— Acho que esta conversa não está levando a parte alguma — arrematou. — Tente outra vez. O seu tio me disse que você logo vai embora para a escola. Se for um colégio decente, deverão ensinar magia como matéria extra. Promete que vai pedir permissão para estudar magia?

— Está bem — Christopher concordou. A menção da escola deu-lhe um espasmo nervoso bem no fundo do estômago. — Como é que são as escolas?

— Cheias de crianças — disse Tacroy. — Não quero que fique com idéias preconcebidas. — A essa

altura, ele conseguira, com esforço, chegar ao topo do vale, onde a névoa do Lugar do Meio formava redemoinhos à frente deles. — Agora vem a parte complicada. O seu tio achou que esta coisa pode ter mais chance de chegar com sua carga se você lhe der um empurrão quando eu estiver indo embora — acrescentou. — Mas antes de ir... Na próxima vez que você se encontrar em um Templo pagão e começarem a persegui-lo, deve largar tudo e atravessar a parede mais próxima. Entendeu? Bom, pelo jeito que vão as coisas, acho que nos veremos daqui a uma semana.

Christopher firmou o ombro contra a parte traseira da carroça e empurrou, enquanto Tacroy penetrava na neblina segurando a corda. A carroça inclinou-se para um lado e deslizou encosta abaixo atrás dele. Assim que penetrou na névoa, ela adquiriu uma aparência leve e fina, como uma pipa, e como uma pipa ela mergulhava e dançava, até desaparecer de vista.

Christopher subiu de volta para casa perdido nos seus pensamentos. Ficara perturbado ao descobrir que sem saber estivera no Um Lugar onde viviam os pagãos. Pensava: nada o faria voltar à Série Dez agora. Além disso, gostaria que a mãe não houvesse decidido que ele deveria ser missionário.



Capítulo VI

Daí em diante, o tio Ralph preparava uma experiência por semana. Segundo Tacroy, ele havia ficado muito contente porque a carroça e os pacotes chegaram ao sótão de Tacroy sem o menor problema. Dois magos e um bruxo haviam refinado o feitiço da carroça até ela ter condições de ficar em outro Um Lugar até durante um dia inteiro. As experiências tornaram-se muito mais divertidas. Tacroy e Christopher puxavam a carroça até o lugar onde a carga já estava esperando, sempre cuidadosamente embrulhada em pacotes de dimensões adequadas para Christopher carregar; depois que Christopher colocava tudo na carroça, ele e Tacroy partiam em exploração.

Tacroy insistia nessas explorações. Explicava às pessoas que traziam os pacotes:

— Os passeios são a bonificação dele. Estare-

mos de volta dentro de uma hora, mais ou menos.

Na Série Um eles foram ver os espantosos trens-anéis; os anéis ficavam bem acima do chão, sobre postes separados entre si por muitos quilômetros, e os trens passavam disparados dentro deles com um barulho como se o céu se rasgasse, sem tocar nos anéis. Na Série Dois eles vagaram por um labirinto de pontes acima de um emaranhado de rios, observando a água para ver as enguias gigantes descansando com o queixo apoiado nos bancos de areia, enquanto criaturas ainda mais estranhas grunhiam e chafurdavam na lama sob as pontes. Christopher suspeitava que Tacroy gostava tanto quanto ele de explorar, pois estava sempre muito alegre durante essa parte da viagem.

— É muito diferente dos tetos inclinados e das paredes descascadas. Não tenho oportunidade de viajar para fora de Londres muitas vezes — Tacroy confessou, enquanto ensinava Christopher a construir um belo castelo de areia na praia da Série Cinco. A Série Cinco mostrou ser o Um Lugar onde Christopher encontrara as mulheres tolas. Era toda composta de ilhas.

— Isto é melhor do que um feriado em Brighton! — Tacroy comentou, contemplando as ondas de um azul brilhante que se quebravam ao longe — Quase tão bom quanto uma tarde jogando críquete. Gostaria de ter condições de viajar mais.

— Então você perdeu todo o seu dinheiro? — Christopher perguntou, sentindo-se solidário.

— Nunca tive dinheiro para perder — Tacroy respondeu. — Fui uma criança encontrada.

Nessa ocasião Christopher não fez mais per-

guntas sobre isso, porque estava distraído com a esperança de que as sereias viessem, como costumavam fazer. Mas embora olhasse e aguardasse, nem uma única sereia apareceu.

Ele voltou ao assunto na semana seguinte, na Série Sete. Enquanto seguiam um homem de aparência cigana que os levava para ver a Grande Geleira, ele perguntou a Tacroy o que era uma criança “encontrada”.

— Significa que alguém me encontrou — Tacroy respondeu em tom alegre. — Esse alguém, no meu caso, foi um Capitão da Marinha muito simpático e muito devoto, que me encontrou ainda bebê em uma ilha, em algum lugar. Disse que o Senhor havia me enviado. Não sei quem foram os meus pais.

Christopher ficou impressionado.

— É por isso que você está sempre tão alegre? — quis saber. Tacroy riu.

— Geralmente estou alegre — disse. — Mas hoje sinto-me particularmente satisfeito porque finalmente consegui me livrar da moça flautista. O seu tio encontrou para mim uma simpática vovozinha que toca violino bastante bem. Talvez seja isso, ou talvez seja por influência sua, mas sinto-me mais sólido a cada passo.

Christopher olhou para ele, caminhando à sua frente ao longo da trilha na montanha. Tacroy parecia tão sólido quanto os rochedos que se erguiam de um dos lados, e tão real quanto o homem de aparência cigana que caminhava à frente dos dois.

— Acho que você está melhorando muito — afirmou.

— Pode ser. Creio que você elevou os meus padrões. No entanto, sabe, jovem Christopher, que até você aparecer, eu era considerado o melhor viajante espiritual do país?

Nesse momento o cigano gritou e acenou, chamando-os para ver a geleira. Ela ficava acima deles, nas rochas: um imenso V de um branco sujo. Christopher não achou grande coisa. Para os seus olhos, aquilo era, na maior parte, simplesmente neve antiga e suja — embora fosse certamente muito grande. O gigantesco topo de gelo, de um cinza quase transparente, era curvado como o topo de uma onda e pendia sobre eles, e desse topo escorria e jorrava água. A Série Sete era um mundo estranho, todo montanhas e neve, mas surpreendentemente quente também. Nos lugares onde caía a água que jorrava da geleira, o calor provocara um grande crescimento de estridentes samambaias verdes e transbordantes árvores tropicais. De um musgo violentamente verde cresciam taças vermelhas grandes como chapéus, todas orvalhadas de água. Era como olhar para o Pólo Norte e o Equador ao mesmo tempo. Os três pareciam minúsculos sob ela.

— Impressionante — disse Tacroy. — Conheço duas pessoas que são como esta coisa. Uma delas é o seu tio.

Christopher achou aquilo um disparate; o tio Ralph em nada se parecia com a Grande Geleira. Durante toda a semana seguinte ele ficou magoado com Tacroy. Mas isso passou quando sem mais nem menos a Última Governanta apareceu com um presente: uma pilha de roupas novas, todas resistentes e práticas.

— Você deve usá-las quando partir na próxima

experiência — explicou. — O emissário do seu tio andou criando caso. Diz que você sempre está vestido de trapos, que na última vez batia o queixo de frio. Não queremos que fique doente, não é mesmo?

Christopher não havia percebido que estivera sentindo frio, mas ficou grato a Tacroy. Suas roupas velhas tinham ficado tão apertadas que o atrapalhavam quando ele subia pelo Lugar do Meio. Concluiu que afinal gostava de Tacroy.

Quando, na Série Quatro, ele estava carregando a carroça com pacotes retirados de um imenso barracão de metal, perguntou:

— Ei, será que posso ir visitar você no seu sótão? Também moramos em Londres.

— Você mora em um lugar bem diferente. Não ia gostar nem um pouco do bairro era que fica o meu sótão — Tacroy apressou-se a responder.

Christopher protestou que aquilo não tinha importância; queria ver Tacroy em carne e osso, e estava muito curioso para conhecer o sótão onde ele morava. Mas Tacroy sempre arranjava uma desculpa. Christopher insistia em pedir, pelo menos duas vezes em cada experiência, até a ocasião em que foram novamente à triste e pedregosa Série Oito — e onde Christopher se sentiu muito satisfeito com suas roupas quentinhas. Ali, Christopher, inclinado para a lareira da fazenda, enquanto aquecia os dedos em volta de uma caneca de leite maltado amargo, tornou a perguntar, levado pela gratidão para com Tacroy:

— Ah, por favor, posso visitar você no sótão onde mora?

— Ah, esqueça, Christopher — Tacroy res-

pondeu, como se estivesse cansado daquele assunto. — Eu o convidaria com muito prazer, mas o seu tio exige que você só me veja enquanto estamos fazendo uma experiência. Se eu lhe disser onde moro, perderei o emprego. E simples.

— Eu poderia procurar em todos os sótãos, gritar o seu nome e perguntar às pessoas, até encontrar a sua casa — Christopher sugeriu com malícia.

— Não poderia, não — contestou Tacroy. — Se tentasse, não conseguiria coisa alguma. Tacroy é o meu nome espiritual; em carne e osso tenho um nome completamente diferente.

Christopher teve que se resignar e aceitar, embora não compreendesse nem um pouquinho.

Enquanto isso, a hora de partir para a escola aproximava-se muito depressa. Christopher esforçava-se bastante para não pensar naquilo, mas era difícil esquecer, quando tinha de passar tanto tempo experimentando roupas novas. A Última Governanta costurou nas roupas etiquetas com o seu nome — C. CHANT — e arrumou-as em um reluzente baú de flandres preto, também com C. CHANT escrito em grossas letras brancas. Esse baú logo foi levado por um carregador cujos braços roliços lembraram a Christopher as mulheres na Série Oito, e o mesmo carregador levou todos os baús de Mamãe também, só que os dela tinham o endereço de Baden Baden, ao passo que o de Christopher dizia: “Colégio Penge, Surrey”.

No dia seguinte, Mamãe partiu para Baden Baden. Antes de ir embora, ela veio despedir-se de Christopher, enxugando os olhos com um lenço de renda azul que combinava com seu traje de viagem.

— Lembre-se de se comportar bem e aprender muito — disse. — E não se esqueça: quando você crescer, sua mãe quer ficar muito orgulhosa de você. — Ofereceu a face perfumada para Christopher beijar e recomendou à Última Governanta: — Não deixe de levá-lo ao dentista.

— Não me esquecerei, senhora — disse a Última Governanta no seu tom mais sem graça.

Por um motivo qualquer, sua beleza oculta nunca aparecia na frente de Mamãe.

Christopher não gostou do dentista. Depois de bater e raspar dentro da boca de Christopher como se estivesse tentando fazer com que todos os seus dentes caíssem, o dentista fez um longo discurso sobre a posição torta e deslocada que eles tinham, até que Christopher começou a imaginar-se com caninos como os de Throgmorten. O homem fez Christopher usar um aparelho grande e brilhante, que ele nunca deveria retirar, nem mesmo à noite. Christopher detestava o aparelho, a tal ponto que isso quase afastou da sua mente os seus temores em relação ao colégio.

Na plataforma da estação, quando chegou a hora, Christopher de repente sentiu-se apavorado: aquele era realmente o primeiro passo no caminho para se tornar um missionário e ser devorado pelos pagãos. O terror parecia retirar toda a vida que havia nele, começando pelo rosto, que ficou rígido, e depois descendo até as pernas, que ficaram bambas. E parecia que o seu terror crescia ainda mais porque ele não tinha a menor idéia de como era o colégio.

Mal escutou a Última Governanta dizer:

— Adeus, Christopher. O seu tio disse que vai

lhe dar um mês para você se adaptar. E quer que você vá encontrar o emissário dele, como sempre, no dia 8 de outubro, na Série Seis. Entendeu direitinho?

— Sim — disse Christopher, sem ter ouvido uma só palavra.

Ele entrou no vagão do trem como um condenado indo para a execução. Havia dois outros meninos novos no vagão. O pequeno e magrela, chamado Fenning, estava tão nervoso que a todo momento debruçava-se para fora da janela para vomitar. O outro chamava-se Oneir, e era tranqüilizadoramente comum. Quando o trem chegou à estação da escola, Christopher fizera uma amizade sólida com os dois. Decidiram denominar-se O Trio Terrível, mas na realidade todos na escola os chamavam de Três Ursos. “Alguém tomou a minha sopa!”, gritavam, sempre que os três entravam juntos. Isto porque Christopher era alto, embora até então não soubesse disso, e Fenning era pequeno, ao passo que Oneir ficava em um confortável meio-termo.

Antes do final da primeira semana, Christopher se perguntava de que sentira tanto medo. A escola tinha suas desvantagens, naturalmente, como a comida e alguns dos professores, e também vários alunos mais antigos, mas essas desvantagens pouco representavam, em comparação ao grande divertimento de estar com vários meninos da sua idade e ter dois amigos de verdade. Christopher descobriu que os professores detestáveis e a maioria dos meninos mais velhos deviam ser tratados como se tratam as Governantas: com muita educação, contando-se a verdade do modo como eles desejavam ouvir, e assim eles ficavam pensando

que haviam vencido e deixavam Christopher em paz.

As aulas eram fáceis — aliás, a maioria das coisas novas que Christopher aprendeu foi com os outros meninos. Em menos de três dias ele havia aprendido o suficiente — sem saber muito bem como isso acontecera — para entender que Mamãe jamais tivera a intenção de que ele se tornasse missionário. Aquilo fez com que se sentisse um pouco tolo, mas ele não deixou que isso o perturbasse. Quando pensava em Mamãe, era com muito mais carinho, e dedicou-se aos estudos com total satisfação.

As únicas aulas que ele não apreciava eram as de magia. Christopher constatou, para sua surpresa, que alguém o matriculara no curso de magia, que era fora do currículo. Tinha uma vaga idéia de que talvez fosse Tacroy o responsável. Se assim fosse, Christopher não mostrava sinais do grande talento para a magia que Tacroy julgava que ele tivesse; os feitiços elementares que era obrigado a aprender deixavam-no quase morrendo de tédio.

— Por favor, controle o seu entusiasmo, Chant. Estou cansado de olhar para as suas amídalas — dizia incisivamente o professor de magia.

Depois de duas semanas de aulas, o professor de magia sugeriu que Christopher desistisse do curso. O menino sentiu-se tentado a concordar. Mas a essa altura havia descoberto que se saía bem em todas as outras matérias, e detestava a idéia de fracassar em uma única que fosse.

Além disso, a Deusa grudara seus pés no chão através da magia, e ele queria muito aprender a fazer isso também.

— Mas minha mãe está pagando por essas aulas, senhor. De agora em diante vou me esforçar mais — respondeu virtuosamente.

Ao sair dali, ele fez uma combinação com Oneir pela qual faria os deveres de álgebra para Oneir e este faria funcionar para Christopher aqueles feitiços chatos. Depois disso, Christopher passou a cultivar uma expressão vaga para disfarçar o tédio e ficava olhando pela janela.

— Divagando outra vez, Chant? — o professor de magia passou a perguntar. — Não consegue mais dar um bocejo honesto?

Com exceção dessa aula semanal, a escola era tão inteiramente do agrado de Christopher que durante bem mais de um mês ele não se lembrou do tio Ralph ou em qualquer coisa relacionada com o passado. Mais tarde, recordando, muitas vezes pensava que, se soubesse como seria curto o tempo em que ficaria naquele colégio, teria se preocupado em aproveitar ainda mais.

No início de novembro ele recebeu uma carta do tio Ralph:

Meu camarada:

Qual é, exatamente, a sua intenção? Pensei que tivéssemos uma combinação. As experiências estão esperando por você desde outubro, e os planos de muitas pessoas foram estragados. Se existe alguma coisa errada e você não tem condições de continuar com elas, escreva-me para contar o que é. Caso contrário, seja um bom camarada, mexa esse seu traseiro e vá ao encontro do meu emissário como de costume, na próxima quinta-feira. Seu tio carinhoso, porém perplexo,

Ralph

Isso provocou em Christopher um grande sentimento de culpa. Embora imaginasse Tacroy entrando em transe inutilmente no seu sótão, a maior parte da sua culpa era por causa da Deusa, por mais estranho que isso parecesse. A escola lhe ensinara a não fazer pouco caso de promessas e trocas; ele havia jurado trocar Throgmorten por livros, e decepcionara a Deusa, mesmo sendo ela apenas uma menina. A turma do colégio considerava isso muito pior do que não fazer o que o tio queria. Com a consciência pesada, Christopher entendeu que teria que gastar finalmente a moeda de ouro do tio Ralph, se pretendia dar à deusa algo quase tão precioso quanto Throgmorten. Achava isso uma pena, porque sabia agora que um soberano de ouro era muito dinheiro. Mas pelo menos ainda teria os seis pence do tio Ralph.

O problema era que a escola lhe ensinara também que as meninas eram um Completo Mistério e muito diferentes dos meninos. Ele não fazia a menor idéia dos livros que as meninas apreciavam. Foi forçado a consultar Oneir, que tinha uma irmã mais velha.

— Era tudo água-com-açúcar. Não me lembro dos títulos — disse Oneir, dando de ombros.

— Então, será que você vai comigo até a livraria para ver se encontra algum deles? — Christopher pediu.

— Pode ser. Que é que eu ganho com isso? — Oneir quis saber.

— Faço o seu dever de geometria esta noite, além do de álgebra — Christopher propôs.

Assim combinados, Oneir e Christopher foram

até a livraria, no intervalo entre as aulas e o chá. Ali, Oneir quase de imediato pegou “As mil e uma noites (Sem Cortes)”.

— Este é bom — declarou.

Em seguida escolheu um livro chamado “A pequena Tanya e as Fadas”, que Christopher folheou e devolveu depressa à estante.

— Sei que minha irmã leu este — Oneir afirmou, meio ofendido. — Quem é a garota a quem você vai dar os livros?

— Ela tem mais ou menos a nossa idade — Christopher explicou. Como Oneir ficasse olhando para ele como quem esperasse mais explicações, e ele tinha certeza de que Oneir não acreditaria que alguém se chamasse Deusa, acrescentou: — Tenho uma prima chamada Caroline.

Até aí, era verdade; Mamãe certa vez lhe mostrou uma foto de estúdio da prima cercada de rendas e cachos. Oneir não precisava saber que esse fato nada tinha a ver com a frase anterior.

— Então espere um segundo e vou ver se consigo encontrar alguma coisa realmente melosa — disse Oneir.

Ele seguiu ao longo da estante, deixando Christopher a folhear “As mil e uma noites”. Pelas ilustrações, percebia que o livro era sobre algum lugar muito parecido com o Um Lugar da própria Deusa, e calculou que ela o consideraria educativo.

— Ah, achei! Isto é água-com-açúcar das mais enjoativas! — Oneir chamou-o, apontando para uma prateleira inteira. — Estes livros da Millie, a nossa casa está cheia deles.

Christopher leu: “Millie vai para a escola”, “Millie de Lowood House”, “Millie entra no jogo”. Ele pegou um livro chamado “O melhor momento de Millie”. Na capa havia algumas meninas uniformizadas, bem coloridas, e, era letras pequenas: “Outra história didática e inspiradora sobre a sua estudante favorita. Você vai chorar com Millie, alegrar-se com Millie, e encontrar novamente todos os seus amigos da Escola de Lowood House...”

— Sua irmã gosta mesmo disto? — ele perguntou, incrédulo.

— Ela adora — Oneir afirmou. — Lê cada um várias vezes, e chora cada vez que lê.

Embora isso parecesse uma maneira estranha de apreciar um livro, Christopher tinha certeza de que Oneir sabia do que estava falando. Os livros custavam dois xelins e meio cada um. Christopher escolheu os cinco primeiros, até “Millie na quarta série”, e com o resto do dinheiro comprou para si mesmo o “Mil e uma noites”. Afinal, o dinheiro era seu.

— Pode embrulhar os livros da Millie em alguma coisa impermeável? — pediu ao vendedor. — Eles vão para outro país.

O vendedor conseguiu algumas folhas de papel encerado e, sem que Christopher lhe pedisse, fez uma alça de barbante para o pacote.

Naquela noite Christopher escondeu o pacote na cama. Oneir furtou uma vela da cozinha e leu em voz alta o “Mil e uma noites”, que se mostrou uma compra excelente. Ao que parecia, “Sem Cortes” significava que haviam colocado nele toda espécie de interessantíssimos detalhes indecentes. Christopher

ficou tão absorto que quase se esqueceu de planejar como chegar ao Lugar do Meio a partir do dormitório. Provavelmente era importante rodear uma quina. Ele concluiu que a melhor quina do aposento era a que ficava depois das pias, bem ao lado da cama de Fenning, e então se acomodou para escutar Oneir até a vela queimar inteiramente. Depois disso ele partiria.

Para sua exasperação, nada aconteceu. Durante horas Christopher ficou deitado escutando os roncos, os resmungos e a respiração pesada dos outros meninos. Finalmente levantou-se com o pacote e, pé ante pé, percorreu o chão frio do dormitório até a quina perto da cama de Fenning. Mas sabia, mesmo antes de trombar com as pias, que aquilo não daria certo. Voltou para a cama e ficou deitado durante mais algumas horas, porém nada aconteceu, mesmo depois ele adormeceu.

No dia seguinte era quinta-feira, o dia em que ele deveria encontrar-se com Tacroy. Sabendo que estaria ocupado demais para entregar os livros naquela noite, Christopher trancou-os na sua mesa de cabeceira e ele próprio leu em voz alta o “As mil e uma noites”, para que pudesse controlar o momento em que todos estivessem adormecidos. E assim fez. Todos os outros meninos começaram a roncar, resmungar e respirar fundo como sempre faziam, e Christopher ficou acordado, sozinho, incapaz de chegar ao Lugar do Meio ou de adormecer.

A essa altura ele estava seriamente preocupado. Talvez a única maneira de chegar aos Uns Lugares fosse a partir do quarto das crianças na casa de Londres. Ou talvez fosse uma capacidade que ele perdera

ao crescer. Imaginou Tacroy em um transe inútil, e a Deusa jurando que a vingança de Asheth cairia sobre ele, e nessa noite ouviu os pássaros começando a cantar, antes que conseguisse adormecer.



Capítulo VII

Na manhã seguinte, a Inspetora percebeu que Christopher tinha os olhos fundos e andava aos tropeços, semi-adormecido. E foi direto a ele.

— Não consegue dormir, não é? Sempre observe os alunos que usam aparelho nos dentes. Acho que esses dentistas não sabem como o aparelho é incômodo. Esta noite vou até o seu quarto retirá-lo, antes que as luzes sejam apagadas, e de manhã você poderá vir buscá-lo comigo. Faço a mesma coisa com o Mainwright mais velho, e funciona maravilhosamente, você vai ver.

Christopher não tinha a menor confiança nessa idéia. Todos sabiam que aquele assunto era uma obsessão da Inspetora. Mas para sua surpresa, funcionou: ele sentiu que estava quase dormindo assim que Fennig começou a ler “As mil e uma noites”.

Teve apenas a presença de espírito de retirar sonolentemente o pacote de livros da mesa de cabeceira, antes de morrer para o mundo. Então uma coisa ainda mais surpreendente aconteceu: Christopher saiu da cama levando o pacote e atravessou o dormitório sem que ninguém parecesse reparar nele. Foi até junto de Fenning e o amigo simplesmente continuou lendo, com a vela furtada equilibrada no travesseiro. Pelo que parecia, ninguém percebeu quando Christopher rodeou a quina, saindo do dormitório e entrando na trilha para o vale.

Suas roupas estavam estendidas junto à trilha, e ele as vestiu, pendurando o pacote de livros no cinto para que pudesse ter as duas mãos livres no Lugar do Meio. E logo chegou ao Lugar do Meio.

Tanta coisa havia acontecido, desde que Christopher estivera ali pela última vez, que ele enxergava o local como se fosse a primeira vez. Seus olhos tentaram ver algum sentido no modo informe cora que as pedras se inclinavam, mas não conseguiram. A ausência de formas fez nascer nele uma espécie de medo informe, que o vento, a neblina e a chuva fizeram piorar. O vazio total era ainda mais assustador.

Quando Christopher começou a subir e depois descer deslizando para a Série Dez, com o vento uivando à sua volta e a umidade da neblina deixando os rochedos molhados e escorregadios, ele concluiu que tinha razão quando pensava, ainda pequeno, que aquela era a parte que sobrara quando todos os mundos haviam sido feitos: o Lugar do Meio era exatamente isso. Ali não havia alguém para ajudá-lo se ele escorregasse e quebrasse uma perna. Quando o pacote de livros tirou

o seu equilíbrio e ele realmente escorregou e deslizou por mais de cinco metros antes de conseguir parar, sentiu o coração na boca. Se não soubesse que já havia subido por ali uma centena de vezes, pensaria que seria um louco se tentasse fazer isso.

Foi um grande alívio chegar ao vale quente e caminhar encosta abaixo até a cidade com seus muros de barro. Os velhos ainda encantavam serpentes do lado de fora. Lá dentro, havia o mesmo clamor quente de cheiros, cabras e pessoas sob guarda-chuvas. E Christopher constatou que ainda estava com medo, só que agora o seu medo era de que alguém apontasse para ele e gritasse: “Lá vai o ladrão que roubou o gato do Templo!”. Não cessava de sentir a lança enfiando-se no seu peito. Começou a ficar zangado consigo mesmo. Era como se o colégio lhe houvesse ensinado a sentir medo.

Quando chegou ao beco ao lado do muro do Templo — onde, dessa vez, havia nabos jogados fora — ele estava quase assustado demais para continuar em frente. Teve que obrigar-se, contando até cem e dizendo a si mesmo que precisava fazer isso, comprimir-se contra o muro. E, quando estava quase do outro lado, ainda dentro do muro, tornou a estacar; ficou contemplando, através dos ramos da trepadeira, os gatos ao sol forte, com a sensação de que não conseguiria seguir em frente. Mas os gatos não lhe prestaram atenção, e ninguém estava por ali. Christopher conseguiu convencer-se de que era tolice chegar até esse ponto apenas para ficar dentro de um muro. Puxou-se para fora do muro, desvencilhou-se das trepadeiras e foi, pé ante pé, até o arco coberto de plantas, com o

pacote de livros batendo com força na sua perna a cada passo.

A Deusa estava sentada no chão, no centro do pátio sombreado, brincando com uma grande família de gatinhos. Dois deles eram castanho-alaranjados e tinham uma forte semelhança com Throgmorten. Ao ver Christopher, a Deusa ficou de pé com um salto e um forte tilintar das suas jóias, espalhando gatinhos em todas as direções.

— Você trouxe os livros! Nunca pensei que fosse fazer isso! — exclamou.

— Sempre cumprio as minhas promessas — Christopher declarou, gabando-se um pouquinho.

Como se ainda não conseguisse acreditar, a Deusa observou-o desprender o pacote do cinto. As suas mãos tremiam um pouco quando ela pegou o pacote de papel encerado, e tremeram ainda mais quando ela ajoelhou-se sobre as lajotas do piso e pôs-se a arrancar e rasgar e puxar, até o papel e o barbante saírem. Os gatinhos pegaram o barbante e os papéis do embrulho e passaram a fazer toda sorte de acrobacias com eles, mas a Deusa só tinha olhos para os livros. Ficou ali, ajoelhada, a contemplá-los.

— Ah! São cinco!

— Parece Natal — Christopher comentou.

— O que é Natal? — a Deusa perguntou, distraída.

Ela estava concentrada nas capas dos livros, acariciando cada uma delas. Depois abriu livro por livro; dava uma olhada nele e tornava a fechá-lo, como se aquela visão fosse demais.

— Ah, sim, eu me lembro. O Natal é um festival

pagão, não é? — continuou.

— Ao contrário. Vocês é que são os pagãos — disse Christopher.

— Não somos, não. Asheth é verdadeira — contestou a Deusa, sem realmente prestar atenção. — Cinco! Isto deve durar uma semana, se eu me esforçar para ler devagar. Qual deles é o melhor para eu começar?

— Eu lhe trouxe os cinco primeiros — Christopher explicou. — Comece com “Millie vai para a escola”.

— Quer dizer que existem mais? Quantos? — a Deusa quis saber.

— Não contei. Uns cinco — disse Christopher.

— Cinco! Você não quer outro gato, quer? — perguntou a Deusa.

— Não. Um Throgmorten só já é o bastante, obrigado — Christopher respondeu era tom decidido. — Mas não tenho outra coisa para trocar! — a Deusa protestou. — Preciso desses outros cinco livros! — Ela ficou de pé com um salto impetuoso, fazendo suas jóias tilintarem, e pôs-se a tentar retirar um bracelete que parecia uma serpente enrolada no seu antebraço.

— Talvez Mãe Proudfoot não perceba que está faltando esta. O baú está cheio de pulseiras.

Christopher perguntou-se o que ela pensava que ele pudesse fazer com uma pulseira. Usá-la? Ele sabia muito bem o que a turma do colégio pensaria disso.

— Não acha melhor ler esses livros primeiro? Pode ser que não goste deles — observou.

— Sei que são perfeitos — disse a Deusa, ainda

lutando com o bracelete.

— Vou lhe trazer os outros livros de presente — Christopher disse depressa.

— Mas isso significa que terei de fazer alguma coisa por você. Asheth sempre paga as suas dívidas — a Deusa argumentou. A pulseira saiu, com um ruído de mola. — Pronto. Vou comprar os livros de você com isto. Pegue.

Ela empurrou o bracelete para a mão de Christopher. No momento em que a jóia tocou sua pele, Christopher viu-se caindo através de tudo que havia ali. O pátio, as plantas, os gatinhos, tudo virou neblina — assim como o rosto redondo da Deusa, paralisado no ato de mudar de ansioso para atônito. Christopher caiu para fora de tudo, descendo e descendo, e aterrissou violentamente na sua cama no dormitório escuro — BUM!

— Que foi isso? — Fenning perguntou, a voz um pouco trêmula.

Oneir, aparentemente adormecido, comentou:

— Socorro, alguém caiu do teto.

— Não será melhor chamar a Inspetora? — outra voz perguntou.

— Não seja burro. Simplesmente tive um sonho — disse Christopher, irritado por ter levado um susto tão grande.

Susto ainda maior foi constatar que estava usando pijama, e não as roupas que ele sabia que havia vestido no vale. Depois que os outros meninos sossegaram, ele tateou por toda a cama em busca do pacote de livros; quando teve certeza de que não estavam ali, passou a procurar a pulseira. Também não conse-

guiu encontrá-la.

Na manhã seguinte tornou a procurar, mas não havia sinal dela. Imaginou que isso não era tão surpreendente, quando se levava em conta o valor que o tio Ralph dissera que Throgmorten tinha. Doze xelins e meio em livros era um pagamento bem pequeno para vários milhares de libras em gato. Alguma coisa deve ter percebido que ele estava enganando a Deusa.

Ele sabia que de alguma forma precisaria dar um jeito de arranjar dinheiro para os outros cinco livros, e também teria de levá-los para a Deusa. Por outro lado, ele faltara ao encontro com Tacroy, e supunha que seria mais aconselhável tentar encontrá-lo na quinta-feira seguinte, em vez de levar os livros. Não estava muito ansioso por esse encontro: a essa altura, Tacroy certamente estaria bem zangado.

Quando a quinta-feira chegou, Christopher quase se esqueceu de Tacroy. Foi apenas por acaso que ele adormeceu durante uma história particularmente monótona do “As mil e uma noites”. Esse livro tornara-se a leitura favorita do dormitório.

Os meninos faziam turnos para furtar a vela e ler em voz alta para os outros. Era a vez de Oneir, e Oneir lia tudo no mesmo tom, como o Capelão do colégio lendo a Bíblia. E naquela noite ele estava lendo sobre um confuso grupo de pessoas que eram chamadas de calendários — sendo que Fenning provocou reclamações de todos quando fez um trocadilho horrível com esse nome — e Christopher adormeceu. Logo em seguida encontrou-se descendo para o vale.

Tacroy estava sentado no caminho, ao lado da pilha de roupas de Christopher. Christopher olhou

para as roupas com curiosidade, perguntando-se como elas teriam ido parar ali. Tacroy estava sentado com os braços em volta dos joelhos, como se estivesse preparado para uma longa espera, e pareceu bastante surpreso ao ver Christopher.

— Não acreditava que viesse! — disse, e sorriu, embora parecesse cansado.

Christopher sentiu-se envergonhado e constrangido.

— Imagino que você esteja bastante zangado... — começou.

— Esqueça — Tacroy interrompeu-o. — Sou pago para entrar em transe, e você não é. Para mim é só um trabalho, embora eu seja obrigado a admitir que sinto falta de você por perto para me solidificar.

Ele estendeu a perna sobre o caminho e Christopher conseguiu enxergar pedrinhas e grama através das calças de lã verde. Então Tacroy espreguiçou-se com os braços acima da cabeça e bocejou.

— Na verdade, você não quer continuar as experiências, não é? — perguntou. — Tem andado ocupado na escola, que é muito mais divertida do que subir e descer vales durante a noite, não é?

Como Tacroy estava sendo tão simpático a respeito daquilo, Christopher sentiu-se mais envergonhado do que nunca. Havia esquecido como Tacroy era bonzinho. Agora, pensando sobre isso, percebia que sentira bastante saudade dele.

— Claro que quero continuar — declarou. — Aonde vamos esta noite?

— A lugar nenhum — Tacroy respondeu. — Estou quase no final deste transe. Este foi só um es-

forço para entrar em contato com você. Mas se realmente quer continuar, o seu tio vai mandar a carroça para a Série Seis na próxima quinta-feira. Você sabe, o lugar que está vivendo uma Idade do Gelo. Quer mesmo continuar? — Tacroy insistiu, olhando para Christopher com os olhos apertados formando rugas de ansiedade. — Não é obrigado a fazer isso, você sabe.

— Sei, mas quero continuar. Então, até quinta-feira — Christopher despediu-se.

E voltou depressa para o dormitório, onde, para a sua alegria, finalmente alguma coisa parecia estar acontecendo com os calendários.

O resto do período letivo passou muito depressa, de uma aula para outra, de um conto para outro era “As mil e uma noites”, de uma quinta-feira para outra. Subindo através do Lugar do Meio na primeira quinta-feira para encontrar-se com Tacroy, Christopher ainda se sentia bastante assustado, mas o fato de saber que Tacroy esperava por ele perto do quinto vale fazia diferença. E logo estava de novo acostumado, e as experiências prosseguiram como antes.

Alguém tinha providenciado para que Christopher passasse os feriados de Natal com o tio Charles e a tia Alice, pais da sua prima Caroline. Eles moravam no campo, em uma casa grande em Surrey, bem perto do colégio, e a prima Caroline, apesar de ser três anos mais nova e ser uma menina, mostrou-se bastante divertida. Christopher gostou de aprender todas as coisas que as pessoas faziam no campo, inclusive batalhas de bolas de neve com Carolina e os cavaliários, e tentar permanecer montado no pônei gordo de Caroline, mas

ficou perplexo por ninguém mencionar Papai. Afinal, o tio Charles era irmão de Papai. Ele concluiu que Papai decerto havia caído no desagrado de toda a família. Apesar disso, a tia Alice fez tudo para que ele tivesse um bom Natal, o que foi muito generoso da parte dela. O presente de Natal que mais agradou Christopher foi outro soberano de ouro dentro de um cartão do tio Ralph. Aquilo significava que ele teria condições de comprar mais livros para a Deusa.

Assim que as aulas começaram, ele foi até a livraria e comprou os outros livros de Millie, pedindo que fossem embrulhados em papel encerado, como os outros. Foram mais doze xelins e meio para ajudar a pagar por Throgmorten. Ele calculou que nesse ritmo passaria o resto da vida atravessando o Lugar do Meio carregado de pacotes de livros.

No Templo, a Deusa estava no seu quarto mal iluminado, inclinada sobre “O melhor momento de Millie”. Quando Christopher entrou, ela deu um salto e enfiou o livro sob as almofadas, com expressão de culpa.

— Ah, é só você! — exclamou. — Nunca mais entre desse modo sorrateiro, ou serei uma Asheth Morta! Que foi que aconteceu na última vez? Você virou fantasma e atravessou o chão!

— Não tenho a menor idéia, mas caí com força na minha cama. Eu lhe trouxe os outros cinco livros.

— Que marav... — começou a Deusa, ansiosa, mas então silenciou e depois acrescentou, em tom sóbrio: — É muita bondade sua, mas não sei se Asheth quer que eu fique cora eles, depois do que aconteceu quando tentei lhe dar a pulseira.

— Não — Christopher discordou. — Acho que Asheth deve saber que Throgmorten vale milhares de libras. Eu poderia trazer-lhe toda a biblioteca do colégio e isso ainda não pagaria por ele.

— Ah! Neste caso... Por falar nisso, como vai Throgmorten? Como Christopher não fazia a menor idéia, respondeu em tom casual:

— Vagando por lá, atacando outros gatos e arranhando as pessoas. — E mudou de assunto antes que a Deusa percebesse que isso era apenas uma suposição. — Os cinco primeiros livros eram bons?

O rosto da Deusa tornou-se inteiro um sorriso, tão grande que mal cabia no rosto dela, e ela estendeu os braços também.

— São os livros mais maravilhosos deste mundo! É como se eu estivesse mesmo na Escola de Lowood House. Choro toda vez que leio um deles.

Oneir estava certo, pensou Christopher enquanto observava a Deusa desembrulhar o novo pacote com gritinhos de prazer e muito tilintar de braceletes.

— Ah, então Millie consegue ser a monitora da turma! — ela exclamou, pegando “A monitora Millie”. — Andei pensando muito se ela conseguiria. Deve ter sido capaz de se sair melhor do que aquela chata da Delphinia, afinal.

Acariciou o livro com amor, e depois surpreendeu Christopher ao perguntar:

— Que foi que aconteceu quando você levou Throgmorten? Mãe Proudfoot me disse que o Braço de Asheth matou o ladrão.

— Eles tentaram — Christopher explicou de-

sajeitadamente, tentando parecer casual.

— Neste caso, você foi muito corajoso de cumprir sua promessa, e merece ser premiado. Gostaria de uma recompensa? Não uma troca ou um pagamento, mas uma recompensa?

— Se você conseguir pensar em alguma coisa...

— Christopher respondeu cautelosamente.

— Então venha comigo.

A Deusa levantou-se com um movimento brusco, tilintando. Recolheu os livros novos e o antigo do meio das almofadas e reuniu os papéis e o barbante. Então jogou tudo junto contra a parede. E todas aquelas coisas — tanto os seis livros quanto a embalagem — giraram no ar e sumiram de vista, como se uma tampa tivesse fechado uma caixa invisível. Nada havia que denunciasse que alguma coisa estivera ali. Mais uma vez Christopher ficou impressionado.

— Isto é para que Mãe Proudfoot não fique sabendo — a Deusa explicou, levando-o para o pátio sombreado. — Gosto muito dela, mas ela é muito severa e se mete em tudo.

— Como você pega os livros de volta? — Christopher perguntou.

— Eu chamo o livro que desejo ler — disse a Deusa, empurrando para um lado as trepadeiras na entrada da arcada. — E um subproduto de ser Asheth Viva.

Ela atravessou com ele o pátio ensolarado, por entre os gatos, até outra arcada, da qual ele se lembrava bem até demais: era aquela por onde ele tinha fugido com Throgmorten uivando dentro da caixa. Christopher começou a ter uma certeza ansiosa e melancólica

de que a idéia que a Deusa fazia de uma recompensa não se parecia em nada com a sua.

— Não haverá muita gente? — ele perguntou, deixando-se ficar para trás.

— Não durante algum tempo. Na estação de calor todos roncam durante horas — disse a Deusa confiantemente.

Christopher seguiu-a com relutância ao longo de uma série de corredores escuros que não eram os mesmos que ele percorrera antes, embora fosse difícil ter certeza disso. Finalmente chegaram a um arco largo, fechado por cortinas amarelas quase transparentes. Do outro lado vinha um forte brilho de luz do dia. A Deusa abriu as cortinas e ordenou, com um gesto tilintante, que Christopher passasse. Parecia haver diante deles uma árvore velha e grande, tão velha que estava totalmente devorada pelos vermes e perdera a maior parte dos seus galhos. E alguma coisa produzia um cheiro sufocante, um pouco parecido com incenso de igreja, porém muito mais forte e encorpado. A Deusa ladeou a árvore, desceu alguns degraus e entrou num espaço repleto de brilhante luz do dia, que era fechado também por cortinas amarelas a poucos metros de distância, como se fosse um aposento alto e dourado. Ali ela voltou-se e ficou de frente para a árvore.

— Este é o Santuário de Asheth — disse. — Só os iniciados têm permissão para entrar aqui. Esta é a sua recompensa. Olhe. Esta aqui sou eu.

Christopher voltou-se e sentiu-se decididamente logrado. Daquele lado, a árvore mostrava ser uma estátua monstruosa de uma mulher com quatro braços. Vista de frente, ela parecia ser feita de ouro sólido.

Evidentemente o Templo não se dera ao trabalho de recobrir de ouro as costas da estátua de madeira, mas compensaram na frente; cada centímetro visível da mulher estava recoberto de ouro e tinha um brilho amarelo, e dela pendiam correntes, pulseiras e brincos de ouro. A saia era de brocado de ouro e havia um grande rubi engastado em cada uma das quatro palmas das mãos de ouro. Mais pedras preciosas cintilavam na sua coroa. O Santuário era feito de tal maneira que a luz do dia descia do telhado teatralmente enviesada, fazendo cintilar cada pedra preciosa, embora essa luz fosse obscurecida pela fumaça espessa que se erguia dos incensários dourados junto aos enormes pés de ouro da mulher. O efeito era decididamente pagão.

Depois de esperar um instante que Christopher dissesse alguma coisa, a Deusa anunciou:

— Esta é Asheth. Ela sou eu e eu sou ela, e este é o seu Aspecto Divino. Pensei que você fosse gostar de me conhecer como sou realmente.

Christopher virou-se para a Deusa com a intenção de dizer: não é, não, você não tem quatro braços — mas a Deusa estava parada no espaço amarelado e enfumaçado, com os braços estendidos para os lados na mesma posição do par de braços superiores da estátua, e possuía também quatro braços. Os braços inferiores eram indistintos e Christopher conseguia enxergar através deles a cortina amarela, mas ostentavam os mesmos braceletes e estavam na mesma posição do par de braços inferiores da estátua. Eram obviamente tão reais quanto Tacroy antes de Christopher solidificá-lo. Então ele ergueu os olhos para o rosto dourado e liso da estátua. Achou que ela parecia implacável e um

pouco cruel, por trás do seu olhar dourado e vazio.

— Ela não parece ser tão inteligente quanto você — comentou. Foi a única coisa que lhe ocorreu que não fosse grosseira.

— Ela está com sua expressão de Grande Burrice — a Deusa explicou. — Não se engane com isso, ela não quer que as pessoas saibam como é inteligente. É uma expressão muito útil. Eu a uso muitas vezes durante as aulas, quando Mãe Proudfoot ou Mãe Dowson ficam muito chatas.

Era mesmo uma expressão útil, Christopher pensou, muito melhor do que o olhar vago que ele usava nas aulas de magia.

— Como é que você faz? — perguntou, com grande interesse.

Antes que a Deusa pudesse responder, ouviram-se passos atrás da estátua. Uma voz forte, musical, porém aguda, chamou:

— Deusa? Que é que está fazendo no Santuário a esta hora? Christopher e a Deusa entraram separadamente em estado de

pânico. Christopher virou-se para mergulhar através do outro conjunto de cortinas amarelas, ouviu o ruído de sandálias vindo de lá também e tornou a virar-se, em desespero. A Deusa sussurrou:

— Ah, droga de Mãe Proudfoot! Parece que ela sabe onde estou por instinto!

E pôs-se a girar em círculos, tentando retirar um bracelete do antebraço.

Um comprido pé descalço e quase toda uma perna em uma túnica cor de ferrugem apareceram rodeando a estátua dourada. Christopher resignou-se ao

fato de estar perdido. Mas a Deusa, vendo que jamais conseguiria retirar o bracelete a tempo, agarrou a mão dele e segurou-a de encontro ao monte de jóias que tilintavam no seu braço.

Exatamente como antes, tudo ficou nebuloso e Christopher caiu através da névoa, aterrissando na sua cama no dormitório: BUM!

— Eu preferia que você não fizesse isso! — disse Fenning, despertando com um salto. — Não consegue controlar esses seus sonhos?

— Consigo, sim — disse Christopher, suando ao pensar que escapara por pouco. — Nunca mais terei um sonho como esse.

Afinal, era tudo uma história boba, uma garota viva fingindo ser uma deusa que era apenas uma estátua de madeira devorada pelos cupins. Ele nada tinha contra a própria Deusa. Admirava a sua inteligência rápida, e teria gostado de aprender tanto a expressão de Grande Burrice quanto o truque de desaparecer com os livros — mas isso não valia o risco que ele correria.



Capítulo VIII

Durante o resto do período letivo da primavera, Christopher foi regularmente aos Uns Lugares com Tacroy, mas nunca tentou ir sozinho. A essa altura, o tio Ralph parecia ter planejado todo um conjunto de experiências. Christopher encontrou-se com Tacroy nas séries Um, Três, Cinco, Sete e Nove, depois nas séries Oito, Seis, Quatro e Dois, sempre nessa ordem, mas nem sempre no mesmo lugar ou perto do mesmo vale.

Em cada Um Lugar havia pessoas à espera com pilhas de pacotes que, pelo peso e pela forma, continham coisas sempre diferentes. Na Série Um, os pacotes eram sempre irregulares e pesados, e na Quatro eram caixas; na Série Dois e na Cinco, eram flácidos e cheiravam a peixe, o que fazia sentido, já que esses Uns Lugares possuíam tanta água. Na Série Oito, as mu-

lheres sempre tinham hálito de alho, e seus pacotes tinham todas as vezes o mesmo cheiro forte. Fora isso, parecia não haver uma regra geral.

Christopher ficou conhecendo a maioria da pessoas que traziam os pacotes, e ria e brincava com elas enquanto carregava a carroça sem cavalos. E, com o prosseguimento das experiências, os magos do tio Ralph gradualmente aperfeiçoaram a carroça; no final do período letivo, ela movimentava-se sozinha e Tacroy já não precisava arrastá-la vale acima até o Lugar do Meio.

Na verdade, as experiências haviam se tornado tão rotineiras que não eram muito diferentes da escola. Christopher pensava em outras coisas enquanto trabalhava, exatamente como fazia no colégio durante as aulas de magia e de inglês, e na Capela.

— Por que nunca vamos à Série Onze? — ele perguntou, enquanto subiam um dos vales da Série Um com outra carga de pacotes pesados e irregulares na carroça que deslizava atrás deles.

— Ninguém vai ao Mundo Onze — Tacroy respondeu laconicamente.

Christopher percebeu que ele queria mudar de assunto, e perguntou o motivo.

— Porque as pessoas de lá são esquisitas, hostis, imagino. Se é que posso chamá-las de pessoas. Ninguém sabe muita coisa sobre elas, porque tomam um trabalho danado para que ninguém as veja. E isto é tudo o que eu sei, exceto que o Mundo Onze não é uma série. Lá existe apenas um mundo.

Tacroy recusou-se a dizer mais do que isso, o que era ruim, pois Christopher tinha uma sensação

muito forte de que ele sabia muito mais. Porém Tacroy estava de mau humor naquela semana; a vovozinha que tocava violino estava de cama com gripe e Tacroy estava sendo obrigado a se contentar com a jovem séria que tocava flauta.

— Em algum lugar do nosso mundo existe uma moça que toca harpa e não se importa se eu ficar transparente, mas há dificuldades demais no caminho entre nós dois — disse, suspirando.

Provavelmente porque Tacroy vivia dizendo coisas assim, Christopher construíra uma imagem muito romântica dele passando fome no seu sótão e infeliz no amor.

— Por que o tio Ralph não quer permitir que eu vá visitar você em Londres? — quis saber.

— Já lhe disse para esquecer isso, Christopher — Tacroy retrucou.

E, para impedir que a conversa continuasse, ele avançou para a névoa do Lugar do Meio, com a carroça flutuando atrás de si.

A vida romântica de Tacroy mexeu com a curiosidade de Christopher durante todo aquele período letivo, principalmente quando uma frase casual que ele soltou no dormitório deixou claro que nenhum dos outros meninos jamais conhecera uma criança “encontrada”.

— Bem que eu queria ser uma — disse Oneir.
— Assim não seria obrigado a ir trabalhar com meu pai.

Depois disso, Christopher sentia que não se importaria sequer de conhecer a moça que tocava flauta.

Mas tudo isso foi expulso da sua mente quando ficou claro que havia uma certa confusão a respeito dos planos para as férias da Páscoa. Mamãe escreveu dizendo que ele deveria ir encontrar-se com ela em Gênova, porém na última hora veio a notícia de que ela ia para Weimar, onde não haveria lugar para Christopher. Ele foi obrigado a passar quase uma semana sozinho no colégio, depois que todos foram para casa, enquanto o Diretor escrevia para o tio Charles e o tio Charles combinava com o outro irmão de Papai, o tio Conrad, que este ficaria com Christopher dali a quatro dias. Enquanto isso, como a escola ficaria fechada, mandaram Christopher para ficar com o tio Ralph em Londres.

O tio Ralph estava viajando, para decepção de Christopher. A maior parte da casa dele estava fechada, com portas trancadas por toda parte, e a única pessoa que se encontrava lá era a governanta. Christopher passou aqueles poucos dias vagando sozinho por Londres.

Era quase tão bom quando explorar um Um Lugar. Havia parques, monumentos e músicos de rua, e cada rua, por mais estreita que fosse, estava apinhada de carroças e carruagens de rodas altas. No segundo dia, Christopher encontrou-se no mercado de Covent Garden, entre pilhas de frutas, legumes e verduras, e ficou lá até a noite, fascinado pelos carregadores. Cada um deles conseguia levar pelo menos seis cestos cheios em cima da cabeça, em uma pilha alta que nem mesmo se balançava. Finalmente Christopher virou-se para ir embora e se deparou com uma figura familiar, usando um terno verde de lã, descendo a ruela na sua frente.

— Tacroy! — Christopher gritou, e saiu correndo atrás da figura.

Tacroy pareceu não ter ouvido: continuou andando, com a cabeça cacheada baixa, em uma postura que sugeria desânimo, e dobrou a esquina para a ruela seguinte antes que Christopher conseguisse alcançá-lo. Quando Christopher virou a esquina escorregando, não havia sinal dele. Mas o menino sabia que aquele era, incontestavelmente, Tacroy. O sótão devia ficar em algum lugar bem perto dali. Ele passou o restante da sua estada em Londres vagando por perto de Covent Garden, na esperança de ter outro vislumbre de Tacroy, mas não conseguiu o seu intento: Tacroy não tornou a aparecer.

Depois disso, Christopher foi ficar na casa do tio Conrad em Wiltshire, onde a única desvantagem mostrou ser o seu primo Francis. O primo Francis tinha a mesma idade de Christopher, era o tipo de garoto que Fenning chamava de “tagarelento medo a besta”. Christopher desprezava Francis por causa disso, e Francis desprezava Christopher por ele ter sido criado na cidade e nunca ter saído em uma caçada. Aliás, havia outra razão também, que emergiu quando, pela sétima vez, Christopher caiu como uma fruta madura do pônei mais calmo dos estábulos.

— Não consegue fazer mágica, não é? — Francis perguntou, olhando desdenhosamente para Christopher do alto do seu baio castrado. — Não fico surpreso com isso. A culpa é do seu pai, por ter se casado com aquela mulher horrorosa da família Argent. Ninguém na minha família quer saber do seu pai agora.

Como Christopher tinha quase certeza de que

Francis usara magia para derrubá-lo do pônei, não havia muita coisa que ele pudesse fazer além de manter a cabeça erguida e pensar que Papai estava muito melhor longe daquele ramo da família Chant. Foi um alívio voltar para o colégio.

Foi mais do que um alívio: era a temporada de críquete. Christopher ficou obcecado pelo críquete quase que da noite para o dia. O mesmo aconteceu com Oneir, que dizia respeitosamente:

— É o rei dos esportes. Oneir saiu e comprou todos os livros que encontrou sobre o assunto. Ele e Christopher decidiram que quando crescessem seriam jogadores profissionais de críquete.

— E os negócios do meu pai podem ir para o buraco! — Oneir exclamou.

Christopher concordava, só que no seu caso eram os planos de Mamãe e a Alta Sociedade. Ele constatou que a sua decisão já estava tomada — e foi como ser liberado de um juramento. Ele próprio ficou bastante surpreso ao verificar que era decidido e ambicioso. Ele e Oneir treinavam o dia inteiro, e Fennine que na realidade não era bom jogador, foi convencido a correr atrás das bolas perdidas. Entre uma partida e outra eles conversavam sobre críquete, e à noite Christopher tinha sonhos normais, sempre sobre críquete.

De modo que foi uma grande interrupção quando, na primeira quinta-feira, ele teve que renunciar aos sonhos com o críquete para encontrar-se com Tacroy na Série Cinco.

— Vi você em Londres — Christopher contou-lhe. — O sótao onde você mora fica perto de

Covent Garden, não é?

— Covent Garden? — Tacroy repetiu em tom neutro. — Não, fica bem longe de lá. Você deve ter visto outra pessoa.

E insistiu nisso, mesmo quando Christopher descreveu em detalhes a rua em que o vira e a aparência que tinha Tacroy.

— Não — disse este. — Você deve ter corrido atrás de um completo desconhecido.

Christopher, que sabia que tinha sido Tacroy, ficou perplexo. Pelo jeito, porém, não adiantaria teimar. Ele pôs-se a encher a carroça com as trouxas que cheiravam a peixe e voltou a pensar em críquete. Naturalmente, por não estar prestando atenção no que fazia, deixou cair uma trouxa no lugar errado. A trouxa atravessou Tacroy e caiu no chão, onde ficou soltando um cheiro ainda mais forte de peixe.

— Puf! Que coisa é esta? — Christopher perguntou.

— Não faço idéia. Sou apenas o menino de recados do seu tio — Tacroy afirmou. — Qual é o problema? Está com a cabeça em outro lugar, hoje?

— Desculpe — disse Christopher, recolhendo a trouxa. — Eu estava pensando em críquete.

O rosto de Tacroy iluminou-se.

— Você é arremessador ou batedor?

— Batedor. Quero ser jogador profissional — Christopher declarou.

— Eu sou arremessador — Tacroy revelou. — Sei lançar bolas de efeito e, modéstia à parte, não sou muito ruim. Jogo muito pelo... Bem, na verdade é um time de aldeia, mas em geral nós vencemos. Geral-

mente acabo tirando sete rebatedores, e sei rebater um pouquinho também. E você o que é? O rebate-dor que inicia o jogo? Este é sempre o rebatedor mais fraco!

— Não, costumo ser o segundo ou terceiro, e me considero um dos melhores do time — Christopher afirmou.

Os dois conversaram sobre críquete durante todo o tempo em que Christopher colocava a carga na carroça. Depois disso, caminharam pela praia, com o mar azul quebrando perto deles, e continuaram conversando sobre críquete. Várias vezes Tacroy tentou demonstrar sua habilidade pegando um pedregulho, mas não conseguia ficar suficientemente sólido para segurá-lo. Então Christopher encontrou um pedaço de pau que serviria de taco e Tacroy deu-lhe instruções de como rebater.

Depois disso, Tacroy dava aulas de críquete a Christopher em qualquer Um Lugar em que estivessem, e ambos conversavam incessantemente sobre esse esporte. Tacroy era um bom treinador, e Christopher aprendeu muito mais com ele do que com o professor de esportes da escola. Tinha ambições maiores e mais esplêndidas de jogar profissionalmente pelo time de Surrey ou de outro lugar qualquer, sempre fazendo grandes jogadas. Aliás, Tacroy ensinou-lhe tão bem que ele começou a ter ambições bem reais e cotidianas de entrar para o time da escola.

Agora lia em voz alta no dormitório os livros de Oneir sobre críquete. A Inspetora havia descoberto e confiscado o “As mil e uma noites”, mas ninguém se importou — todos os meninos do dormitório, até mesmo Fenning, eram loucos por críquete. E Chris-

topher era o mais obcecado de todos.

Então veio o desastre. Começou com Tacroy dizendo:

— Bem, houve uma mudança nos planos. Pode me encontrar na Série Dez na próxima quinta-feira? Parece que alguém está tentando prejudicar as experiências do seu tio, de modo que precisamos mudar a rotina.

Diante disso, Christopher distraiu-se do críquete por causa de um leve sentimento de culpa. Sabia que deveria fazer mais um pagamento por Throgmorten, e temia que a Deusa pudesse ter métodos sobrenaturais de saber que ele estivera na Série Dez sem lhe levar mais livros. Foi com certa cautela que ele desceu até o vale.

Tacroy não estava lá. Christopher levou uma boa hora trepando e escalando até localizá-lo na boca de um vale bem diferente. A essa altura Tacroy tornara-se distintamente nebuloso e indistinto.

— Seu bobo! — ele exclamou, enquanto Christopher o solidificava às pressas. — Eu estava para perder este transe a qualquer segundo. Você sabe que existe mais de um lugar em uma Série. Que foi que lhe deu?

— Provavelmente eu estava pensando em críquete — Christopher disse.

O lugar atrás do novo vale não era tão primitivo e de aparência paga quanto o local onde a Deusa vivia. Era um enorme porto, com guindastes gigantescos. Algumas das maiores embarcações que Christopher já vira, enormes navios de ferro enferrujados, de formatos muito estranhos, estavam presos por cabos tão

grandes que ele precisava subir por cima deles como se fossem troncos deitados. Mas teve a certeza de que ainda estavam na Série Dez quando o homem que esperava com uma carroça de ferro cheia de pequenos barris disse:

— Graças a Asheth! Pensei que nunca mais chegariam!

— Sim, ande depressa — disse Tacroy. — Este lugar é mais seguro do que a cidade paga, mas ainda assim pode haver inimigos por aí. Além disso, quanto mais rápido você terminar, mais cedo poderemos trabalhar nas suas jogadas defensivas.

Christopher apressou-se a rolar os pequenos barris da carroça de ferro até a carroça deles. Depois que todos os barris estavam carregados, ele correu a prender as tiras que seguravam a carga. E, naturalmente, porque estava trabalhando às pressas, uma das tiras escorregou da sua mão e caiu de volta no outro lado da carroça. Ele precisou debruçar-se por cima da carga para pegá-la. Ouviu à distância um ruído metálico e alguns gritos, mas não deu a menor importância a isso, até que Tacroy repentinamente surgiu ao seu lado.

— Saia daí! Saia! — ele gritava, puxando Christopher inutilmente com suas mãos nebulosas.

Christopher, ainda deitado por cima dos barris, ergueu os olhos para ver um gancho gigantesco na ponta de uma corrente vindo na sua direção mais rapidamente do que ele conseguiria correr.

Isso foi tudo que ficou sabendo. A próxima coisa de que teve consciência — um tanto vagamente — foi de que estava deitado na trilha no seu próprio vale, ao lado do seu pijama. Calculou que o gancho de

ferro o deixara desmaiado. Tivera muita sorte por estar mais ou menos deitado por cima da carroça, senão Tacroy jamais teria conseguido levá-lo até ali. Um pouco trêmulo, tornou a vestir o pijama. Sua cabeça doía, de modo que foi com dificuldade que ele voltou para a sua cama no dormitório.

Na manhã seguinte, não sentia sequer uma dor de cabeça. Esqueceu-se inteiramente do assunto e depois do desjejum foi diretamente para o campo jogar críquete com Oneir e outros seis meninos.

— Primeiro a rebater! — gritou.

Todos gritaram a mesma coisa ao mesmo tempo. Mas Oneir vinha carregando o taco e não quis soltá-lo. Todos, inclusive Christopher, tentaram tirá-lo dele. Houve uma luta de brincadeira, com muitas risadas, que terminou quando Oneir, de caçoada, pôs-se a girar o taco em círculo.

O taco atingiu Christopher na cabeça com um forte ruído. Doeu muito. Ele escutou o ruído repetir-se várias vezes, bem acima da sua orelha esquerda, como se os ossos do seu crânio estivessem a rachar-se como a casca de gelo de uma poça. Então, de uma maneira notavelmente idêntica à da noite anterior, durante muito tempo ele deixou de saber qualquer coisa.

Quando voltou a si, muitas horas haviam passado. Embora o lençol estivesse tapando o seu rosto, ele via a luz da tarde entrando por uma janela alta, no canto do aposento. Sentia muito frio, principalmente nos pés. Alguém obviamente retirara seus sapatos e suas meias ao colocá-lo na cama. Mas para onde o haviam levado? A janela estava no lugar errado para ser o dormitório — ou, na verdade, para ser qualquer ou-

tro quarto em que ele já dormira. Christopher afastou o lençol e sentou-se.

Estava sobre uma mesa de mármore em um quarto frio e escuro. Não era de se espantar que sentisse frio: estava usando apenas a roupa de baixo. A volta dele havia outras mesas de mármore, a maioria delas vazias — mas em algumas havia pessoas deitadas, imóveis, inteiramente cobertas por lençóis brancos.

Christopher começou a suspeitar de onde poderia estar. Enrolando o lençol em volta do corpo para aquecer-se um pouco, ele deslizou da mesa para o chão e foi até a próxima mesa ocupada. Cuidadosamente puxou o lençol. Aquela pessoa tinha sido um velho vagabundo e havia morrido — para ter certeza, Christopher cutucou o rosto frio e cheio de pelos. Então disse a si mesmo para ficar calmo, o que era uma coisa sensata para dizer a si mesmo, porém era tarde demais: já estava possuído do maior pânico da sua vida.

No outro extremo do aposento gelado havia uma grande porta de metal; Christopher agarrou a maçaneta e empurrou. Quando viu que a porta estava trancada, ele a chutou e esmurrou com ambas as mãos, e sacudiu a maçaneta. Ainda dizia a si mesmo para ser sensato, mas o seu corpo todo estava tremendo, e o seu pânico estava rapidamente ficando fora de controle.

Depois de mais ou menos um minuto, a porta foi aberta de supetão por um homem gorducho, de aparência alegre, usando um avental branco, que olhou para dentro do aposento com irritação. A princípio ele não viu Christopher: estava olhando por cima da cabeça do menino, esperando alguém mais alto.

Christopher enrolou o lençol em volta de si e

perguntou, em tom acusador:

— Que história é esta de trancar a porta? Todos aí dentro estão mortos, não vão fugir.

O homem baixou os olhos até Christopher. Soltou um leve gemido; seus olhos viraram para cima; o corpo gorducho escorregou para o chão e caiu aos pés de Christopher.

Christopher pensou que aquele ali também estivesse morto. Foi o golpe final para o seu pânico. Ele saltou por cima do corpo do homem e desceu correndo o corredor, onde constatou que estava em um hospital. Lá, uma enfermeira tentou segurá-lo, mas a essa altura Christopher estava fora do alcance da razão.

— Onde é a escola? — gritou para ela. — Estou perdendo o treino de críquete!

Durante meia hora, depois disso, o hospital ficou em total confusão, enquanto todos tentavam pegar um cadáver de um metro e meio vestido com um lençol esvoaçante, que corria para cima e para baixo pelos corredores gritando que estava perdendo o treino de críquete.

Finalmente pegaram-no do lado de fora da ala da maternidade, e um médico apressou-se a dar-lhe um remédio para dormir.

— Fique calmo, filho — aconselhou. — E um choque para nós, também, sabe? Da última vez que vi você, sua cabeça parecia uma abóbora atropelada.

— Estou perdendo o treino de críquete, eu já disse! — respondeu Christopher.

Ele acordou no dia seguinte em uma cama de hospital. Tanto Papai quanto Mamãe estavam lá, de frente um para o outro, um de cada lado da cama:

roupas escuras e costeletas de um lado, perfumes e cores vivas do outro. Como que para deixar bem claro a Christopher que aquilo era uma crise das mais sérias, os dois estavam falando um com o outro.

— Besteira, Cosimo. Os médicos simplesmente cometeram um erro — Mamãe afirmava. — Foi apenas uma concussão, e nós dois levamos um susto por nada.

— A Inspetora da escola também disse que ele estava morto — Papai argumentou em tom soturno.

— Ela é um tipo muito imaginativo — disse Mamãe. — Não acredito em uma só palavra disso.

— Bem, eu acredito — Papai teimou. — Ele tinha mais do que uma vida, Miranda. Isto explica algumas coisas sobre o horóscopo dele que sempre me deixaram perplexo...

— Ah, futriquem-se os seus horóscopos infelizes! Fique calado! — Mamãe exclamou.

— Não vou ficar calado quando conheço a verdade! — Papai mais ou menos gritou. — Fiz o que era preciso fazer e mandei um telegrama a Witt contando tudo sobre Christopher.

Aquilo obviamente aterrorizou Mamãe.

— Que coisa mais perversa! E sem me consultar! Eu estou lhe dizendo que não vou perder Christopher para as suas conspirações obscuras, Cosimo!

Nesse ponto, tanto Mamãe quanto Papai ficaram tão zangados que Christopher fechou os olhos. Como o remédio que o médico lhe dera ainda o deixava sonolento, ele adormeceu quase de imediato, mas mesmo dormindo ainda escutava a discussão. Finalmente ele desceu da cama, passando por Mamãe e Papai sem que qualquer dos dois percebesse, e foi para

o Lugar do Meio. Encontrou lá um novo vale, que levava a um lugar qualquer onde havia uma espécie de circo em funcionamento. Ninguém naquele mundo falava inglês, mas Christopher saiu-se muito bem, como muitas vezes fizera antes, fingindo ser surdo-mudo.

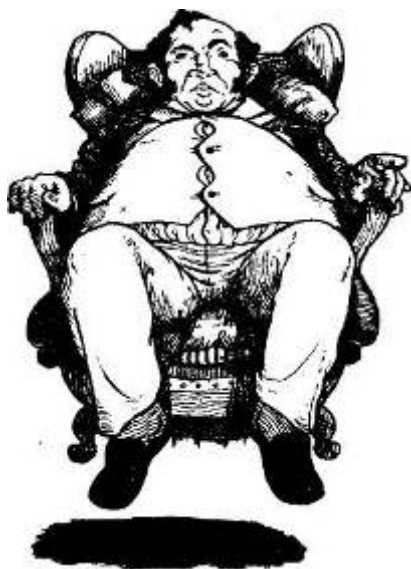
Quando chegou de volta, o quarto estava cheio de pessoas em trajes sóbrios que obviamente estavam se retirando. Christopher esgueirou-se entre um rapaz solene e corpulento usando um colarinho apertado e uma moça de vestido cinzento que levava uma maleta de couro preto de carregar instrumentos médicos. Pelo jeito das coisas, a parte dele que ficara deitada na cama acabava de ser examinada por um especialista. Quando Christopher passou por Mamãe e voltou para a cama, reparou no especialista do lado de fora do quarto, perto da porta, com Papai e um homem de barba.

— Concorde que o senhor teve razão em me chamar, mas só uma vida presente, Sr. Chant — Christopher ouviu uma voz velha e seca dizer. — Admito que coisas estranhas podem acontecer, naturalmente, mas no caso presente temos o relatório do professor de magia da escola para apoiar as nossas conclusões. Receio não estar nem um pouco convencido...

A voz velha e seca afastou-se pelo corredor, ainda falando, e as outras pessoas o seguiram, com exceção de Mamãe.

— Que alívio! — disse ela. — Christopher, você está acordado? Por um momento pensei que aquele velhote horrroso ia ficar cora você, e eu nunca teria perdoado o seu pai! Nunca! Não quero que quando

you grow up be like a policeman, respectful of the laws,
a boring person, Christopher. Mom wants to be proud
of you.



Capítulo IX

Christopher voltou para a escola no dia seguinte. Tinha um certo receio de que Mamãe ficasse decepcionada quando ele se tornasse um jogador de críquete profissional, mas isso não enfraquecia nem um pouco a sua ambição.

Todos no colégio o tratavam como se ele fosse um milagre. Oneir, quase em lágrimas, pediu-lhe perdão. Aquela foi a única coisa que deixou Christopher sem jeito; de resto, ele estava adorando toda a atenção que recebia. Insistiu em jogar críquete exatamente como antes, e mal agüentava esperar até a quinta-feira seguinte para contar a Tacroy todas as suas aventuras.

Na quarta-feira de manhã, o Diretor mandou chamar Christopher. Para sua surpresa, Papai estava no escritório com o Diretor, ambos de pé, constrangidos,

ao lado da escrivaninha de mogno.

— Bem, Chant, é uma pena perdermos tão depressa o nosso milagre — disse o Diretor. — O seu pai veio buscá-lo. Parece que você vai ter um tutor particular.

— Como? Vou deixar o colégio, senhor? Mas esta tarde tenho treino de críquete, senhor! — Christopher protestou.

— Sugeri ao seu pai que você permanecesse conosco até o final do período letivo, mas parece que o grande Dr. Pawson não concorda — respondeu o Diretor.

Papai pigarreou.

— Esses catedráticos de Cambridge, bem, nós dois sabemos como eles são, Diretor — disse.

Ele e o Diretor sorriram um para o outro com bastante hipocrisia.

— A Inspectora está arrumando a sua mala — o Diretor informou. — O seu baú e o seu boletim escolar serão enviados depois. Agora devemos nos despedir, pois, pelo que sei, o seu trem partirá em meia hora.

Ele apertou a mão de Christopher — um aperto de mão brusco, duro, diretorial — e Christopher foi levado embora, sem mais nem menos, em um táxi com Papai, sem nem ter a oportunidade de dizer adeus a Oneir e Fenning.

No trem, furioso, ele ficou olhando com raiva para o perfil de Papai e a costeleta que o enfeitava.

— Eu tinha esperanças de entrar para o time de críquete do colégio — disse, quando viu que Papai não ia lhe dar qualquer explicação.

— E uma pena, mas haverá outros times de

críquete, sem dúvida — disse Papai. — O seu futuro é mais importante do que o críquete, meu filho.

— O meu futuro é o críquete — Christopher declarou ousadamente.

Era a primeira vez que ele revelava a sua ambição a um adulto. Sentiu calor e frio diante da sua ousadia em falar desse jeito com Papai. Mas também ficou contente, porque aquele era um passo importante no caminho para a sua carreira de jogador.

Papai dirigiu-lhe um sorriso melancólico.

— Houve uma época em que eu queria ser maquinista de trem — contou. — Esses caprichos logo passam. Era mais importante levar você ao Dr. Pawson antes do final do período letivo. Sua mãe estava planejando carregar você com ela para o estrangeiro nas férias.

Christopher cerrou os dentes de raiva com tanta força que o aparelho fez um corte em seu lábio. Críquete, um capricho!

— Por que é tão importante assim?

— O Dr. Pawson é o mais conceituado Adivinho do país — disse Papai. — Tive que mexer alguns pauzinhos para conseguir que ele o aceitasse com tão pouca antecedência, mas quando expliquei o caso, ele próprio disse que era urgente não dar a Witt tempo para esquecer você. Witt vai mudar de opinião quando souber que afinal você tem mesmo o dom da magia.

— Mas não consigo fazer mágica — Christopher observou.

— E deve haver alguma razão para não conseguir — disse Papai. — Pelo visto, os seus dons devem ser enormes, já que eu sou feiticeiro, como também

meus dois irmãos, ao passo que a sua mãe, isto eu tenho que admitir, é uma bruxa altamente dotada, E o irmão dela, aquele infeliz do Argent, é feiticeiro também.

Tentando digerir tudo aquilo, Christopher contemplava as casas passando depressa atrás do perfil de Papai enquanto o trem percorria os subúrbios de Londres. Ninguém jamais lhe contara sobre a sua hereditariedade. Ainda assim, ele supunha que nasciam pessoas comuns nas famílias mais mágicas. E imaginava que ele próprio era uma pessoa comum. Então Papai era

mesmo um feiticeiro? Ressentido, Christopher procurou em Papai sinais do poder e da riqueza que acompanhavam um feiticeiro, mas pelo que via esses sinais não estavam presentes: Papai parecia-lhe pobre e triste. Os punhos do paletó do seu fraque estavam puídos, e a sua cartola parecia surrada e nada próspera. Até as costeletas negras eram mais ralas do que Christopher recordava, e ostentavam manchas grisalhas.

Mas o fato era que, feiticeiro ou não, Papai o tinha tirado da escola no auge da temporada de críquete e, pelo modo como o Diretor havia falado, Christopher não voltaria para lá. Mas por que não? Por que Papai enfiara na cabeça fazer isso com ele?

Christopher ficou pensando sobre essas coisas enquanto o trem entrava na estação Great Southern e Papai o rebocava através da multidão até chegarem a um carro de aluguel. Sacolejando a toda velocidade na direção de St. Pancras Cross, Christopher deu-se conta de que seria difícil até mesmo encontrar-se com Tacroy e conseguir dele algumas aulas de críquete. Papai dis-

sera-lhe para não se meter com o tio Ralph, e Papai era feiticeiro...

No vagão pequeno e sujo de fuligem do trem para Cambridge, Christopher perguntou, ressentido:

— Papai, que foi que o fez resolver me levar para o Dr. Pawson?

— Pensei que já tivesse explicado — Papai respondeu.

Por um instante, parecia que aquilo era tudo o que ele tinha a dizer. Então voltou-se para Christopher, com um meio suspiro, e o menino percebeu que ele estivera apenas concentrando-se para uma conversa séria. E começou:

— Na sexta-feira passada, você foi oficialmente dado como morto, meu filho, por dois médicos e várias outras pessoas. No entanto, quando cheguei para identificar o seu corpo no sábado, você estava vivo e em recuperação, sem mostrar qualquer sinal de ferimento. Isto me deu a certeza de que você tem mais do que uma vida. Ainda por cima porque desconfio que isto já aconteceu uma vez, antes. Diga-me, Christopher, naquela ocasião, no ano passado, em que me contou que uma vara de cortina havia caído em cima de você, ferindo-o no peito, o ferimento foi mortal, não foi? Pode se abrir comigo, não ficarei zangado.

— Imagino que tenha sido, sim — Christopher confessou com relutância.

— Era o que eu calculava! — Papai exclamou, com triste satisfação. — Ora, meu filho, essas pessoas que têm a sorte de ter várias vidas são sempre, invariavelmente, feiticeiros altamente dotados. No sábado passado, ficou claro para mim que você é um deles. Foi

por isso que mandei chamar Gabriel de Witt.

Papai então baixou o tom de voz e olhou em volta para o vagão sujo de fuligem como se pensasse que o Monsenhor de Witt pudesse escutá-lo.

— Ora, o Monsenhor de Witt é o feiticeiro mais forte do mundo — continuou. — Ele tem nove vidas. Nove, Christopher. Isto o deixa suficientemente poderoso para controlar a prática

da magia em todo este mundo e em vários outros. O Governo deu-lhe essa tarefa. Por este motivo você escutará algumas pessoas chamando-o de Crestomanci. É o título de quem ocupa esse cargo.

— Mas o que tudo isso e o crês tou mancí têm a ver com me tirar do colégio?

— Porque eu quero que Witt se interesse pelo seu caso — Papai explicou. — Agora sou um homem pobre; nada posso fazer por você. Já fui obrigado a fazer um sacrifício considerável para conseguir pagar os honorários do Dr. Pawson, porque acho que Witt estava enganado quando disse que você é um menino normal e tem apenas uma vida. A minha esperança é de que o Dr. Pawson consiga provar que ele estava errado e Witt possa ser convencido a aceitar você na equipe dele. Se isto acontecer, o seu futuro estará garantido.

Christopher pensou: me aceitar na equipe dele... Como Oneir na empresa do pai, tendo que começar como contínuo...

— Acho que não vou querer o meu futuro garantido desta maneira.

O pai lançou-lhe um olhar melancólico.

— Você diz isto por influência da sua mãe. Uma educação adequada vai curar este tipo de leviandade —

declarou.

Isso não ajudava a fazer com que Christopher aceitasse os planos de Papai. Ele pensou com raiva: não dissera aquilo por influência de alguém! Isso nada tinha a ver com Mamãe! E ainda estava cheio de ressentimento e rebeldia quando o trem chegou a Cambridge. Ele percorreu com Papai as ruas cheias de rapazes que usavam becas bem parecidas com os sobretudos que as pessoas vestiam na Série Sete. Passaram por prédios altos, com torres que lhe lembraram o Templo de Asheth, embora os prédios de Cambridge tivessem mais janelas. Papai havia alugado aposentos em uma hospedaria, um lugar escuro e miserável que cheirava a comida velha.

— Nós dois vamos ficar aqui enquanto o Dr. Pawson estuda o seu caso — ele explicou a Christopher. — Trouxe bastante trabalho para fazer aqui, e assim poderei cuidar pessoalmente do seu bem-estar.

Isto foi a gota d'água na infelicidade e na raiva de Christopher, pois ele não sabia se teria coragem de ir ao Lugar do Meio na quinta-feira para encontrar-se com Tacroy tendo um consumado feiticeiro de olhos atentos em cima dele. Para piorar tudo, a cama da hospedaria era ainda mais desconfortável do que

a cama do colégio, e rangia cada vez que ele se mexia. Ele adormeceu dizendo a si mesmo que a sua infelicidade era a maior que poderia existir. Isso, porém, foi antes de ficar conhecendo o Dr Pawson e descobrir que os seus problemas estavam apenas começando.

Na manhã seguinte, Papai levou-o à casa do Dr. Pawson na Rua Trumpington.

— Por causa de tanta sapiência, o Dr. Pawson às vezes tem modos desconcertantes, mas sei que apesar disso posso confiar que meu filho saberá comportar-se com educação — declarou ele.

Aquilo parecia assustador. Christopher sentia as pernas bambas enquanto os dois acompanhavam a criada até a sala do Dr. Pawson. Era um aposento muito claro, entulhado de coisas em desordem. Uma voz estridente gritou, do meio da bagunça:

— Parem! Christopher estacou onde estava, espantado.

— Nem mais um passo. E firme estes joelhos, garoto! — berrou a voz áspera. — Meu Deus, como os jovens são agitados! Como é que posso examiná-lo, se você não fica quieto? Agora, que é que me diz?

A coisa mais volumosa no meio da desordem era uma poltrona larga. O Dr. Pawson estava sentado nela sem mover um só músculo, a não ser por um estremecimento da sua enorme papada vermelha. Provavelmente era gordo demais para mover-se. Era imensamente, vastamente, grosseiramente gordo. Sua barriga era como uma pequena montanha com um colete quadriculado esticado sobre ela. As mãos lembravam a Christopher umas bananas vermelhas que ele vira na Série Cinco. O rosto também era esticado e vermelho, e nele dois olhos aguados e implacáveis olhavam com raiva.

— Como vai, senhor? — Christopher cumprimentou, já que Papai confiava que ele se mostraria bem-educado.

— Não, não! — gritou o Dr. Pawson. — Isto é um exame, não uma visita social. Qual é o seu pro-

blema... Chant, é este o seu nome, não é? Pois declare o seu problema, Chant.

— Não consigo fazer mágica, senhor — disse Christopher.

— Muita gente também não. Alguns nascem assim — vociferou o Dr. Pawson. — Seja mais específico, Chant. Mostre-me. Não faça uma mágica para eu ver.

Christopher hesitou, principalmente porque estava confuso.

— Vamos lá, garoto! — uivou o Dr. Pawson. — Não faça uma mágica!

— Não consigo não fazer uma coisa que não consigo fazer — Christopher afirmou, inteiramente perturbado.

— Claro que consegue! — berrou o Dr. Pawson. — Esta é a essência da magia. Vamos logo. O espelho na mesa ao seu lado, faça-o levitar e ande depressa com isto!

Se o Dr. Pawson tinha esperanças de que um susto faria Christopher conseguir, estava enganado. Christopher foi tropeçando até a mesa, olhou para o elegante espelho com moldura de prata que havia sobre ela e fez os gestos e pronunciou as palavras que havia aprendido no colégio. Nada aconteceu.

— Hum... Não faça de novo — ordenou o Dr. Pawson. Christopher entendeu que devia tentar mais uma vez. E tentou, com mãos e voz trêmulas, uma infelicidade exasperada crescendo dentro de si. Aquilo de nada adiantaria! Ele odiou Papai por tê-lo arrastado da escola para ser aterrorizado por aquele gordo horroroso. Sentia vontade de chorar e teve que dizer a si

mesmo, como se ele fosse a sua própria governanta, que era crescido demais para isso. E, como antes, o espelho simplesmente permaneceu onde estava.

— Hum... — repetiu o Dr. Pawson. — Vire-se, Chant. Não, vire-se totalmente, garoto, e devagar, para que eu possa ver você por inteiro. PARE!

Christopher imobilizou-se e ficou esperando. O Dr. Pawson fechou os olhos aguados e baixou os queixos vermelhos. Christopher desconfiou que ele havia adormecido. A sala estava em completo silêncio, com exceção do tique-taque dos relógios no meio da desarrumação. Dois relógios eram do tipo em que o mecanismo ficava à vista, outro era um relógio de pêndulo, numa caixa alta, de madeira, e outro era montado em um pesado bloco de mármore que parecia ter saído da sepultura de alguém. Christopher quase teve um ataque quando o Dr. Pawson de repente gritou com ele, como uma trombeta anunciando o fim do mundo:

— Esvazie os bolsos, Chant!

Christopher achou que não havia entendido bem, no entanto não ousou desobedecer. Começou a esvaziar às pressas os bolsos do seu jaquetão de caçador — a moeda de seis pence do tio Ralph que ele sempre carregava consigo, uma moeda de um xelim, um lenço acinzentado, um bilhete de Oneir sobre álgebra — até que só restavam dentro deles coisas que o deixavam sem graça, como pedaços de barbante, elásticos e caramelos cheios de pêlos. Ele hesitou.

— Tudo! — berrou o Dr. Pawson. — De todos os bolsos. Vá colocando em cima da mesa.

Christopher continuou a esvaziar os bolsos: uma

borracha toda mordida, um toco de lápis, ervilhas para o bodoque de Fenning, uma moeda de prata de três pence que ele nem sabia que tinha, uma pastilha para a garganta, pelinhos, mais pelinhos, uma bola de gude, uma tampa de caneta velha, mais elásticos, mais pelinhos, mais barbante. E era só.

Os olhos de Dr. Pawson estavam sobre ele, cheios de irritação — Não, ainda falta! Que mais você tem aí? Alfinete de gravata? Livre-se disto também.

Com relutância Christopher retirou o lindo alfinete de gravata que a tia Alice lhe dera no Natal. E Dr. Pawson, extremamente irritado, continuava de olhos fixos nele.

— Ah!! — ele exclamou. — E esta coisa idiota que você tem nos dentes, vai precisar livrar-se disto também. Retire da boca e coloque em cima da mesa. Para que diabos serve esta coisa, afinal?

— Para impedir que os meus dentes cresçam tortos — Christopher respondeu, com certo mau humor. Por mais que odiasse o aparelho dos dentes, odiava mais ainda que o criticassem por causa dele.

— Qual é o problema de ter dentes tortos? — o Dr. Pawson gritou, e mostrou os seus próprios dentes.

Christopher quase pulou para trás quando os viu. Os dentes do Dr. Pawson eram marrons e virados para todas as direções, como uma cerca pisoteada por um rebanho de vacas. Enquanto Christopher pestanejava, o Dr. Pawson berrou:

— Agora faça de novo o feitiço da levitação! Christopher rilhou os dentes — que pareciam muito retos, em contraste com os do Dr. Pawson, e bem lisos, sem o aparelho — e tornou a virar-se para o espelho.

Mais uma vez olhou para ele, mais uma vez disse as palavras e mais uma vez ergueu os braços bem alto. E, enquanto os seus braços subiam, ele sentiu que alguma coisa se soltava junto com eles — e com força total. Tudo o que havia no aposento pôs-se a levitar, com exceção de Christopher, o espelho, o alfinete de gravata, o aparelho e o dinheiro. Esses objetos deslizaram para o chão quando a mesa se ergueu, e pousaram sobre o tapete que subia ondulando embaixo da mesa. Christopher apressou-se a sair de cima do tapete, e ficou contemplando as coisas flutuarem à sua volta — todos os relógios, várias mesas, cadeiras, tapetes, quadros, vasos, enfeites, e também o Dr. Pawson: tanto ele quanto a sua poltrona ergueram-se majestosamente, como um balão, e bateram no teto. O teto embarrigou para cima e o lustre achatou-se de lado contra ele. Do andar superior vinham ruídos de coisas batendo, gritos e um forte rangido. Christopher sentiu que o telhado da casa havia se soltado e estava a caminho do céu, perseguido pelos sótãos. Era uma sensação incrível.

— PARE COM ISTO! — gritou o Dr. Pawson.

Com a consciência pesada, Christopher baixou os braços.

Instantaneamente tudo começou a chover de volta para o chão. As mesas mergulharam, os tapetes afundaram, os vasos, os quadros e os relógios esborracharam-se no chão. A poltrona do Dr. Pawson mergulhou com o resto, seguida por pedaços do lustre, mas o Dr. Pawson flutuou para baixo lentamente, obviamente tendo tido a prudência de fazer alguma mágica própria.

Em cima, o telhado desceu estrondosamente.

Christopher ouvia as telhas caindo e as chaminés desabando, além de gritos vindo do segundo andar. Os andares superiores pareciam agora estar tentando atravessar em direção ao chão. As paredes da sala curvaram-se, soltando reboco, enquanto as janelas inclinavam-se e se despedaçavam. Passaram-se cerca de cinco minutos antes que todo o movimento cessasse, e a poeira demorou ainda mais tempo para baixar. O Dr. Pawson, sentado em meio às ruínas e à poeira, tinha os olhos fixos em Christopher. Este o encarava de volta com muita vontade de rir.

De repente uma senhora de aparência frágil materializou-se na poltrona oposta à do Dr. Pawson. Usava uma camisola branca e uma touca de renda sobre os cabelos brancos. Ela endereçou a Christopher um sorriso gelado.

— Então foi você, menino! — disse, dirigindo-se a ele. — Mary Ellen está histérica. Nunca mais torne a fazer isto, senão vou lhe mandar uma Penitência. Ainda sou famosa pelas minhas Penitências, sabia?

Tendo dito isto, ela desapareceu da mesma maneira que surgira.

— Minha velha mãe — explicou o Dr. Pawson. — Normalmente ela fica de cama, mas, como pode ver, ela ficou fortemente perturbada. Como quase tudo, aliás.

Ele ficou sentado encarando Christopher por mais algum tempo, e Christopher continuou fazendo força para não rir.

— A prata — disse finalmente o Dr. Pawson.

— A prata? — Christopher repetiu.

— A prata. E a prata que está atrapalhando

você, Chant. Não me pergunte a razão agora. Pode ser que nunca cheguemos ao fundo disto, mas os fatos não deixam dúvidas. Se quiser trabalhar com magia, terá que desistir de carregar dinheiro, a não ser moedas de cobre e soberanos de ouro, e jogar fora o alfinete de gravata, e livrar-se desse aparelho idiota.

Christopher pensou em Papai, no colégio, no críquete, e uma onda de raiva e frustração deu-lhe a coragem suficiente para declarar:

— Mas acho que não quero trabalhar com magia, senhor.

— Quer, sim, Chant — retrucou o Dr. Pawson.
— Pelo menos durante o próximo mês.

Enquanto Christopher pensava em um modo de desmenti-lo sem ser demasiado grosseiro, o Dr. Pawson soltou outro enorme berro.

— VAI TER DE COLOCAR TUDO DE VOLTA NO LUGAR, CHANT!

E foi exatamente isso que Christopher foi obrigado a fazer. Durante o resto da manhã ele andou pela casa, subindo a todos andares e indo depois para o jardim, enquanto o Dr. Pawson o seguia na sua poltrona e lhe mostrava como lançar feitiços de segurança para impedir que a casa desabasse. O Dr. Pawson parecia nunca se levantar daquela poltrona; durante todo o tempo que Christopher passou com ele, o menino nunca viu o Dr. Pawson caminhar. Por volta do meio-dia o Dr. Pawson fez a sua poltrona deslizar até a cozinha, onde uma criada estava sentada melancolicamente em meio a cacos de louça, leite derramado, pedaços de potes e panelas amassadas, enxugando os olhos com o avental.

— Não se machucou, não foi? — rosnou o Dr. Pawson. — A primeira coisa que fiz foi um feitiço de segurança para ter certeza de que o fogão não ia explodir e atear fogo à casa ou qualquer coisa desse tipo. Funcionou, não foi? Os canos d'água estão no lugar?

— Sim, senhor — ofegou a criada. — Mas o almoço está estragado.

— Então seremos obrigados a fazer um lanche — disse o Dr. Pawson. Sua poltrona fez meia-volta para ficar de frente para Christopher. — Até a noite a cozinha deverá estar consertada — ordenou. — Nada de feitiços de segurança; quero tudo novinho. Vou lhe mostrar como se faz. Não posso ficar com a cozinha fora de ação. E o lugar mais importante da casa.

— Tenho certeza de que é, senhor — disse Christopher, olhando para a montanha que era o estômago do Dr. Pawson.

O Dr. Pawson encarou-o com irritação.

— Eu posso almoçar na faculdade, mas mamãe precisa se alimentar.

Durante o resto daquele dia Christopher consertou a cozinha, tornando a colar os cacos de louça, recapturando o leite e o xerez derramados, tirando os amassados das panelas e vedando uma perigosa rachadura nos fundos do fogão. Enquanto fazia isso, o Dr. Pawson permaneceu sentado na sua poltrona, aquecendo-se junto ao fogo do fogão e berrando coisas tais como:

— Agora restaure os ovos, Chant. Vai precisar primeiro do feitiço para levantá-los e, depois, do dispersor de poeira que você usou no leite. Só então poderá começar o feitiço de remendar.

Enquanto Christopher trabalhava, a criada, que obviamente sentia ainda mais medo do que ele do Dr. Pawson, esgueirava-se pelos cantos, tentando fazer um bolo e preparar o assado para o jantar.

De um jeito ou de outro, Christopher provavelmente aprendeu mais magia prática nesse dia do que em dois períodos e meio na escola. Quando anoiteceu, estava exausto. O Dr. Pawson latiu:

— Pode voltar para o seu pai por enquanto. Esteja aqui amanhã às nove em ponto. Ainda falta consertar o resto da casa.

— Ai, Senhor! Será que ninguém pode me ajudar? Já aprendi a lição — Christopher gemeu, exausto demais para mostrar-se bem-educado.

— Que foi que lhe deu a idéia de que havia uma única lição para aprender? — berrou o Dr. Pawson.

Christopher cambaleou de volta para a hospedaria carregando o aparelho dos dentes, o dinheiro e o alfinete de gravata embrulhados no lenço cinzento. Papai ergueu os olhos da mesa coberta de folhas de horóscopo.

— E então? — perguntou, com uma ansiedade triste. Christopher deixou-se cair sobre uma cadeira estofada.

— Prata — falou. — É a prata que me impede de fazer mágica. E espero que eu tenha mesmo mais de uma vida, porque nesse ritmo o Dr. Pawson vai acabar me matando.

— Prata? — ecoou Papai. — Ora, ora! Ora, ora, ora! Durante a refeição de sopa de repolho e salsichas fornecida pela hospedaria, ele ficou triste e silencioso. Depois do jantar, ele disse:

— Meu filho, tenho uma confissão a fazer. É por minha culpa que a prata impede que você faça mágicas. Quando você nasceu, não fiz apenas o seu horóscopo, mas também todos os outros feitiços que conhecia para adivinhar o seu futuro. E pode imaginar o meu horror quando todas as previsões disseram que a prata significaria perigo ou morte para você.

Papai fez uma pausa e ficou a tamborilar com os dedos nas folhas de horóscopo, os olhos fixos distraidamente na parede.

— Argent... — disse, em tom pensativo. — Argent significa prata. Será que entendi errado? — Com tristeza ele se controlou. — Bem, é tarde demais para fazer alguma coisa sobre isto, a não ser advertir você novamente para não se aproximar do seu tio Ralph.

— Mas por que é culpa sua? — Christopher perguntou, muito constrangido com o caminho por onde iam os pensamentos de Papai.

— Não há maneira de fugir ao Destino, como eu já deveria saber. Fiz meus feitiços mais fortes e utilizei todo o meu poder para tornar a prata neutra para você. Parece que, por causa disso, a prata, qualquer contato com a prata, transforma você imediatamente em uma pessoa normal, sem qualquer dom de magia. E agora percebo que isto pode ter seus perigos. Acho que você consegue fazer mágica quando não está tocando em prata, não consegue?

Christopher soltou uma risada exausta.

— Ah, consigo. E como consigo! Papai ficou um pouco mais feliz.

— Isto é um alívio. Então meu sacrifício aqui

não foi em vão. Como você deve saber, Christopher, eu muito tolamente perdi o dinheiro da sua mãe e o meu próprio, investindo onde pensava que meus horóscopos me indicavam. — Ele sacudiu a cabeça melancolicamente. — Os horóscopos são cheios de truques, principalmente em relação a dinheiro. Seja como for, estou acabado Considero-me um fracasso. Você é tudo o que me resta na vida meu filho. O sucesso que eu conhecerei será através de você.

Se Christopher não estivesse tão cansado, teria achado isso decididamente embaraçoso. Mesmo com toda a sua exaustão, ele constatou que se sentia contrariado, porque esperava-se que ele vivesse para o seu pai e não para si próprio. Pensava: seria justo usar a magia para fazer de si próprio um jogador de críquete famoso? Conseguiria fazer a bola ir aonde quer que ele quisesse; será que Papai consideraria isso um sucesso? Mas sabia perfeitamente que Papai não consideraria.

A essa altura, sentia que os olhos estavam pesados, e a cabeça também. Quando Papai mandou-o para a cama, Christopher caiu sobre o colchão que rangia e dormiu como uma pedra. Sua intenção, com toda a honestidade, era ir ao Lugar do Meio e contar a Tacroy tudo o que havia acontecido, mas estava simplesmente cansado demais, ou com medo demais de que Papai descobrisse; fosse qual fosse o motivo, nessa noite ele não teve sonho de qualquer espécie.



Capítulo X

Durante as três semanas seguintes, o Dr. Pawson fez Christopher trabalhar tanto, consertando a casa, que à noite o menino caía na cama exausto demais para sonhar. Todas as manhãs, quando Christopher chegava, o Dr. Pawson estava no vestíbulo, sentado na sua poltrona, esperando por ele.

— Ao trabalho, Chant! — ele latia. Christopher acostumou-se a responder:

— É verdade, senhor? Pensei que íamos ter um dia de preguiça, como ontem.

O mais estranho no Dr. Pawson era que ele não se importava nem um pouco com essa espécie de comentário. Depois que Christopher acostumou-se com ele, percebeu que o Dr. Pawson gostava quando as pessoas o enfrentavam; tendo descoberto esse fato, Christopher constatou em seguida que não de-

testava o Dr. Pawson realmente, mas apenas do

modo como detestamos uma tempestade violenta que nos pega de surpresa. Descobriu que estava achando bastante agradável reconstruir a casa, embora talvez a coisa que estivesse apreciando de verdade era fazer mágicas que realmente funcionavam.

Cada feitiço que fazia tinha uma utilidade real. Aquilo tornava as coisas muito mais interessantes do que as bobagens que ele havia tentado aprender na escola. E o trabalho duro era muito mais fácil de suportar quando ele tinha a possibilidade de dizer ao Dr. Pawson coisas que teriam feito os seus professores no colégio torcer suas orelhas e ameaçar dar-lhe uma surra de bengala pela sua insolência.

— Chant! As chaminés da direita estão tortas!
— o Dr. Pawson berrou da sua poltrona no meio do gramado.

Christopher estava equilibrado na telhas do telhado, tremendo de frio por causa do vento. Naquele dia estava chovendo, de modo que ele era obrigado a manter um feitiço-proteção no telhado e no gramado, enquanto trabalhava. E já havia endireitado as chaminés quatro vezes.

— Sim, senhor, é claro, senhor! — gritou de volta. — Gostaria que eu as transformasse em ouro também, senhor?

— Não me venha com essa, senão vou obrigá-lo a fazer isto mesmo! — berrou o Dr. Pawson.

Quando Christopher foi consertar o quarto da mãe do Dr. Pawson, cometeu o erro de tentar lidar da mesma maneira com a idosa senhora. Ela estava sentada na cama em meio a um monte de gesso do teto, parecendo bastante confortável e à vontade, tricotando

alguma coisa listrada e comprida.

— Eu salvei o espelho, garoto — ela comentou com um sorriso agradável. — Mas meus poderes só vão até aí. Faça-me a gentileza de consertar primeiro o urinol, e pode se considerar sortudo, garoto, porque ele não havia sido usado. Vai encontrá-lo debaixo da cama.

Christopher pescou três cacos brancos e pôs-se a trabalhar.

— Remende direitinho — recomendou a velha Sra. Pawson, batendo as agulhas de tricô. — Não deixe a alça ficar torta, e a listra dourada em volta da borda tem que ficar bem regular. Por favor não deixe caroços incômodos ou rachaduras feias, garoto.

Sua voz era gentil e agradável, e ficava interrompendo o feitiço. Finalmente Christopher perguntou, exasperado:

— Gostaria que ele fosse cravejado de diamantes também? Ou quer que eu coloque apenas um ramalhete de rosas no fundo?

— Muito obrigada, garoto. O ramalhete de rosas, por favor. Acho que é uma idéia encantadora — respondeu a Sra. Pawson.

O Dr. Pawson, sentado na sua poltrona ali perto, achou muito engraçado o desapontamento de Christopher.

— O sarcasmo nunca leva a nada, Chant! — ele gritou. — As rosas exigem um feitiço de criação. Escute com atenção.

Depois disso, Christopher foi obrigado a cuidar dos quartos das criadas. Em seguida foi preciso consertar o encanamento inteiro. O Dr. Pawson dava-lhe folga aos domingos para que Papai pudesse levá-lo à

igreja. Christopher, agora que sabia o que conseguia fazer, brincava com a idéia de fazer a torre da igreja derreter-se como uma vela, mas nunca chegou a ter coragem de fazer isso, com Papai caminhando severamente ao seu lado. Em vez disso, tentava outras experiências.

Todas as manhãs, enquanto subia a pé a Rua Trumpington, ele experimentava fazer com que as árvores que a ladeavam assumissem diferentes posições. Ficou tão craque nisso que não demorou para que conseguisse colocá-las em fila no final da rua ou juntá-las em um bosque.

À noite, cansado como estava, ele não conseguia resistir e fazia o jantar da hospedaria ter um gosto melhor. Mas não era tão fácil fazer mágica com comida.

— Que é que eles andam colocando nas salsichas? Estas têm gosto de morango! — Papai comentava.

Então chegou uma manhã em que o Dr. Pawson gritou da sua poltrona no vestibulo:

— Muito bem, Chant, de agora em diante você vai acabar de consertar a casa na parte da tarde. De manhã vamos ensinar-lhe algum controle.

— Controle? — Christopher repetiu. A essa altura a casa estava quase terminada, e ele tinha a esperança de que o Dr. Pawson tivesse terminado com ele também.

— Isto mesmo! — gritou o Dr. Pawson. — Você não estava pensando que eu ia deixá-lo solto no mundo sem lhe ensinar a controlar o seu poder, não é? Do jeito que está agora, você é uma ameaça para todo

mundo. E não me diga que não andou tentando ver o que consegue fazer, porque não vou acreditar.

Christopher olhou para os pés e pensou no que acabara de fazer com as árvores na Rua Trumpington.

— Fiz muito pouca coisa, senhor.

— Muito pouca coisa! Que é que os meninos sabem de moderação? — perguntou o Dr. Pawson. — Para o jardim. Vamos chamar o vento, e você vai aprender a fazer isso sem mover um único talo de grama.

Os dois foram para o jardim, onde Christopher criou um redemoinho. Achou que aquilo expressava bem o que ele estava sentindo. Felizmente era bem pequeno e só destruiu o canteiro de rosas. O Dr. Pawson cancelou-o com um aceno dos seus dedos de banana.

— Faça de novo, Chant.

Aprender controle era chato, porém muito menos cansativo. O Dr. Pawson obviamente sabia disso, pois começou a dar Christopher deveres de casa para ele fazer à noite. Mesmo assim, Christopher começava a sentir pela primeira vez, depois de desembaraçar os feitiços entrelaçados nos problemas que recebia, que ainda lhe restava algum cérebro com o qual ele podia raciocinar. Pensou primeiro na prata; guardar a moeda de seis pence de prata do tio Ralph impedira que ele fizesse muita coisa, e aquela porcaria de aparelho nos dentes impedira que ele fizesse ainda mais coisas. Que desperdício! Não era de admirar que ele não tivesse conseguido levar os livros para a Deusa até que a Inspetora o obrigasse a retirar o aparelho dos dentes.

Durante todos aqueles anos, ele vinha usando a magia para chegar aos Uns Lugares, sem saber disso — não, ele bem que sabia, de um modo meio disfarçado. Tacroy também sabia, e ficara impressionado. E a Deusa deve ter compreendido isso também, quando o seu bracelete de prata transformou Christopher em um fantasma. Nesse ponto, Christopher tentou continuar pensando na Deusa, mas descobriu que em vez disso ficava pensando em Tacroy, que, a essa altura, certamente havia entrado em transe inutilmente durante três semanas seguidas. Tacroy dizia que era fácil, mas Christopher desconfiava que entrar em transe exigia muito da pessoa. Ele realmente teria que informar o tio Ralph do que havia acontecido.

Olhando de relance para Papai, que estava concentrado no trabalho, desenhando símbolos especiais nos horóscopos com uma pena especial sob a grande lamparina a óleo, Christopher começou a escrever uma carta para o tio Ralph, fingindo que aquilo fazia parte do seu dever de casa. A lamparina lançava sombras no rosto do Papai, escondendo a sua aparência desgastada e dando-lhe um ar incomumente bondoso e sério. Christopher disse a si mesmo, nervoso, que simplesmente Papai e o tio Ralph não gostavam um do outro. Além disso, Papai não havia realmente proibido que ele escrevesse para o tio Ralph.

Ainda assim, ele levou várias noites para escrever a carta. Christopher não queria parecer desleal ao Papai. No final, escreveu simplesmente que Papai o levava embora da escola para que ele fosse aprender com o Dr. Pawson. Custou-lhe muito esforço para uma carta tão curta. Ele a enviou no dia seguinte, a

caminho da Rua Trumpington, com uma sensação de alívio e virtude.

Três dias depois, Papai recebeu uma carta de Mamãe. Christopher logo percebeu, pelo rosto de Papai, que o tio Ralph contara a Mamãe onde eles estavam. Papai jogou a carta no fogo e pegou a sua cartola.

— Christopher, hoje vou acompanhar você à casa do Dr. Pawson.

Aquilo fez Christopher ter certeza de que Mamãe também se encontrava em Cambridge. Enquanto subia a Rua Trumpington ao lado de Papai, ele tentava entender quais eram os seus sentimentos a respeito daquilo tudo.

Mas não teve muito tempo para pensar; um vento forte, cheirando a rosas, soprou em volta dos dois, jogando Christopher para o lado e arrancando a cartola da cabeça de Papai. Papai fez menção de correr atrás da cartola — que estava rolando para baixo de uma carroça de cervejaria em movimento —, mas então desistiu e, em vez disso, agarrou Christopher pelo braço.

— Posso comprar outra cartola. Continue caminhando, filho. E continuaram andando, com a ventania uivando e chicoteando os dois. Christopher podia sentir o vento tentando enrolar-se em volta do seu corpo para puxá-lo para longe. Se não fosse Papai segurar o seu braço, ele teria sido carregado para o outro lado da rua. Ficou impressionado; não sabia que a magia de Mamãe era tão forte.

— Posso controlar o vento, se o senhor quiser. O Dr. Pawson me ensinou a fazer isso — gritou para

Papai, acima do ruído da ventania.

— Não, Christopher — Papai ofegou em tom grave, parecendo estranho e ridículo, com os cabelos desgrenhados e o sobretudo batendo nas suas pernas. — Um cavalheiro nunca faz mágica contra uma mulher, principalmente sendo a sua própria mãe.

Parecia a Christopher que nesse caso os cavaleiros tornavam as coisas illogicamente difíceis para si mesmos. O vento soprava com força cada vez maior, à medida que eles se aproximavam do portão da casa do Dr. Pawson. Christopher achou que nunca conseguiriam percorrer os últimos metros. Papai foi obrigado a agarrar-se ao portão para segurar os dois no lugar enquanto tentava abrir o ferrolho. Foi quando o vento fez um último e violento ataque. Christopher sentiu que os seus pés saíam do chão, e percebeu que estava prestes a sair voando.

Bem na hora, ele se fez muito pesado. Fez isso porque na verdade aquilo era como uma disputa, e ele não gostava de estar do lado perdedor. Não teria se importado nem um pouco de ver Mamãe. Mas torcia para que Papai não percebesse as pegadas demasiadamente profundas que os seus pés haviam feito no chão junto ao portão.

Do lado de dentro do portão não havia mais vento. Papai alisou os cabelos e tocou a sineta.

— Aha! — gritou o Dr. Pawson da sua poltrona, enquanto Mary-Ellen abria a porta. — O problema esperado aconteceu, pelo que vejo. Chant, me faça o favor de ir para o andar de cima e ler para a minha mãe enquanto converso com o seu pai.

Christopher subiu a escada devagar, demoran-

do-se o mais que ousava, na esperança de escutar o que estava sendo dito. No entanto, tudo o que conseguiu ouvir foi a voz do Dr. Pawson, que mal gritava.

— Estive em contato quase diariamente durante uma semana, mas eles ainda não conseguem...

Depois disso a porta foi fechada. Christopher subiu o restante da escada e bateu à porta do quarto da velha Sra. Pawson. Ela estava sentada na cama, ainda tricotando.

— Venha sentar-se naquela cadeira para que eu possa escutá-lo — pediu com o seu tom de voz delicado, e endereçou-lhe um sorriso delicado, porém penetrante. — A Bíblia está aqui, na mesa de cabeceira. Você pode começar no início do Gênese, menino, e ver até onde consegue chegar. Imagino que as negociações vão levar muito tempo. Essas coisas são sempre demoradas.

Christopher sentou-se e começou a ler. Estava aos tropeços no meio de pessoas que geraram outras pessoas quando Mary-Ellen entrou com café e biscoitos, permitindo-lhe uma pausa bem-vinda. Dez minutos depois, a velha Sra. Pawson tornou a pegar o seu tricô e disse:

— Continue, garoto.

Christopher encontrava-se enfronhado era Sodoma e Gomorra, e já estava começando a ficar sem voz quando a velha Sra. Pawson inclinou para um lado a cabeça branca e disse:

— Pode parar agora, garoto. Eles estão chamando você no escritório.

Bastante aliviado e muito curioso, Christopher largou a Bíblia e disparou para o andar térreo. Papai e o

Dr. Pawson estavam sentados de frente um para o outro no escritório superlotado. Ao longo das últimas semanas, o aposento vinha se tornando mais entulhado do que nunca, pois havia ali pedaços de relógios e de enfeites trazidos de toda a casa, à espera de que Christopher os consertasse. Agora a sala parecia ainda mais desarrumada: mesas e tapetes haviam sido empurrados para perto das paredes, para deixar à mostra uma grande extensão de assoalho de madeira, e nesse espaço havia sido feito um desenho a giz. Christopher estudou-o com interesse, imaginando se aquilo teria alguma coisa a ver com Mamãe. Era uma estrela de cinco pontas dentro de um círculo. Ele olhou para Papai, que obviamente estava muito feliz com alguma coisa, e depois para o Sr. Pawson, que se mostrava como de costume.

— Tenho novidades para você, Chant — declarou o Dr. Pawson. — Andei fazendo um monte de testes com você nessas últimas semanas. Não me olhe assim, garoto, você não sabia que eu estava fazendo isso. E cada um desses testes mostrou que você tem nove vidas. E, além de nove vidas, uma das magias mais fortes que já encontrei. Naturalmente entrei em contato com Gabriel de Witt; por acaso sei que ele está há anos procurando um sucessor. Naturalmente tudo que consegui em resposta foi um monte de besteiras. Disseram que já haviam testado você e o resultado havia sido negativo. Os funcionários públicos são assim mesmo, precisam de uma bomba explodindo embaixo deles para mudarem de idéia. Portanto, hoje, depois que o aborrecimento com a sua mãe me forneceu a desculpa de que precisávamos, tive uma boa

conversa com eles. E eles cederam, Chant. Estão mandando um homem para pegar você e levá-lo para o Castelo Crestomanci agora.

Nesse ponto Papai interrompeu, como se não conseguisse conter-se.

— E exatamente o que eu estava torcendo para acontecer, meu filho! Gabriel de Witt vai se tornar o seu guardião legal, e no devido tempo você será o próximo Crestomanci.

— O próximo Crestomanci? Christopher olhou para Papai, sabendo que agora já não teria uma chance de decidir ele próprio sobre a sua profissão: já estava tudo decidido. Os seus sonhos de ser um jogador de críquete famoso murcharam, caíram e se transformaram em cinzas.

— Mas eu não quero — afirmou.

Papai julgou que Christopher não houvesse compreendido bem.

— Você vai ser um homem muito importante — explicou. — Vai tomar conta de toda a magia deste mundo e impedir que qualquer mal seja feito a ela.

— Mas... — Christopher começou, irritado.

Era tarde demais. O vulto nebuloso de uma pessoa começava a formar-se dentro da estrela de cinco pontas. A figura solidificou-se, transformando-se em um rapaz pálido e gorducho, de rosto comprido, usando um sóbrio terno cinzento e um colarinho alto e engomado que aparentava estar apertado demais para ele. Carregava algo que parecia ser um telescópio. Christopher lembrava-se dele; era uma das pessoas que haviam estado no quarto de hospital depois que todos pensaram que Christopher estava morto.

— Bom dia — disse o rapaz, saindo da estrela.
— O meu nome é Flavian Temple. Monsenhor de Witt mandou-me para examinar o seu candidato.

— EXAMINAR? — gritou o Dr. Pawson. — Mas eu já fiz isto! Que é que vocês pensam que eu sou?
— Voltou-se para Papai com expressão irritada. — Esses funcionários públicos!

Era evidente que Flavian Temple, tanto quanto Christopher, achava o Dr. Pawson assustador. O seu rosto crispou-se de leve.

— Sim, Doutor, sabemos disso. Mas as minhas instruções são para testar suas descobertas antes de prosseguirmos. Se o rapazinho entrar no pentagrama...

— Vá, meu filho, fique de pé dentro da estrela
— Papai pediu.

Com uma sensação de raiva e de inutilidade, Christopher pisou no desenho a giz e ficou ali parado enquanto Flavian Temple apontava para ele a coisa que parecia ser um telescópio. Pensava: deve haver um meio de ficar parecendo que só possuo uma vida, tem que haver! Mas ele não fazia a menor idéia do que poderia ser.

Flavian Temple franziu a testa.

— Só consigo encontrar sete vidas.

— Ele já perdeu DUAS, seu gordo bobo! — berrou o Dr. Pawson. — Não lhe contaram coisa alguma? Diga a ele, Chant.

— Já perdi duas vidas — Christopher ouviu-se dizendo; devia haver algum feitiço no desenho, caso contrário ele teria negado tudo.

— ESTÁ VENDENDO? — gritou o Dr. Pawson.

Flavian Temple conseguiu transformar uma

careta em um sorriso.

— Estou, sim, Doutor. Se o caso é este, naturalmente levarei o garoto para ser entrevistado por Monsenhor de Witt.

Diante disso, Christopher animou-se. Talvez não estivesse tudo decidido, afinal. Mas Papai parecia pensar que estava; ele aproximou-se e colocou um braço sobre os ombros de Christopher.

— Adeus, meu filho. Isto me deixa muito orgulhoso e feliz. Despeça-se do Dr. Pawson.

Também o Dr. Pawson comportava-se como se tudo já estivesse resolvido. Sua poltrona moveu-se para a frente e ele estendeu para Christopher um dedo gordo, igual a uma banana.

— Adeus, Chant. Não ligue para a maneira oficial como eles falam. Este Flavian é um funcionário público bobo, como o resto deles.

Enquanto Christopher segurava e sacudia o dedão vermelho, a velha Sra. Pawson, era sua camisola branca engomada materializou-se sentada no braço da poltrona do Dr. Pawson segurando uma trouxa listrada formada pelo tricô enrolado.

— Adeus, menino — disse. — Você lê muito bem. Aqui está um presente. Tricotei para você. Está cheio de feitiços de proteção.

Ela inclinou-se para a frente e colocou a peça em volta do pescoço de Christopher. Era um cachecol com uns três metros de comprimento, listrado com as cores do arco-íris.

— Obrigado — disse Christopher educadamente.

— Chegue um pouco para lá... hum... Christo-

pher. Mas não saia de dentro do pentagrama — Flavian pediu.

Ele próprio tornou a pisar dentro do desenho a giz, ocupando mais do que a metade do espaço, e segurou o braço de Christopher para mantê-lo dentro da estrela. A velha Sra. Pawson acenou com a mão enrugada. Então, sem que qualquer coisa fosse dita, Christopher encontrou-se em algum lugar muito diferente. Era ainda mais desconcertante do que quando ele fora retirado do colégio por Papai.

Ele e Flavian estavam de pé em um pentagrama muito maior, feito de tijolos brancos, ou lajotas, embutido no piso de um lugar muito grande, com uma clarabóia em forma de domo bem lá no alto. Abaixo desse domo de vidro, uma majestosa escadaria de mármore cor-de-rosa subia em curva até o andar superior. Em toda a volta do aposento abriam-se portas imponentes, de lambris, com estátuas acima de cada uma delas — sendo que a mais imponente tinha acima dela um relógio, além de uma estátua — e um enorme lustre de cristal pendia da clarabóia por uma longa corrente. Quando Christopher torceu o corpo para olhar para trás, viu uma majestosa porta de entrada. Percebeu que aquele lugar era o vestibulo de uma grande mansão, mas ninguém tomou a iniciativa de lhe dizer onde estava.

Havia pessoas paradas ao redor do pentagrama, esperando por eles. E que bando de gente mais lúgubre! Todos, homens e mulheres, vestiam-se de preto ou num tom cinzento; os homens usavam colarinhos e punhos de um branco brilhante e todas as mulheres ostentavam delicadas luvas de renda preta. Christopher

sentia todos os olhos pregados em si, avaliando-o, desaprovando-o, encarando-o friamente. Ele encolheu-se sob aqueles olhares, tornou-se um menino muito pequeno e medroso, e deu-se conta de que estava usando as mesmas roupas desde que saíra do colégio.

Antes que Christopher tivesse uma chance de dar uma boa olhada em volta, um homem de barba grisalha e pontuda avançou até ele e retirou o cachecol listrado.

— Ele não vai precisar disto — declarou, parecendo um pouco chocado.

Christopher pensou que o homem fosse Gabriel de Witt e já estava totalmente preparado para odiá-lo, mas Flavian falou, pedindo desculpas por Christopher:

— Não, claro que não, Dr. Simonson. A velha senhora deu isto a ele, sabe? Devo...?

Christopher resolveu odiar o barbudo de qualquer maneira. Então uma das damas, baixinha e rechonchuda, avançou um passo.

— Muito obrigada, Flavian — disse, em um tom autoritário e definitivo. — Agora vou levar Christopher a Gabriel. Acompanhe-me, rapazinho.

Ela fez meia-volta e encaminhou-se para a escadaria cor-de-rosa. Flavian deu um cutucão em Christopher e o menino saiu do desenho de lajotas para segui-la, sentindo-se com 30 centímetros de altura e todo sujo. Enquanto subia os degraus atrás da mulher, ele tinha consciência de que o seu colarinho estava torto e os sapatos estavam empoeirados, e podia sentir o furo na meia do seu pé esquerdo escorregando para fora do sapato e mostrando-se para todas as pessoas do

vestíbulo.

No topo da escadaria havia uma porta muito alta, de aparência sólida, a única, entre várias portas, que era pintada de preto. A mulher encaminhou-se para a porta preta e bateu; em seguida escancarou-a e empurrou Christopher para dentro com firmeza.

— Aqui está ele, Gabriel — anunciou. Então fechou a porta atrás dele e foi-se embora, deixando Christopher sozinho em um aposento oval onde parecia ser a aurora ou o poente.

O quarto tinha as paredes de lambris de madeira escura, e o chão era coberto por um tapete marrom-escuro. O único móvel parecia ser uma imensa escrivaninha escura. Quando Christopher entrou, uma figura comprida e fina ergueu-se atrás da escrivaninha. Eram quase dois metros de pele e osso — um velho, Christopher percebeu quando o seu coração parou de bater disparado. O velho tinha cabelos brancos em grande quantidade e o rosto e as mãos mais vermelhos que Christopher já tinha visto na vida. As sobrancelhas eram salientes e as bochechas também sobressaíam, formando picos largos e dando aos olhos que elas ladeavam uma aparência fixa e funda. Abaixo havia um nariz curvado era bico. O restante do rosto do homem transformava-se em uma ponta pequena e aguda, contendo uma boca larga e cruel. A boca abriu-se e disse:

— Sou Gabriel de Witt. Então nos encontramos novamente, Chant.

Christopher sabia que se lembraria se algum dia tivesse encontrado aquele velho. Gabriel de Witt era ainda mais memorável do que o Dr. Pawson.

— Nunca na minha vida vi o senhor — declarou em resposta.

— Pois eu já o conhecia. Você estava inconsciente na ocasião — disse Gabriel de Witt. — Imagino que isto explica nós termos errado tão estranhamente a seu respeito. Agora basta olhar para você para constatar que realmente tem sete vidas e deveria ter nove.

Christopher percebeu que havia muitas janelas no aposento crepuscular — pelo menos seis, em uma fileira alta e curva, perto do teto. O teto era meio alaranjado e parecia atrair e guardar toda a luz que entrava pelas janelas. Mesmo assim, era um mistério para Christopher que um aposento com tantas janelas pudesse ser tão escuro.

— Apesar disso, tenho muitas dúvidas a respeito de ficar com você — disse Gabriel de Witt. — Francamente, a sua genealogia me assusta. Os Chant dão-se ares de feiticeiros respeitáveis, mas produzem uma ovelha negra a cada geração, ao passo que os Argent, embora, devo admitir, sejam dotados, são o tipo de gente que eu não cumprimentaria na rua. Esses traços são aparentes no seu pai e na sua mãe. Pelo que sei, o seu pai está falido e a sua mãe é uma mera interesseira que quer subir na vida.

Nem o primo Francis dissera uma coisa tão grosseira. A raiva tomou conta de Christopher.

— Ah, muito obrigado, senhor. Não há nada que me agrade mais do que receber boas-vindas carinhosas e educadas como estas.

O velho encarou-o com os seus olhos de águia. Parecia espantado.

— Ora, só achei que seria justo falar franca-

mente com você — afirmou. — Gostaria que você entendesse que concordei era me tornar o seu guardião legal porque não consideramos o seu pai e a sua mãe pessoas adequadas para tomarem conta do futuro Crestomanci.

— Sim, senhor, mas não precisa se preocupar. Não quero ser o futuro Crestomanci — disse Christopher, mais furioso do que nunca. — Prefiro perder todas as minhas vidas!

Gabriel de Witt mostrou-se apenas impaciente.

— Sim, sim, isto acontece muitas vezes, até tomarmos consciência de que alguém precisa fazer este trabalho — disse. — Eu mesmo recusei o cargo quando me ofereceram, mas já tinha meus 20 anos, e você ainda é só um menino, ainda menos apto a tomar decisões do que eu era. Além disso, neste assunto não temos escolha; você e eu somos os únicos feiticeiros com nove vidas em todos os Mundos Vinculados.

Ele fez um gesto com a mão. Uma sineta soou em algum lugar, e a jovem rechonchuda entrou.

— Esta é a Srta. Rosalie, a minha principal assistente — disse Gabriel de Witt. — Ela vai lhe mostrar o seu quarto e ajudá-lo a instalar-se. Indiquei Flavian Temple para seu tutor, embora seja um sacrifício ficar sem ele, e naturalmente eu mesmo vou lhe dar aulas duas vezes por semana.

Christopher acompanhou a Srta. Rosalie ao longo da fileira de portas e depois por um corredor comprido. Ninguém parecia se importar com os seus sentimentos; ele pensou em lhes dar uma lição criando outro redemoinho, mas havia um feitiço naquele lugar, um feitiço forte e grande. Depois das aulas do Dr.

Pawson, Christopher tornara-se sensível a todos os feitiços, e, embora não tivesse certeza da ação desse feitiço era particular, tinha quase certeza de que ele tornaria inúteis coisas como redemoinhos.

— Este é o Castelo Crestomanci? — perguntou em tom de raiva.

— Isto mesmo — respondeu a Srta. Rosalie. — O Governo apossou-se dele há 200 anos, depois que o último feiticeiro realmente perverso foi decapitado. — Ela voltou o rosto para ele, para sorrir-lhe por cima do ombro. — Gabriel de Witt é um amor, não é? Sei que no princípio ele parece meio carrancudo, mas é adorável, depois que a gente o conhece melhor.

Christopher ficou a encará-la. “Um amor” e “adorável” pareciam-lhe as últimas palavras que ele empregaria para descrever Gabriel de Witt.

A Srta. Rosalie não percebeu o seu olhar fixo. Estava abrindo uma porta no final do corredor.

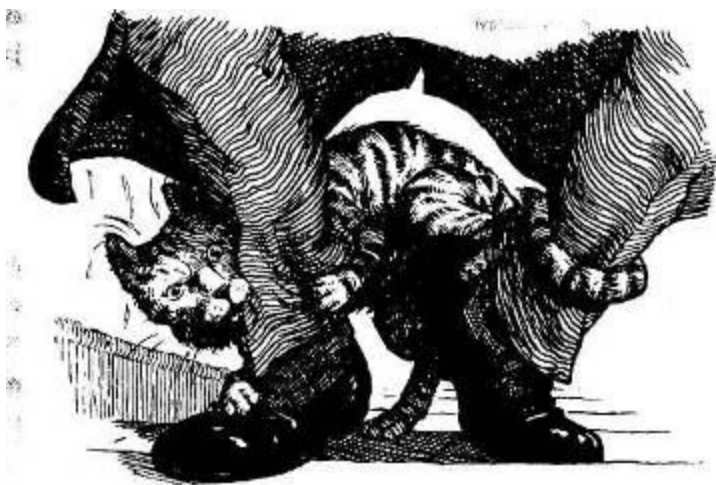
— Chegamos — anunciou, com certo orgulho. — Espero que goste. Não estamos acostumados a ter crianças aqui, de modo que andamos gastando os miolos para fazer com que você se sinta em casa.

Christopher, olhando para um grande quarto marrom com uma cama branca solitária a um canto, achou que não havia muitos indícios de todo esse esforço.

— Obrigado — disse em tom melancólico.

. Quando a Srta. Rosalie o deixou sozinho, ele descobriu que havia um rústico lavatório marrom no outro extremo do quarto e uma prateleira perto da janela. Havia um ursinho de pelúcia na prateleira, um jogo de Serpentes e Escadas e um exemplar de “As mil

e uma noites” com todos os trechos indecentes cortados. Ele arrumou tudo em uma pilha no chão e pisou em cima. Sabia que ia odiar o Castelo Crestomanci.



Capítulo XI

Durante a primeira semana, Christopher só conseguia pensar no ódio que sentia do Castelo Crestomanci e das pessoas que moravam nele. O lugar parecia reunir as piores coisas da sua casa e da escola, e mais alguns horrores próprios. Era muito grande e imponente, e, a não ser quando estava tomando aulas, Christopher era obrigado a vagar por lá inteiramente sozinho, sentindo fortes saudades de Oneir e Fenning, dos outros meninos e do críquete, enquanto as pessoas do Castelo cuidavam dos seus interesses de adultos como se Christopher não estivesse ali. Ele fazia quase todas as refeições sozinho na sala de aula, exatamente como em casa, só que essa sala de aula dava para os gramados bem cuidados do Castelo.

— Imaginamos que você ficaria mais feliz se não fosse obrigado a aturar a nossa conversa de adultos — contou-lhe a Srta.

Rosalie enquanto subiam a longa alameda, voltando da igreja no domingo. — Mas naturalmente vai participar conosco do almoço dominical.

Assim sendo, Christopher sentou-se à mesa comprida com todos os outros em suas sóbrias roupas domingueiras e concluiu que não faria a menor diferença se ele não estivesse ali. O murmúrio de vozes era incessante em meio ao ruído dos talheres, mas ninguém lhe dirigiu a palavra.

— E é preciso acrescentar cobre para sublimar, não importa o que digam os manuais — dizia o barbudo Dr. Simonson a Flavian Temple. — Mas descobri que depois disso você pode colocar tudo diretamente no pentagrama com pequena quantidade de fogo.

— O sangue de dragão ilegal da gangue do Assombração está simplesmente inundando o mercado — disse uma jovem dama no outro lado da mesa. — Até mesmo os fornecedores honestos deixam de denunciar. Sabem que assim conseguem fugir dos impostos.

— Mas as palavras corretas apresentam problemas — o Dr. Simonson declarou a Flavian.

— Sei que estatísticas são enganosas, mas minha última amostra tinha o dobro do limite legal de bálsamo venenoso. Basta extrapolar para ver quanto o Assombração está colocando no mercado — disse um rapaz mais jovem, ao lado de Christopher.

— A tintura flamejante precisa então ser passada através do ouro — proclamou o Dr. Simonson.

Outra voz cortou a dele, dizendo:

— Aquela essência de cogumelo mágico certamente veio da Dez, mas acho que a armadilha que

preparamos lá interrompeu o fornecimento.

Enquanto isso, o Dr. Simonson acrescentava:

— Se você deseja proceder sem o cobre, vai achar bem mais complicado.

A voz da Srta. Rosalie, na outra extremidade da mesa, atravessou a explicação dele:

— Mas Gabriel, eles esquartejaram uma tribo inteira de sereias! Sei que em parte é culpa dos nossos magos, por estarem dispostos a pagar uma fortuna por pedaços de sereias, mas o Assombração realmente tem que ser impedido!

A voz seca de Gabriel, vinda de longe, respondeu:

— Essa parte da operação foi fechada. São as armas vindas da Um que constituem o problema maior.

— Meu conselho é que você comece então com o pentagrama e o fogo, usando a formula de palavras mais simples para iniciar o processo. — prosseguia o Dr. Simonson em tom monótono. — Porém...

Christopher ficou em silêncio, pensando que, se realmente chegasse a ser o próximo Crestomanci, iria proibir que as pessoas conversassem sobre trabalho na hora das refeições. Sempre. Ficou aliviado quando teve permissão para levantar-se da mesa e retirar-se. Depois do almoço, porém, a única coisa que ele pôde fazer foi vagar por lá, sentindo todos os feitiços do lugar provocando-lhe coceiras, como picadas de mosquito. Havia feitiços nos jardins formais, para mantê-los livres de ervas e para aumentar o número de minhocas, e feitiços por toda a volta do terreno para manter os intrusos afastados. Christopher achou que poderia facilmente anular estes últimos e depois fugir, mas a

sensibilidade que ele havia adquirido com o Dr. Pawson mostrou-lhe que quebrar aqueles feitiços dos muros faria disparar alarmes na guarita junto ao portão e provavelmente em todo o Castelo também.

O Castelo propriamente dito tinha uma parte antiga, com várias torres, e uma parte nova, as duas unidas em um conjunto heterogêneo. Mas havia uma outra parte do Castelo que se destacava nos jardins e parecia ainda mais antiga, tão antiga que cresciam árvores no alto das suas paredes em ruínas.

Christopher naturalmente tinha vontade de explorar aquela parte, mas havia ali um forte feitiço de desorientação que fazia com que as ruínas aparecessem atrás dele, ou a um lado, sempre que ele tentava chegar até lá.

De modo que ele desistiu e foi para dentro de casa, onde os feitiços, em vez de coçarem, pesavam sobre ele. Odiava os feitiços do Castelo acima de tudo. Eles não lhe permitiam ficar tão zangado quanto ele se sentia; faziam tudo ficar embotado e abafado. Para expressar o seu ódio, Christopher recaía cada vez mais em um desprezo silencioso. Quando as pessoas por acaso falavam cora ele e ele era obrigado a responder, mostrava-se tão sarcástico quanto sabia ser.

Isso não o ajudava a dar-se bem com Flavian Temple. Flavian era o tipo do tutor bondoso e dedicado. Em circunstâncias normais, Christopher teria gostado bastante dele, apesar de Flavian usar colarinhos apertados demais e tentar demais ser contido e sisudo como o resto do grupo de Gabriel de Witt. Mas ele odiava Flavian por ser uma daquelas pessoas — e bem depressa descobriu que Flavian não tinha o menor

senso de humor.

— Você não encontraria a graça de uma piada, mesmo se ela lhe desse um peteleco, não é? — Christopher perguntou na segunda tarde. As tardes eram sempre dedicadas à magia teórica ou à magia prática.

— Ah, não sei. Na semana passada, alguma coisa que li no Punch me fez sorrir — disse Flavian. — Agora, voltando ao que estávamos dizendo, quantos mundos, na sua opinião, formam os Mundos Vinculados?

— Doze — Christopher respondeu, lembrando-se de que Tacroy às vezes chamava os Uns Lugares de Mundos Vinculados.

— Muito bem! — Flavian exclamou. — Embora na verdade haja mais do que isso, porque cada mundo é na realidade um conjunto de mundos, que chamamos de uma Série. O único mundo sozinho é o Onze, mas não precisamos falar nisso agora. Provavelmente, no começo cada mundo era único, e então aconteceu alguma coisa na Pré-História que poderia ter terminado de duas maneiras contraditórias. Digamos que um continente explodiu. Ou não explodiu. As duas coisas não poderiam ser verdadeiras ao mesmo tempo no mesmo mundo, de modo que esse mundo tornou-se duplo, dois mundos lado a lado, porém bem separados, um com aquele continente e o outro, sem ele. E assim por diante, até haver doze.

Christopher escutava essas coisas com algum interesse, porque sempre quisera saber como os Uns Lugares tinham surgido.

— E as Séries surgiram da mesma maneira? — perguntou.

— Sim! — disse Flavian, obviamente julgando que Christopher era um ótimo aluno. — A Série Sete, por exemplo, que é montanhosa: na Pré-História, a crosta da terra lá deve ter se enrugado muito mais do que aconteceu aqui. Ou a Série Cinco, onde tudo o que era terra transformou-se em ilhas, nenhuma delas maior do que a França. Pois bem, essas coisas são iguais em todos os mundos de uma Série, mas o curso da História em cada mundo é diferente. E a História que cria as diferenças. O exemplo mais fácil é a nossa Série, a Doze, onde o nosso mundo, que chamamos de Mundo A, é orientado pela magia — o que é normal na maioria dos mundos. Mas o mundo seguinte, o Mundo B, mudou de rumo no Século XIV e voltou-se para a ciência e as máquinas. O mundo que vem depois desse, que é o Mundo C, modificou-se na época dos romanos e dividiu-se em grandes impérios. E assim foi, até o nono mundo. Geralmente são nove mundos em cada Série.

— Por que as Séries são numeradas de trás para a frente? — Christopher perguntou.

— Porque imaginamos que a Série Um tenha sido a original das doze — Flavian explicou. — De qualquer maneira, foram os Grandes Magos da Série Um quem primeiro descobriram os outros mundos, e foram eles quem fizeram a numeração.

A explicação de Flavian era muito melhor do que aquela que Tacroy lhe dera. Christopher sentia-se grato a Flavian por isso, de modo que considerou que lhe devia uma resposta quando Flavian perguntou:

— Agora, que é que você imagina que nos faz chamar essas doze Séries de Mundos Vinculados? —

Todos falam a mesma língua — disse.

— Muito bem! — Flavian exclamou. O seu rosto pálido ficou rosado de surpresa e prazer. — Você é mesmo um bom aluno!

— Ah, sou absolutamente brilhante — Christopher replicou com amargura.

Infelizmente, quando com Flavian, em tardes alternadas, dedicava-se à magia prática, Christopher era tudo, menos brilhante. Com o Dr. Pawson ele havia se acostumado aos feitiços que realmente faziam alguma coisa; com Flavian, porém, ele voltou para as pequenas mágicas elementares, do tipo que costumava fazer no colégio. Aquilo deixava Christopher morto de tédio. Ele bocejava e derramava coisas, e geralmente, dando ao rosto uma expressão especialmente distraída para que Flavian não percebesse o que estava fazendo, executava os feitiços pulando mais da metade dos passos.

— Ah, não. Isto é encantamento — Flavian protestava ansiosamente, quando chegava a perceber. — Daqui a poucas semanas vamos entrar nessa parte. Mas primeiro você tem que conhecer bruxaria elementar. É importantíssimo que saiba se uma bruxa ou um bruxo está usando a magia de maneira errada, para quando se tornar o próximo Crestomanci.

Aquele era o problema de Flavian: ele estava sempre dizendo “Quando você se tornar o próximo Crestomanci”. Christopher ficou bastante revoltado.

— Gabriel de Witt vai morrer logo? — perguntou.

— Acredito que não. Ele ainda tem oito vidas. Por que quer saber?

— Só curiosidade — Christopher respondeu, pensando com raiva em Papai.

— Ora, ora... — disse Flavian, preocupado por não estar conseguindo despertar o interesse do seu aluno. — Já sei! Vamos para o jardim, estudar as propriedades das ervas. Pode ser que você goste mais desse ramo da bruxaria.

Assim, os dois desceram para os jardins em um dia cinzento e hostil. Era um daqueles verões que parecem ser mais inverniais do que muitos invernos haviam sido. Flavian estacou debaixo de um imenso cedro e convidou Christopher para estudar o folclore antigo a respeito da madeira do cedro. Christopher, na verdade, ficou muito interessado ao saber que o cedro fazia parte da pira fúnebre da qual a Fênix renasceu, mas fez questão de não deixar que Flavian percebesse o seu interesse.

Enquanto Flavian falava, o olhar de Christopher recaiu sobre a parte do Castelo que estava em ruínas e separada do resto, mas sabia que, se fizesse alguma pergunta a respeito daquilo, Flavian lhe responderia simplesmente que no mês seguinte eles estudariam os feitiços de desorientação — o que lhe trouxe à mente outra coisa que ele queria saber.

— Quando é que vou aprender a prender no chão os pés de uma pessoa? — perguntou.

Flavian lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Só no ano que vem faremos mágicas que afetam outras pessoas — declarou. — Agora vamos até os loureiros, para estudá-los.

Christopher suspirou, enquanto seguia Flavian até os grandes arbustos junto à alameda que levava até

o portão. Devia saber que Flavian não iria ensinar-lhe alguma coisa útil! Enquanto se aproximavam do arbusto mais próximo, um gato avermelhado emergiu por entre as folhas brilhantes, espreguiçando-se com um olhar irritado. Quando viu que se tratava de Flavian e Christopher, avançou para eles trotando, com uma expressão decidida no focinho selvagem. Tinha uma orelha caída.

— Cuidado! — Flavian exclamou em tom de urgência. Christopher não precisava que lhe advertissem; sabia o que aquele gato podia fazer. Mas ficou tão atônito ao encontrar Throgmorten ali no Castelo Crestomanci que se esqueceu de fugir.

— Quem... De quem é este gato? — quis saber. Throgmorten também reconheceu Christopher. Ergueu a cauda mais fina do que nunca, e mais parecida do que nunca com uma cobra, imobilizou-se e ficou a encará-lo.

— Wong? — o animal perguntou com incredulidade. Tornou a avançar, mas de um modo muito mais imponente, como um Primeiro-Ministro saudando um Presidente estrangeiro. — Wong — repetiu.

— Cuidado! — avisou Flavian, prudentemente recuando para trás de Christopher. — É um gato do Templo de Asheth. É mais seguro não chegar perto dele.

Christopher naturalmente sabia disso, mas era tão evidente que Throgmorten pretendia mostrar-se bonzinho que ele decidiu correr o risco: agachou-se e estendeu a mão cautelosamente

— Sim, wong para você também — disse. Throgmorten esticou o focinho alaranjado, que parecia

ter sido comido pelas traças, e passou-o de leve pela mão de Christopher.

— Céus! Parece que esta coisa gosta de você! — Flavian exclamou. — Ninguém tem coragem de chegar perto dele. Gabriel foi obrigado a fornecer a todos os empregados que trabalham do lado de fora feitiços especiais de escudo, pois todos ameaçaram pedir demissão. Ele consegue atravessar os feitiços comuns e arrancar pedaços das pessoas.

— Como foi que ele chegou aqui? — Christopher perguntou, deixando que Throgmorten investisse educadamente a sua mão.

— Não se sabe. Pelo menos ninguém sabe como foi que ele saiu da Série Dez e veio parar aqui — Flavian respondeu. — Mordecai encontrou-o em Londres. É um homem corajoso, trouxe-o para cá dentro de uma cesta. Ele o reconheceu pela aura, e disse que, se ele conseguiu prender o gato, então a maioria dos feiticeiros também conseguiriam. Eles matariam o animal por causa das suas propriedades mágicas. A maioria de nós acha que não seria uma grande perda, mas Gabriel concordou com Mordecai.

Christopher ainda não havia aprendido o nome de todos os rapazes em seus sóbrios ternos à volta da mesa do almoço dominical.

— Qual deles é o Sr. Mordecai? — quis saber.

— Mordecai Roberts. Ele é meu amigo particular. Mas você ainda não deve ter sido apresentado a ele. Hoje em dia Mordecai trabalha para nós em Londres — Flavian explicou. — Bom, talvez agora possamos continuar com o folclore a respeito das ervas — acrescentou.

Nesse momento, um ruído estranho saiu da garganta de Throgmorten, soando como engrenagens de madeira que não se conectassem muito bem: Throgmorten estava ronronando. Inesperadamente Christopher sentiu-se comovido.

— Ele tem nome? — perguntou.

— A maioria das pessoas o chama simplesmente de Aquela Coisa. — Flavian informou.

— Vou chamá-lo de Throgmorten — declarou Christopher. Diante disso, as engrenagens de Throgmorten fizeram ainda mais barulho.

— Combina com ele — Flavian comentou. — Agora, por favor, preste atenção neste loureiro.

Com Throgmorten brincando amigavelmente ao seu lado, Christopher ouviu tudo sobre loureiros e concluiu que aquilo era muito mais fácil de aprender. E achou graça nos cuidados de Flavian para permanecer sempre fora do alcance de Throgmorten.

Daí em diante, Throgmorten, embora um tanto arredio, tornou-se o único amigo de Christopher no Castelo. Os dois pareciam ter a mesma opinião a respeito das pessoas que ali moravam. Certa ocasião, Christopher viu Throgmorten topar com Gabriel de Witt descendo a escadaria de mármore rosado; o gato saltou sobre as pernas finas e compridas de Gabriel, e Christopher ficou encantado, deliciado, com a velocidade com que aquelas pernas finas e compridas dispararam escada acima para fugir do animal.

Christopher detestava Gabriel ainda mais depois de cada aula que tinha com ele. Concluiu que, se a sala de Gabriel parecia sempre tão escura apesar de todas as suas janelas, era porque refletia a personalidade do

dono.

Gabriel nunca ria. Não tinha paciência com demoras ou erros, e parecia achar que Christopher era obrigado a aprender de imediato, por instinto, tudo o que lhe era ensinado.

O problema foi que, na primeira semana, quando Flavian e Gabriel estavam a ensinar-lhe sobre os Mundos Vinculados, Christopher realmente já sabia tudo sobre eles, por causa das suas incursões pelos Uns Lugares, e, ao que parecia, aquilo havia dado a Gabriel a idéia de que Christopher era um bom aluno. Depois disso, porém, passaram para diferentes espécies de magia, e tornou-se óbvio que Christopher simplesmente não conseguia enfiar na cabeça o motivo pelo qual a bruxaria e a magia dos magos não eram a mesma coisa, ou em que os encantamentos eram diferentes da bruxaria e ambos eram diferentes da magia dos magos.

Era sempre um grande alívio para Christopher quando a sua aula com Gabriel chegava ao final. Depois, ele geralmente levava Throgmorten escondido para dentro de casa e os dois juntos exploravam o Castelo. Throgmorten não tinha permissão para entrar no Castelo, e era por isso que Christopher gostava de levá-lo para lá.

Uma ou duas vezes, por sorte e astúcia de ambos, Throgmorten passou a noite na extremidade da cama de Christopher, ronronando como uma matraca. Porém a Srta. Rosalie sabia, de algum modo, onde Throgmorten se encontrava; ela quase sempre chegava usando luvas de jardinagem e expulsava o gato com uma vassoura. Felizmente era muito comum a Srta. Rosalie estar ocupada logo depois das aulas, de modo

que Throgmorten podia galopar ao lado de Christopher pelos longos corredores e pelos sótãos cheios de objetos, enfiando o focinho em cada canto, de vez em quando comentando:

— Wong!

O Castelo era enorme. Os feitiços, opressivos e desconcertantes, pairavam pesadamente sobre a maior parte dele, mas havia lugares que ninguém utilizava e onde os feitiços pareciam haver se desgastado. Era nesses locais que Christopher e Throgmorten se sentiam melhor. Na terceira semana eles descobriram um aposento grande e redondo, em uma torre, que parecia ter sido, muito tempo antes, o laboratório de um mago. Havia prateleiras nas paredes, três compridas bancadas de trabalho e um pentagrama pintado no piso de pedra. Mas estava deserto, empoeirado e abafado, com o cheiro de magia muito, muito antiga.

— Wong! — fez Throgmorten, feliz.

— Sim! — concordou Christopher.

Parecia um desperdício de um bom aposento. Ele pensou: quando eu for o próximo Crestomanci, vou fazer com que esta sala seja usada. Então ficou com raiva de si mesmo, porque não pretendia ser o próximo Crestomanci. Pegara esse hábito com Flavian.

Mas pensou que poderia fazer dali um laboratório secreto para si próprio. Poderia trazer as coisas às escondidas, pouco a pouco.

No dia seguinte, ele e Throgmorten foram explorar um novo sótão onde talvez houvesse objetos que Christopher poderia utilizar para mobiliar o quarto da torre. E então descobriram uma segunda torre, no alto de uma segunda escada, menor e circular. Ali, os

feitiços estavam gastos quase que por completo, porque aquela torre estava em ruínas. Era menor do que o quarto da outra torre, e metade do telhado estava faltando; metade do piso estava molhado por causa da chuva daquela tarde. Nos fundos do aposento encontrava-se algo que já havia sido uma parede com uma janela gradeada, mas agora era um monte molhado de entulhos da parede meio desabada, com uma única coluna de pedra ressaltando no topo.

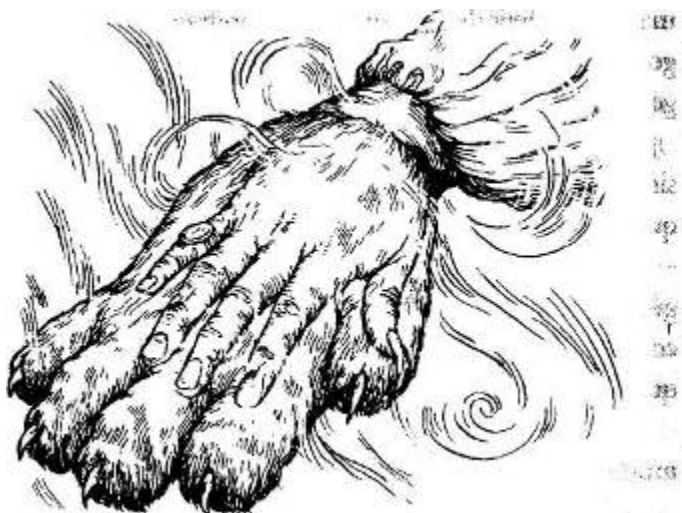
— Wong, wong! — fez Throgmorten com aprovação.

Ele atravessou o piso molhado e trepou pelo monte de entulho. Christopher seguiu-o ansiosamente. Ambos chegaram ao topo, até o que restava da janela, e viram, do lado de fora, lá embaixo, o gramado liso e a copa dos cedros. Christopher avistou de relance a parte separada do Castelo que estava sob o feitiço de desorientação; ficava quase fora de vista, escondida pelos ornamentos de pedra da parede externa da torre, mas o menino imaginou que, ali onde se encontrava, a sua posição era suficientemente alta para permitir-lhe enxergar dentro das ruínas, por cima das árvores que cresciam nelas. Segurando-se na coluna que antigamente fazia parte da janela, Christopher avançou mais e inclinou-se para fora.

A coluna partiu-se em duas.

Os pés de Christopher escorregaram para a frente, no entulho molhado. Ele sentiu-se mergulhar no ar e viu os cedros passarem depressa por ele de cabeça para baixo. Droga! Mais uma vida! Teve consciência de atingir o chão com um golpe terrível, e uma vaga idéia de que Throgmorten de alguma forma

consequira segui-lo até lá embaixo e pusera-se a fazer um escarcéu apavorante.



Capítulo XII

Disseram que dessa vez ele havia quebrado o pescoço. A Srta. Rosalie contou-lhe que os feitiços no Castelo deveriam ter impedido a sua queda, ou pelo menos alertado as pessoas depois que ele caiu. Mas naquele lugar os feitiços estavam gastos, e haviam sido os uivos de Throgmorten que atraíram um jardineiro apavorado. Por causa disso, foi respeitosamente concedida ao gato a permissão de passar aquela noite na extremidade da cama de Christopher, até que de manhã as criadas se queixaram do mau cheiro. Então a Srta. Rosalie apareceu, com suas luvas de jardinagem e a sua vassoura, e expulsou Throgmorten de lá.

Christopher, ressentido, pensava que havia pouquíssima diferença entre o modo como as pessoas do Castelo tratavam Throgmorten e o modo como o tratavam. O barbudo Dr. Simonson, quando não es-

tava instruindo todo mundo sobre a maneira correta de colocar tinturas no fogo, atuava como ma-go-médico. Na manhã seguinte ele veio e, de um modo negligente e reprovador, examinou o pescoço de Christopher.

— Como imaginei, agora a nova vida já se instalou e não há sinal da fratura. E melhor ficar de cama hoje, por causa do choque. Gabriel vai querer conversar com você sobre esta travessura.

Então ele retirou-se e, além das criadas com bandejas, ninguém mais foi visitar Christopher exceto Flavian, que veio e ficou parado à porta, farejando cautelosamente o cheiro forte que Throgmorten havia deixado no quarto.

— Está tudo bem, a Srta. Rosalie acabou de expulsar Throgmorten — Christopher lhe disse.

— Ótimo! — exclamou Flavian, aproximando-se da cama de Christopher trazendo uma braçada de livros.

— Ah, que maravilha! — Christopher exclamou, ao ver os livros. — Um monte de deveres interessantes! Estou deitado aqui doido para estudar um pouco de álgebra!

Flavian pareceu ficar um pouco ofendido.

— Ora, não é nada disso! — protestou. — São livros da biblioteca do Castelo que imaginei que você poderia apreciar.

E retirou-se.

Christopher deu uma olhada nos livros e constatou que eram histórias de diversas partes do mundo. Algumas eram de outros mundos. Todas pareciam muito boas. Christopher não imaginara que houvesse na biblioteca do Castelo qualquer coisa que valesse a

pena ser lida, e, enquanto se acomodava para começar a leitura, decidiu que no dia seguinte iria até lá, dar uma olhada por si mesmo.

Mas o cheiro de Throgmorten interrompeu-o. Aquele cheiro, combinado com os livros, recordava-lhe incessantemente a Deusa, e ele ficava lembrando que ainda não havia pago sequer a centésima parte do preço de Throgmorten. Foi obrigado a fazer um grande esforço para esquecer a Série Dez e concentrar-se em seu livro. Assim que conseguiu, a Srta. Rosalie entrou, corada e ofegante por causa de uma longa perseguição a Throgmorten, e tornou a interrompê-lo.

— Gabriel quer conversar com você sobre a sua queda. Amanhã você deverá ir ao escritório dele às nove horas da manhã — ela anunciou. Fez menção de virar-se para sair e disse: — Pelo visto, já arranjou alguns livros. Há mais alguma coisa que eu possa conseguir para você? Jogos? Você tem Serpentes e Escadas, não tem?

— É um jogo que precisa de dois jogadores — Christopher respondeu.

— Ora, ora. Infelizmente não entendo muito de jogos — disse a Srta. Rosalie.

E retirou-se do quarto.

Christopher pousou o livro e olhou em volta do seu quarto marrom e vazio, odiando profundamente o Castelo e todos os seus ocupantes. No quarto agora estava o baú escolar dele a um canto, o que parecia deixar o aposento ainda mais vazio, pois lhe trazia à lembrança a companhia dos colegas que ele tinha no colégio. Entre o baú e a lareira vazia havia uma quina ideal para chegar aos Uns Lugares; Christopher tinha

vontade de poder fugir para algum lugar onde nem mesmo a magia poderia encontrá-lo, e nunca mais voltar.

Então ele se deu conta de que afinal poderia fugir, de certo modo, indo a um Um Lugar. Procurou entender o motivo de ainda não haver tentado durante todo aquele tempo em que estivera no Castelo, e atribuiu isso aos feitiços que existiam lá. Eles deixavam-lhe a mente anestesiada. Mas agora, fosse pelo choque de ter quebrado o pescoço ou pela nova vida que ele sentia forte e saudável dentro de si, ou por ambas as coisas, ele recomeçara a raciocinar. Talvez pudesse ir para um Um Lugar e ficar lá para sempre.

O problema era que, quando ele ia aos Uns Lugares, parecia ser obrigado a deixar para trás, na cama, uma parte de si. Pelas coisas que Flavian e Gabriel haviam dito quando falavam sobre os Mundos Vinculados, Christopher tinha certeza de que algumas pessoas iam de verdade, inteiras, aos mundos nas outras Séries; ele simplesmente teria de esperar e aprender como isso era feito. Enquanto isso, nada havia que o impedisse de dar uma olhada e procurar um Um Lugar apropriado para onde fugir.

Christopher leu os seus livros inocentemente até a criada vir apagar o gás do lampião. Então ficou deitado, olhando para a escuridão, tentando separar aquela parte dele que podia ir aos Uns Lugares. Durante bastante tempo não conseguiu. Os feitiços do Castelo pesavam sobre ele, comprimindo todas as suas partes em uma só. Então, quando o sono começou a dominá-lo, ele atinou com a maneira correta; deslizou de lado para fora de si mesmo e foi rodear a esquina entre

o baú e a lareira.

Ali, foi como caminhar para dentro de uma parede de borracha espessa, que o quicou de volta para dentro do quarto. Novamente os feitiços do Castelo! Christopher ergueu o queixo, encostou o ombro contra o obstáculo borrachudo e empurrou com força. E empurrou, empurrou, avançando um pouquinho de cada vez, mas sem fazer ruído, com suavidade, para não alertar alguém no Castelo — até que, depois de meia hora, conseguiu esticar o feitiço até que este ficasse o mais fino possível. Então pegou um pouquinho do feitiço entre dois dedos de cada mão e puxou para cada lado, abrindo nele um rasgão.

Foi maravilhoso atravessar a abertura e entrar no vale, e encontrar suas roupas ainda lá, um pouco úmidas e novamente pequenas demais, porém ali, à sua disposição. Vestiu-as e então, em vez de entrar no Lugar do Meio, partiu na direção oposta, descendo o vale. A lógica lhe dizia que o vale levava a um dos outros mundos na Série Doze. Christopher tinha esperanças de que fosse o Mundo B; uma das suas idéias astuciosas havia sido esconder-se bem perto, no mundo sem magia, onde ele tinha certeza de que ninguém, nem mesmo Gabriel de Witt, pensaria em procurá-lo.

Provavelmente aquele era de fato o Mundo B, mas ele ficou lá durante meio minuto apenas. Quando chegou ao final do vale, estava chovendo muito forte — a chuva caía de lado, sem dar sinais de parar. Christopher encontrava-se era uma cidade cheia de máquinas em movimento, disparando à volta dele sobre rodas que sibilavam na rua negra e molhada. Um

ruído alto fez com que olhasse para trás bem a tempo de ver uma imensa máquina vermelha avançando sobre ele através da cortina branca formada pela chuva. Havia nela um letreiro com um número e as palavras TUFNELL PARK. Então uma imensa parede de água caiu sobre Christopher enquanto ele freneticamente tratava de sair do caminho.

Christopher escapou, ensopado de chuva, subindo novamente o vale. O Mundo B era o pior Um Lugar em que ele já estivera. Mas ainda tinha a sua outra idéia astuciosa, que era ir para o Mundo Onze, o mundo aonde ninguém ia. Subiu o vale e rodeou um rochedo proeminente para chegar ao Lugar do Meio.

O Lugar do Meio era tão desolado, tão informe e tão vazio, que, se ele não estivesse retornando de um lugar ainda mais terrível, teria feito meia-volta. Christopher sentiu o mesmo horror e a mesma solidão que experimentara na primeira vez em que se vira no Lugar do Meio partindo do colégio. Mas ignorou aquele sentimento e seguiu resolutamente na direção do Um Lugar que não queria que se chegasse a ele; agora tinha certeza de que aquele devia ser o Mundo Onze.

O caminho atravessava a entrada do seu próprio vale, depois descia e tornava a subir um rochedo íngreme e escorregadio. Christopher foi obrigado a agarrar-se com os dedos dos pés e das mãos, que já estavam frios e molhados desde o Mundo B. O Um Lugar acima dele não cessava de empurrá-lo para trás, e o vento que soprava lembrava-lhe o ataque de Mamãe em Cambridge. Ele subia, agarrava-se, tateava em busca de um apoio para o pé, depois um apoio para a mão, agarrava-se, subia.

Na metade do caminho, seu pé escorregou. Uma nova lufada de vento fez com que os seus dedos gelados ficassem sem forças para segurá-lo, e ele caiu.

Mergulhou mais fundo do que a altura que havia subido, caindo de cabeça para baixo e aterrissando sobre a nuca. Quando ficou de joelhos, coisas em seu pescoço fizeram barulho e a sua cabeça parecia frouxa. Ele se sentia muito estranho.

De uma maneira qualquer ele conseguiu voltar ao rochedo proeminente, ajudado pelo modo como o Lugar do Meio sempre o empurrava de volta na direção de onde ele viera. De algum modo conseguiu vestir o pijama e atravessar o rasgão nos feitiços do Castelo, de volta para a cama. Adormeceu com uma forte suspeita de que havia mais uma vez quebrado o pescoço. Pensou: ótimo, assim não preciso ir ver Gabriel de Witt de manhã.

Quando acordou, porém, nada havia de errado com ele. Christopher teria ficado muito preocupado, se não estivesse com horror de ir falar com Gabriel. Arrastou-se até a mesa do café da manhã, onde encontrou, na sua bandeja, uma carta, bela e perfumada, de Mamãe. Christopher pegou-a com ansiedade, na esperança de que ela o fizesse esquecer Gabriel. Mas isso não aconteceu, pelo menos logo de início, pois ele percebeu que o envelope havia sido aberto e colado novamente. Consequia sentir o feitiço que ainda impregnava a carta. Odiando mais do que nunca as pessoas do Castelo, ele desdobrou o papel.

Querido Christopher:

As leis são muito injustas. Só a assinatura do seu pai foi necessária para que ele o vendesse como escravo

para esse velhote horroroso, e ainda não perdoei o seu pai. O seu tio manda dizer que está solidário com você e espera ter notícias suas na próxima quinta-feira. Seja educado com ele, querido.

Sua amorosa, Mamãe

Christopher ficou muito feliz ao pensar que Gabriel havia lido a parte que o chamava de “velhote horroroso” e impressionou-se com a maneira inteligente com que o tio Ralph havia enviado o seu recado através de Mamãe. Enquanto fazia a refeição, ele se alegrava com a idéia de rever Tacroy na quinta-feira próxima. Que sorte, ter feito aquele rasgão nos feitiços do Castelo! E, enquanto se levantava para ir ao escritório de Gabriel, pensava: “escravo” era a palavra certa.

No caminho, porém, ele tornou a lembrar-se da Deusa, dessa vez com a consciência bastante pesada. Realmente precisava levar-lhe mais alguns livros. Throgmorten era um gato que valia o seu preço.

No seu aposento crepuscular, atrás da grande escrivaninha preta, Gabriel pôs-se de pé. Aquilo era um mau sinal, mas Christopher tinha agora tantas outras coisas para pensar que não ficou tão assustado quanto poderia ter ficado. Em seu tom de voz mais seco Gabriel falou:

— Realmente, Christopher, um menino da sua idade deveria ter mais juízo e não brincar em uma torre em ruínas. O resultado foi que você, de maneira tola e descuidada, desperdiçou uma vida, e agora só lhe restam seis. Vai precisar dessas vidas quando for o próximo Crestomanci. Que é que tem a dizer a seu favor?

A raiva de Christopher cresceu; ele sentiu que essa raiva estava sendo abafada pelos feitiços do Cas-

telo, e isso o deixou mais zangado do que nunca.

— Por que não faz de Throgmorten o próximo Crestomanci? Ele também tem nove vidas! — respondeu.

Gabriel encarou-o durante um minuto.

— Isto não é assunto para brincadeiras — retrucou. — Você não se dá conta do trabalho que causou? Alguns dos meus funcionários terão que ir até as torres, e aos sótãos e porões, para o caso de você enfiar na cabeça de andar por lá também, e vão levar dias para deixar tudo seguro.

Diante disso, Christopher imaginou, com lástima, que eles certamente encontrariam e fechariam o rasgão que fizera, e ele então seria obrigado a fazer outro. Gabriel continuou:

— Por favor, preste atenção. Por enquanto não posso ficar sem um único dos meus funcionários. Você é jovem demais para ter consciência disto, mas quero deixar bem claro que nós todos estamos trabalhando em tempo integral, em um esforço para pegar uma gangue de vilões intermundiais. — Olhou para Christopher com ferocidade. — Você provavelmente nunca ouviu falar no Assombrão.

Depois de três almoços dominicais chatíssimos, Christopher tinha a sensação de que conhecia tudo sobre o Assombrão: era sobre isso que todos falavam o tempo todo. Mas ele calculava que era bem provável que Gabriel se esquecesse de continuar a reprimenda se fosse lhe explicar sobre a gangue, de modo que respondeu:

— Nunca ouvi falar nisso, senhor.

— O Assombrão é o chefe de uma gangue de

contrabandistas. Sabemos que agem através de Londres, mas isto é tudo o que sabemos, pois são escorregadios como enguias. De um modo qualquer, apesar da nossa vigilância e de todas as nossas armadilhas, eles contrabandeiaram para cá toneladas de produtos mágicos ilícitos vindos de todos os Mundos Vinculados. Já trouxeram carroças cheias de sangue de dragão, orvalho narcótico, cogumelos mágicos, fígados de enguia da Série Dois, bálsamo venenoso da Seis, suco de sonhos da Nove e fogo eterno da Dez. Fizemos uma armadilha na Dez que nos livrou de pelo menos um agente deles, mas não conseguimos acabar com a organização. O único sucesso que obtivemos foi na Série Cinco, onde o Assombrão estava esquartejando as sereias e vendendo os pedaços em Londres. Lá, tivemos a ajuda da polícia local e conseguimos acabar com aquilo. Mas... — A essa altura, Gabriel tinha os olhos fixos na luz poente do teto, parecendo perdido em suas preocupações. Continuou: — Mas este ano temos recebido notícias de armas ainda mais assustadoras, que o Assombrão está trazendo da Série Um, cada uma delas capaz de destruir o mago mais poderoso, e ainda não conseguimos botar as mãos no bando. — Então, para o pavor de Christopher, Gabriel voltou os olhos para ele. — Você entende o problema que suas escapulidas imprudentes podem nos trazer? Enquanto ficamos cuidando do Castelo por sua causa, poderíamos perder nossa única chance de pegar esse bandido. Você deveria aprender a pensar nos outros, Christopher.

— Eu penso, mas nenhum de vocês pensa em mim — Christopher respondeu com amargura. —

Quando uma pessoa morre, geralmente ela não leva uma bronca por isso.

— Vá para a biblioteca e escreva cem vezes: “Devo olhar por onde ando” — Gabriel ordenou. — E faça-me a gentileza de fechar a porta ao sair.

Christopher foi até a porta e abriu-a, mas não a fechou; deixou-a aberta, para que Gabriel pudesse escutar o que ele dizia enquanto se encaminhava para a escadaria cor-de-rosa.

— Devo ser a única pessoa no mundo que foi castigada por ter quebrado o pescoço! — gritou.

— Wong — concordou Throgmorten, que esperava por ele no alto da escadaria.

Christopher não viu Throgmorten a tempo; tropeçou nele e rolou escada abaixo. Enquanto caía, escutava Throgmorten uivando de novo. Pensou: essa não!

Quando a sua próxima vida se instalou, ele estava deitado de costas perto do pentagrama no saguão, olhando para o domo de vidro no teto. Quase a primeira coisa que viu foi o relógio acima da porta da biblioteca marcando nove e meia. Parecia que cada vez que ele perdia uma vida, a seguinte se instalava mais depressa e com mais facilidade do que a anterior. A coisa seguinte que ele viu foi todos os habitantes do Castelo parados ao redor dele, olhando-o com expressão solene. Ele pensou: igualzinho a um velório!

— Será que quebrei o pescoço outra vez? — perguntou.

— Quebrou, sim — respondeu Gabriel de Witt, aproximando-se e inclinando-se acima dele. — Realmente, depois de tudo o que acabei de lhe dizer, isto é

demais! Consegue levantar-se?

Christopher girou o corpo e ficou de joelhos. Sentia-se um pouco dolorido mas, exceto isso, estava bem. O Dr. Simonson aproximou-se e tateou em seu pescoço.

— A fratura já desapareceu — disse.

Christopher percebia, pelos modos dele, que dessa vez não ia ter permissão para ficar na cama.

— Muito bem. Agora vá para a biblioteca, Christopher, e faça o dever que lhe dei. Depois disso, escreva cem vezes “Tenho apenas mais cinco vidas”. Pode ser que isto lhe ensine a ser mais prudente — disse Gabriel.

Christopher foi mancando até a biblioteca, sentou-se a uma das mesas de couro vermelho e pôs-se a escrever as sentenças, conforme as ordens que recebera, em um papel onde se lia “Propriedade do Governo”. Enquanto escrevia, os seus pensamentos estavam em outro lugar; ele meditava sobre o fato estranho de Throgmorten estar sempre por perto quando ele perdia uma vida. E aquela ocasião, na Série Dez, logo antes de Christopher ser atingido pelo gancho, um homem mencionara Asheth. Christopher começou a ter receio de que pudesse estar sob a maldição de Asheth. Isso era outra razão muito boa para que ele levasse mais alguns livros para a Deusa.

Depois que completou o castigo, Christopher levantou-se e foi examinar as prateleiras de livros. A biblioteca era ampla e alta, e parecia conter milhares de livros. Mas Christopher constatou que na realidade havia dez vezes mais livros do que era possível enxergar. Havia uma placa encantada na extremidade de cada

prateleira; quando Christopher colocou a mão sobre uma delas, os livros à direita da prateleira movimentaram-se para cima e desapareceram, e novos livros surgiram à esquerda. Christopher encontrou a seção de livros de histórias e colocou a mão sobre a placa, fazendo com que os livros se movessem lentamente até ele encontrar o que procurava.

Era uma longa fileira de livros grossos, escritos por alguém que se chamava Angela Brazil. A maioria deles tinha a palavra “Escola” no título. Bastou uma olhada para Christopher constatar que eram perfeitos para a Deusa. Ele pegou três e espalhou um pouco os outros. Cada um deles tinha uma etiqueta: “Livro Raro: Importado do Mundo XIIB” o que deu a Christopher esperanças de que pudessem ser suficientemente valiosos para completar finalmente o pagamento por Throgmorten.

Levou os livros para o seu quarto no meio de uma pilha de outros, que ele julgava que gostaria de ler, e lhe pareceu uma demonstração da sua falta de sorte o fato de encontrar-se com Flavian no corredor.

— Aulas esta tarde, como sempre — Flavian declarou em tom animado.

— Escravidão, como sempre! — Christopher resmungou, enquanto entrava em seu quarto.

Mas na verdade aquela tarde não foi tão ruim. No meio da magia prática, Flavian perguntou de repente:

— Você tem algum interesse pelo jogo de críquete? Que pergunta! Christopher sentiu o seu rosto iluminar-se, embora respondesse em tom frio:

— Não, sou apenas apaixonado pelo críquete.

Por quê?

— Ótimo. O time do Castelo vai jogar contra o time do povoado no sábado, lá na praça. Achamos que talvez você gostasse de marcar os pontos para nós.

— Só se alguém me fizer atravessar os portões — Christopher respondeu com irritação. — Os feitiços me impedem de sair sozinho. Fora isto, é claro que gostarei.

— Oh, Senhor! Eu devia ter lhe arranjado um passe! Não sabia que você gostava de sair — disse Flavian. — Estou sempre saindo para fazer longas caminhadas. Na próxima vez que for, vou levar você comigo. Existem muitas mágicas ao ar livre que podemos praticar. Só que acho que seria melhor você primeiro aprender a visão-de-bruxaria.

Christopher viu que Flavian estava tentando suborná-lo. Estavam estudando a magia dos magos. Christopher não teve problemas em aprender como conjurar coisas de um lugar para outro — era um pouco como a levitação que ele provocara tão espetacularmente para o Dr. Pawson, e não muito diferente de fazer ventar — e ele havia aprendido, cora apenas um pouco mais de dificuldade, a tornar as coisas invisíveis. Julgava que não teria muito trabalho em conjurar fogo, também, assim que Flavian lhe permitisse tentar. Mas não conseguia aprender o truque da visão-de-bruxaria.

Era bem simples, como Flavian insistia em afirmar. Era apenas uma questão de se obrigar a enxergar o que realmente existia por trás de um disfarce mágico. Mas quando Flavian colocava um feitiço de ilusão na sua mão direita e estendia-a como uma pata

de leão, a única coisa que Christopher conseguia ver era uma pata de leão.

Flavian repetiu isso várias vezes. Christopher bocejava, fazia cara de distraído e continuava enxergando uma pata de leão. A única coisa boa foi que, enquanto os seus pensamentos vagavam, ocorreu-lhe um modo perfeito de impedir que aqueles livros para a Deusa ficassem molhados no Lugar do Meio.



Capítulo XIII

Naquela noite, quando Christopher rodeou a quina entre o seu baú e a lareira, estava inteiramente preparado para abrir um novo rasgão nos feitiços do Castelo. Para sua surpresa, porém, o rasgão ainda estava lá. Parecia que as pessoas do Castelo não tinham a menor idéia do que ele havia feito. Com muita delicadeza, para não perturbar o feitiço, ele rasgou duas tiras, uma larga e uma estreita. Então, com uma tira de feitiço em cada mão, voltou até os livros e enrolou-os na tira mais larga. A tira estreita foi usada como um cordão para amarrar o pacote; ele deixou um pedaço solto para prendê-lo em seu cinto. Deu uma cusparada sobre o pacote e a saliva deslizou em forma de pequenas bolinhas. Ótimo!

Então foi como nos velhos tempos: trepar pelas rochas pelo caminho já bem conhecido, usando roupas que tinham ficado

ainda mais curtas e apertadas desde a noite da véspera. Christopher não se sentia preocupado por ter se acidentado na vez anterior; conhecia muito bem o caminho. E, novamente como nos velhos tempos, os encantadores de serpentes ainda estavam trabalhando diante dos muros da cidade. Christopher supunha que fizessem isso por motivos religiosos ou qualquer coisa assim, porque pareciam não querer dinheiro. Do lado de dentro dos portões, a cidade ainda era o mesmo lugar barulhento e malcheiroso, cheio de cabras e guarda-chuvas, e os pequenos santuários nas esquinas ainda estavam cercados de oferendas. A única diferença era que parecia não estar fazendo tanto calor quanto na vez anterior, embora ainda estivesse bastante quente para uma pessoa que acabava de chegar do verão inglês.

No entanto, por mais estranho que parecesse, Christopher não se sentia confortável ali. Não era por medo de que as pessoas lhe arremessassem lanças, e sim porque, depois da dignidade contida e das roupas escuras no Castelo, aquela cidade lhe dava nos nervos. Muito antes de chegar ao Templo de Asheth ele começou a sentir dor de cabeça. Isso o obrigou a descansar um pouco no meio da mais recente pilha de repolhos velhos no beco, antes de conseguir reunir disposição para abrir caminho através do muro e das trepadeiras. Os gatos ainda estavam tomando sol no pátio. Não havia ninguém à vista.

A Deusa estava em um aposento mais distante do seu lugar de costume. Estava sobre uma grande almofada branca que provavelmente era uma cama, apoiada em outras almofadas brancas e coberta com

um xale, apesar do calor. Também havia crescido, embora não tanto quanto Christopher. Ele imaginou que ela podia estar doente: estava deitada ali, olhando para o vazio; o seu rosto já não era tão redondo quanto ele se lembrava e estava muito mais pálido.

— Ah, obrigada — ela disse, como se estivesse pensando em outra coisa, quando Christopher colocou o pacote de livros sobre o xale. — Não tenho nada para trocar.

— Isto ainda faz parte do pagamento por Throgmorten — Christopher explicou.

— Ele era tão valioso assim? — a Deusa perguntou sem animação.

Lentamente, de modo apático, ela pôs-se a retirar o feitiço dos livros. Christopher interessou-se ao constatar que ela não encontrava mais dificuldade do que ele tivera para rasgá-los. Ser Asheth Viva obviamente significava que a pessoa recebia uma magia forte.

— Esses livros parecem bons — disse a Deusa educadamente. — Vou ler todos... quando conseguir me concentrar.

— Você está doente, não está? Que é que você tem? — Christopher quis saber.

— Não é doença — disse a Deusa com voz fraca. — É o Festival. Foi há três dias. Você sabe que é o único dia do ano em que eu saio, não sabe? Depois de meses e meses no sossego e na escuridão aqui no Templo, de repente lá estou eu no sol, dentro de uma carroça, usando roupas enormes e pesadas, cheia de jóias, com o rosto coberto de tinta dourada. Todos gritam. E todos saltam sobre a carroça e tentam tocar

em mim. É para dar sorte, entende, como se eu não fosse uma pessoa. — As lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto. — Acho que não percebem que estou viva. E isso dura o dia inteiro, a gritaria, o sol e as mãos batendo em mim até me deixarem toda cheia de manchas. — As lágrimas caíam com mais abundância. — Costumava ser divertido, quando eu era pequena, mas agora é demais para mim — ela arrematou.

A gata branca da Deusa entrou galopando no quarto e saltou possessivamente para o colo dela. A Deusa acariciou-a desanimadamente. Christopher lembrou-se de Throgmorten sentado na sua cama: os gatos do Templo sabem quando os seus donos estão mal. Depois das suas próprias sensações na cidade pouco tempo antes, ele achava que conseguia entender um pouquinho o modo como o Festival afetava a Deusa.

— Acho que o problema é passar o ano inteiro fechada e então sair de repente — a Deusa explicou, enquanto acariciava Bethi.

Christopher pretendia perguntar-lhe se era a maldição de Asheth que ficava a matá-lo o tempo todo, mas percebia que aquele não era o momento para isso; a Deusa precisa tirar Asheth dos seus pensamentos. Então se sentou sobre as lajotas ao lado das almofadas dela.

— Foi muito inteligente da sua parte perceber que a prata me impede de fazer magia — disse. — Eu mesmo não sabia disso. Só soube depois que Papai me levou ao Dr. Pawson.

Então contou a ela sobre o feitiço de levitação. A Deusa sorriu. Quando ele lhe falou da velha Sra.

Pawson e o seu urinol, ela voltou o rosto para ele e quase riu. Era tão óbvio que isso estava lhe fazendo bem, que ele prosseguiu, e contou-lhe sobre o Castelo e Gabriel de Witt, e conseguiu até fazer aquilo soar engraçado. Quando lhe contou sobre a ocasião em que não conseguia deixar de ver uma pata de leão, provocou nela ataques de riso.

— Mas que burrice, a sua! — ela exclamou, dando uma risadinha. — Quando há alguma coisa que não consigo fazer para Mãe Proudfoot, eu simplesmente finjo que consigo. Diga-lhe que consegue enxergar a mão dele; ele vai acreditar.

— Nunca pensei nisso — Christopher confessou.

— Não, você é honesto demais — ela afirmou, e olhou para ele com atenção. — A prata o obriga a falar a verdade — acrescentou. — É o que o Dom de Asheth me diz. Assim, você ficou com o hábito de nunca mentir. — Mencionar Asheth trouxe de volta a sua depressão. — Obrigada por me contar sobre a sua vida — acrescentou, em tom grave. — Acho que você teve uma vida horrível, pior até do que a minha! — Sem mais nem menos, ela começou a chorar outra vez. — As pessoas só querem nós dois por causa da utilidade que temos para elas! — soluçou. — Você, por causa das suas nove vidas, e eu por causa dos meus atributos da Deusa. E nós dois estamos presos e encarcerados era uma vida com o futuro todo planejado por outra pessoa... É como um túnel muito, muito comprido, e sem saída!

Christopher ficou um pouco espantado diante dessa maneira de colocar as coisas, embora a sua raiva

por ser forçado a ser o próximo Crestomanci sem dúvida o levasse a sentir-se encarcerado, na maior parte do tempo. Mas ele viu que a Deusa estava falando principalmente de si mesma.

— Quando você crescer, vai deixar de ser Asheth Viva — ele observou.

— Ah, quero tanto que isto aconteça! — choramingou a Deusa. — Quero deixar de ser ela agora! Quero ir para a escola, como Millie nos livros. Quero fazer provas e comer mingau e aprender francês e jogar hóquei e ficar de castigo...

— Você não iria gostar de ficar de castigo — Christopher interrompeu, ansioso ao vê-la tão perturbada. — Francamente, não iria.

— Iria, sim! — gritou a Deusa. — Quero ser insolente com os funcionários, colar nas provas de Geografia e espionar as minhas amigas! Quero ser má, além de boa! Quero ir para a escola e ser má, está ouvindo?

A essas alturas ela estava ajoelhada na almofada, com as lágrimas jorrando dos olhos e caindo nos pelos brancos da gata, fazendo mais barulho do que Throgmorten fizera quando Christopher atravessara o Templo correndo com ele na cesta.

Não era de surpreender que uma pessoa de sandálias surgisse apressada, ofegante, chamando do outro aposento:

— Deusa, minha querida! Deusa! Que foi que aconteceu, meu amor?

Christopher girou e mergulhou através da parede mais próxima, sem se dar ao trabalho de ficar de pé primeiro. Achou-se de cara no chão no pátio quente

e cheio de gatos. Levantou-se e saiu correndo para o muro. Depois, não parou de correr até chegar aos portões da cidade. Garotas! Realmente eram um Mistério Completo. Querer ficar de castigo, ora já se viu!

No entanto, enquanto subia o vale e trepava pelas rochas no Lugar do Meio, Christopher encontrou-se pensando seriamente sobre algumas das coisas que a Deusa dissera. A vida dele realmente parecia ser um longo túnel planejado por outra pessoa. E o motivo pelo qual ele detestava tanto todas as pessoas do Castelo era que, para elas, ele era só uma Coisa, uma Coisa útil com nove vidas, que um dia seria moldada no próximo Crestomanci. Ele pensou em contar isso a Tacroy. Tacroy compreenderia. O dia seguinte era uma quinta-feira, e poderia encontrar-se com ele. Nunca desejava tanto que a quinta-feira chegasse.

E agora sabia como fingir que possuía a visão-de-bruxaria. Na tarde seguinte, quando Flavian ergueu para ele uma pata de leão, Christopher disse:

— É a sua mão. Agora estou conseguindo enxergar. Flavian ficou deliciado.

— Então amanhã vamos sair para um boa caminhada — disse.

Christopher não tinha muita certeza de estar ansioso para isso. No entanto, mal podia esperar para tornar a ver Tacroy. Tacroy era a única pessoa que ele conhecia que não o tratava como um objeto, como uma coisa útil. Pulou da cama praticamente logo depois de deitar-se e atravessou correndo o rasgão nos feitiços, torcendo para que Tacroy chegasse cedo.

Tacroy estava lá, reclinado contra o penhasco no final do vale, de braços cruzados, com a aparência de

quem está resignado a esperar durante muito tempo.

— Olá! — disse, parecendo bastante surpreso ao ver Christopher.

Christopher entendeu que desabafar os seus problemas com Tacroy não seria tão fácil quando imaginara, mas sorriu para o outro enquanto trocava de roupa.

— E bom ver você de novo. Tenho um monte de coisas para lhe contar — disse. — Aonde vamos esta noite?

De um modo cauteloso Tacroy disse:

— A carroça sem cavalos está esperando na Oito. Tem certeza de que quer ir?

— Claro que sim — Christopher afirmou, afivelando o cinto.

— Pode me contar lá as suas novidades — Tacroy acrescentou. Aquilo era um passa-fora. Christopher ergueu os olhos e viu que Tacroy estava incommumente sério. Tinha os olhos apertados e não sorria. Aquilo deixava Christopher constrangido de lhe contar qualquer coisa.

— Qual é o problema? — perguntou. Tacroy deu de ombros.

— Bom, para começar, na última vez em que o vi, a sua cabeça foi esmagada por um...

Christopher esquecera-se daquilo.

— Ah, nem cheguei a lhe agradecer por ter me trazido de volta para cá! — disse.

— Não foi nada. Embora eu seja obrigado a confessar que me manter suficientemente sólido para atravessar o Intermundos com a carroça e deixar você aqui foi a coisa mais difícil que já fiz

em qualquer tipo de trabalho. E ficava me perguntando por que estava fazendo aquilo. Você parecia completamente morto.

— Tenho nove vidas — Christopher explicou.

— Obviamente você tem mais que uma — Tacroy concordou, sorrindo como se no fundo não acreditasse nisso. — Escute, aquele acidente não deixou você com dúvidas? A essas alturas o seu tio já fez centenas dessas experiências. Levamos para ele uma massa de resultados. Para mim, tudo bem, pois sou pago para isso. Mas, pelo que imagino, você não ganha coisa alguma, a não ser o perigo de se machucar novamente.

Christopher percebia que Tacroy falava com sinceridade.

— Não me importo — protestou. — Honestamente. E o tio Ralph me deu dois soberanos.

Diante disso, Tacroy jogou para trás a cabeça encaracolada e riu.

— Dois soberanos! Algumas das coisas que levamos para ele valiam centenas de libras. Como aquele gato do Templo de Asheth, por exemplo.

— Sei disso, mas quero continuar com as experiências — Christopher insistiu. — Do modo como as coisas estão agora, elas são o único prazer que tenho na vida.

Pensou: pronto, agora Tacroy vai ser obrigado a me perguntar sobre os meus problemas. Mas Tacroy limitou-se a suspirar.

— Então vamos indo.

Não foi possível conversar com Tacroy no Lugar do Meio. Enquanto Christopher trepava, corre-

gava e ofegava, Tacroy era um fantasma nebuloso flutuando perto dele, deslizando ao vento, com a chuva atravessando o seu corpo. Só se tornou sólido na abertura do vale onde Christopher, muito tempo antes, havia escrito um grande 8 na lama do caminho. O 8 ainda estava ali, como se tivesse sido escrito na véspera. Mais atrás flutuava a carroça. Ela havia sido aperfeiçoada novamente e agora estava pintada de um azul da cor de ovo de pato.

— Tudo pronto, pelo que vejo — Tacroy comentou.

Os dois desceram e pegaram a corda da carroça, que imediatamente começou a segui-los na descida para o vale.

— Como vai o críquete? — Tacroy perguntou, em tom de conversa social.

Essa era a oportunidade de Christopher contar-lhe as coisas. Ele respondeu, em tom melancólico:

— Nunca mais joguei, depois que Papai me tirou do colégio. Até ontem, pensava que eles no Castelo jamais haviam ouvido falar em críquete. Sabia que agora estou morando no Castelo?

— Não. O seu tio nunca me falou muito de você. Que castelo é esse?

— O Castelo Crestomanci — Christopher informou. — Mas ontem o meu tutor disse que haverá uma partida contra o povoado no próximo sábado. Ninguém sonha em me convidar para jogar, é claro, mas vou ficar como marcador de pontos.

— E verdade? — disse Tacroy, de olhos bem apertados.

— Não sabem que estou aqui, é claro — C-

Christopher acrescentou.

— Imagino que não saibam mesmo!

O modo como Tacroy disse isso fez a conversa morrer. Os dois caminharam em silêncio na frente da carroça, até chegarem à longa encosta com a casa de fazenda em um local plano no meio do aclive. O lugar parecia ainda mais triste e mais solitário do que das outras vezes, sob um pesado céu cinzento que deixava amarelados os relevos da charneca e do morro. Antes de chegarem à fazenda, Tacroy estacou; a carroça empurrou-o atrás das pernas, tentando seguir em frente, e ele deu-lhe um chute para afastá-la. O seu rosto estava tão triste, amarelado e enrugado quanto as charnecas. Ele disse:

— Escute, Christopher, essas pessoas no Castelo Crestomanci não vão ficar felizes se descobrirem que você anda fazendo isto.

Christopher riu.

— Não vão, mesmo! — respondeu. — Mas não irão descobrir!

— Não tenha tanta certeza disso — Tacroy aconselhou. — Eles são especialistas em todo tipo de magia.

— Por isso a vingança é tão boa — Christopher explicou. — Aqui estou eu, escapando debaixo no nariz deles, quando pensam que me aprisionaram. Para eles sou apenas uma coisa. Eles estão me usando.

As pessoas na casa de fazenda haviam visto que eles estavam chegando; algumas mulheres correram em grupo para o pátio e postaram-se ao lado de um montinho de trouxas. Uma delas acenou. Christopher acenou de volta e, como Tacroy não parecia estar tão

interessando nos seus sentimentos quanto ele esperava que estivesse, partiu morro acima. Aquilo fez com que a carroça se pusesse em movimento outra vez.

Tacroy andou depressa, para alcançá-lo.

— Nunca lhe ocorreu que o seu tio também pode estar usando você? — perguntou.

— Não como as pessoas do Castelo me usam — Christopher respondeu. — Faço estas experiências de livre e espontânea vontade.

Diante disso, Tacroy ergueu os olhos para o céu baixo e nublado.

— Não diga que não tentei! — exclamou para o céu.

As mulheres bafejaram alho em cima de Christopher quando o cumprimentaram no pátio da fazenda, como sempre faziam. E, como de costume, esse cheiro misturou-se ao cheiro das trouxas que ele colocou na carroça. As trouxas sempre tinham aquele cheiro, na Oito — um odor aguçado, estonteante, metálico. Agora, depois das aulas práticas que tivera com Flavian, Christopher parou e farejou. Sabia o que era aquele cheiro. Sangue de dragão! Isso o surpreendeu, porque tratava-se do ingrediente mais perigoso e poderoso da magia. Colocou com muito mais cuidado na carroça a trouxa que segurava, e ao pegar a seguinte com certa hesitação, conhecendo algumas coisas que aquela substância podia fazer, olhou para Tacroy para ver se o outro sabia o que as trouxas continham. Mas Tacroy estava reclinado contra o muro do pátio, os olhos fixos melancolicamente no alto do morro. De qualquer maneira, Tacroy havia dito que quando estava fora do corpo não tinha muito olfato.

Enquanto Christopher olhava para ele, Tacroy arregalou os olhos e afastou-se do muro com um salto. — Ora! — exclamou.

Uma das mulheres gritou e apontou para o topo do morro. Christopher virou-se para ver o que havia, e ficou olhando, e continuou olhando, atônito, parado ali onde estava, com uma trouxa na mãos. Uma criatura muito grande, de uma cor meio preta, meio roxa, vinha descendo do céu era direção à fazenda. No momento em que Christopher a avistou, a criatura estava dobrando as grandes asas que pareciam de couro e colocando no chão as patas dotadas de garras, passando a deslizar encosta abaixo, tão depressa que o menino a princípio não percebeu como ela era grande. Enquanto ainda julgava tratar-se de um animal do tamanho de uma casa e ainda a meio caminho de onde estavam, a criatura já aterrissava logo atrás da casa da fazenda, e Christopher deu-se conta de que ainda conseguia vela, erguendo-se como uma torre por trás da construção.

— É um dragão! — Tacroy berrou. — Christopher, abaixe-se! Olhe para o outro lado!

Em volta de Christopher, as mulheres corriam para os celeiros. Uma delas voltou correndo, carregando nos dois braços uma espingarda grande e pesada, que ela tentou freneticamente equilibrar em cima de um tripé. Colocou a arma no lugar e ela caiu no chão.

Enquanto ela tornava a pegar a espingarda, o dragão descansou a enorme cabeça negra sobre o telhado da casa, entre as chaminés, esmagando-o distraidamente, e ficou contemplando o pátio da fazenda com enormes e brilhantes olhos verdes.

— Ele é imenso! — Christopher comentou. Nunca vira algo como aquilo.

— Abaixe-se! — Tacroy gritou para ele.

Os olhos do dragão encontraram os de Christopher, quase com melancolia. Por entre o entulho e as traves do telhado da fazenda, ele abriu a boca enorme. Era como se uma porta se abrisse para o coração do sol. Uma proeminência branca-ala-ranjada surgiu daquele sol, um bólido forte e certo, diretamente para cima de Christopher. UUUF — e ele encontrou-se dentro de uma fornalha. Escutou a sua pele fritando. Durante um instante de total agonia, ainda teve tempo de pensar: ah, droga, mais cem frases!

A respiração ofegante de Tacroy foi a primeira coisa que Christopher ouviu, algum tempo depois disso. Tacroy estava se esforçando para erguê-lo da caçamba crestada da carroça sem cavalos e colocá-lo no caminho. A carroça e Tacroy estavam ao lado do pijama de Christopher.

— Está tudo bem — disse Christopher, sentando-se dolorosamente.

A pele inteira lhe doía. Suas roupas pareciam ter sido totalmente consumidas pelo fogo. As partes do seu corpo que ele conseguia enxergar estavam em carne viva e enegrecidas pelo carvão da carroça meio queimada.

— Obrigado — disse, ofegante, percebendo que Tacroy o salvara novamente.

— De nada — respondeu Tacroy, também ofegante.

Ele estava a desvanecer-se, era uma sombra cinzenta de si mesmo. Mas tentou reunir todas as suas

forças. Inteiramente transparente, com a relva do vale brilhando através do seu rosto, ele fechou os olhos e sua boca crispou-se com o esforço. Então, por um segundo, tornou-se opaco e sólido. Inclinou-se sobre Christopher.

— Agora chega! Você não vai mais nestas excursões! — exclamou. — Largue tudo, está ouvindo? Pare. Se tornar a voltar aqui, não vai me encontrar. — A essa altura ele estava ficando cinzento e depois branco. — Vou ajeitar as coisas com o seu tio — sussurrou.

Christopher teve que adivinhar que a última palavra era “tio”. A essa altura, Tacroy havia se apagado totalmente.

Christopher saltou da carroça e esta também desapareceu, nada restando além do vale deserto e pacífico, e um forte cheiro de queimado.

— Mas não quero parar! — disse Christopher.

Sua voz soava tão seca e alquebrada que ele mal conseguia escutá-la acima do ruído do córrego no vale. Algumas lágrimas deixaram uma trilha de ardência em seu rosto enquanto ele recolhia o pijama e rastejava de volta através do rasgão nos feitiços.



Capítulo XIV

Mais uma vez, nada havia de errado com Christopher quando ele acordou. Naquela manhã ele escutou Flavian com uma expressão respeitosa e distraída, enquanto pensava, maravilhado, no dragão. O seu deslumbramento era a todo instante interrompido por ondas de tristeza porque nunca mais tornaria a ver Tacroy, e ele era obrigado a se esforçar bastante para pensar no dragão. O animal era impressionante. Quase valia a pena perder uma vida para ver uma coisa como aquela. Perguntou-se quanto tempo demoraria para alguém no Castelo perceber que ele havia perdido outra vida. E uma parte dele, pequena e ansiosa, insistia em dizer: mas será que não a perdi... ainda?

— Encomendei um piquenique para nós, e a governanta conseguiu uma capa impermeável que deve servir em você — Flavian anunciou alegremente. — Vamos partir para a nossa caminhada assim que você

terminar a lição de francês.

A chuva estava forte. Christopher demorou-se na lição de francês, com a esperança de que Flavian concluísse que estava chovendo demais para caminharem. Quando Christopher esgotou as maneiras de esticar a lição, porém, Flavian decretou:

— Um pouco de chuva nunca fez mal a ninguém.

E os dois partiram, sob a chuva forte, pouco depois do meio-dia.

Flavian estava muito animado; caminhar no molhado, com meias grossas e mochila, era, obviamente, a sua idéia de paraíso. Christopher lambia a água dos cabelos que lhe escorria nariz abaixo e pensava que pelo menos estava fora do Castelo. Contudo, se para ficar ao ar livre era necessário expor-se ao vento e à chuva, preferia estar no Lugar do Meio. Isso lhe trouxe a lembrança de Tacroy, e ele mais uma vez foi obrigado a lutar contra um acesso de melancolia. Tentou pensar no dragão, mas sentia-se molhado demais. Enquanto os dois percorriam vários quilômetros de terreno agreste, a única coisa em que Christopher conseguia pensar era a saudade que ia sentir de Tacroy; achava que as moitas de tojo encharcadas pela chuva pareciam tão solitárias quanto ele se sentia. Tinha a esperança de que logo os dois fariam uma parada para comer, e ele poderia pensar em outra coisa.

Chegaram à margem de uma campina. Flavian, em um gesto amplo e entusiasmado, apontou para um morro que a distância tornava cinzento.

— E lá que iremos parar para almoçar. Naquele bosque naquele morro ali — anunciou.

— Está a quilômetros daqui! — Christopher exclamou, preocupado.

— São só uns oito quilômetros. Vamos simplesmente descer até o vale e depois subir pelo outro lado — disse Flavian, partindo alegremente morro abaixo.

Muito antes de alcançarem o morro, Christopher havia parado de pensar em Tacroy; só conseguia pensar que estava molhado, com frio, cansando e faminto. Quando finalmente chegou, cambaleando atrás de Flavian, a uma clareira naquele bosque longínquo, parecia-lhe que era mais a hora do chá do que do almoço.

— Agora vamos praticar magia de verdade — Flavian anunciou, tirando a mochila das costas e esfregando as mãos. — Você vai juntar gravetos e fazer uma boa pilha com eles. Depois pode tentar conjurar fogo. Quando tiver conseguido uma boa fogueira, podemos fritar salsichas no espeto e almoçar.

Christopher ergueu os olhos para os galhos acima da sua cabeça e para as gotas de chuva enormes e transparentes; olhou em volta de si para a relva encharcada; olhou para Flavian para verificar se o outro estava mesmo querendo ser perverso — mas não, Flavian simplesmente achava aquilo divertido.

— Os gravetos estão molhados — ele argumentou. — O bosque inteiro está pingando.

— O desafio fica mais interessante — Flavian retrucou.

Christopher sabia que não adiantaria dizer a Flavian que estava fraco de fome; muito deprimido, foi catar gravetos. Empilhou-os em um montinho instável,

que desabou, de modo que ele tornou a empilhar os gravetos e depois, com a chuva fria ensopando os seus joelhos e gotejando dentro do seu colarinho, ajoelhou-se para conjurar fogo. Ridículo. Conjurou uma espiral fina de fumaça amarela que durou cerca de um segundo e não chegou sequer a aquecer os gravetos.

— Fortaleça a sua vontade enquanto levanta as mãos — disse Flavian.

— Eu sei! — Christopher retrucou com irritação, e desejou violentamente: Fogo! Fogo! FOGO!

A pilha de gravetos explodiu com um rugido, transformando-se em uma parede de labaredas com três metros de altura. Christopher mais uma vez escutou a sua pele fritando, e a sua capa de chuva molhada estalou e explodiu em chamas. Quase que instantaneamente ele fazia parte de uma fogueira. No meio da agonia ele pensou: está é a vida que o dragão queimou!

Quando a sua quinta vida se instalou, o que pareceu acontecer cerca de dez minutos depois, ele ouviu Flavian dizendo histericamente:

— Sim, eu sei, mas era para ser perfeitamente seguro! O bosque está encharcado de chuva. Foi por isso que mandei que ele tentasse.

— O Dr. Pawson insinuou que muito pouca coisa é segura quando Christopher começa a agir — observou de mais longe uma voz seca.

Christopher rolou para o outro lado. Estava coberto com a capa impermeável de Flavian, e sob ela a sua própria pele parecia muito nova e macia. O chão à sua frente estava preto, crestado, porém molhado e cheirando a chuva. Acima da sua cabeça, as folhas

molhadas nas árvores estavam marrons e enrugadas. Gabriel de Witt estava sentado em um banquinho dobrável a alguns metros de distância, sob um grande guarda-chuva preto, parecendo contrafeito e bastante deslocado. Quando Christopher o viu, a relva fumarenta ao lado do banquinho explodia em pequenas labaredas alaranjadas. Gabriel olhou para as chamas e franziu a testa; elas encolheram e viraram fumaça outra vez.

— Ah, parece que você retomou o fio da sua vida — ele disse. — Tenha a bondade de apagar este seu incêndio florestal. Ele é extraordinariamente persistente e não desejo deixar o lugar pegando fogo.

— Posso comer alguma coisa primeiro? Estou morrendo de fome — disse Christopher.

— Dê-lhe um sanduíche — Gabriel pediu a Flavian. — Lembro-me de que quando perdi a minha vida, a nova vida gastou muita energia quando se instalou. — Esperou até Flavian ter passado a Christopher um embrulho de sanduíches de ovo. Enquanto Christopher o devorava, ele continuou: — Flavian diz que assume total responsabilidade por esta mais recente burrada. Pode agradecer a ele por eu ser leniente com você. Vou simplesmente mencionar que por sua causa fui chamado no momento em que estava prestes a botar as mãos em um membro da gangue do Assombração, sobre a qual já lhe falei. Se ele escapar por entre os nossos dedos, será por culpa sua, Christopher. Agora, por favor, levante-se e apague o fogo.

Christopher levantou-se com certo alívio. O seu medo havia sido de que Gabriel fosse proibi-lo de trabalhar na contagem de pontos na partida de críquete

no dia seguinte.

— Apagar o fogo é como conjurar o fogo, só que ao contrário — Flavian instruiu.

Foi o que Christopher fez então. Foi fácil, embora o seu alívio por causa da partida de críquete tenha provocado pequenas explosões de chamas por toda a clareira.

Depois que até mesmo a fumaça desapareceu, Gabriel disse:

— Agora vou lhe dar um aviso, Christopher. Se tiver mais um único acidente, fatal ou não, serei obrigado a tomar providências muito sérias mesmo.

Tendo dito isto, Gabriel levantou-se e dobrou o seu banquinho com um estalido. Com o banco debaixo do braço, ele estendeu a mão para o guarda-chuva e começou a desmontá-lo.

Quando o guarda-chuva se fechou, Christopher encontrou-se com Flavian ao seu lado, no centro do pentagrama, no vestíbulo do Castelo. A Srta. Rosalie estava parada na escadaria.

— Ele fugiu, Gabriel — ela anunciou. — Mas pelo menos sabemos agora como é que eles estão fazendo isso.

Gabriel virou-se e lançou um olhar gelado para Christopher.

— Leve-o para o quarto dele, Flavian, depois volte para uma reunião — pediu. E para a Srta. Rosalie: — Diga a Frederick para se preparar para um transe imediatamente. De agora em diante, quero a Borda do Mundo sob patrulhamento constante.

Acompanhando Flavian, Christopher retirou-se, tremendo debaixo do impermeável. Até mesmo os

seus sapatos havia sido queimados.

— Você virou um torresmo! Fiquei apavorado!
— Flavian lhe contou.

Christopher acreditou. Aquele dragão o havia tostado por inteiro. Agora ele tinha certeza absoluta de que, quando perdia uma vida em um Um Lugar, de alguma forma aquilo não contava, e era necessário que ele perdesse essa vida no seu próprio mundo, de um modo mais parecido possível com a morte no Um Lugar. Moral da história: no futuro, seria mais cuidadoso nos Uns Lugares. E enquanto vestia mais roupas ele dava pulinhos de alívio por Gabriel não ter lhe proibido de ir à partida de críquete. Mas receava que a chuva impedisse o jogo, afinal. Ainda estava chovendo forte.

A chuva parou durante a noite, embora de manhã o tempo ainda estivesse cinzento e frio. Christopher desceu até a praça do povoado com o time do Castelo, que era uma mistura diversificada de feitiçeiros do Castelo, um lacaio, um jardineiro, um cavaliço, o Dr. Simonson, Flavian, um jovem mago que viera especialmente de Oxford e, para grande surpresa de Christopher, a Srta. Rosalie. A Srta. Rosalie, em um vestido branco com luvas brancas, tinha uma aparência rosada e quase atraente. Calçada com sapatilhas brancas, ela caminhava aos tropeços, e lamentava era voz alta que a armadilha para pegar o Assombração não tivesse dado certo.

— O tempo todo venho avisando Gabriel que devíamos patrulhar a Borda do Mundo — ela dizia. — Quando conseguem levar a mercadoria para Londres, já é tarde, existem esconderijos demais lá.

Gabriel em pessoa foi ao encontro deles na praça do povoado, carregando em uma das mãos o seu banquinho dobrável e na outra, um telegrama. Estava vestido especialmente para a ocasião, com um paletó esportivo listrado que parecia ter cem anos de idade e um chapéu panamá de abas largas.

— Más notícias. Mordecai Roberts deslocou o ombro e não virá — avisou.

— Ah, não! — exclamaram todos, com grande consternação.

— E bem típico! — acrescentou a Srta. Rosalie. Ela virou-se para Christopher. — Você sabe rebater, meu caro? O suficiente para entrar no final, se for necessário?

Christopher tentou manter uma expressão neutra no rosto, mas não conseguiu.

— Imagino que sim — respondeu.

A tarde foi de puro êxtase. Um dos cavaleiros emprestou a Christopher uma roupa branca, que um feitiçeiro teve a gentileza de conjurar do Castelo para ele, e ele foi enviado para interceptar a bola na margem do campo. O povoado foi o primeiro a rebater — e fez bastante pontos de corrida, porque estava faltando Mordecai Roberts, o melhor arremessador do Castelo. Christopher sentia muito frio por causa do vento gelado, mas, como um sonho que se torna realidade, ele apanhou a bola e conseguiu mandar o ferreiro para fora. Todo o resto do pessoal do Castelo, de pé era volta do gramado usando roupas quentes, aplaudiu entusiasmaticamente.

Quando o Castelo iniciou o seu turno, Christopher sentou-se com o resto do time para esperar a

sua vez — ou melhor, com a esperança de que chegasse a sua vez — e ficou fascinado ao descobrir que a Srta. Rosalie era uma rebatedora competente e arrojada. Ela acertava bolas em todo o campo, de um modo que Christopher sempre quisera fazer. Infelizmente o ferreiro mostrou ser um arremessador de bolas de efeito diabolicamente esperto; ele sabia todos os truques que Tacroy tantas vezes descrevera a Christopher, botou o Dr. Simonson para fora durante uma corrida e o feitiço de Oxford durante duas. Depois disso, o time do Castelo desabou sobre a Srta. Rosalie. Mas a Srta. Rosalie não parou de lutar, com os cabelos caindo sobre um dos ombros e o rosto brilhando por causa do esforço. E ela se saiu tão bem que, quando chegou a vez de Flavian como décimo re-batedor, o Castelo precisava apenas de duas corridas para vencer. Christopher se contorcia dentro do uniforme emprestado, bastante certo de que jamais teria uma oportunidade de rebater.

— Nunca se sabe — disse o rapazote que limpava e engraxava os calçados no Castelo, e que estava marcando os pontos no lugar de Christopher. — Olhe para ele: é um caso perdido!

Flavian era mesmo um caso perdido. Christopher nunca vira um jogador tão ruim. O seu taco tateava em círculos, como a bengala de um cego, ou girava no ar em grandes arcos na direção errada. Era óbvio que ele ia ser colocado para fora a qualquer momento. Cheio de esperanças, Christopher empunhou o seu taco emprestado. Mas quem saiu foi a Srta. Rosalie; o ferreiro, apanhando a bola com perfeição, mandou-a para fora. Os moradores do povoado que se

aglomeravam era volta do gramado rugiam, certos de que haviam vencido. Em meio aos gritos, Christopher levantou-se.

— Boa sorte! — disseram todos os habitantes do Castelo ao redor dele.

O garoto que cuidava dos calçados foi o único que disse isso, como se achasse que Christopher tinha mesmo uma chance.

Christopher foi caminhando com dificuldade — a roupa emprestada era dois números maior — até o meio do gramado, ao som de gritos e vaías.

— Faça o melhor que puder, meu caro — disse a Srta. Rosalie em tom desesperançado, quando passou por ele.

Christopher continuou andando, surpreso ao perceber que não estava nem um pouquinho nervoso.

Quando ele tomou posição, o time do povoado lambeu os beiços; fizeram um círculo apertado em volta de Christopher, curvados, em grande expectativa. Para onde quer que ele olhasse havia grandes mãos calejadas estendidas e rostos morenos com sorrisos zombeteiros.

— Ora, que coisa! Ele é apenas um menino — disse Flavian na outra extremidade.

— Sabemos disso — respondeu o capitão do time do povoado, com um sorriso ainda maior.

O ferreiro, igualmente desdenhoso, arremessou para Christopher uma bola lenta e sinuosa. Enquanto Christopher a observava subir em arco, teve tempo de lembrar-se de cada palavra do treinamento de Tacroy. E, como todo o time do povoado estava concentrado em um círculo à sua volta, ele sabia que, para marcar

pontos, precisava apenas que a bola fosse para o outro lado do círculo. Ficou observando a bola durante todo o percurso dela até o taco, com total autocontrole. A bola desviou-se um pouco, mas não muito. Ele a rebateu com firmeza, e a bola ultrapassou o campo, caindo perto dos espectadores.

— Dois! — ele gritou bruscamente para Flavian. Flavian lançou-lhe um olhar atônito e saiu correndo. Christopher pôs-se a correr também, com a calça emprestada fazendo flurp, flurp, flurp a cada passo. O time do povoado voltou-se e saiu em frenética perseguição à bola, mas Flavian e Christopher tiveram tempo suficiente para fazer dois pontos — e tiveram tempo para fazer o terceiro, mesmo com as pernas emprestadas. O Castelo ganhou o jogo. Christopher sentiu-se aquecido de orgulho e alegria.

Os espectadores do Castelo aplaudiam. Gabriel deu-lhe parabéns. O rapazote dos calçados apertou-lhe a mão. A Srta. Rosalie, com os cabelos ainda despendeados, deu-lhe um soco nas costas. Todos rodearam Christopher, comentando que não precisariam mais de Mordecai Roberts, e o sol surgiu detrás da torre da igreja pela primeira vez naquele dia. Durante esse pequeno intervalo de tempo, Christopher sentiu que a vida no Castelo não era tão ruim, afinal.

Mas no dia seguinte, no almoço de domingo, as coisas já estavam de volta ao normal. A conversa durante a refeição foi toda sobre planos ansiosos para pegarem o bando do Assombração. O único que não participava era o Sr. Wilkinson, o idoso feiticeiro que tomava conta da biblioteca do Castelo. Ele não parava de repetir:

— Aqueles três livros raros ainda estão desaparecidos... Não posso imaginar quem se interessaria em sumir com três livros do Mundo B, ainda por cima para meninas. Mas não consigo detectá-los em lugar nenhum do Castelo.

Como eram livros para meninas, obviamente o Sr. Wilkinson não suspeitava de Christopher. Aliás, nem ele, nem qualquer outra pessoa lembrava-se de Christopher a não ser quando queriam que ele passasse o saleiro.

Na segunda-feira, Christopher disse acidamente a Flavian:

— Será que não ocorre a ninguém que eu poderia ajudar a pegar o Assombração?

Aquilo foi o mais próximo que ele jamais estivera de mencionar os Uns Lugares a Flavian. As emoções do sábado o levaram a isso.

— Por favor! Gente que consegue esquartejar sereias faria picadinho de você! — Flavian respondeu.

Christopher suspirou.

— As sereias não tornam a viver. Eu torno — argumentou.

— Todo esse assunto de Assombração me dá engulhos — Flavian confessou. E mudou de assunto.

Mais do que nunca, Christopher sentia que estava em um túnel sem saída. Estava em pior situação do que a Deusa, também, porque ela poderia deixar de ser a Deusa Viva quando crescesse, ao passo que ele tinha de continuar e tornar-se alguém como Gabriel de Witt. O seu estado de espírito não melhorou quando, mais para o final daquela semana, ele recebeu uma carta de Papai. Essa carta também tinha sido aberta e no-

vamente fechada, mas, ao contrário da carta de Mamãe, exibia selos interessantíssimos. Papai estava no Japão.

Meu filho:

Meus feitiços me asseguram que uma fase de enorme perigo está chegando para você. Imploro que tenha cuidado e não coloque em risco o seu futuro. Com todo o meu amor,

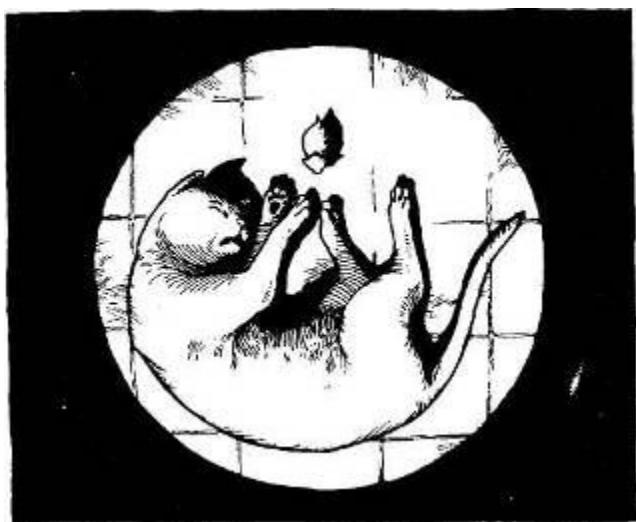
Papai

Pela data na carta, ela havia sido escrita um mês antes.

— Dane-se o meu futuro! — Christopher exclamou. — Os feitiços dele provavelmente se referem às vidas que acabei de perder.

E tornou a mergulhar na sua melancolia, pensando: o pior de tudo era que não podia mais ter esperanças de encontrar-se com Tacroy.

Ainda assim, na noite daquela quinta-feira, Christopher saiu pelo rasgão no feitiço, com a esperança de que Tacroy estivesse lá. Porém o vale estava deserto. Por um instante ele se deixou ficar por ali, sentindo-se vazio. Então voltou para o quarto, vestiu suas roupas e tornou a partir, atravessando o Lugar do Meio para visitar novamente a Deusa. Ela era a única outra pessoa que ele conhecia que não tentava usá-lo.



Capítulo XV

A Deusa estava no seu quarto de dormir, sentada sobre as almofadas brancas, de pernas cruzadas e o queixo apoiado nas mãos, evidentemente entregue aos seus pensamentos. Embora já não tivesse aparência de doente, havia nela um novo sentimento, como um prenuncio de tempestade, que deixou Christopher curioso.

As jóias da Deusa tilintaram quando ela ergueu o rosto e o viu.

— Ah, que bom! — ela exclamou. — Eu estava torcendo para que você voltasse logo. Precisamos conversar. Você é a única pessoa que conheço que vai compreender.

— Pois eu digo a mesma coisa — Christopher respondeu, e sentou-se nas lajotas do piso com as costas contra a parede. — você aqui, presa com suas

Sacerdotisas, e eu preso no Castelo com a turma de Gabriel. Nós dois estamos nesse túnel...

— Mas este é justamente o meu problema — a Deusa interrompeu. — Não tenho certeza de que exista um túnel para mim. Os túneis têm um final, afinal de contas.

A voz dela, ao dizer isso, estava permeada de um sentimento novo e poderoso. A gata branca percebeu isso imediatamente; levantou-se das almofadas e subiu pesadamente para o colo da Deusa.

— Que é que você quer dizer? — Christopher perguntou, pensando, mais uma vez, que as garotas eram realmente um Mistério Completo.

— Coitada da Bethi, vai ter filhotes de novo — a Deusa comentou, acariciando a gata branca com um ritmado tilintar das pulseiras. — Eu gostaria que a Bethi não ficasse sempre tendo filhotes, é uma coisa muito desgastante para ela. O que eu quis dizer é que andei pensando todo tipo de coisas desde que fiquei doente. Andei pensando era você, e fiquei curiosa para saber como você consegue vir aqui sempre, de outro mundo. Não é difícil?

— Não, é fácil. Pelo menos para mim — disse Christopher. — Acho que é porque tenho várias vidas. O que eu imagino é que deixo uma delas para trás, na cama, e libero as outras para andarem por aí.

— Que sorte a sua! — exclamou a Deusa. — Mas o que quero saber é o que você faz para chegar até este mundo.

Christopher contou-lhe sobre o vale e o Lugar do Meio, e explicou que sempre precisava encontrar uma quina no quarto para rodear.

Os olhos da Deusa pousaram pensativamente nos arcos do seu quarto.

— Pois eu gostaria de ter mais de uma vida — declarou. — Mas no meu caso... Você se lembra de ter dito, quando estive aqui na última vez, que eu ia deixar de ser Asheth Viva quando crescesse?

— Foi você quem me contou isto, na primeira vez em que vim — Christopher lembrou-lhe. — Você disse: “A Deusa Viva é sempre uma menina”. Não se lembra?

— Sim, mas ninguém colocou isso ao contrário, como você — retrucou a Deusa. — Isso me fez pensar: o que acontece com a Asheth Viva quando ela já não for uma menina? Eu não sou mais uma menininha; já estou quase na idade em que as outras são oficialmente mulheres.

Christopher pensou consigo mesmo que aquilo devia acontecer notavelmente cedo na Série Dez. Ele também gostaria de ser alguma coisa como oficialmente homem.

— Você então não vira Sacerdotisa? — ele quis saber.

— Não. Já perguntei, já bisbilhotei e já li todos os registros delas, e nenhuma das Sacerdotisas foram a Deusa Viva. — Ela começou a pentear a pelagem da gata branca com os dedos ligeiramente trêmulos. Continuou: — Quando perguntei, Mãe Proudfoot disse que eu não devia preocupar a minha cabeça porque Asheth cuida disso. Que é que você acha que isto quer dizer?

Christopher tinha a impressão de que ela estava ficando nervosa outra vez.

— Acho que vão chutar você para fora do Templo e mandá-la de volta para a sua casa — disse, para acalmá-la. Aquela idéia lhe causava inveja. — Mas você tem todos os seus dons de Asheth, e deve ter condições de usá-los para descobrir com certeza.

— Que é que acha que andei tentando fazer? — a Deusa quase gritou. Os seus braceletes tilintaram quando ela afastou para um lado a infeliz Bethi e se pôs de pé em um pulo, olhando com raiva para Christopher. — Seu menino estúpido! Pensei, pensei e pensei, durante toda esta semana, até minha cabeça quase estourar!

Christopher apressou-se a ficar de pé também e pressionou as costas contra a parede, pronto para atravessá-la imediatamente se a Deusa o atacasse. Mas tudo o que ela fez foi ficar dando pulos na frente dele, aos gritos.

— Se você é tão inteligente assim, pense em um modo para eu ficar sabendo, descubra um modo!

Como sempre acontecia quando a Deusa se punha aos berros, ouviu-se o ruído de passos nos outros aposentos e uma voz ofegante gritou:

— Estou indo, Deusa! Que foi?

Christopher recuou para dentro da parede, veloz e silenciosamente. A Deusa lançou-lhe um olhar de relance que parecia ser de triunfo, e saiu correndo para os braços da senhora idosa e magra que apareceu à entrada.

— Ah, Mãe Proudfoot! Tive um pesadelo horrível, novamente! Christopher, para seu próprio horror, constatou que estava

preso na parede. Não conseguia sair para a

frente nem recuar para sair para trás. A única coisa que parecia que ele poderia fazer era aquilo que Flavian lhe ensinara para tornar-se invisível. E foi o que fez, imediatamente. Ele havia entrado na parede de costas, com o rosto virado para dentro do quarto, de modo que a sua cabeça ainda estava dentro do quarto. Invisível ou não, ele se sentia como um dos animais cuja cabeça empalhada adornava as paredes da sala de jantar do Castelo.

Pelo menos conseguia enxergar, escutar e respirar, embora estivesse em estado de choque: a traição da Deusa o deixara muito perturbado.

Ela foi levada para outro aposento em meio a murmúrios tranqüilizadores. Depois de uns dez minutos, quando Christopher já estava com um torcicolo no pescoço e câimbras era uma perna, ela voltou, parecendo perfeitamente calma.

— Não adianta ficar invisível. Todos aqui têm visão-de-bruxaria, mesmo que você não tenha — disse. — Escute, me desculpe por tudo isto, mas preciso demais de ajuda e prometo que vou deixar você sair quando tiver me ajudado.

Christopher não voltou a ficar visível; sentia-se mais seguro assim.

— Você não precisa de ajuda, precisa é de um cascudo na cabeça — disse, com raiva. — Como posso ajudar alguém nestas condições? Estou quase morrendo de desconforto!

— Então ponha-se confortável e me ajude — disse a Deusa.

Christopher constatou que conseguia mover-se um pouco. A parede à sua volta parecia ter ficado ge-

latínosa, de modo que ele conseguiu endireitar o corpo, movimentar um pouco os braços e colocar as pernas retas. Tentou livrar-se, na esperança de que a gelatina cedesse o suficiente para soltá-lo, mas não foi possível. Ele sabia que aquilo que o estava prendendo ali era a mesma coisa que a Deusa usara para prender os seus pés no chão no dia em que se conheceram, e para ele aquilo continuava a ser tão misterioso quanto havia sido na primeira vez.

— Como quer que eu ajude? — perguntou, resignado.

— Me leve com você para o seu mundo, para que eu possa ir para uma escola como aquela da Millie. Imaginei que você poderia me esconder em algum lugar do seu Castelo enquanto eu procuro uma escola.

Christopher imaginou Gabriel de Witt descobrindo aquela bruxa escondida em um sótão.

— Não, não posso. De modo algum. E, além disso, não quero. Agora me deixe sair daqui!

— Você levou Throgmorten, pode me levar também — a Deusa argumentou.

— Throgmorten é um gato, tem nove vidas, como eu — Christopher respondeu. — Eu lhe disse que só consigo chegar até aqui deixando uma das minhas vidas para trás. Você só tem uma vida, então é lógico que não vai conseguir ir comigo para o meu mundo, porque morreria!

— O caso é justamente este! — a Deusa cochichou com ferocidade.

Christopher viu que ela estava tentando com força não gritar outra vez. As lágrimas rolavam pelo seu rosto. Ela continuou:

— Sei que só tenho uma vida, e não quero perdê-la. Leve-me com você!

— Só para você poder ir para uma escola tirada de um livro! — Christopher retrucou com irritação, sentindo-se, mais do que nunca, uma cabeça empalhada pendurada na parede. — Deixe de ser burra! — acrescentou.

— Então pode ficar aí na parede até mudar de idéia! — disse a Deusa, saindo do quarto com as jóias tilintando.

Christopher ficou dentro da parede gelatinosa e amaldiçoou o dia em que trouxera para a Deusa os livros da Millie. Depois amaldiçoou a si mesmo por ter imaginado que a Deusa seria solidária com ele. Ela era tão egoísta e cruel quanto qualquer outra pessoa que ele conhecia. Ele contorceu-se, fez força e empurrou, para ver se conseguia sair da parede; porém não tinha a menor idéia de como o feitiço havia sido feito, e a parede continuou a prendê-lo com a mesma firmeza.

O pior de tudo era que, agora que o Templo havia despertado da sesta do meio-dia, era decididamente um lugar de muito movimento. As suas costas, através da parede, Christopher ouvia uma multidão de pessoas no pátio ensolarado, contando os gatos e dando-lhes comida. Misturada a esses sons havia uma voz feminina dando ordens em tom autoritário, e o som de armaduras e lanças. Christopher começou a ficar apavorado, temendo que as suas costas invisíveis estivessem sobressaindo no pátio do outro lado da parede. Ficava imaginando uma lança perfurando o seu traseiro, e se contorcia e forçava, para ter a certeza de estar dentro da parede. Não sabia ao certo o que lhe

causava mais pavor: a sensação da lança mergulhando na sua carne ou o que Gabriel faria se ele perdesse outra vida.

A sua frente, do outro lado da arcada, vinha a voz da Deusa conversando com pelo menos três Sacerdotisas, e depois a voz de todas, juntas, murmurando orações. Por que Flavian não lhe ensinara uma mágica útil? Havia, provavelmente, 600 maneiras silenciosas de quebrar aquele feitiço e deslizar invisivelmente para fora da parede, e Christopher não conhecia uma sequer! Ficou imaginando se conseguiria o seu intento usando uma mistura de levitação, redemoinho e fogo conjurado. Talvez sim — embora fosse terrivelmente complicado sem poder usar as mãos. De qualquer maneira, as pessoas viriam atrás dele com lanças. Diante disso, ele resolveu recorrer primeiro à conversa e à esperteza.

Não demorou até que a Deusa voltasse para ver se ele havia mudado de idéia.

— Vou buscar para você, minha querida — disse uma das Sacerdotisas do outro lado da arcada.

— Não, eu quero também dar outra olhada em Bethi — disse a Deusa por cima do ombro.

Para tornar verdadeiro o que dissera, a Deusa foi até a gata branca, que estava deitada nas almofadas da cama ofegando e parecendo estar com pena de si mesma. A Deusa acariciou-a antes de aproximar-se de Christopher até ficar com o rosto bem perto do dele.

— Bom, vai me ajudar?

— O que vai acontecer se uma delas entrar e ver o meu rosto saindo da parede? — ele quis saber.

— E melhor você concordar em me ajudar antes

que isto aconteça. Vão matar você — a Deusa cochi-chou de volta.

— Mas morto eu não teria utilidade para você. Deixe-me sair daqui, senão vou começar a gritar — Christopher ameaçou.

— Você que ouse! — a Deusa exclamou, e saiu de supetão.

O problema era que Christopher não ousava. Ao que parecia, aquela discussão só poderia levar a um beco sem saída. Quando ela tornou a voltar, ele tentou um caminho diferente.

— Escute, realmente estou me comportando com muita consideração. Poderia explodir um enorme buraco no Templo e fugir, mas não quero fazer isto porque não quero denunciar você. Asheth e as suas Sacerdotisas não ficariam felizes se descobrissem que você está tentando fugir para outro mundo, não é verdade?

Os olhos da Deusa encheram-se de lágrimas.

— Não estou pedindo muito. Pensei que você fosse bonzinho — disse, desconsolada, brincando com uma das suas pulseiras.

Pelo jeito, esse argumento não estava causando qualquer impressão.

— Daqui a pouco vou ter que explodir este Templo, se você não me deixar sair — Christopher declarou então. — Se eu não estiver de volta antes do amanhecer, alguém no Castelo vai aparecer e encontrar apenas uma vida minha deitada na cama. Então vai contar a Gabriel de Witt e nós dois teremos problemas. Eu já lhe contei que ele sabe como chegar aos outros mundos. Se ele vier até aqui, você não vai gostar.

— Você é egoísta e nem um pouquinho solidário. Está simplesmente apavorado — acusou a Deusa.

Diante disso, Christopher perdeu a paciência.

— Se não me deixar sair daqui, vou transformar tudo isto em pedacinhos! — ameaçou.

A Deusa limitou-se a sair correndo do quarto, enxugando o rosto com a ponta da túnica.

— Alguma coisa errada, minha querida? — perguntou uma Sacerdotisa no outro aposento.

— Não, não. Bethi não está muito bem, só isso — foi o que Christopher ouviu a Deusa dizer.

Depois disso ela ficou ausente durante muito tempo. Provavelmente precisava evitar que as Sacerdotisas viessem dar uma olhada na gata branca. Mas logo depois o cheiro de comida muito temperada começou a invadir o ar, e Christopher ficou seriamente preocupado: o tempo estava passando e logo amanheceria realmente no Castelo. Então ele teria graves problemas. Mais tempo se passou. Ele escutava as pessoas no pátio contando os gatos e alimentando-os outra vez.

— Bethi não está aqui — disse alguém.

— Ainda está com a Deusa Viva. Ela em breve vai ter filhotes — outra pessoa respondeu.

Ainda mais tempo se passou. Quando a Deusa reapareceu, o desespero havia forçado a mente de Christopher a tomar um caminho bem diferente. Ele se deu conta de que seria obrigado a dar algum tipo de ajuda a ela, mesmo que não fosse aquilo que ela queria, senão jamais conseguiria partir antes que amanhecesse.

A Deusa, a seu modo brutal, estava obviamente com a intenção de ser generosa. Quando entrou, dessa

vez, trazia unia panqueca com um recheio de carne e legumes muito temperado. Ela pôs-se a cortá-la em pedacinhos, que colocava na boca de Christopher. Havia naquele alimento algum tipo de pimenta muito forte; os olhos dele encheram-se de lágrimas.

— Escute, qual é realmente o seu problema? — ele perguntou, meio engasgado. — Que foi que fez você de repente resolver me obrigar a ajudá-la?

— Já lhe contei. Foi aquilo que você disse quando eu estava doente! — disse a Deusa com impaciência. — Você comentou que eu não seria Asheth Viva quando crescesse. Depois disso não consegui pensar em outra coisa além do que vai acontecer comigo depois.

— E deseja saber com certeza? — Christopher perguntou.

— Mais do que qualquer outra coisa neste mundo! — a Deusa respondeu.

— Então vai me deixar ir embora se eu ajudá-la a descobrir o que realmente vai acontecer com você? — Christopher tentou negociar. — Não posso levar você para o meu mundo, sabe muito bem que não consigo, mas posso ajudá-la deste modo.

A Deusa ficou rolando nos dedos o último pedaço de panqueca.

— Está bem — disse finalmente. — Mas não consigo entender como é que você vai descobrir com mais facilidade do que eu.

— Pois descubro — Christopher assegurou. — O que tem a fazer é ir postar-se na frente daquela estátua dourada de Asheth que você me mostrou outro dia e perguntar o que vai acontecer quando você deixar

de ser a Deusa Viva. Se ela não responder, você saberá que não vai acontecer muita coisa e que poderá sair deste Templo e ir para a escola.

Aquilo lhe parecia muito astucioso, pois ele não conseguia imaginar um modo pelo qual uma estátua de ouro pudesse falar.

— Ora, por que não pensei nisto? É muita es-
perteza sua! — exclamou a Deusa. — Mas... — Ela
recomeçou a torcer o pedaço de panqueca. — Mas
Asheth não fala, você sabe. Não exatamente. Ela diz
tudo por meio de sinais. Presságios, augúrios, coisas
assim. E nem sempre se manifesta quando as pessoas
perguntam. Aquilo era frustrante.

— Mas para você ela vai se manifestar — C-
hristopher insistiu, em tom persuasivo. — Afinal, você
é ela, de modo que tudo se reduz a pedir a ela para
lembrar-lhe alguma coisa que vocês duas já sabem. Vá
pedir-lhe que lhe dê um presságio. Mas não deixe de
pedir também que ela estabeleça um limite de tempo;
assim, se até essa hora não houver um presságio, você
já ficará sabendo que ela não vai atendê-la.

— Vou fazer isto — disse a Deusa em tom de-
cidido. Enfiou o pedaço de panqueca na boca de C-
hristopher e limpou as mãos com um gesto resolutivo.
— Vou neste minuto falar com ela!

E saiu do quarto tilintando, com um ruído pa-
recido cora os dos soldados que naquele momento
marchavam em volta do pátio atrás das costas de C-
hristopher.

Ele cuspiu o pedaço de panqueca, fechou os
olhos para expulsar as lágrimas e lamentou não estar
em condições de cruzar os dedos.

Cinco minutos depois, a Deusa estava de volta, parecendo muito mais alegre.

— Pronto! Ela não queria falar comigo. Precisei ser grosseira com ela. Eu disse a ela que tirasse da cara a expressão de Grande Burrice e parasse de tentar me enganar, e ela cedeu. — A Deusa olhou para Christopher com uma expressão de curiosidade. — Eu nunca havia conseguido ganhar dela antes!

— Sim, mas o que foi que ela disse? — Christopher quis saber. Teria dado pulos de impaciência se a parede não o impedisse.

— Ah, por enquanto nada. Mas prometo solenemente que vou libertar você quando ela me responder. Ela queria esperar até amanhã, mas avisei que amanhã seria tarde demais. Então ela disse que o mais cedo que poderia providenciar um presságio seria à meia-noite de hoje...

— Meia-noite! — Christopher exclamou.

— Faltam só três horas — disse a Deusa, tentando tranqüilizá-lo. — E insisti que ela tinha que agir à meia-noite em ponto, senão eu ficaria muito zangada. Você precisa entender a situação dela; vai precisar mexer nos cordões do Destino, e isso realmente leva tempo.

Com o coração pesado, Christopher tentou calcular a hora em que estaria de volta ao Castelo. O mais cedo que conseguiria chegar em casa seria às dez da manhã. Mas talvez a criada que viesse acordá-lo pensasse simplesmente que ele estava muito cansado. Levaria mais ou menos uma hora para ela ficar suficientemente preocupada a ponto de contar a Flavian ou a outra pessoa, e a essa altura, com alguma sorte, ele

estaria de volta.

— Está bem, meia-noite, então — disse, com um pequeno suspiro. — E você então vai me deixar ir, senão vou conjurar um redemoinho, atear fogo a tudo e arrancar o telhado do Templo.

Durante aquelas três horas, ele não cessou de se perguntar porque não fazia logo isso. Era apenas em parte porque não queria perder outra vida; sentia uma espécie de obrigação de esperar e ver a Deusa tranqüila. Fazendo aquele comentário ele havia provocado a preocupação dela, e antes disso a deixara frustrada ao trazer-lhe aquelas histórias sobre a escola.

Tinha por ela um grande sentimento de companheirismo naquela vida estranha e solitária. E naturalmente Papai havia dito que não se usava magia contra uma dama. De um modo qualquer, todas essas coisas se combinaram para deixar Christopher esperando pacientemente pela meia-noite em uma posição semi-sentada dentro da parede.

Durante parte do tempo a Deusa ficou sentada nas suas almofadas, tensa, acariciando a gata branca, como se esperasse um presságio para qualquer momento. Contudo, durante grande parte do tempo ela ficou ocupada: foi chamada para estudar, depois para orar, e finalmente para tomar banho. Enquanto ela estava ausente, Christopher teve a idéia meio desesperada de que poderia conseguir entrar em contato com a vida que ele sabia que devia estar deitada na sua cama no Castelo. Julgava que poderia conseguir que ela acordasse e fosse para a aula no lugar dele. Mas embora experimentasse uma espécie de sensação muito forte de uma parte sua separada, parecia que não conseguia

entrar em contato com ela — ou, se estava conseguindo, não tinha como saber disso. Pensou com intensidade: vá para a aula! Saia da cama e comporte-se como eu! E perguntou-se pela centésima vez por que simplesmente não explodia o Templo e ia embora.

Finalmente a Deusa voltou, usando uma camisola branca longa e apenas duas pulseiras. Deu um beijo de boa-noite em Mãe Proudfoot à entrada do quarto e foi deitar-se nas suas almofadas brancas, carinhosamente abraçada à sua gata branca.

— Não falta muito, agora — ela disse a Christopher.

— Ainda bem! — respondeu o menino. — Sinceramente, não consigo entender por que você reclama da vida. Eu trocaria Flavian e Gabriel pela Mãe Proudfoot sem piscar um olho!

— E, talvez eu esteja sendo boba — a Deusa concordou, meio sonolenta. — Por outro lado, sei que não acredita em Asheth, e isto faz você enxergar as coisas de maneira bem diferente da minha.

Pela respiração dela, Christopher percebeu quando ela adormeceu. Ele próprio deve ter cochilado; a parede gelatinosa não era realmente incômoda.

Foi despertado por um som estranho, um piado agudo. Era um som estranhamente desesperado, um pouco parecido com o barulho de um filhote de passarinho pedindo para ser alimentado. Christopher acordou de supetão e viu uma grande faixa branca de luar caindo sobre as lajotas do chão.

— Ah, veja, é o presságio! — exclamou a Deusa.

O braço dela, com uma pulseira, surgiu na faixa de luar. Ela estava apontando para Bethi, a gata branca.

Bethi estava deitada rigidamente sob o luar. Alguma coisa minúscula e muito, muito branca, rastejava por cima dela, enchendo o ar com o seu lamento desesperado.

A Deusa saltou de cima das almofadas, ajoelhou-se e pegou o diminuto animalzinho.

— Está gelado — disse. — Bethi teve um filho e... Houve uma longa pausa. Então, obviamente tentando parecer calma, a Deusa disse:

— Christopher, Bethi está morta. Isto significa que vou morrer quando arranjam uma nova Deusa Viva.

Ajoelhada junto à gata sem vida, ela pôs-se a gritar sem parar.

Luzes se acenderam. Passos apressados fizeram-se ouvir. Christopher esforçou-se para ficar o mais possível dentro da parede. Sabia como a Deusa se sentia; ele sentira a mesma coisa quando acordou no mortuário — mas gostaria que ela parasse de gritar. Quando a magricela Mãe Proudfoot entrou correndo no quarto, seguida por duas outras Sacerdotisas, ele fez o possível para iniciar um feitiço de levitação.

Mas a Deusa cumpriu a sua promessa. Ainda gritando, ela afastou-se, recuando, do patético cadáver de Bethi, como se aquilo a horrorizasse, e estendeu um braço em um gesto teatral, de modo que o seu bracelete esbarrou no nariz invisível de Christopher.

Felizmente o bracelete era de prata e Christopher aterrissou na sua própria cama no Castelo, com o forte choque a que já estava acostumado. Estava sólido e visível, e de pijama, e a julgar pela luz era quase meio-dia. Ele sentou-se à pressas. Gabriel de Witt

ocupava a cadeira de madeira do outro lado do quarto e o encarava com uma expressão ainda mais sinistra que a de costume.



Capítulo XVI

Gabriel tinha os cotovelos apoiados nos braços da cadeira e as mãos de dedos longos e ossudos juntas em ponta sob o seu nariz adunco. Acima das mãos, os olhos pareciam tão difíceis de evitar quanto os do dragão.

— Então você esteve fazendo uma viagem espiritual — disse. — Desconfio que faz isso habitualmente. Isto explicaria muita coisa. Poderia fazer o favor de me informar exatamente onde estava e porque demorou tanto a voltar?

Só restava a Christopher explicar tudo. Ele chegou a pensar que preferia ter morrido; perder uma vida não era tão grave, comparado com o modo como Gabriel olhava para ele.

— O Templo de Asheth! Mas que menino tolo! — exclamou Gabriel. — Asheth é uma das deusas mais perversas e vingativas de todos os Mundos Vinculados!

O seu Braço militar tem fama de perseguir as pessoas por todos os mundos e durante muitos anos, por motivos muito menores do que esse que você lhe forneceu. Ainda bem que você desistiu de explodir um buraco no Templo dela. Fico mais tranquilo por você pelo menos ter tido a sensatez de deixar a Asheth Viva seguir o seu destino.

— O seu destino? Eles não irão matá-la, irmão? — Christopher perguntou.

— Claro que irão — Gabriel declarou, em seu tom mais calmo e mais seco. — Era este o significado do presságio: a Deusa mais antiga morre quando a nova Asheth Viva é escolhida. A teoria, acredito, é de que a ex-Deusa Viva vai aumentar o poder da divindade. A Deusa atual deve ser particularmente valiosa para eles, pois parece ser uma maga com poderes próprios.

Christopher ficou horrorizado. De repente entendeu que a Deusa tinha conhecimento — ou pelo menos suspeitava — daquilo que ia lhe acontecer. Foi por isso que havia tentado fazer com que ele a ajudasse.

— Como consegue ficar tão calmo assim? — perguntou. — Ela só tem uma vida. Não pode fazer alguma coisa para ajudá-la?

— Meu bom Christopher, existem, em todas as Séries de todos os Mundos Vinculados, mais de uma centena de mundos, e em mais da metade deles existem práticas que deixariam horrorizada qualquer pessoa civilizada. Se eu tivesse que gastar tempo e solidariedade com isso, nada me sobraria para fazer aquilo que sou pago para fazer, que é impedir o mau uso da magia aqui, no nosso mundo. E por este motivo que devo tomar uma providência séria. Nega que andou fazendo

mau uso da magia?

— Eu... — fez Christopher.

— Está mais do que evidente que andou, sim — Gabriel continuou. — Você deve ter perdido pelo menos três das suas vidas em algum outro mundo. Pelo que eu sei, pode até ter perdido todas as seis enquanto fazia as suas viagens espirituais. Mas como a vida externa, aquela que você deveria ter perdido, estava deitada aqui, aparentemente dormindo, as leis naturais foram obrigadas a desvirtuar-se para permitir que você perdesse aqui, da maneira apropriada, as vidas que já havia perdido lá. Se continuar assim, vai criar uma grave singularidade em toda a Série Doze.

— Desta vez não perdi vida — disse Christopher para defender-se.

— Então deve tê-la perdido na sua viagem espiritual anterior — Gabriel insistiu. — Definitivamente, está outra vez defasado em uma vida. E isto não irá mais acontecer, Christopher. Você vai me fazer o favor de vestir-se imediatamente e vir comigo ao meu escritório.

— Hã... Ainda não tomei café. Será que posso...?

— Não — cortou Gabriel.

Diante disso, Christopher ficou ciente de que as coisas estavam mesmo muito ruins. Quando se levantou e foi para o banheiro, ele constatou que estava tremendo. A porta do banheiro não quis fechar; Christopher sabia que Gabriel a mantinha aberta com um feitiço forte, para ter certeza de que ele não tentaria fugir. Sob os olhos de Gabriel ele fez a sua higiene e vestiu-se mais depressa do que jamais o fizera na vida.

Enquanto ele penteava os cabelos às pressas,

Gabriel disse:

— Christopher, deve ter percebido que estou profundamente preocupado com você. Ninguém deveria perder vidas no ritmo em que você está perdendo. Que é que está errado?

— Não faço isso para contrariar, se é o que estava pensando — Christopher respondeu com amargura.

Gabriel suspirou.

— Posso ser um mau guardião, mas conheço o meu dever. Venha comigo — disse.

Ele percorreu em silêncio os corredores, com Christopher atrás, quase correndo para poder acompanhá-lo. O pedacinho da mente de Christopher que não estava tomado pelo terror perguntava: o que teria acontecido com a sua sexta vida? Estava inclinado a achar que Gabriel havia cometido um engano na contagem.

Dentro do escritório crepuscular, a Srta. Rosalie e o Dr. Simonson estavam à espera, com um dos rapazes mais jovens que trabalhavam no Castelo. Todos estavam banhados por um feitiço transparente e cintilante.

Os olhos de Christopher dardejaram ansiosamente para um sofá de couro no meio do piso escuro. Lembrava-lhe a cadeira do dentista. Atrás dele havia um aparador com dois frascos de vidro altos e largos. O da esquerda continha um grande carretel flutuando no ar, ao passo que o da direita parecia estar vazio, com exceção de um anel de cortina — ou algo parecido — deitado no fundo.

— Que é que vocês vão fazer? — Christopher

perguntou, e a sua voz saiu como um guincho.

A Srta. Rosalie aproximou-se de Gabriel e estendeu-lhe um par de luvas sobre uma bandeja de vidro. Enquanto Gabriel enfiava as luvas, ele disse:

— Esta é a providência muito séria que mencionei quando você se incendiou. Pretendo remover a sua nona vida sem fazer mal a você ou a ela. Em seguida, vou colocá-la no cofre do Castelo, protegida por nove encantamentos que só eu conseguirei desfazer. Como você então só poderá ter essa vida de volta se vier até mim e me pedir para desfazer os nove encantamentos, pode ser que este fato o leve a ser mais cuidadoso com as duas vidas que terão sobrado.

A Srta. Rosalie e o Dr. Simonson começaram a embrulhar Gabriel em um reluzente feitiço.

— Retirar uma vida intacta é uma coisa que só Gabriel sabe fazer — declarou orgulhosamente a Srta. Rosalie.

O Dr. Simonson, para surpresa de Christopher, parecia estar tentando ser bondoso. Ele explicou:

— Estes feitiços são só para higiene. Não faça esta cara de assustado. Agora deite-se neste sofá. Prometo que não vai doer nem um pouquinho.

Christopher, enquanto se deitava tremulamente, pensou: foi exatamente isto que o dentista falou!

Gabriel virou-se para um lado e outro para deixar que o feitiço se acomodasse à sua volta. Então disse:

— O motivo de Frederick Parkinson estar aqui, e não patrulhando a Borda do Mundo como deveria estar, é para ter certeza de que você não fará uma viagem espiritual enquanto a sua vida estiver sendo des-

tacada. Isto o colocaria em extremo perigo, Christopher, de modo que, por favor, tente permanecer neste mundo enquanto trabalhamos.

Então alguém lançou um feitiço de sono muito poderoso e Christopher apagou como a chama de uma vela ao ser soprada. O Dr. Simonson havia dito a verdade: ele nada sentiu durante várias horas. Quando acordou, morrendo de fome e com uma leve coceira em algum lugar bem lá no fundo, sentia simplesmente uma certa frustração: se lhe tivessem mesmo retirado uma vida, ele gostaria de ter assistido, para ver como isso era feito.

Gabriel e os outros estavam recostados na escrivaninha preta, bebendo chá e parecendo exaustos. Frederick Parkinson disse:

— Você ficou tentando partir em uma viagem espiritual. Tive que dar duro para impedir.

A Srta. Rosalie foi depressa buscar uma xícara de chá para Christopher também.

— Nós mantivemos você adormecido até a sua vida estar toda no carretel — ela explicou. — Neste instante ela está sendo transferida para o anel de ouro, veja.

Ela apontou para os dois frascos. O carretel dentro do frasco à esquerda estava quase totalmente cheio de um fio rosado e brilhante, e girava no ar de um modo lento e solene. No frasco da direita, o anel estava no ar também, girando depressa e irregularmente.

— Como está se sentindo agora, meu caro? — perguntou a Srta. Rosalie.

— Está sentindo alguma coisa? Está tudo bem com você? — Gabriel perguntou. Aparentava estar

bastante ansioso.

O Dr. Simonson parecia igualmente preocupado. Ele tomou o pulso de Christopher e depois testou a mente dele pedindo-lhe para fazer contas.

— Parece que ele está mesmo ótimo — comunicou aos outros.

— Ainda bem! — Gabriel exclamou, esfregando o rosto com as mãos. — Diga a Flavian... Não, ele está lá na Borda do Mundo, não está? Frederick, você poderia levar Christopher para a cama e dizer à governanta que ele já está pronto para aquela refeição nutritiva?

Todos estavam tão nervosos e aflitos por causa dele que Christopher deu-se conta de que ninguém jamais havia tentado retirar uma vida de alguém. Não sabia ao certo como se sentia em relação a isso. Sentado na cama, devorando quase mais quantidade de frango e de bolinhos com creme do que conseguiria agüentar, ele se perguntava o que eles teriam feito se aquela operação não tivesse dado certo. Frederick Parkinson sentou-se ao lado da cama enquanto ele comia, e continuou sentado perto dele à noite. Christopher não sabia o que o irritava mais: Frederick ou a coceira que sentia bem no fundo do seu corpo. Resolveu dormir cedo para livrar-se dos dois.

Acordou no meio da noite e encontrou-se sozinho no quarto, com o lampião a gás ainda aceso. Levantou-se imediatamente da cama e foi ver se o rasgão nos feitiços do Castelo havia sido consertado. Para sua surpresa, ainda estava lá. Parecia que ninguém havia descoberto o modo como Christopher saía para os Uns Lugares. Estava prestes a atravessar o rasgão

quando casualmente olhou para trás, para a sua cama. O menino ali deitado entre as cobertas desarranjadas tinha uma aparência vaga e irreal, como Tacroy antes de ser solidificado. Aquela visão foi um golpe bastante desagradável para Christopher. Agora ele realmente só tinha duas vidas. A última vida estava trancada no cofre do Castelo e não havia jeito de poder usá-la sem a permissão de Gabriel. Odiando Gabriel mais do que nunca, ele voltou para a cama.

De manhã, Flavian trouxe o desjejum de Christopher.

— Está bem disposto para as aulas de hoje? — perguntou ansiosamente. — Pensei que podemos ir cora calma. Ontem tive um dia bastante pesado na Borda do Mundo, entrando e saindo sem o menor efeito, de modo que também para mim seria bom termos uma manhã tranqüila. Imaginei que podíamos descer até a biblioteca e dar uma olhada em alguns livros de referência que são padrões: o Moores Almanac, o Prynnes List e assim por diante.

A coceira dentro de Christopher tinha desaparecido. Ele se sentia muito bem, provavelmente melhor do que Flavian, que parecia pálido e cansado. O fato de todos estarem a vigiar Christopher deixava-o irritado, mas ele sabia que não adiantaria reclamar, de modo que fez a sua refeição, vestiu-se e saiu pelos corredores com Flavian até a escadaria de mármore cor-de-rosa.

Estavam na metade da escadaria quando a estrela de cinco pontas no vestíbulo encheu-se de movimento subitamente. Frederick Parkinson foi o primeiro a aparecer. Ele acenou para Flavian.

— Finalmente pegamos alguns deles!

O seu grito de júbilo ainda ecoava pelo vestíbulo quando a Srta. Rosalie apareceu, esforçando-se para segurar uma senhora idosa muito zangada, que tentava acertar-lhe a cabeça com um violino. Dois policiais materializaram-se atrás dela. Os dois carregavam um homem, um deles segurando-o pela cabeça e o outro, pelas pernas. Eles passaram pela Srta. Rosalie e pela velhota e estenderam o homem cuidadosamente nas lajotas do piso, onde ele se deixou ficar, como se estivesse adormecido, a cabeça cacheada virada pacificamente na direção da escada.

Christopher viu que se tratava de Tacroy.

No mesmo instante, Flavian exclamou:

— Meu Deus, é Mordecai Roberts!

— Infelizmente, sim — confirmou Frederick Parkinson. — Ele é mesmo integrante do bando do Assombração. Eu o segui até dentro da Série Sete antes de voltar para rastrear o corpo dele. Fazia parte do bando. Havia muita muamba com ele.

Mais policiais apareciam atrás de Frederick Parkinson, carregando caixas e trouxas impermeáveis que Christopher conhecia bastante bem.

Gabriel de Witt passou apressado por Christopher e Flavian e ficou parado ao pé da escadaria, olhando para Tacroy, como um pássaro negro e pensativo.

— Então Roberts trabalhava para eles? Não é de espantar que não estivéssemos fazendo progresso — disse.

A essa altura, o vestíbulo estava cheio de gente: mais policiais, o resto da equipe do Castelo, lacaios, o mordomo e uma multidão de criadas interessadas.

Gabriel disse ao Dr. Simonson:

— Leve-o para a sala de transe, mas não deixe que ele suspeite de alguma coisa. Quero o que ele estava buscando, se for possível. — Ele virou-se para olhar para Flavian e Christopher. — Christopher, é bom que esteja presente ao interrogatório quando Roberts voltar para o corpo. Será uma experiência valiosa para você.

Christopher atravessou o vestíbulo ao lado de Flavian, sentindo-se um pouco como se também estivesse fora do corpo. O horror o deixava vazio. Então era isso que as “experiências” do tio Ralph realmente significavam! Ele pensou: Ah, não! Tomara que seja um engano!

Na biblioteca, achou impossível concentrar-se. Ficava ouvindo a voz da Srta. Rosalie a dizer: “Mas, Gabriel, eles realmente esquartejaram uma tribo inteira de sereias!”, e a sua mente insistia em voltar para aquelas trouxas com cheiro de peixe que ele colocara na carroça sem cavalos na Série Cinco, e depois para as damas tolas que pensaram que ele era uma coisa chamada clistófer. Disse a si mesmo que aquelas trouxas cheirando a peixe não eram sereias em pedaços e que era tudo um terrível engano — mas então se lembrou de como Tacroy tentou avisar-lhe, não apenas na ocasião em que o dragão apareceu, mas várias vezes antes disso, e compreendeu que não havia engano. De repente Christopher sentiu vontade de vomitar.

Flavian estava quase tão chocado quanto Christopher.

— Mordecai! Quem diria! — ficava repetindo. — Ele faz parte da equipe do Castelo há anos! Eu

gostava dele!

Os dois tiveram um sobressalto misturado a uma espécie de alívio quando um criado veio chamá-los para irem à Sala de Visitas Média. Enquanto atravessava o vestíbulo acompanhando Flavian, Christopher pensava que, pelo menos, quando tudo viesse à tona, ninguém ia querer que ele fosse o próximo Crestomanci. De alguma forma esse pensamento não era tão reconfortante quanto ele esperava que fosse.

Na enorme sala de visitas, Gabriel estava sentado no centro de um semicírculo de cadeiras douradas, como um velho rei preto e cinzento no seu trono. A um lado dele estavam sentados policiais carrancudos, de aparência importante, segurando blocos de anotações, e três homens com maletas, que ostentavam costeletas mais imponentes do que as de Papai. Flavian cochichou para Christopher que esses homens eram do Governo. A Srta. Rosalie e o resto da equipe de Gabriel estavam sentados no outro lado do semicírculo. Indicaram a Christopher uma cadeira mais ou menos no meio. Dali ele viu perfeitamente quando dois corpulentos criados feiticeiros trouxeram Tacroy e sentaram-no em uma cadeira de frente para os outros. Um dos policiais disse:

— Mordecai Roberts, você está preso e devo avisar que qualquer coisa que disser será registrada e poderá ser usada contra você. Deseja a presença do seu advogado?

— Não necessariamente — Tacroy respondeu.

Em carne e osso, ele não era igual ao Tacroy que Christopher conhecia. No lugar do velho terno verde,

ele estava usando um terno marrom muito mais elegante, com uma gravata de seda azul e no bolsinho um lenço combinando com a gravata. As suas botinas eram de pelica, feitas a mão. Embora os seus cachinhos estivessem exatamente iguais, havia no seu rosto rugas que nunca apareciam no rosto do seu espírito, rugas de riso que formavam uma expressão algo insolente e amargurada. Tacroy estava fingindo relaxar na cadeira, balançando um pé tranqüilamente, mas Christopher percebia que ele não estava nem um pouco tranqüilo.

— Um advogado não vai adiantar — ele continuou. — Vocês me pegaram em flagrante, afinal. Há anos tenho sido um agente duplo. Não há como negar.

— Que foi que o levou a isto? — perguntou a Srta. Rosalie.

— Dinheiro — Tacroy respondeu calmamente.

— Gostaria de falar mais sobre isto? — pediu Gabriel. — Quando você deixou o Castelo para infiltrar-se na organização do Assombração, o Governo concordou em lhe pagar um bom salário e lhe fornecer alojamentos confortáveis na Rua Baker. Você ainda desfruta das duas coisas.

Christopher pensou com amargura: e aquela história do sótão em Covent Garden?

— Ah, mas isso foi no princípio, quando o Assombração operava apenas na Série Doze — disse Tacroy. — Nessa ocasião, ele não tinha condições de me oferecer o suficiente para me tentar. Assim que ele expandiu para o resto dos Mundos Vinculados, ofereceu-me qualquer coisa que eu quisesse pedir. — Ele pegou o lenço no bolso e cuidadosamente limpou uma poeira imaginária nas suas belas botinas. — Não aceitei

imediatamente, sabe? Fui me afundando aos poucos — ele continuou. — O luxo vicia a gente.

— Afinal, quem é o Assombrão? — Gabriel perguntou. — Você deve ao Governo pelo menos esta informação.

Tacroy balançou o pé. Dobrou caprichosamente o lenço, e os seus olhos percorreram de modo casual o semicírculo de pessoas que o encaravam. Christopher manteve no rosto a expressão mais vaga que conseguiu fazer, mas os olhos de Tacroy passaram por ele como passaram por todas as outras pessoas, como se Tacroy nunca o tivesse visto antes.

— Nisso não posso ajudá-lo. O homem preserva a sua identidade com muito cuidado — afirmou. — Eu só tratava com os subordinados dele.

— Como a tal Effisia Bell, a mulher que é proprietária da casa em Kensington onde o seu corpo foi encontrado e trazido para cá? — perguntou um dos policiais.

— Ela fazia parte da organização, sim — respondeu Tacroy, dando de ombros.

A Srta. Bell, a Última Governanta! Christopher pensou: ela não podia deixar de ser do bando também. Ele manteve o rosto tão sem expressão que sentia os músculos rígidos como a estátua dourada de Asheth.

— De quem mais você sabe o nome? — outra pessoa perguntou.

— De ninguém mais — Tacroy afirmou.

Várias outras pessoas fizeram-lhe a mesma pergunta de maneiras diferentes, mas Tacroy limitava-se a balançar o pé e dizer que não conseguia lembrar-se. Finalmente Gabriel inclinou-se para a frente e

disse:

— Demos uma olhada rápida naquela carroça sem cavalos na qual o seu espírito transportava o contrabando. É um objeto engenhoso, Roberts.

— É mesmo, não é? — Tacroy concordou. — Deve ter levado muito tempo para aperfeiçoar. Sabe, ela precisava ser suficientemente fluida para atravessar a Borda do Mundo, mas suficientemente sólida para que as pessoas nas outras Séries pudessem colocar a carga dentro dela quando eu chegava lá. Fiquei com a impressão de que o Assombração precisou esperar até ter a carroça pronta, para então poder expandir-se para os Mundos Vinculados.

Christopher pensou: isto não é verdade! E era eu quem costumava colocar a carga nela! Ele está dizendo mentiras a respeito de tudo!

— Vários magos devem ter trabalhado naquela coisa, Mordecai. Quem eram eles? — perguntou a Srta. Rosalie.

— Quem sabe? Não... Espere um minuto ele acrescentou. — Effie Bell deixou escapar um nome. Será que foi Phelps? Felper? Felperin?

Gabriel e os policiais trocaram olhares. Flavian murmurou:

— Os irmãos Felperin! Há anos suspeitamos que sejam bandidos!

— Outra coisa curiosa, Roberts — Gabriel prosseguiu. — A nossa rápida inspeção da carroça mostrou que, pelas aparências, em alguma ocasião ela quase foi destruída pelo fogo.

Christopher percebeu que havia parado de respirar.

— Algum acidente durante a construção dela, imagino — disse Tacroy.

— Foi fogo de dragão, Mordecai. Reconheci na mesma hora — interveio o Dr. Simonson.

Tacroy deixou que os seus olhos amargurados, ansiosos e ri-sonhos deslizassem pelo rosto de todos em volta. Christopher ainda não conseguia respirar. Porém mais uma vez Tacroy olhou para ele de relance, ele como se nunca o tivesse visto antes, e deu uma risada.

— Eu estava brincando. A visão de vocês todos sentados em roda para me julgar desperta o pior em mim. Sim, ele foi incendiado por um dragão que não gostou de uma carga de sangue de dragão que eu estava recolhendo na Série Oito. Aconteceu há mais ou menos um ano.

Ouvindo isso, Christopher voltou a respirar.

— Perdi a carga inteira e quase fiquei queimado demais para retornar ao meu corpo — Tacroy continuou. — Tivemos que suspender as operações durante a maior parte do outono, até a carroça ficar consertada. Não sei se vocês se lembram, mas coloquei no meu relatório que parecia que o Assombrado havia parado com as importações.

Christopher respirou fundo várias vezes, tentando não fazer isso de maneira muito óbvia. Então um dos homens do Governo perguntou:

— Você ia sempre sozinho?

Christopher quase parou novamente de respirar.

— Claro que ia sozinho! — Tacroy respondeu. — De que adiantaria outro viajante? Fiquem certos de que não tenho a menor condição de saber quantas

outras carroças o Assombração estava mandando. Pode ser que ele possua centenas delas.

Completa bobagem, pensou Christopher. A deles era a única, senão não teriam sido obrigados a parar durante o outono, quando ele fora para o colégio e se esquecera. Se a essa altura não houvesse percebido que Tacroy estava tentando protegê-lo, ficaria sabendo disso no final da manhã. As perguntas continuaram, incessantes. Os olhos de Tacroy passavam por Christopher sem qualquer sinal de reconhecimento. E cada vez que uma resposta de Tacroy poderia incriminar Christopher, Tacroy mentia, e terminava a mentira com uma série de outras confissões, como uma cortina de fumaça para que as pessoas pensassem em outra coisa. O rosto de Christopher ficou rígido, de tanto manter a expressão neutra. Ele olhava para a fisionomia amargurada de Tacroy e se sentia cada vez pior. Pelo menos duas vezes quase se levantou e confessou tudo. Mas aquilo lhe parecia ser um grande desperdício da cautela de Tacroy.

O interrogatório não foi interrompido para o almoço; o mordomo trouxe um carrinho de chá com sanduíches, que todos comeram enquanto tomavam notas e faziam mais perguntas. Christopher ficou feliz ao ver que um criado serviu sanduíches para Tacroy também. A essa altura Tacroy estava pálido como café com leite, e o pé que ele balançava sem cessar estava visivelmente trêmulo. Devorou os sanduíches como se estivesse faminto, e respondeu às perguntas seguintes com a boca cheia.

Christopher mordeu o seu sanduíche. Era de salmão. Ele pensou nas sereias e sentiu ânsias de vô-

mito.

— Qual é o problema? — Flavian quis saber.

— Nada. É só que eu não gosto de salmão — Christopher cochichou em resposta.

Seria burrice denunciar-se agora, depois que Tacroy havia se esforçado tanto para mantê-lo de fora. Ele levou o sanduíche à boca, mas simplesmente não conseguiu forçar-se a dar outra mordida.

— Poder ser o efeito da remoção da vida — Flavian murmurou ansiosamente.

— E, imagino que seja isso — Christopher concordou.

E largou o sanduíche, sentindo-se curioso: como Tacroy conseguia comer o dele com tanto gosto?

O interrogatório ainda continuava quando o mordomo levou embora o carrinho de chá. Ele voltou quase em seguida e cochichou discretamente com Gabriel de Witt. Gabriel pensou um pouco, então pareceu tomar uma decisão e fez um gesto de assentimento. Em seguida, para surpresa de Christopher, o mordomo aproximou-se e inclinou-se para ele.

— A sua mãe está aqui, senhorzinho Christopher, esperando no Salão Pequeno. Quer me acompanhar, por favor?

Christopher olhou para Gabriel, mas este estava inclinado para a frente perguntando a Tacroy quem recolhia os pacotes quando eles chegavam a Londres. Christopher levantou-se para acompanhar o mordomo. Tacroy olhou para ele de relance.

— Sinto muito, minha cabeça está como uma peneira. Por favor, faça a pergunta de novo — Christopher ouviu-o dizer.

Enquanto atravessava o vestíbulo acompanhando o mordomo, Christopher pensava: sereias, pacotes cheirando a peixe. Trouxas de sangue de dragão. Ele sabia que na Série Oito a mercadoria era sangue de dragão, mas não sabia que o dragão não estava gostando daquilo. O que aconteceria com Tacro? Quando o mordomo abriu a porta do Salão Pequeno e fez com que entrasse, ele mal conseguiu concentrar-se no aposento espaçoso e elegante ou nas duas damas lá sentadas.

Duas?

Christopher pestanejou ao ver duas amplas saias de seda. A cor-de-rosa e lilás pertencia a Mamãe, que parecia pálida e preocupada. A saia marrom e dourada, igualmente elegante, pertencia à Última Governanta. Os pensamentos de Christopher abandonaram as sereias e o sangue de dragão e ele estacou na metade do caminho, sobre o tapete oriental.

Mamãe estendeu para ele a mão enluvada de lilás.

— Meu menino querido! — exclamou com voz trêmula. — Como você cresceu! Lembra-se da nossa querida Srta. Bell, Christopher? Hoje em dia ela me faz companhia. O seu tio encontrou para nós uma linda casa em Kensington.

— As paredes têm ouvidos — comentou a Srta. Bell em seu tom de voz mais neutro.

Christopher lembrou-se que a beleza oculta dela jamais transparecia na frente de Mamãe. Então sentiu pena de Mamãe.

— Christopher pode cuidar disso, não pode, meu querido? — disse Mamãe.

Christopher controlou-se. Não tinha dúvidas de que o Salão estava cheio de feitiços de escuta, provavelmente em cada um dos quadros de molduras douradas. Pensou se deveria prevenir a Polícia de que a Última Governanta estava ali. Porém, se a Última Governanta estava morando com Mamãe, isso iria trazer problemas para Mamãe também. E ele sabia que, se denunciasse a Última Governanta, ela iria contar tudo sobre ele e desperdiçar todo o esforço de Tacroy.

— Como foi que entraram? Há um feitiço em volta do terreno — ele quis saber.

— A sua mãe chorou até rebentar, no portão — contou a Última Governanta, apontando significativamente para as paredes, para dizer a Christopher que fizesse alguma coisa a respeito dos feitiços de escuta.

Christopher gostaria de fingir que não entendia, mas sabia que não ousava ofender a Última Governanta. Um feitiço de abafamento era um encantamento, bem fácil de fazer. Ele fez um, com um gesto zangado, e, como sempre, exagerou na dose e pensou que havia ficado surdo. Então viu que Mamãe dava tapinhas na face com expressão de perplexidade e que a Última Governanta estava balançando a cabeça, tentando limpar os ouvidos. As pressas ele apagou o centro do feitiço para que os três pudessem escutar uns aos outros dentro da surdez. Mamãe, em lágrimas, declarou:

— Meu querido, viemos levar você para longe disso tudo. Lá fora um carro de aluguel está à nossa espera, e você vai voltar para Kensington para morar comigo. O seu tio quer que eu seja feliz e, segundo ele, eu só posso ser feliz se tiver você comigo. E ele tem

toda razão, é claro.

Christopher pensou, com raiva, que naquela manhã mesmo ele teria dançado de alegria ao ouvir Mamãe dizer isso. Agora sabia que era só outra maneira de desperdiçar o esforço de Tacroy. E outra conspiração do tio Ralph, naturalmente. Tio Assombrção! Ele olhou para Mamãe e Mamãe retribuiu com um olhar implorante. Ele percebia que ela estava sendo sincera no que dizia, embora permitisse que o tio Ralph a dominasse totalmente. Christopher não podia culpá-la por isso. Afinal, também ele havia permitido que o tio o fascinasse, naquela ocasião, anos antes, em que o tio lhe dera uma moeda de meio xelim. Ele olhou para a Ultima Governanta.

— A sua mãe agora está muito bem de vida. O seu tio já recuperou quase a metade da fortuna dela — ela afirmou, com os seus modos suaves e compostos.

Quase a metade? Então, o que o tio Ralph havia feito com o resto do dinheiro que Christopher ganhara para ele a troco de nada? A essas alturas, o tio devia ser multimilionário!

— E com você para ajudar, como sempre costumava fazer, poderá recuperar rapidamente o resto do dinheiro da sua mãe.

Como ele sempre costumava fazer! Christopher lembrava-se do modo suave como a Ultima Governanta o manipulava, primeiro tentando descobrir coisas sobre os Uns Lugares e depois levando-o a fazer exatamente o que o tio Ralph desejava. Ele não conseguiria perdoá-la por isso, embora ela fosse ainda mais devotada ao tio Ralph do que Mamãe era. E ao lembrar-se disso ele tornou a olhar para Mamãe. O amor

de Mamãe por Christopher podia ser inteiramente verdadeiro, mas ela o deixara entregue a babás e Governantas e o deixaria nas mãos da Ultima Governanta assim que chegassem a Kensington.

— Confiamos em você, meu querido — disse Mamãe. — Por que está com esta cara tão séria? Tudo o que tem a fazer é pular por esta janela e esconder-se no carro, e iremos embora com você sem que ninguém fique sabendo.

Christopher estava entendendo muito bem: o tio Ralph sabia que Tacroy havia sido preso, de modo que agora ele queria que Christopher continuasse com o contrabando. E enviara Mamãe para buscar Christopher, e a Ultima Governanta para certificar-se de que fariam tudo como o tio Ralph queria. Talvez ele temesse que Tacroy denunciasse Christopher. Ora, se Tacroy conseguia mentir, Christopher também conseguiria.

— Bem que eu gostaria — ele disse, de um modo triste, hesitante, embora por dentro tivesse ficado de súbito tão suave e controlado quanto a Ultima Governanta. — Eu adoraria sair daqui. Mas não posso. Quando o dragão me queimou na Série Oito, aquela era a minha penúltima vida. Gabriel de Witt ficou tão zangado que retirou e escondeu as minhas vidas. Se eu sair do Castelo agora, vou morrer.

Mamãe começou a chorar.

— Aquele homem horrível! Que coisa desagradável para todos! A Ultima Governanta ficou de pé, dizendo:

— Bem, acho que neste caso não há nada que nos prenda aqui.

— Tem razão, minha cara — Mamãe soluçou. Ela enxugou as lágrimas e deu em Christopher um beijo perfumado. — Como é terrível não poder chamar a nossa vida de nossa! Talvez o seu tio consiga pensar em alguma coisa.

Christopher contemplou as duas partindo apressadas, o tecido caro das roupas ciciando por cima do tapete assim que elas saíram da área sob o feitiço do silêncio. Ele cancelou o feitiço com um aceno desanimado. Embora soubesse como cada uma delas era, ele se sentia magoado e desiludido, enquanto as observava, através da janela, entrando no carro que aguardava sob os cedros da alameda. A única pessoa que ele conhecia que não tentara usá-lo era Tacroy. E Tacroy era um criminoso e um traidor.

Christopher pensou: E eu também sou! Depois de finalmente admitir isto para si mesmo, ele descobriu que não conseguiria voltar para a Sala de Visitas Média e ficar escutando as pessoas interrogarem Tacroy. Em vez disso, dirigiu-se melancolicamente para o seu quarto. Abriu a porta — e arregalou os olhos.

Uma menininha vestida com uma túnica marrom molhada, pingando água, estava sentada, tremendo, na beirada da cama dele. Seus cabelos pendiam em cachos úmidos em volta do rosto redondo e pálido. Em uma das mãos ela parecia estar segurando um montinho de pelos brancos empapados de água. A outra mão segurava um pacote grande, de papel encedrado, contendo o que pareciam ser livros.

Christopher pensou: só me faltava essa! De algum modo a Deusa conseguira chegar até lá, e era óbvio que trouxera consigo os seus pertences.



Capítulo XVII

— Como foi que chegou até aqui? — Christopher perguntou.

Os tremores sacudiam o corpo da Deusa. Ela deixara para trás todas as suas jóias, o que lhe dava uma aparência muito estranha e sem graça.

— Eu m-me lembrei do que você disse a respeito de precisar deixar uma v-vida para trás — ela respondeu batendo o queixo. — E naturalmente existem d-duas de mim, contando com a estátua d-dourada. M-mas não foi fácil. Eu entrei p-pela p-parede rodeando o canto do m-meu q-quarto s-seis vezes, antes d-de acertar. V-você deve ser muito c-corajoso para p-passar tantas vezes p-por aquele horrendo L-lugar do Meio. F-foi horrível. Eu q-quase deixei P-proudfoot cair, duas vezes.

— Proudfoot? — Christopher repetiu.

A Deusa abriu a mão que segurava o montinho

de pelos brancos; o montinho soltou um guincho de reclamação e pôs-se a tremer também.

— A minha gatinha — a Deusa explicou. Christopher lembrou-se do grande calor que fazia na Série

Dez. Algum tempo antes, o cachecol que a Sra. Pawson tricotara para ele havia sido guardado em uma gaveta da sua cômoda; ele foi procurá-lo.

— Não tive coragem de deixar o bichinho — disse a Deusa. — Trouxe a m-mamadeira d-dela. Tive de f-fugir assim que me deixaram sozinha depois do augúrio. Sabiam que eu sabia; escutei Mãe P-proudfoot dizer que precisavam procurar uma nova Deusa Viva imediatamente.

E também roupas para a Deusa, Christopher se deu conta, escutando o barulho dos dentes dela. Jogou-lhe o cachecol.

— Embrulhe a gatinha nisso. Foi tricotado por uma bruxa, de modo que provavelmente vai deixá-la protegida. Como foi que conseguiu encontrar o Castelo?

— P-procurando em todos os v-vales que enc-contrei. N-não consigo imaginar p-por que v-você me d-disse que não tem vi-são-de-b-bruxaria. Q-quase que eu deixei de ver o rasgão no f-feitiço. Ele é mesmo q-quase invisível!

— Ah, isso é visão-de-bruxaria? — disse Christopher distraidamente. Ele jogou sobre a cama uma braçada das suas roupas mais quentes. — Vá até o banheiro e vista isso antes que congele.

A Deusa pousou cuidadosamente sobre a cama a gatinha embrulhada em seu ninho de cachecol. Era

ainda tão novinha que parecia um rato branco. Christopher perguntou-se como ela havia conseguido sobreviver.

— São roupas de menino? — perguntou a Deusa.

— É só o que eu tenho — ele explicou. — E ande depressa. As criadas entram e saem a toda hora. Você precisa se esconder. Gabriel de Witt me ordenou que não me metesse com Asheth e não sei o que ele faria se descobrisse você aqui!

Ouvindo estas palavras, a Deusa deu um pulo para fora da cama e pegou as roupas. Christopher ficou aliviado ao perceber que ela parecia assustada de verdade. Ele correu para a porta.

— Vou preparar um esconderijo para você. Me espere aqui — disse.

E foi em disparada até o maior dos dois quartos nas torres, aquele que havia sido antes o laboratório de um mago. Pensava: uma Deusa foragida era a gota d'água nos seus problemas. Com certeza tinha sorte por todos estarem ocupados com o coitado do Tacroy. Com um pouco de astúcia ele talvez conseguisse manter a Deusa escondida ali enquanto escrevia para o Dr. Pawson, para perguntar o que fazer para resolver esse problema de maneira permanente.

Subiu em disparada a escada em espiral e deu uma olhada no quarto empoeirado. Com uma coisa e outra, não fizera grande progresso na tarefa de mobiliá-lo para ser um esconderijo. O aposento estava vazio, com exceção de um tamborete velho, bancadas de trabalho brocadas pelos cupins e um braseiro de ferro enferrujado. Não serviria para a Deusa!

Christopher pôs-se a conjurar desesperadamente. Trouxe todas as almofadas do Salão Pequeno; então, pensando melhor, concluiu que alguém perceberia. Mandou a maioria de volta e conjurou almofadas da Grande Sala de Visitas, da Pequena Sala de Visitas e de qualquer outro lugar onde ele imaginava que não haveria alguém para perceber. Em seguida, trouxe carvão do barracão de jardinagem para encher o braseiro. Então invocou fogo para o braseiro, e estava com tanta pressa que quase não percebeu que, para variar, o feitiço havia dado certo. Ele se lembrou de uma caçarola e uma chaleira velha perto dos estábulos e trouxe-as. E um balde cheio de água veio da bomba perto da porta da cozinha.

Que mais? Leite para a gatinha. O leite veio com a desnatadeira e tudo, e foi preciso que ele inclinasse de leve a desnatadeira para verter um pouco do leite na caçarola, para em seguida mandar a desnatadeira de volta — o problema era que ele não tinha a menor idéia de onde ficavam as coisas no Castelo. Bule, chá — ele não fazia idéia do lugar de onde estavam vindo esses objetos, e nem sabia se a Deusa gostava de chá. Seria obrigada a gostar. Que mais? Ah, xícara, pires, pratos. Ele trouxe essas coisas do suntuoso armário da sala de jantar. Era uma louça bem bonita, ela ia gostar. Depois, colher, faca, garfo. Naturalmente, nenhum dos talheres de prata obedeceria. Christopher trouxe, com um estrondo, o que devia ser toda a gaveta de talheres de cozinha, escolheu alguns às pressas e mandou o resto de volta, como fizera com a desnatadeira. Além disso, ela precisaria de comida. O que haveria na despensa?

Chegaram os sanduíches de salmão, capricho-

samente embrulhados em um guardanapo branco. Christopher tornou a sentir ânsias de vômito. Sereias! Mas ele os arrumou sobre uma bancada, com as outras coisas, antes de dar uma olhada final em volta. O carvão começava a formar brasas no braseiro, mas ainda faltava alguma coisa para tornar o aposento aconchegante. Sim, um tapete. O lindo tapete redondo da biblioteca serviria. Quando o tapete chegou, Christopher constatou que era duas vezes maior do que ele havia calculado. Foi preciso mudar o braseiro de lugar para abrir espaço. Pronto. Perfeito.

Voltou correndo para o seu quarto. Chegou no momento exato em que Flavian abria a porta do quarto e se preparava para entrar.

Christopher, afobado, lançou o mais forte feitiço de invisibilidade que conseguiu produzir. Flavian abriu a porta e encontrou um vazio total. Para alívio de Christopher, ele estacou e ficou olhando para o vazio.

— Rã, rã — fez Christopher atrás dele.

Flavian fez meia-volta como se Christopher o tivesse apunhalado. Em tom casual, e no volume mais alto que conseguia, Christopher disse:

— Só estou treinando magia prática, Flavian.

Os sons de tropeções que ele ouvia, vindos do vazio, cessaram: a Deusa ficou sabendo que Flavian estava ali. Mas Christopher precisava tirá-la de lá.

— Ah, está? Ótimo — disse Flavian. — Então, lamento muito interrompê-lo, mas Gabriel disse que devo lhe dar uma aula agora porque não estarei aqui amanhã. Ele quer que toda a equipe do Castelo vá atrás do Assombração.

Enquanto Flavian falava, Christopher Tateava

dentro da in-visibilidade em seu quarto, usando um sexto sentido mágico que até esse momento não sabia que possuía — e localizou primeiro a Deusa, parada junto à cama dele, depois a gatinha, aninhada no cachecol em cima da cama, e enviou as duas violentamente para o quarto da torre. Pelo menos, esperava ter enviado. Até então, ele nunca havia transportado coisas vivas, e não fazia idéia se era a mesma coisa. Escutou, no meio da invisibilidade, um forte cicio de uma corrente de ar, que era o mesmo tipo de ruído que a desnataadeira havia produzido, e assim ficou sabendo que a Deusa havia sido transportada para um outro lugar qualquer. Só lhe restava torcer para que ela compreendesse. Afinal, ela havia demonstrado que sabia cuidar de si mesma.

Ele cancelou a invisibilidade. O quarto parecia deserto.

— Gosto de praticar com privacidade — ele disse a Flavian.

Este limitou-se a olhar para ele.

— Venha para a sala de aula.

Enquanto caminhavam pelo corredor, Christopher lembrou-se do que Flavian havia dito.

— Vocês vão capturar o Assombrão amanhã? — perguntou.

— Se conseguirmos encontrá-lo — Flavian respondeu. — Depois que você saiu, Mordecai abriu-se o suficiente para nos dar alguns nomes e endereços. Acreditamos que ele estava dizendo a verdade. — Flavian suspirou. — Eu ficaria até muito feliz em apanhá-los, mas acontece que não consigo me conformar com o fato de Mordecai ser um deles!

Christopher pensou ansiosamente: e quanto a Mamãe? Ele queria pensar em uma maneira de lhe mandar um aviso, mas não sabia em qual parte de Kensington ela estava morando.

Chegaram à sala de aula. No momento em que entraram, Christopher deu-se conta de que ele havia cancelado apenas a invisibilidade do quarto, não a da Deusa ou da gatinha. Ficou tateando mentalmente, tentando encontrá-la no quarto da torre — ou onde quer que ela estivesse — e torná-la novamente visível. Mas aonde quer que ele a tivesse enviado, ela parecia distante demais para Christopher encontrá-la. O resultado foi que, pelo menos durante uns vinte minutos, ele não ouviu coisa nenhuma do que Flavian disse.

— Eu comentei que você parece estar um pouco distraído — Flavian falou em tom irritado.

Christopher tomou consciência de que Flavian dissera a mesma coisa várias vezes, e apressou-se a explicar:

— Eu estava pensando no que vai acontecer agora com Ta... Mordecai Roberts.

— Ele vai para a prisão, imagino — disse Flavian com tristeza — Vai ficar preso durante anos.

— E vai ter que ficar em uma cela especial que prenda o espírito dele, para impedir que ele fuja, não é? — Christopher comentou.

Para sua surpresa, Flavian explodiu.

— Este é exatamente o tipo de comentário idiota, frívolo e insensível que é típico de você! — exclamou. — De todos os pirralhos de coração duro, nariz empinado e ar de superioridade que conheço, você é o pior! Às vezes penso que você não tem alma,

só um monte de vidas sem valor!

Christopher olhou para o rosto de Flavian, em geral pálido mas agora vermelho de emoção, e tentou protestar, explicar que não pretendia ser insensível. Queria dizer simplesmente que devia ser bastante difícil manter na prisão uma pessoa que conseguia fazer viagens espirituais. Mas Flavian, agora que havia começado, parecia incapaz de parar.

— Parece que você pensa que essas suas nove vidas lhe dão o direito de se comportar como se fosse o Senhor da Criação! — berrou. — Ou então existe uma muralha de pedra em torno de você. Se alguém tenta apenas ser amigável, tudo o que recebe em troca é um olhar arrogante, uma cara de distraído ou grosseria pura e simples! Todos sabem que eu tentei, Gabriel tentou, Rosalie tentou. E também todas as criadas, que dizem que você nem percebe que elas existem! E agora faz piadas sobre o coitado do Mordecai! Para mim chega! Estou farto de você!

Christopher nunca havia imaginado que as pessoas o vissem dessa maneira. Estava atônito. O que estaria fazendo de errado? Na realidade, ele era bom! Quando, ainda pequeno, ia aos Uns Lugares, todos lá gostavam dele. Todos sorriam para ele. Desconhecidos lhe davam coisas. Christopher deu-se conta de que, dessa época em diante, havia continuado a pensar que as pessoas gostavam dele assim que o viam, e agora estava por demais evidente que ninguém gostava dele.

Ele olhou para Flavian com raiva, respirando com força. Sentia que havia ferido gravemente os sentimentos de Flavian. E pensava que ele não tivesse sentimentos que pudessem ser feridos... E o que, de

certa forma, piorava tudo, era que não tivera a intenção de fazer piadas sobre Tacroy — principalmente depois que Tacroy passara o dia inteiro mentindo por sua causa. Ele gostava realmente de Tacroy. O problema era que não ousava revelar isso a Flavian. Tampouco ousava revelar que os seus pensamentos estavam ocupados com a Deusa. Assim, o que ele poderia dizer?

— Peço desculpas — foi o que disse. — Sinto muito. — A sua voz saiu trêmula por causa do choque. — Não pretendia ferir os seus sentimentos, pelo menos dessa vez. Eu juro.

— Bom! — Flavian exclamou, e o rubor do seu rosto desapareceu. Ele recostou-se no encosto da cadeira, inclinando-a para trás, e ficou olhando para Christopher. — Esta é a primeira vez que ouço você pedir desculpas, quero dizer, desculpas sinceras. Acho que é uma espécie de progresso. — Ele deixou a cadeira voltar a apoiar-se nos quatro pés e levantou-se. — Desculpe-me por ter perdido a paciência. Mas acho que não conseguirei continuar esta aula hoje. Estou perturbado demais. Vá logo, e depois de amanhã reporemos esta aula.

Christopher encontrou-se livre — e com sentimentos confusos a respeito disso — para ir procurar a Deusa. Dirigiu-se depressa ao quarto da torre.

Para seu grande alívio, lá estava ela, em meio a um forte cheiro de leite queimado, sentada nas almofadas de seda multicoloridas, alimentando a gatinha por meio de uma minúscula mamadeira de boneca. Com o carvão aquecendo o ar, e o tapete — que agora tinha um trecho chamuscado ao lado do braseiro — cobrindo o piso de pedra, o aposento de repente ganhara

uma aparência aconchegante.

A Deusa recebeu-o com uma risadinha nada apropriada a uma deusa.

— Você se esqueceu de me deixar visível de novo! Nunca fiquei invisível. Levei séculos para descobrir como desmanchar o feitiço, e precisei ficar imóvel o tempo todo, para não pisar em Proudfoot. Obrigada por ter preparado este quarto. Estas xícaras são lindas!

Christopher também deu uma risadinha ao ver a Deusa vestida com o seu jaquetão de caçador e calças curtas. Se alguém olhasse apenas para as roupas, julgaria que se tratava de um menino gorducho, mais ou menos como Oneir; no entanto, se olhasse para os seus pés sujos e os cabelos compridos, acharia difícil dizer o que ela era.

— Você não está muito parecida com a Asheth Viva... — ele começou.

— Não! — disse a Deusa, pondo-se de joelhos em um movimento súbito, trazendo consigo, cuidadosamente, a gatinha e a mamadeira. — Não pronuncie este nome! Nem sequer pense nele! Ela sou eu, você sabe, do mesmo modo que eu sou ela, e, se você despertar a atenção dela, ela vai perceber onde estou e vai mandar o Braço de Asheth!

Christopher compreendeu que aquilo devia ser verdade, caso contrário a Deusa não teria conseguido chegar viva ao mundo dele.

— Então, como quer que eu chame você?

— De Millie, como aquela da escola, nos livros — disse a Deusa em tom decidido.

Ele já sabia que não ia levar muito tempo para

ela tocar na questão da escola. Tentou mudar de assunto, perguntando:

— Por que você deu o nome de Proudfoot à gatinha? Isto não é perigoso também?

— Um pouquinho, sim — a Deusa admitiu. — Mas precisava agradar Mãe Proudfoot, ela ficou muito lisonjeada, eu me senti até mal de fingir para ela. Felizmente havia uma razão ainda melhor para este nome. Veja.

Ela pousou a mamadeira de boneca e delicadamente estendeu uma diminuta pata dianteira de Proudfoot sobre o seu dedo. As garras eram rosadas. Christopher, ajoelhando-se para olhar, achou que a pata da gatinha parecia uma pequena margarida. E então ele se deu conta de que havia uma quantidade enorme de garras cor-de-rosa — na verdade, pelo menos sete.

— Ela tem a pata sagrada. Isto significa que ela carrega a sorte de uma certa divindade dourada — disse a Deusa em tom solene. — Quando vi isso, entendi que significava que eu devia vir para cá e ir para a escola.

Mais uma vez estavam de volta ao assunto favorito da Deusa. Felizmente, nesse momento uma forte voz de contralto falou, do lado de fora da porta:

— Wong!

— Throgmorten! — Christopher exclamou. Ficou em pé de um salto, com grande alívio, e foi abrir a porta. — Ele não vai machucar a gatinha, vai?

— Ele que ouse! — retrucou a Deusa.

Throgmorten, porém, ficou felicíssimo ao vê-las. Com a cauda empinada, correu para a Deusa.

— Olá, seu gato nojento! — foi o cumprimento dela.

Mas pôs-se a esfregar as orelhas de Throgmorten, e era evidente que estava alegre em revê-lo. Throgmorten farejou a gatinha com ares de proprietário e então acomodou-se entre Christopher e o braseiro, ronronando como um relógio de parede enferrujado.

Apesar dessa interrupção, era apenas uma questão de tempo antes que a Deusa voltasse ao assunto da escola.

— Você teve problemas, quando ficou preso na parede, não foi? — afirmou, comendo pensativamente um sanduíche de salmão. Christopher não agüentou olhar para aquilo. — Sei que foi, senão teria negado. Que são essas coisas esquisitas parecendo peixe?

— Sanduíches de salmão — Christopher disse, com um estremecimento, e, para afastar o pensamento das sereias, contou-lhe sobre o modo como Gabriel colocara a sua nona vida em um anel de ouro.

— Sem nem pedir licença primeiro a você? — exclamou a Deusa, indignada. — Agora é você quem está em pior situação. Mas espere só até eu me instalar em uma escola; vou pensar em um meio de conseguir essa vida de volta para você.

Christopher concluiu que havia chegado a hora de explicar à Deusa os fatos da vida na Série Doze.

— Escute — começou, no tom mais carinhoso que conseguiu.

— Acho que você não pode ir para a escola, ou, pelo menos, para um internato como aquele dos seus livros. Eles custam uma fortuna. Até os uniformes são caros. E você não trouxe nem a suas jóias para vender.

Para surpresa sua, a Deusa não se mostrou preocupada.

— Minhas jóias são quase todas de prata. Eu não poderia trazê-las sem fazer mal a você — observou. — Mas vim preparada para ganhar dinheiro.

Christopher perguntou-se como ela faria isso. Mostrando os quatro braços em um circo?

— Sei que vou conseguir — ela declarou em tom confiante.

— A pata sagrada de Proudfoot é um presságio. Pelo jeito ela realmente acreditava naquilo.

— A minha idéia era escrever para o Dr. Pawson — disse Christopher.

— Isto pode ser útil — concordou a Deusa. — Quando o pai de Cora Hopefforbes, a amiga da Millie, quebrou o pescoço durante uma caçada, ela precisou pedir dinheiro emprestado para pagar as mensalidades da escola. Está vendo como sei tudo sobre essas coisas?

Christopher soltou um suspiro e conjurou papel e caneta da sala de aula para escrever para o Dr. Pawson. Aquilo deixou a Deusa profundamente intrigada.

— Como foi que você fez isso? Será que posso aprender a fazer também? — ela quis saber.

— Por que não? Gabriel disse que obviamente você é uma maga com seus próprios poderes — Christopher respondeu. — O principal é visualizar a coisa que você quer trazer, porém sem o que houver em volta. Quando Flavian começou a me ensinar a conjurar, eu vivia trazendo junto pedaços de parede ou de mesas.

Passaram a hora seguinte conjurando coisas de que a Deusa precisava: mais carvão, uma bandeja para

o cocô da gatinha, meias para a Deusa, um cobertor e vários pulverizadores de perfume para contrabalançar o cheiro forte de Throgmorten. Juntos, os dois determinaram o que escreveriam ao Dr. Pawson, e a Deusa fez anotações em uma caligrafia inclinada e de aparência estrangeira. Não haviam feito muito progresso quando o gongo soou ao longe, chamando para o jantar. Então Christopher foi obrigado a permitir que a Deusa conjurasse a bandeja de jantar dele para a torre.

— Mas primeiro preciso ir até a sala de aula, senão a criada que traz a bandeja vai desconfiar. Preciso de cinco minutos.

Ele chegou à sala de aula ao mesmo tempo que a criada. Lembrando-se da explosão de Flavian, Christopher fez questão de olhar para a criada e sorrir para ela — em parte para impedir que ela suspeitasse da presença da Deusa, mas pelo menos era um sorriso.

Era evidente que a criada havia ficado deliciada em ser notada. Ela colocou a bandeja sobre a mesa e começou a falar.

— A polícia levou a velha, mais ou menos há uma hora. Ela foi embora gritando e dando chutes. Sally e eu fomos até a biblioteca para espiar. Foi tão bom quanto ir ao teatro!

— E quanto a Ta... Mordecai Roberts? — Christopher perguntou.

— Está detido para mais interrogatórios, todo coberto de feitiços — informou a criada. — Coitado do Sr. Roberts! Sally disse que ele parecia morto de cansaço, quando ela lhe levou o jantar. Ele está naquele quartinho ao lado da biblioteca. Sei que ele agiu errado, mas não paro de tentar encontrar uma desculpa para ir

lá e bater um papo com ele, para deixá-lo um pouco alegre. Bertha já foi. Foi ela quem arrumou a cama dele, a sortuda!

Christopher ficou interessado, apesar de querer que a criada se retirasse.

— Então conhece Mordecai Roberts? — perguntou.

— Se conheço? Quando ele estava trabalhando aqui no Castelo, acho que nós todas éramos meio caídas por ele.

Nesse ponto Christopher percebeu que a sua bandeja de jantar estava começando a vibrar. Apoiou a mão com força sobre ela.

— Não se pode negar, o Sr. Roberts é bem bonito, e tão simpático! — disse a criada, felizmente sem olhar para a bandeja. — Não vou citar nomes, mas havia várias moças que faziam o possível para topar com o Sr. Roberts nos corredores. Bobas! Todo mundo sabia que ele só tinha olhos para a Srta. Rosalie!

— A Srta. Rosalie? — Christopher exclamou, mais interessado do que nunca.

Ele pressionava a bandeja contra a mesa com toda a sua força. A Deusa, decerto imaginando que não estava conseguindo conjurar a bandeja por estar fazendo alguma coisa errada, estava tentando desesperadamente.

— Ah, sim. Foi o Sr. Roberts quem ensinou a Srta. Rosalie a jogar críquete — contou a criada. — Mas, não se sabe por que, eles nunca conseguiram se entender. Dizem que foi por causa dela que o Sr. Roberts pediu para ser enviado para aquele trabalho em Londres. Ela o prejudicou bastante, ora se não! —

Então, para alívio de Christopher, a criada acrescentou: — Mas é melhor eu ir embora e deixar você jantar, antes que a comida esfrie.

— Sim — disse Christopher, aliviado, inclinando-se sobre a bandeja com toda o seu peso e, ao mesmo tempo, tentando desesperadamente não parecer grosseiro. — Hã... Se conseguir falar com Tac... o Sr. Roberts, dê-lhe lembranças minhas. Eu o conheci em Londres.

— Está bem — respondeu a criada em tom alegre, e foi embora finalmente.

A essa altura, os braços de Christopher estavam sem força. A bandeja desvencilhou-se violentamente das suas mãos e desapareceu com um estrondo, e grande parte da mesa desapareceu com ela. Christopher voltou correndo para a torre.

— Sua pateta! — começou, assim que abriu a porta.

A Deusa limitou-se a apontar para dois-terços da mesa da sala de aula sobre uma bancada de trabalho. Ambos tiveram um ataque de riso.

Christopher achou tudo aquilo maravilhosamente divertido, depois que se recuperou o suficiente para saborear o seu jantar compartilhado com a Deusa e Throgmorten. Era muitíssimo agradável conhecer uma pessoa que possuía o mesmo tipo de magia. Ele tinha a sensação de que aquele era o verdadeiro motivo pelo qual ele ia sempre visitar o Templo de Asheth. Ainda assim, agora que a criada colocara Tacroy novamente na sua cabeça, Christopher não conseguia tirá-lo de lá. Enquanto conversava e ria com a Deusa, ele realmente chegava a sentir Tacroy em algum lugar

do andar térreo, na outra extremidade do Castelo, e os feitiços que o prendiam, e que eram, obviamente, incômodos. Consequia sentir que Tacroy não tinha a menor esperança.

— Você me ajudaria a fazer uma coisa? — ele perguntou à Deusa. — Sei que não fui de grande ajuda...

— Foi, sim! — retrucou a Deusa. — Você está me ajudando agora, e nem está reclamando de toda esta chateação.

— Um amigo meu está prisioneiro lá embaixo. Acho que será necessário o poder de nós dois para quebrar os feitiços e tirá-lo de lá com segurança — explicou.

— Claro que sim — concordou a Deusa.

Ela concordou tão prontamente que Christopher compreendeu que teria de revelar a razão pela qual Tacroy estava lá; se aceitasse a ajuda dela sem lhe contar a enrascada em que estaria se metendo, ele seria tão perverso quanto o tio Ralph.

— Espere, eu sou tão mau quanto ele — disse, e contou a ela sobre o Assombração e as experiências do tio Ralph, e até mesmo sobre as sereias. Contou tudo.

— Credo! — exclamou a Deusa. Era uma palavra que ela certamente havia aprendido nos livros da Millie. — Você está mesmo enrolado! Throgmorten realmente arranhou o seu tio? Que gato ótimo!

Ela estava inteiramente disposta a resgatar Tacroy imediatamente. Para contê-la, Christopher foi obrigado a segurar as costas do jaquetão de caçador que ele lhe emprestara.

— Não, escute! — pediu. — Amanhã todos eles

vão sair para prender o resto do bando do Assombração. Podemos libertar Tacroy enquanto estiverem fora. E se pegarem o meu tio, pode ser que Gabriel fique tão feliz que não se importe quando descobrir que Tacroy escapou.

A Deusa consentiu em esperar até a manhã seguinte. Christopher conjurou para ela um pijama seu e deixou-a fazendo um lanchinho antes de dormir, com o restante dos sanduíches de salmão. Lembrando-se, porém, da traição dela no caso do presságio, ele tomou a precaução de trancar a porta atrás de si com o feitiço mais forte que conhecia.

Na manhã seguinte, Christopher foi despertado por uma desnataadeira de leite aterrissando ao lado da sua cama. Aquilo foi seguido pelos restos da mesa da sala de aula. Ele mandou tudo de volta para os seus lugares e depois correu para a torre, vestindo-se enquanto corria. Pelo que parecia, a Deusa estava ficando impaciente.

Ele a encontrou parada, confusa, diante de uma cesta de pães e um enorme presunto.

— Esqueci a maneira correta de mandar as coisas de volta — ela confessou. — E fervei aquele saquinho de chá na caçarola, mas o gosto não está bom. Que foi que fiz de errado?

Christopher ajudou-a da melhor maneira que pôde e saiu correndo para a sala de aula, para tomar o seu próprio café da manhã. A criada já estava lá, com a bandeja dele nas mãos, parecendo perplexa. Christopher deu-lhe um sorriso nervoso. Ela sorriu também, e indicou a mesa com um gesto de cabeça. O móvel tinha todas as quatro pernas em uma só extremidade, sendo

que duas delas apontadas para cima.

— Oh! — fez ele. — Eu... hã...

— Confesse, foi você quem desapareceu com as xícaras antigas na sala de jantar, não foi? Eu disse ao mordomo que ia interrogá-lo sobre isso.

— Bom, fui eu, sim — Christopher admitiu, sabendo que nesse mesmo instante a Deusa estava tomando chá em uma delas. — Vou colocar tudo no lugar. Elas não estão quebradas.

— E melhor que não estejam, mesmo. Valem uma fortuna, aquelas xícaras — retrucou a criada. — Agora você se incomoda de consertar esta mesa para que eu possa colocar esta bandeja sobre ela antes que a deixe cair no chão?

Enquanto Christopher tornava a dar à mesa a sua forma original, ela comentou:

— De repente você está sentindo todos os seus poderes, não é? As coisas neste Castelo passaram a manhã inteira pulando para cá e para lá. Se você quiser escutar meu conselho, vai fazer tudo estar de volta no lugar certo antes das dez horas. Depois que Monse-nhor Witt e os outros partirem para pegar aqueles ladrões, o mordomo vai fazer uma checagem geral em todo o Castelo.

Ela ficou mais algum tempo e comeu um pouco da torrada com geléia dele. Como ela própria comentou, havia tomado o café da manhã duas horas antes. Contou que o seu nome era Erica. Ela mostrou-se uma preciosa fonte de informações, além de ser muito simpática. Mas Christopher sabia que não devia ter ensinado a Deusa a conjurar; do modo como iam as coisas, jamais conseguiria manter em segredo a pre-

sença dela. Então, depois que Erica saiu e ele ficou livre para pensar nos seus problemas, ocorreu-lhe que poderia resolver dois deles de uma só vez: tudo o que precisaria fazer era pedir a Tacroy para levar a Deusa consigo quando fugisse. Isso tornava ainda mais urgente libertar Tacroy.



Capítulo XVIII

Gabriel de Witt e os seus assistentes partiram pontualmente às 10 horas. Todos reuniram-se no vestíbulo, em volta da estrela de cinco pontas. Alguns deles carregavam maletas de couro, outros usavam simplesmente roupas de sair. A maioria dos lacaios e dois dos cavaleiros também iriam. Todos mostravam-se sérios e decididos, e Flavian parecia muito nervoso; não parava de deslizar o dedo por dentro do colarinho alto e engomado. Mesmo estando no topo da escadaria, Christopher conseguia ver que ele estava suando.

Christopher e a Deusa observavam tudo atrás da balaustrada de mármore, perto da porta preta do escritório de Gabriel. Estavam escondidos dentro de uma nuvem de invisibilidade cuidadosamente construída, que ocultava completamente os dois, mas não

Throgmorten, que os acompanhava. Throgmorten recusara-se a chegar suficientemente perto para ficar invisível também, mas nada conseguiu impedi-lo de acompanhar os dois.

— Deixe, ele sabe o que eu faria se nos denunciasse — disse a Deusa.

Quando o relógio anunciou as dez horas com a sua voz de prata, Gabriel saiu do seu escritório e desceu a escadaria usando uma cartola ainda mais alta e mais reluzente do que a de Papai. Throgmorten ignorou-o, para alívio de Christopher. Mas o menino sentiu uma forte onda de preocupação com Mamãe. Certamente seria presa, e tudo o que ela fizera foi acreditar nas mentiras que o tio Ralph lhe contara.

Gabriel chegou ao vestíbulo e deu uma olhada em volta para verificar se todos os seus soldados estavam a postos. Quando constatou que estavam, vestiu um par de luvas negras e colocou-se no centro da estrela de cinco pontas, onde pôs-se a andar de um lado para outro, ficando cada vez menor e mais distante à medida que andava. A Srta. Rosalie e o Dr. Simonson seguiram-no e começaram a diminuir também. Os outros foram depois deles, dois a dois. Quando só se via deles uma longínqua fila negra, Christopher disse:

— Acho que podemos ir agora.

Os dois começaram a descer a escadaria sorrateiramente, ainda dentro da nuvem de invisibilidade. A fila distante dos soldados de Gabriel desapareceu antes que eles houvessem descido três degraus. Então eles passaram a andar mais depressa. Mas ainda estavam na metade da escada quando as coisas passaram a dar errado.

De repente, em toda a superfície da estrela, começaram a surgir labaredas. Eram chamas verdes e roxas, de aparência maléfica, que encheram o vestíbulo de uma fumaça verde de cheiro fétido.

— Que é isto? — perguntou a Deusa, tossindo.

— Eles estão usando sangue de dragão — Christopher revelou. A sua intenção era tranquilizá-la, mas ele observava aquelas labaredas com grande inquietação.

Sem mais nem menos, o pentagrama transformou-se em uma fogueira de cinco pontas, com três, cinco metros de altura. Os cabelos invisíveis da Deusa frisaram-se. Antes que os dois pudessem recuar escada acima, para longe do alcance das labaredas, estas se separaram, inclinando-se majestosamente para a esquerda e para a direita. Do espaço vazio apareceu a Srta. Rosalie, cambaleante, puxando Flavian por um braço. Acompanhando-os veio o Dr. Simonson arrastando uma feiticeira do Castelo aos gritos. Christopher achava que o nome dela era Beryl. A essa altura ele estava parado, imóvel, contemplando a total confusão que era a tropa de Gabriel batendo em retirada. Queimadas, abaladas e cambaleantes, todas as pessoas que haviam acabado de partir voltaram em tumulto através do espaço entre as labaredas e recuaram para as laterais do vestíbulo cobrindo o rosto com os braços, tossindo dentro da fumaça verde.

Christopher olhou com atenção, mas não conseguiu enxergar Gabriel de Witt entre eles.

Assim que Frederick Parkinson e o último laçao chegaram cambaleantes ao vestíbulo, as chamas diminuíram e morreram, deixando o mármore rosado e o

domo de vidro manchados de verde. O pentagrama reluzia com pequenas lâminas de fogo ardendo sobre o pretume. Então surgiu o tio Ralph, pisando cuidadosamente entre as labaredas. Trazia sob um braço uma pistola de cano longo e na mão algo que parecia ser uma bolsa. Lembrava a Christopher um dos seus tios Chant saindo para caçar. Provavelmente era o terno de tweed sarapintado do tio Ralph que lhe trouxera essa imagem. Com certa tristeza, lamentou não saber mais sobre as pessoas na ocasião em que ficara conhecendo o tio Ralph. Ele tinha uma cara balofa, uma expressão astuta. Christopher sabia que na época atual jamais sentiria admiração por uma pessoa como o tio Ralph.

— Quer que eu jogue uma pia de mármore em cima dele? — cochichou a Deusa.

— Espere, acho que ele também é mago — Christopher cochichou de volta.

— CHRISTOPHER! — gritou o tio Ralph. O domo esverdeado fez o som reverberar. — Christopher, onde é que você está se escondendo? Sinto que está bem perto. Saia, senão vai se arrepender!

Com relutância Christopher abriu a invisibilidade era torno de si e avançou para o meio da escada.

— Que foi que aconteceu com Gabriel de Witt? — perguntou. O tio Ralph soltou uma risada.

— Isto.

Ele jogou no chão a bolsa que carregava; a bolsa desenrolou-se e deslizou pelo piso, indo parar ao pé da escada. Christopher olhou com atenção — mais ou menos como havia observado Tacroy — para a forma comprida, flácida e transparente que era, sem dúvida, Gabriel de Witt.

— Esta é a oitava vida dele — o tio Ralph explicou. — Fiz isto com aquelas armas que você me trouxe da Série Um, Christopher. Esta aqui funciona muito bem.

Ele deu uns tapinhas na arma que trazia debaixo do braço.

— Espalhei o resto das vidas dele por todos os Mundos Vinculados. Ele não vai mais nos criar problemas. E as outras armas que você me trouxe funcionam ainda melhor. — Ele torceu a ponta do bigode com expressão maliciosa. — Eu estava com todo o armamento preparado para enfrentar o pessoal de Witt, e retirei a magia deles em um piscar de olhos. Agora, nenhum deles conseguiria fazer um feitiço, mesmo que fosse para salvar a própria vida. De modo que não há o que possa nos impedir de trabalharmos juntos, como nos velhos tempos. Você ainda está trabalhando para mim, não é, Christopher?

— Não — Christopher respondeu, e ficou esperando que no segundo seguinte as vidas que lhe restavam fossem destroçadas.

O tio Ralph, porém, limitou-se a rir.

— Está, sim, menino burro. Você foi desmascarado. Todas essas pessoas aqui sabem agora que você era o meu principal portador. Será obrigado a trabalhar comigo, ou irá para a prisão. E vou me mudar para este Castelo com você, para vigiá-lo.

Atrás de Christopher ouviu-se um miado longo e entrecortado. Uma mancha alaranjada disparou escada abaixo, passando ao seu lado. O tio Ralph olhou, viu o perigo que estava correndo e tentou erguer a arma, mas a essa altura Throgmorten já estava quase

em cima dele. O tio Ralph percebeu que não teria tempo de atirar, e em vez disso desapareceu prudentemente em uma espiral de vapor verde. Tudo o que Throgmorten conseguiu foi um pedaço de pano triangular com uma pequena mancha de sangue. Frustrado, ele arqueou as costas sobre o pentagrama enegrecido, demonstrando a sua raiva.

Christopher desceu disparado a escada.

— Fechem todas as portas! — gritou para as pessoas do Castelo, que, atônitas, tinham os olhos fixos nele. — Não deixem Throgmorten sair do vestibulo. Quero que ele fique de guarda para impedir que o tio Ralph volte.

— Não seja burro! — gritou a Deusa, que descia galopando atrás dele, visível para todos. — Throgmorten é um gato do Templo, ele entende o que dizemos. Simplesmente peça a ele.

Christopher gostaria de ter sabido disso antes. Como já era tarde demais para fazer qualquer outra coisa, ele ajoelhou-se no chão crestado de verde e falou com Throgmorten.

— Pode tomar conta deste pentagrama, por favor, e não deixar que o tio Ralph volte? Sabe que o tio Ralph queria cortar você em pedacinhos? Bom, você pode fazer a mesma coisa com ele, se ele tornar a aparecer.

— Wong! — concordou Throgmorten, sacudindo a cauda entusiasticamente.

Ele sentou-se em uma das pontas da estrela e fixou os olhos nela, como se estivesse vigiando um gigantesco buraco de rato. Cada pelo seu transpirava má intenção. Estava claro que o tio Ralph não conse-

guiria passar por Throgmorten com facilidade.

Christopher ficou de pé e encontrou-se, juntamente com a Deusa, dentro de um círculo de desalentados ajudantes de Gabriel. A maior parte deles tinha os olhos pregados na Deusa.

— Está é a minha amiga D... Millie — ele disse.

— Prazer em conhecê-la — disse Flavian com desânimo. O Dr. Simonson empurrou Flavian para o lado.

— Bom, que é que vamos fazer agora? — ele perguntou. — Gabriel foi embora e nós ficamos com este pirralho, que mostrou ser o bandidinho que eu sempre suspeitei que era, e sem um único feitiço que algum de nós pudesse fazer! O que eu proponho...

— Precisamos informar o Ministro — interpôs o Sr. Wilkinson, o bibliotecário.

— Agora esperem um momento — falou a Srta. Rosalie. — O Ministro é apenas um feiticeiro menor, e Christopher disse que não está mais trabalhando para o Assombrão.

— Esta criança diria qualquer coisa — retrucou o Dr. Simonson.

Como sempre acontecia, eles estavam se comportando como se Christopher não estivesse ali. Ele fez um gesto chamando a Deusa e recuou, afastando-se deles, deixando-os reunidos em volta da Srta. Rosalie, a discutir.

— Que é que vamos fazer? — a Deusa perguntou.

— Vamos soltar Tacroy antes que eles se lembrem de nos impedir. Depois disso, quero ter certeza de que Throgmorten vai pegar o tio Ralph, mesmo que

seja a última coisa que eu faça.

Encontraram Tacroy sentado à mesa, muito desanimado, em um aposento pequeno e vazio. A julgar pela aparência bagunçada de uma cama de armar a um canto, Tacroy não dormira muito bem naquela noite. A porta do aposento estava entreaberta, e à primeira vista parecia não haver coisa nenhuma que impedisse que Tacroy simplesmente se levantasse e saísse. Agora, porém, que a deusa ensinara Christopher e ele sabia claramente o que era a visão-de-bruxaria, tudo o que precisou fazer foi olhar para o aposento da mesma maneira que olhava para o Lugar do Meio, para compreender por que Tacroy não saía de onde estava: havia fios de feitiço fechando o espaço da porta e, no chão, um emaranhado de feitiços chegava à altura dos joelhos. O próprio Tacroy encontrava-se dentro de uma compacta massa de outros feitiços, intrincadamente emaranhados em torno dele, principalmente em volta da cabeça.

— Você tinha razão, isto vai precisar de nós dois — a Deusa comentou. — Você livra o homem enquanto eu vou procurar uma vassoura para fazer o resto.

Christopher forçou a passagem através dos feitiços que guardavam a porta e atravessou os outros feitiços até chegar a Tacroy. Tacroy não ergueu os olhos; talvez nem conseguisse enxergar ou escutar Christopher. O menino começou a desfazer os feitiços um por um, com delicadeza, como se estivesse desatando uma massa de nós apertados em volta de um pacote, e, como se tratava de uma tarefa muito chata e minuciosa, ele conversava com Tacroy enquanto tra-

balhava. Falou durante todo o tempo em que a Deusa esteve ausente. Naturalmente, a maior parte das coisas que ele contou ao outro foi sobre aquela partida de críquete.

— Você faltou de propósito, não foi? Estava com medo de que eu o denunciasse? — ele perguntou.

Tacroy não deu sinal de ter escutado, mas, quando Christopher começou a falar do modo como a Srta. Rosalie rebatia e como Flavian era fraco como jogador, as profundas rugas de cansaço no rosto dele, por trás dos fios do feitiço, foram gradualmente desaparecendo, e ele ficou mais parecido com o Tacroy que Christopher conhecera no Lugar do Meio.

— Assim, graças ao que você me ensinou, ganhamos por dois pontos — Christopher estava dizendo quando a Deusa reapareceu com a vassoura que a Srta. Rosalie utilizava para afugentar Throgmorten.

A Deusa pôs-se a varrer os feitiços do aposento, formando montinhos, como se fossem teias de aranha.

Tacroy quase sorriu. Christopher contou-lhe quem a Deusa era e depois explicou o que havia acabado de acontecer no vestíbulo. O sorriso desapareceu do rosto de Tacroy. Com certa dificuldade ele falou:

— Quer dizer que perdi meu tempo tentando manter você fora disso tudo, não foi?

— Na verdade, não — Christopher afirmou, lutando contra um nó de feitiço acima da orelha esquerda de Tacroy.

As rugas de amargura voltaram ao rosto de Tacroy.

— Não fique com a idéia de que sou um cavaleiro bonzinho em uma armadura brilhante. Eu sabia

o que havia na maioria daqueles pacotes — admitiu.

— E as sereias? — Christopher quis saber. Aquela era a pergunta mais importante que ele já havia feito na vida.

— Só depois — Tacroy confessou. — Mas perceba que não parei, mesmo depois de ficar sabendo. Quando conheci você, eu o teria denunciado tranquilamente a Gabriel de Witt se você não fosse tão novinho. E eu sabia que Gabriel havia montado alguma espécie de armadilha na Série Dez, naquela ocasião em que você perdeu uma vida. Só não imaginava que seria tão mortal. E...

— Esqueça, Tacroy — Christopher interrompeu.

— Tacroy? Este é o meu nome espiritual? Christopher, concentrado no nó, fez um gesto afirmativo, e Tacroy disse:

— Bom, é uma arma a menos na mão deles.

Então a Deusa, tendo terminado de cuidar dos feitiços do aposento, aproximou-se e ficou apoiada na vassoura, observando o rosto de Tacroy enquanto Christopher trabalhava. Tacroy declarou:

— Você vai me reconhecer na próxima vez, mocinha.

A Deusa assentiu.

— Você é como Christopher e eu, não é? Há uma parte sua que está em outro lugar.

O rosto de Tacroy ficou vermelho de repente. Christopher podia sentir nos seus dedos o suor do rosto dele. Muito surpreso, o menino perguntou:

— Onde é que está o resto de você?

Ele viu que Tacroy virava os olhos na sua dire-

ção com uma expressão de quem implorava.

— No Mundo Onze. Mas não me pergunte mais nada! Não me pergunte! — ele pediu. — Sob estes feitiços eu seria obrigado a lhe contar, e então todos nós estaríamos perdidos!

Ele parecia tão desesperado que Christopher teve a consideração de não lhe perguntar mais nada — embora não conseguisse resistir a trocar um olhar com a Deusa — e pôs-se a trabalhar até finalmente conseguir desatar o tal nó. Esse nó mostrou ser o mais importante; o resto do feitiço caiu imediatamente, os fios a dissolver-se em volta das botinas feitas a mão que Tacroy usava. Tacroy levantou-se rigidamente e espreguiçou-se. Depois disse:

— Obrigado. Que alívio! Não pode imaginar como é odioso ter uma rede era volta do espírito. E agora?

— Comece a correr — disse Christopher. — Quer que eu quebre os feitiços do terreno para você?

Imediatamente Tacroy parou de espreguiçar-se.

— Agora sou eu quem diz: esqueça! — exclamou. — Pelo que você disse, neste Castelo não há ninguém com qualquer magia que se preze, além de mim e de vocês, que são crianças, e o seu tio poderia voltar a qualquer minuto. E você acredita que eu simplesmente iria embora?

— Bem...

Mas nesse momento a Srta. Rosalie entrou, com o Dr. Simonson e a maioria dos outros membros da equipe de Gabriel amontoados atrás dela.

— Ora, Mordecai! Será que escutei você expressar um sentimento nobre? — ela perguntou em

tom cortante.

Tacroy baixou os braços e cruzou-os.

— Estritamente prático, você me conhece, Rosalie — disse. — Veio para me prender outra vez? Não sei como vai fazer isso sem a sua magia, mas pode tentar à vontade.

A Srta. Rosalie endireitou o corpo, ficando com a imponente altura de um metro e meio.

— Não vim aqui por sua causa. Estávamos procurando Christopher — disse. — Christopher, somos obrigados a lhe pedir para assumir como o próximo Crestomanci, pelo menos por enquanto. Provavelmente o Governo vai acabar indicando outro mago, mas estamos no meio de uma grande crise. Acha que consegue, meu querido?

Todos olhavam para Christopher com expressão de súplica, até o Dr. Simonson. Christopher sentiu vontade de rir.

— Vocês sabiam que eu seria obrigado a fazer isto, e farei, com duas condições — respondeu ele. — Quero que Mordecai Roberts seja libertado e não seja preso novamente. E quero que a D... que a Millie seja minha principal assistente, e que, como pagamento, ela seja enviada para um internato com todas as despesas pagas.

— Qualquer coisa que você quiser, meu querido — a Srta. Rosalie apressou-se a concordar.

— Ótimo. Então vamos voltar para o vestíbulo — ele comandou.

No vestíbulo, as pessoas estavam reunindo-se, desanimada-mente, sob a clarabóia manchada de verde. O mordomo estava lá, e também dois homens com

chapéu de mestre-cuca, e a governanta, com a maioria das criadas e dos lacaios.

— Diga a eles para chamar também os jardineiros e os cava-lariços — Christopher pediu.

Em seguida foi dar uma olhada na estrela de cinco pontas onde Throgmorten estava de vigia. Apertando os olhos e forçando ao máximo a sua visão-de-bruxaria, ele conseguia enxergar um minúsculo espaço redondo no meio da estrela — uma espécie de buraco de rato fantasmagórico —, do qual Throgmorten não desgrudava os olhos. Throgmorten tinha uma magia bastante impressionante. Além disso, aquele gato ficaria muito feliz se o tio Ralph voltasse.

— Como é que podemos impedir alguém de vir por ali? — Christopher perguntou.

Tacroy correu até uma cômoda debaixo da escadaria e voltou com uma braçada de velas esquisitas, era castiçais com o formato de estrelas. Mostrou a Christopher e à Deusa onde colocá-las e quais palavras pronunciar. Então fez com que Christopher recuasse e ordenasse que todas as velas acendessem. Christopher percebeu que, entre outras coisas, Tacroy era um mágico com muita experiência. Quando as velas acenderam, Throgmorten moveu a cauda zombeteiramente. Tacroy declarou:

— O gato tem razão. Isto impediria a passagem da maioria das pessoas. No entanto, com a quantidade de sangue de dragão que o seu tio tem em estoque, ele poderia atravessar tudo isto no momento que desejar.

— Então nós o prenderemos quando ele fizer isto — Christopher propôs.

Christopher sabia o que ele próprio faria se

soubesse que Throgmorten estava de emboscada, e tinha quase certeza de que o tio Ralph faria a mesma coisa. Se ele estivesse correto, o tio Ralph precisaria de alguma tempo para preparar-se.

A essa altura, muitos homens haviam entrado no vestíbulo pela porta da frente; estavam todos de pé, segurando os seus bonés e limpando constrangidamente a terra das botinas. Christopher subiu alguns degraus da escada e baixou os olhos para os restos compridos e flácidos de Gabriel de Witt e para as fisionomias ansiosas e deprimidas de todos os presentes, meio iluminadas pelas chamas das estranhas velas. Ele sabia exatamente o que era preciso dizer. E surpreendeu-se ao constatar que estava apreciando imensamente tudo aquilo.

Gritou:

— Todos os que conseguem fazer mágicas levantem a mão! A maioria dos jardineiros levantou a mão, assim como alguns cavaleiros. Quando ele olhou para o pessoal de dentro da casa, viu que o mordomo e uma das cozinheiras haviam levantado a mão também. Além deles, havia o garoto dos calçados que se encarregara da contagem de pontos na partida de críquete, e três das criadas, uma das quais era Erica. Tacroy levantou a mão, assim como a Deusa. Todos os outros olhavam melancolicamente para o chão. Christopher gritou:

— Agora levante a mão quem souber trabalhar com madeira ou metal.

Um bom número de pessoas tristes levantou a mão, com expressão de surpresa. O Dr. Simonson foi um, Flavian foi outro. Todos os cavaleiros levantaram

a mão, e os jardineiros também. Ótimo. Agora, tudo de que precisavam era de incentivo.

— Certo. Agora, temos duas coisas a fazer. Precisamos manter meu tio fora daqui até estarmos prontos para pegá-lo, e temos que trazer Gabriel de Witt de volta — Christopher declarou.

Essa segunda parte provocou murmúrios de surpresa e, depois, de esperança, por parte de todos. Christopher sabia que havia agido corretamente ao dizer aquilo, mesmo sem ter a certeza de que era algo que poderia ser feito — e, pelo que dizia respeito aos seus próprios sentimentos, Gabriel poderia permanecer, pelo resto da vida dos dois, reduzido a oito pedaços frouxos. Christopher percebeu que estava se divertindo como nunca.

— Foi o que eu disse — prosseguiu. — Meu tio não matou Gabriel, simplesmente espalhou todas as vidas dele. Temos que encontrá-las e juntá-las outra vez. Mas primeiro... — Ele olhou para o vidro esverdeado da clarabóia e para o lustre que pendia dela pela longa corrente — Quero que façam uma espécie de gaiola, suficientemente grande para cobrir o pentagrama, e a pendurem ali, de modo que ela possa, através de um feitiço, cair sobre qualquer coisa que tente atravessar. — Ele apontou para o Dr. Simonson. — O senhor ficará encarregado de fabricar a gaiola. Reúna todos os que saibam trabalhar com madeira e metal, mas não deixe de verificar que alguns deles sejam também capazes de fazer mágica. Quero a gaiola reforçada com feitiços, para impedir que alguém consiga forçar a saída.

O Dr. Simonson ergueu o queixo barbudo, com

uma expressão de orgulho e de responsabilidade. Ele fez uma leve reverência zombeteira.

— Assim será feito, majestade.

Christopher imaginou que merecia aquele sarcasmo. O modo como estava se comportando teria feito com que a Última Governanta o acusasse de se sentir com o rei na barriga. Mas por outro lado, ele estava começando a suspeitar que trabalhava melhor quando estava se sentindo pretencioso. E ficou com raiva da Última Governanta por ter impedido que ele percebesse isso antes. Prosseguiu:

— Mas antes que alguém comece a fazer a gaiola, os feitiços em volta do terreno precisam de reforço, pois meu tio tentará trazer por ali a sua organização. Quero que todos, com exceção de T... Mordecai e da D... Millie, saiam para examinar todas as cercas, os muros e as paredes, lançando todos os feitiços que vocês imaginarem que possam impedir a entrada de alguém.

Aquilo provocou um burburinho generalizado. Os jardineiros e as criadas entreolharam-se com ceticismo. Um dos jardineiros levantou a mão.

— Sou o Sr. McLintock, Jardineiro-Chefe — ele se apresentou. — Não estou duvidando da sua sabedoria, rapaz, só desejo explicar que a nossa especialidade é cultivar plantas, cuidar da terra, essas coisas, e não sabemos muita coisa de defesa.

— Mas podem fazer crescer cactos e arbustos com grandes espinhos, não podem? — Christopher quis saber.

O Sr. McLintock assentiu com um sorriso meio velhaco.

— Sim. Espinheiros também, e urtigas — respondeu. Isso encorajou o mestre-cuca a levantar a mão também.

— Je suis chef de cuisine — ele disse. — Somente um cozinheiro. A minha magia é para fazer comida saborosa.

— Aposto que você consegue fazer o contrário. Vá envenenar as paredes e os muros — disse Christopher. — Ou, se não conseguir, pendure neles carne podre e suflês embolorados.

— Desde os meus dias de aprendiz eu não... — começou o mestre-cuca, indignado. Mas isso pareceu trazer-lhe lembranças antigas; seu rosto assumiu uma expressão nostálgica e em seguida ele deu um sorriso exultante. — Vou tentar — prometeu.

Agora era Érica quem erguia a mão.

— Com licença. Sally, Bertha e eu só conseguimos fazer coisa pequeninas, encantos e coisas assim.

— Bem, então façam isso. Em grande quantidade. Afinal, uma muralha é feita de pequenos tijolos — Christopher respondeu. Essa frase deixou-o satisfeito. O seu olhar encontrou o da Deusa. — Quem não conseguir pensar em um feitiço para fazer, consulte a minha assistente Millie. Ela é cheia de boas idéias.

A Deusa sorriu — como também o rapazinho que cuidava dos calçados. Pela expressão em seu rosto, ele estava cheio de idéias apavorantes e mal podia esperar para colocá-las em prática. Christopher observou-o sair em tropel com os jardineiros, o mestre-cuca e as criadas, e sentiu uma certa inveja do garoto.

Fez um gesto chamando Flavian.

— Flavian, ainda há um monte de mágicas que

não conheço. Você se importa de ficar ao meu lado para me ensinar as coisas à medida que for preciso?

— Bem, eu... — Constrangido, Flavian lançou um olhar de relance para Tacroy, que estava apoiado no corrimão abaixo de Christopher. — Mordecai poderia fazer isso muito bem.

— Sim, mas vou precisar que ele entre em transe para procurar as vidas de Gabriel — Christopher explicou.

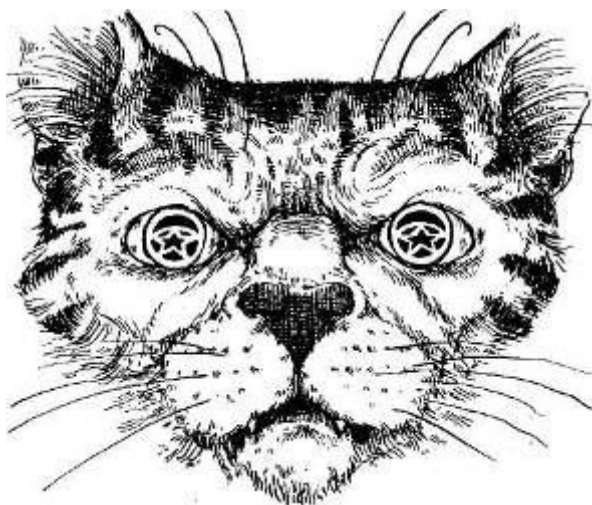
— E mesmo? E Gabriel vai explodir em lágrimas de alegria ao me ver, não é mesmo? — perguntou Tacroy.

— Eu irei com você — Christopher revelou.

— Como nos velhos tempos — Tacroy respondeu. — Gabriel vai explodir em lágrimas quando vir você também. Como é bom ser amado! — Ele olhou de relance para a Srta. Rosalie. — Se ao menos eu tivesse agora a minha dama que toca harpa...

— Não seja absurdo, Mordecai. Você terá tudo o que for necessário. — assegurou a Srta. Rosalie. — O que quer que o resto de nós faça, Christopher? O Sr. Wilkinson e eu não prestamos para trabalhar com madeira, como também Beryl e Yolande.

— Vocês podem atuar como conselheiros — Christopher decidiu.



Capítulo XIX

As 24 horas seguintes foram as mais atarefadas da vida de Christopher. Fizeram um conselho de guerra no escritório crepuscular de Gabriel, onde Christopher descobriu que alguns dos lambris moviam-se para trás para ligar o escritório aos aposentos de ambos os lados. Ele então fez com que todas as escrivaninhas e máquinas de escrever fossem empurradas para junto das paredes e transformou todo o espaço em uma única Sala de Estratégia. Desse modo o ambiente ficou muito mais claro, e foi ficando cada vez mais apinhado e movimentado à medida que os vários planos eram montados.

Todos disseram a Christopher que havia várias maneiras diferentes de adivinhar se uma pessoa viva estava presente em determinado mundo. O Sr. Wilkinson tinha listas inteiras desses métodos. Todos concordaram em tentar usá-los para facilitar a tarefa de

Tacroy, que era a de buscar Gabriel. Planejaram fazer um feitiço com cada método. Porém, como ninguém sabia ao certo se cada vida de Gabriel contava como uma pessoa viva, seriam obrigados a dar força total a cada feitiço, e acabou por descobrir-se que, com exceção de Christopher, somente a Deusa tinha magia suficientemente poderosa para ativá-los e adaptá-los a cada Série. Contudo, qualquer pessoa poderia monitorá-los, e logo o aposento estava cheio de ajudantes tensos, de olhos fixos em globos, espelhos, recipientes com mercúrio ou tinta e telas revestidas de cristal líquido, ao passo que a Deusa ocupava-se ajustando os vários feitiços e fazendo um gráfico, na sua caligrafia estrangeira, dos dados lidos em cada feitiço.

A Srta. Rosalie insistiu para que o conselho de guerra decidisse também como relatar ao Ministério aquilo que estava acontecendo, mas eles nunca conseguiam chegar a uma decisão, porque a toda hora Christopher era chamado e obrigado a se ausentar. Primeiro, o Dr. Simonson chamou-o ao andar térreo, no vestíbulo, para explicar-lhe o modo como haviam planejado construir a gaiola. O Dr. Simonson estava levando aquilo muito mais a sério do que Christopher havia imaginado.

— Está ficando bastante esquisita — ele comentou. — Mas e daí, contanto que segure o homem?

Christopher estava novamente na metade da escadaria quando o mordomo veio dizer-lhe que já haviam feito tudo o que puderam pensar para defender o terreno, será que o senhorzinho Christopher poderia ir verificar? Assim, lá se foi Christopher — e ficou maravilhado. Os portões principais, bem como os

outros menores, estavam cobertos de pragas e gotejavam veneno. Arbustos com espinhos de mais de 10 centímetros cresciam ao longo das paredes, ao passo que as cercas-vivas lembraram a Christopher o castelo da Bela Adormecida, tão altas eram, e cheias de espinhos e urtigas. Espinheiros de três metros de altura e cactos gigantes protegiam as cercas, e cada local vulnerável ocultava uma armadilha montada pelo rapaz dos calçados.

Usando o seu texugo de estimação, o rapazinho demonstrou: qualquer coisa que pisar aqui vai virar uma taturana; ali, vai cair dentro de um esgoto sem fundo; acolá, vai ser agarrado por gigantescas patas de lagosta; ou aqui... De qualquer maneira, ele havia feito 19 armadilhas, cada uma mais horrorosa do que a outra. Christopher correu de volta para o Castelo pensando que, se conseguissem mesmo trazer Gabriel de volta, ele teria que lhe pedir para promover o rapaz; ele era talentoso demais para ser desperdiçado com botinas.

De volta à Sala de Estratégia, ele mandou preparar um conjunto de espelhos mágicos, cada um deles focalizando uma parte diferente das defesas, de modo que pudessem saber instantaneamente se alguém tentasse um ataque. Flavian estava justamente mostrando-lhe como ativar os feitiços nas costas dos espelhos quando foi a vez da governanta interrompê-lo.

— Senhorzinho Christopher, este Castelo não tem suprimentos para suportar um cerco. Como é que o açougueiro, o padeiro e o leiteiro vão entrar? Aqui existem muitas bocas para alimentar.

Christopher foi obrigado a fazer uma lista de

quando as mercadorias chegavam, para que ele e a Deusa pudessem conjurá-las no momento adequado. A Deusa prendeu a lista ao lado do quadro de turnos de vigilância dos espelhos, dos gráficos de adivinhação, do quadro de turnos de patrulha — a parede estava ficando coberta de listas.

Em meio a tudo isto, duas senhoras chamadas Yolande e Beryl — Christopher ainda não conseguia distinguir uma da outra — sentaram-se diante das máquinas de escrever e puseram-se a datilografar ruidosamente.

— Podemos já não ser feiticeiras, mas isto não nos impede de tentar manter os negócios funcionando como de costume. Podemos pelo menos cuidar das consultas ou orientações urgentes — disse Beryl (a não ser que fosse Yolande).

Logo depois, elas também estavam requisitando a atenção de Christopher.

— O problema é que geralmente Gabriel assina todas as cartas — confessou Yolande (a não ser que o nome dela fosse Beryl). — Achamos que você não deve forjar a assinatura dele, mas pensamos... E se você simplesmente escrevesse Crestomanci?

— Antes que você conjure o malote de correspondência até o Correio para nós — acrescentou Beryl (ou Yolande).

Elas mostraram a Christopher como colocar o sinal de um mago de nove vidas na palavra Crestomanci para protegê-la de ser utilizada em bruxarias contra ele. Christopher divertiu-se muito criando uma assinatura em estilo arrojado, fervilhando com a marca do mago que a mantinha a salvo até mesmo do tio

Ralph. Ocorreu-lhe então que estava se divertindo mais do que já se divertira na vida. Papai tinha razão, ele realmente havia nascido para ser o próximo Crestomanci. Enquanto fazia outra assinatura fervilhante, Christopher pensou então: e se não fosse assim? Ele simplesmente tivera sorte; mas achava que, de qualquer maneira, alguma coisa poderia ter sido feita a respeito disso. Não existira a menor necessidade de sentir-se encurralado.

Alguém o chamou do outro lado da sala.

— Acho que fiquei com o trabalho menos cansativo — disse Tacroy, rindo para Christopher.

Estava deitado no sofá no centro da sala, onde se preparava para entrar no seu primeiro transe. Haviam concordado que Tacroy deveria tentar vários transe curtos, para cobrir tantos mundos quanto possível. E a Srta. Rosalie concordara em tocar harpa para ele, apesar de não possuir magia nenhuma. Ela estava sentada na ponta do sofá. Quando Christopher passou, Tacroy fechou os olhos e a Srta. Rosalie tocou um acorde doce e ondulante. Tacroy abriu os olhos de repente.

— Raios e trovões, mulher! Está tentando obstruir o meu espírito com calda de açúcar? Não conhece nenhum melodia razoável?

— Pelo que me lembro, você sempre reclamou de qualquer coisa que eu tocasse. Então vou tocar alguma coisa que eu aprecie, e pronto — retrucou a Srta. Rosalie.

— Detesto o seu gosto para música — Tacroy rosnou.

— Acalme-se, ou não conseguirá entrar em

transe. Não quero ficar com os dedos doendo sem necessidade! — revidou a Srta. Rosalie.

Eles faziam Christopher lembrar-se de alguma coisa — de alguém. Ele olhou para trás enquanto se dirigia para onde Flavian, diante de um recipiente com tinta, o chamava. Tacroy e a Srta. Rosalie estavam a encarar-se, ambos fazendo o possível para que o outro soubesse que os seus sentimentos haviam sido profundamente feridos. Christopher perguntou-se: onde foi que já vi este olhar? Ele percebia que, no fundo, Tacroy e a Srta. Rosalie ansiavam por parar de tratar mal um ao outro, mas ambos eram orgulhosos demais para dar o primeiro passo. Com quem isso se parecia?

Quando Christopher inclinou-se sobre a tinta, ocorreu-lhe a resposta: Papai e Mamãe! Eles eram exatamente iguais!

Quando a tinta estava mostrando o Mundo C da Série Oito, Christopher retornou, passando pela Srta. Rosalie — que tinha o olhar tempestuoso e fixo à sua frente enquanto tocava uma jiga —, e foi até onde Yolande e Beryl estavam datilografando.

— Posso enviar uma carta oficial em meu próprio nome? — pediu.

— Pode ditar — disse Yolande (ou, possivelmente, Beryl) com os dedos já nas teclas.

Christopher deu-lhe o endereço do Dr. Pawson.

— Prezado Senhor — ditou, imitando todas as cartas que ele havia assinado. — Este escritório ficaria agradecido se o senhor puder adivinhar o paradeiro do Sr. Cosimo Chant, cuja última notícia veio do Japão, e enviar o endereço dele para a Sra. Miranda Chant, que, pela ultima notícia que se tem dela, morava em Ken-

sington. — Enrubescendo de leve, ele perguntou. — Está bom assim?

— Para o Dr. Pawson, você precisa acrescentar: “O pagamento costumeiro será enviado” — disse Beryl (ou, talvez, Yolande).

— O Dr. Pawson nunca trabalha sem cobrar. Vou mandar o requerimento para a Contabilidade. Agora o Sr. Wilkinson está precisando de você na tigela de mercúrio.

Enquanto Christopher corria de volta para o outro lado da sala, a Deusa lembrou-se que a gatinha Proudfoot devia estar faminta. Então conjurou-a do quarto da torre, com cachecol, mamadeira e tudo. Um dos ajudantes correu a buscar leite. Isso demorou um pouco. Proudfoot, impaciente com a demora, abriu os olhos como duas lascas de safira e pôs-se a olhar ao redor com irritação.

— Leeeeeeeeite! — ela exigiu, abrindo a boca espantosamente grande e rosada.

Quando um gatinho — mesmo sendo um gatinho comum

— abre os olhos pela primeira vez, trata-se de um momento memorável; como Proudfoot era uma gata do Templo de Asheth, o efeito foi espantoso. De repente o filhotinho adquiria uma personalidade no mínimo tão forte quando a de Throgmorten, mas que parecia ser exatamente o contrário dele. A gatinha passou de mão em mão, para que as pessoas se revezassem acariciando-a e alimentando-a. Flavian ficou tão encantado com ela que não quis soltá-la, até que Tacroy saiu do transe muito deprimido por não ter conseguido sentir a presença de Gabriel em qualquer

dos três mundos que ele havia visitado; Flavian então entregou-lhe Proudfoot para animá-lo. Tacroy colocou-a debaixo do queixo e ronronou para ela, mas a Srta. Rosalie levou o animalzinho para dar a Tacroy, em troca, uma xícara de chá forte, e então passou a meia hora seguinte derramando-se ela mesma em paparicos a Proudfoot.

Todo aquele carinho parecia a Christopher injusto para com Throgmorten. Ela saiu para a escadaria, para verificar se Throgmorten estava bem, mas parou ali por um momento, impressionado com o lugar, que estava bem diferente. O verde do sangue do dragão estava desbotando, mas ainda havia um forte tom esverdeado na luz que vinha da clarabóia. Sob ela, o Sr. Simonson, Frederick Parkinson e uma multidão de ajudantes em mangas de camisa serravam, martelavam e soldavam. O vestíbulo estava cheio de madeira, ferramentas e varas de metal, e mais ajudantes chegavam constantemente pela porta de entrada trazendo mais madeira e mais ferramentas. Várias pessoas estavam sentadas nos degraus, bebendo xícaras de chá enquanto esperavam a sua vez de postar-se diante dos feitiços de adivinhação. Christopher pensou: se uma semana antes alguém lhe dissesse que o Castelo Crestomanci ficaria parecendo uma oficina bastante desorganizada, ele jamais teria acreditado.

As velas ainda estavam acesas, e as chamas inclinavam-se para um lado por causa da corrente de ar que vinha pela porta de entrada. E ali, no pentagrama enegrecido, Throgmorten estava sentado como uma estátua, o seu olhar feroz fixo no seu buraco do rato do tio Ralph. Christopher ficou feliz ao constatar que ele

estava cercado por tudo o que um gato poderia desejar: uma bandeja com areia, uma terrina de leite, vários pires com peixe, um prato com carne; uma asa de galinha tinha sido cuidadosamente empurrada por entre os castiçais até as bordas da estrela. Mas Throgmorten estava ignorando tudo isso.

Era evidente que ninguém tivera coragem de perturbar a vida de Gabriel; flácida e transparente, ela ainda estava caída no chão onde o tio Ralph a jogara. Alguém havia tido o cuidado de fazer uma cerca em volta dela com uma corda preta presa a quatro cadeiras trazidas da biblioteca. Christopher ficou a olhar para ela, pensando: se todas as vidas de Gabriel fossem como aquela, não era de estranhar que Tacroy não houvesse conseguido encontrar coisa alguma e que nenhum dos feitiços divinatórios houvesse mostrado alguma coisa. Nisso, um dos jardineiros entrou correndo pela porta da frente e acenou para ele urgentemente.

— Pode vir dar uma olhada? — pediu , ofegante. — Não sabemos se é ou não é o bando do Assombração. São centenas deles, todos em volta do terreno usando roupas de festa!

— Vou olhar pelos espelhos — Christopher gritou em resposta.

Ele disparou de volta para a Sala de Estratégia e foi até os espelhos mágicos. O espelho que focalizava os portões principais davam uma visão perfeita dos estranhos soldados que espiavam através da grade. Todos eles usavam túnicas curtas e máscaras prateadas, e todos carregavam lanças. Quando Christopher viu isso, o seu estômago deu um salto horrível. Ele vi-

rou-se e olhou para a Deusa. Ela estava pálida.

— É o Braço de Asheth — sussurrou. — Eles me encontraram!

— Vou até lá, para ter certeza de que não vão conseguir entrar — disse Christopher.

Em disparada ele tornou a descer a escadaria, atravessou o vestíbulo e saiu para o jardim com o jardineiro. No gramado, o Sr. McLintock estava enfileirando todo o resto dos empregados externos e certificando-se que cada um deles levava um machado de dois gumes ou uma enxada bem afiada.

— Não vou deixar que esses pagãos entrem no meu jardim — ele declarou.

— Sim, mas aquelas lanças são mortais. Vai ser necessário manter todas as pessoas fora do alcance delas — Christopher avisou.

E pensando nisso ele sentiu no peito uma dor forte e aguda.

Em seguida fez a volta do terreno com o Sr. McLintock, mantendo-se o mais perto possível das cercas e dos muros. Os soldados do Braço de Asheth estavam simplesmente parados do lado de fora, como se os feitiços os impedissem de entrar; ainda assim, para reforçar a segurança, Christopher duplicou o poder de cada feitiço do qual se aproximava. Os vislumbres distantes das máscaras prateadas e das lanças pontiagudas deram-lhe engulhos.

Ele virou-se e correu de volta para o Castelo, tomando consciência de que já não estava achando graça naquilo tudo. Sentia-se fraco, inexperiente e ansioso. O tio Ralph era uma coisa, mas ele sabia que simplesmente não sabia como lidar com o Braço de

Asheth. Se ao menos Gabriel estivesse ali! Gabriel sabia tudo sobre o Templo de Asheth, e provavelmente conseguiria mandar os soldados embora com uma palavra simples e calma. E em seguida — Christopher pensou — iria castigá-lo por esconder a Deusa ali depois de lhe ter ordenado que não fizesse isso, mas valeria a pena correr até mesmo esse risco.

Ele tornou a atravessar o vestíbulo, onde a gaiola ainda era apenas uma pilha de madeira serrada e três varas de ferro entortadas. Christopher sabia que o objeto nunca chegaria perto de estar pronto no final do dia, e o tio Ralph certamente tentaria voltar essa noite. Ele passou pela vida de Gabriel, flácida e protegida pela corda, e subiu a escada para a Sala de Estratégia, onde encontrou Tacroy saindo de outro transe e sacudindo a cabeça desalentadamente. A Deusa estava pálida e tremendo, e todas as outras pessoas estavam exasperadas, porque nenhuma das várias sombras e centelhas nos feitiços de adivinhação parecia ter algo a ver com Gabriel.

— Acho melhor conjurar um telegrama para o Ministério mandar o exército — Christopher falou com desânimo.

— De maneira nenhuma! — retrucou a Srta. Rosalie.

Ela levou Christopher e a Deusa para se sentarem ao lado de Tacroy no sofá e fez com que todos bebessem o chá quente e doce que Érica havia acabado de trazer. Depois disse:

— Agora escute, Christopher. Se deixar que o Ministério saiba do que aconteceu com Gabriel, eles vão insistir em mandar um mago adulto qualquer para

assumir o comando, e ele não vai servir para coisa nenhuma, porque a magia dele não será tão poderosa quanto a sua. Você é o único mago de nove vidas que restou. Precisamos de você para reunir as vidas de Gabriel quando as encontrarmos. Você é o único que tem condições de fazer isto. E, afinal, o Braço de Asheth não conseguirá penetrar no terreno, não é verdade?

— Isto mesmo. Eu dupliquei os feitiços — Christopher respondeu.

— Ótimo. Então não estamos pior do que estávamos antes. Não acabei de argumentar todas essas coisas com o Dr. Simonson para logo depois você desistir, Christopher! Logo encontraremos Gabriel e então tudo vai dar certo, você vai ver.

— Mãe Proudfoot sempre diz que a hora mais escura vem antes da aurora — interpôs a Deusa. No entanto, falou como se não acreditasse nisso.

Como que para provar que a Mãe Proudfoot estava certa, Christopher estava terminando o seu chá quando Flavian exclamou:

— Ah, agora estou entendendo!

Flavian estava sentado à escrivaninha grande e escura, tentando encontrar um sentido para todas aquelas sombras e centelhas que apareciam nos feitiços divinatórios. Todas as pessoas na Sala de Estratégia que estavam sentadas de modo relaxado endireitaram-se e voltaram os olhos para ele esperançosamente.

— As vidas de Gabriel estão levando muito tempo para acomodar-se — Flavian explicou. — Há sinais claros de uma delas à deriva na Série Nove, e outra na Série Dois, mas nenhuma das duas desceu

para um mundo. Acho que talvez possamos encontrar o resto delas ainda flutuando pela Borda do Mundo, se sintonizarmos os feitiços para lá.

Tacroy ficou de pé em um salto e foi olhar por cima do ombro de Flavian.

— Pode ser que você tenha razão! — exclamou. — A única vez que achei que tivesse encontrado um leve indício de Gabriel foi na Borda do Mundo, perto da Série Um. Apareceu alguma coisa lá?

Enquanto corria com a Deusa para ajustar todos os aparatos de adivinhação, Christopher pensava: a Borda do Mundo era o Lugar do Meio.

— Posso ir e procurar por lá, e trazer as vidas dele de volta — anunciou.

Imediatamente ouviu-se um clamor contra ele.

— Não. Ainda sou o seu tutor e proíbo que você vá — disse Flavian.

— Precisamos de você aqui para cuidar do seu tio — acrescentou Tacroy.

— Você não pode me deixar aqui com o Braço de Asheth! — exclamou a Deusa. — Além disso, que é que vai acontecer se você perder mais uma vida?

— Exatamente — apoiou a Srta. Rosalie. — A sua última vida está trancada no cofre, sob encantamentos que só Gabriel consegue quebrar. Você não vai querer arriscar-se a perder outra. Simplesmente teremos que esperar até que as vidas dele se acomodem. Então poderemos montar um Portal adequadamente vigiado e enviar você para buscá-las.

Com até mesmo a Deusa contra ele, Christopher cedeu provisoriamente. Sabia que quando quisesse poderia esgueirar-se até o Lugar do Meio, se houvesse

necessidade. No momento, o tio Ralph era mais importante do que Gabriel, e provavelmente mais perigoso até do que o Braço de Asheth.

Com Tacroy e o Sr. McLintock ele organizou turnos de vigilância e patrulhas para a noite. Jantaram acampados no vestíbulo e no andar de cima, sob a escada de pintor e as tábuas que o Dr. Simonson estava utilizando para baixar o lustre. Nesse estágio, a gaiola ainda era uma coleção de arcos de metal e traves de madeira. As cozinheiras traziam caldeirões e caçarolas para a equipe do Dr. Simonson, para que eles pudessem continuar trabalhando enquanto houvesse luz do dia, mas Christopher sabia que não conseguiriam terminar a gaiola até escurecer. Throgmorten deixou o seu plantão pelo tempo suficiente de comer um prato de caviar para deixá-lo forte para o turno da noite.

Christopher organizara a vigilância de modo que houvesse sempre uma mistura de pessoas fisicamente fortes com outras que ainda possuíam magia. Ele próprio ficou com o primeiro turno e a Deusa ficou com o seguinte. Christopher estava adormecido na biblioteca, ao lado de Frederick Parkinson, quando aconteceu alguma coisa durante o turno da Deusa. Ofegante e nervosa, ela afirmou que tinha certeza de que o tio Ralph havia tentando entrar através do pentagrama.

— Eu o conjurei para longe — ela repetia.

Era certo que Throgmorten estava fazendo um escarcéu. Contudo, quando Christopher chegou lá, tudo o que viu foi um fiapo de vapor erguendo-se do buraco de rato invisível e Throgmorten andando em volta dele como um tigre frustrado.

Estranhamente, não havia cheiro de sangue de dragão. Parecia que o tio Ralph estivera testando as defesas deles ou tentando enganá-los a respeito dos seus planos; o ataque de verdade aconteceu logo antes do amanhecer, quando Tacroy e o rapaz dos calçados estavam de vigia. E veio pelo lado de fora do terreno do Castelo.

Por todo o Castelo soaram sinos avisando que os feitiços haviam sido transpostos. Enquanto atravessava correndo o gramado orvalhado, Christopher pensou que os gritos, os brados e os ruídos metálicos que vinham dos muros teriam despertado todo mundo, mesmo que os sinos não tivessem tocado. Mais uma vez ele chegou tarde demais: encontrou Tacroy e o rapazinho dos calçados criando feitiços furiosamente, para encher duas brechas na longa cerca de espinhos do Sr. McLintock. Ele enxergava vagamente alguns vultos de armadura prateada andando em círculos no outro lado das brechas. Christopher apressou-se a reforçar os feitiços, usando toda a sua capacidade.

— Que foi que aconteceu? — ele perguntou, ofegante.

— Parece que o Assombrão topou com o Braço de Asheth — Tacroy informou, estremecendo na neblina da madrugada. — Mau sinal...

Enquanto os jardineiros acorriam com cactos para preencher as brechas e o engraxate colocava armadilhas neles, Tacroy declarou que achava que um pequeno exército de homens do Assombrão havia tentado entrar no terreno. Mas os soldados do Braço de Asheth decerto haviam imaginado que o ataque do Assombrão era contra eles, e acidentalmente de-

fenderam o Castelo. De qualquer maneira, os atacantes fugiram para salvar suas vidas.

Christopher sentiu cheiro de sangue de dragão na neblina e achou que Tacroy tinha razão.

Quando ele chegou de volta ao Castelo, já estava suficientemente claro para o Dr. Simonson e os seus ajudantes estarem entregues ao trabalho outra vez. Flavian cambaleava pela Sala de Estratégia, pálido e bocejando, pois passara a noite inteira acordado.

— Eu tinha razão quanto às vidas de Gabriell! — exclamou, exultante. — Estão todas se acomodando nos Mundos Vinculados. Agora tenho seis delas mais ou menos localizadas, mas ainda não consegui achar a sétima. De qualquer maneira, sugiro que você vá buscar essas seis, assim que eles terminarem aquela sua caçarola de lagosta.

A Caçarola de Lagosta, como todos passaram a chamar a gaiola, foi erguida triunfalmente acima do pentagrama logo depois do café da manhã. O próprio Christopher saltou para dentro da estrela para fazer o teste. O feitiço funcionou e a gaiola caiu com violência em volta dele. Throgmorten olhou para o alto com irritação. Christopher sorriu e tentou conjurar a coisa para longe; a gaiola não se moveu. Ele sacudiu as frágeis barras com as mãos e tentou levantar uma borda, mas tampouco assim conseguiu movê-la. Com certo pânico ele se deu conta de que seria impossível escapar daquela coisa, ainda que ele mesmo houvesse lançado a maioria dos feitiços.

— As caras que você fazia eram um espetáculo — a Deusa comentou, com uma risadinha fraca. — Você deveria ter visto o seu alívio quando eles levan-

taram a gaiola!

A Deusa não estava feliz; estava pálida e nervosa, apesar de tentar brincar. Christopher lembrou-se de que ela só tinha uma vida, e o Braço de Asheth estava à sua espera lá fora.

— Por que não vem comigo recolher as vidas de Gabriel? — ele convidou. — O Braço de Asheth vai ficar bastante desorientado se você começar a pular de um mundo para outro.

— Ah, posso ir? Sinto-me tão responsável...

Houvera muita discussão, sendo que parte dela bastante técnica, entre Flavian, Beryl, Yolande e o Sr. Wilkinson, a respeito do método para recolher as vidas de Gabriel. Christopher não fazia idéia de que havia tantas maneiras diferentes de enviar pessoas para os diversos mundos. A Srta. Rosalie resolveu a questão ao dizer em tom enérgico:

— Montaremos um Portal aqui nesta sala e Mordecai entrará em transe com um rastreador de espíritos para que possamos focalizar o Portal nele assim que ele encontrar um Gabriel. Então Christopher e Millie atravessam o Portal e convencem Gabriel de que precisamos dele no Castelo. O que poderia ser mais simples?

Muitas coisas poderiam ser mais simples, era o que Christopher pensava enquanto ele e a Deusa faziam as complicadas mágicas do Portal segundo as instruções infundáveis e pacientes de Flavian. De qualquer maneira, ele se sentia lento e relutante. Mesmo que Gabriel pudesse devolver-lhe a sua nona vida, mesmo que precisassem desesperadamente de Gabriel, Christopher não o queria de volta. Todo o

divertimento cessaria então, tudo no Castelo tornaria a ficar silencioso, respeitável e adulto. A única coisa que mantinha Christopher trabalhando com eficiência no Portal era o fato de que sempre gostara de trabalhar com magia quando ela realmente realizava alguma coisa.

Depois de pronto, o Portal parecia mesmo simples. Era uma moldura de metal quadrada e alta, com dois espelhos unidos de modo a formar um triângulo. Olhando para aquilo, ninguém saberia dizer como havia sido difícil fabricá-lo.

Christopher deixou Tacroy deitado no sofá com a bolhazinha azul do rastreador de espíritos na testa, e foi, sentindo-se um pouquinho deprimido, conjurar a carrocinha do padeiro para dentro do terreno do Castelo. Enquanto os soldados do Braço de Asheth sacudiam raivosamente suas lanças para o padeiro, Christopher pensava: esta é a última vez que vão me deixar fazer isto...

Quando retornou, Tacroy estava pálido e imóvel, debaixo de cobertores, e a Srta. Rosalie tocava suavemente a sua harpa.

— Ali está ele, no Portal — disse Flavian.

Os dois espelhos haviam se tornado um único quadro, ligeiramente nublado, de algum lugar na Série Um. Christopher conseguia enxergar uma fileira dos grandes pilares que carregavam os trens estendendo-se a distância. Tacroy estava parado sob o pilar mais próximo, usando o terno verde que Christopher conhecia tão bem. Devia ser a roupa que o espírito dele sempre usava. O espírito tinha as mãos estendidas, em um gesto de frustração.

— Parece que alguma coisa está errada — disse Flavian. Todos se sobressaltaram quando o corpo deitado no sofá falou de repente, em uma voz estranha e rouca.

— Eu estava com ele! — disse o corpo de Tacroy. — Ele estava observando os trens. Estava justamente me contando que poderia inventar um trem melhor. Então simplesmente desapareceu. Que é que eu faço?

— Vá tentar pegar o Gabriel da Série Dois — disse a Srta. Rosalie, tocando uma melodia ondulante e apaziguadora.

— Isso vai demorar um pouco — grasnou o corpo de Tacroy.

O quadro no Portal desapareceu. Christopher imaginou Tacroy subindo pelo Lugar do Meio. Todos à sua volta perguntavam-se ansiosamente o que teria acontecido de errado.

— Talvez as vidas de Gabriel simplesmente não confiem em Mordecai — Flavian sugeriu.

Os espelhos combinaram-se em novo quadro. Dessa vez todos eles viram a vida de Gabriel. Ela estava parada sobre uma ponte convexa, contemplando o rio lá embaixo. Era surpreendentemente frágil, curvada e idosa, tão idosa que Christopher tomou consciência de que o Gabriel que ele conhecia não era nem um pouco tão velho quando ele havia imaginado. O espírito de Tacroy estava lá, também, subindo lentamente para o alto da ponte em direção à vida de Gabriel, muitíssimo parecido com Throgmorten caçando um pássaro. Gabriel parecia não enxergar Tacroy. Não olhou em volta. Mas de repente a sua figura negra e

encurvada já não estava lá; havia apenas Tacroy na ponte, de olhos fixos no local onde Gabriel estivera.

— Esta também se foi. Que é isto, afinal? — disse o corpo de Tacroy no sofá.

— Espere! — Flavian sussurrou, e correu para verificar os feitiços de adivinhação mais próximos.

— Fique aí um momento, Mordecai — disse suavemente a Srta. Rosalie.

Nos espelhos, o espírito de Tacroy apoiou os cotovelos no parapeito da ponte e tentou parecer paciente.

— Não acredito! — exclamou Flavian. — Todos vocês verifiquem, depressa! Parece que todas as vidas estão desaparecendo! E melhor chamar Mordecai de volta, Rosalie, senão ele vai desperdiçar suas forças em vão.

Houve uma correria em direção aos cristais, às terrinas, aos espelhos e aos outros mecanismos de adivinhação. A Srta. Rosalie deslizou ambas as mãos pelas cordas da harpa e, do lado de dentro do Portal, o espírito de Tacroy ergueu os olhos, fez uma expressão de surpresa e desapareceu tão subitamente quanto a vida de Gabriel. A Srta. Rosalie inclinou-se para a frente e observou ansiosamente o corpo de Tacroy, que se mexia. Seu rosto ganhou nova cor. Ele abriu os olhos.

— Que é que está acontecendo? — perguntou, afastando os cobertores.

— Não fazemos idéia. Todos os Gabriéis estão desaparecendo...

— Não estão, não! — exclamou Flavian em tom excitado. — Estão todos reunindo-se, formando um

grupo, e estão vindo nesta direção!

Passou-se meia hora de tensão, durante a qual as esperanças e os temores de todos pareciam estar em uma gangorra. Como as esperanças e os receios de Christopher eram, de maneira geral, opostos aos de todos os outros, ele achava que não teria conseguido suportar se não fosse a gatinha Proudfoot. Erica trouxera Proudfoot consigo quando entrara apressada com uma bandeja de chá para restaurar as forças de Tacroy. Proudfoot ficou muito ocupada dando o seu primeiro passeio demorado, percorrendo toda a distância sob a escrivainha preta de Gabriel, com a cauda, que parecia um barbante, movimentando-se depressa, para lhe dar equilíbrio. Era muito mais agradável observá-la do que observar as estranhas manchas e espirais que as vidas de Gabriel formavam enquanto deslizavam em velocidade constante na direção da Série Doze. Christopher estava observando Proudfoot quando Flavian virou-se de costas para o feitiço divinatório e exclamou: — Ah, essa não!

— Qual é o problema? — Christopher perguntou. Flavian tinha as costas curvadas. Ele arrancou o colarinho apertado e jogou-o no chão.

— Todas as vidas pararam — revelou. — Estão desbotadas, mas visíveis. Infelizmente estão no Mundo Onze. Acho que era lá que a sétima vida estava este tempo todo. Podemos dar adeus às nossas esperanças!

— Por quê? — Christopher quis saber.

— Ninguém consegue chegar lá, meu caro. Pelo menos, se alguém conseguir, não sai vivo de lá — explicou a Srta. Rosalie. Ela parecia estar quase chorando.

Christopher olhou para Tacroy. Este empali-

decera, ainda mais do que quando entrava em transe.
Estava da cor de leite com um pingo de café.



Capítulo XX

Ali estava a desculpa perfeita para interromper a busca a Gabriel. Christopher imaginara que travaria uma pequena discussão com a sua consciência; assim, ele próprio surpreendeu-se bastante quando se levantou sem hesitação. Não precisou sequer lembrar-se de que a Deusa também escutara Tacroy confessar que uma parte dele estava no Mundo Onze.

— Tacroy! — chamou. Sabia que era importante chamar Tacroy pelo nome do seu espírito. — Tacroy, venha até aquele escritório vazio, por um momento. Preciso conversar com você.

Devagar, e com relutância, Tacroy pôs-se de pé. A Srta. Rosalie disse em tom enérgico:

— Mordecai, você parece doente. Quer que eu o acompanhe?

— Não! — disseram Tacroy e Christopher ao

mesmo tempo.

Tacroy sentou-se na borda de uma escrivaninha no escritório deserto e cobriu o rosto com as mãos. Christopher sentiu pena dele; precisou lembrar a si mesmo que foram ele e Tacroy quem havia trazido para o tio Ralph a arma que esfacelara as vidas de Gabriel, antes de conseguir dizer:

— Preciso perguntar uma coisa a você.

— Sei disso — retrucou Tacroy.

— Então, que história é essa sobre o Mundo Onze? Tacroy ergueu a cabeça.

— Coloque em volta de nós o feitiço de silêncio e privacidade mais poderoso que você conseguir — pediu.

Christopher assim fez, com ímpeto ainda maior do que quando fizera um para Mamãe e a Srta. Bell. Foi um feitiço tão radical que ele ficou mudo, e mal conseguia ter tato suficiente para raspar o centro do feitiço de modo a permitir que ele e Tacroy escutassem um ao outro. Depois que fez isso, ficou razoavelmente certo que ninguém, mesmo parado ao lado deles, conseguiria distinguir uma só palavra. Mas Tacroy deu de ombros.

— Provavelmente conseguem nos ouvir assim mesmo. A magia deles é bem diferente da nossa — disse. — E eles estão com a minha alma, entende? Por ela ficam sabendo da maior parte das coisas que faço, e o que não sabem, eu preciso ir contar-lhes em espírito. Você me viu indo até lá uma vez; eles me convocam para um local perto de Covent Garden.

— Estão com a sua... alma?

— Sim. A parte que faz a pessoa ser o que ela é — disse Tacroy com amargura. — No seu caso, é a

parte que leva você de uma vida para outra. A minha foi separada de mim quando nasci, como é feito com todas as pessoas do Mundo Onze. Eles a guardaram lá quando me mandaram para cá, para a Série Doze, ainda bebê.

Christopher encarou Tacroy. Sempre achara que ele, com a sua pele cor de café e os cabelos cacheados, não se parecia totalmente com as outras pessoas, mas não havia pensado muito sobre isso antes, porque nos Uns Lugares havia conhecido muita gente ainda mais estranha.

— Para ser cobaia deles — Tacroy prosseguiu. — De vez em quando, o Dright resolve estudar outro mundo e então coloca alguém lá. Desta vez ele cismou que queria estudar o bem e o mal, e assim me deu ordens para trabalhar primeiro para Gabriel e depois para o pior vilão que eu conseguisse encontrar, e que por acaso era o seu tio. No Mundo Onze eles não se guiam pelo bem e pelo mal. Não se consideram humanos — ou, melhor, acho que se julgam os únicos seres humanos de verdade, e estudam o resto das pessoas como uma coisa em um zoológico, quando por acaso o Dright se sente interessado.

Pela voz de Tacroy, Christopher percebia que ele odiava profundamente as pessoas do Mundo Onze. Christopher compreendia isso muito bem. Tacroy estava em situação ainda pior que a da Deusa.

— Quem é esse Dright?

— Rei, sacerdote, chefe dos magos... — Tacroy deu de ombros. — Não, ele não é exatamente essas coisas. É chamado Pai Supremo de Sept e tem milhares de anos de idade. Vive há tanto tempo assim porque,

sempre que suas forças diminuem, ele devora a alma de uma pessoa. Mas fazer isto está dentro dos seus direitos. Pelas leis do Mundo Onze, todas as pessoas de lá, e também as suas almas, pertencem a ele. Eu também pertenço a ele.

— Qual é a lei que permite a ele apossar-se de todas as vidas de Gabriel? Foi isso que ele fez, não foi? — Christopher quis saber.

— Eu soube disso assim que Flavian mencionou o Mundo Onze — Tacroy revelou. — Sei que o Dright sempre teve vontade de estudar alguém dotado de nove vidas. No Mundo Onze ninguém é assim, porque lá só existe um mundo, não uma Série. O Dright mantém um único mundo para não ter rivais. E você sabe como surgiram as suas nove vidas, não sabe? Foi porque, por um motivo qualquer, todos os duplos que você poderia ter tido nos outros mundos da Série Doze nunca chegaram a nascer.

— Sim, mas o que dizem as leis do Mundo Onze sobre furtar a maior parte de um mago? — Christopher insistiu.

— Não sei ao certo. Não tenho certeza se eles têm leis como nós temos — Tacroy admitiu. — Isso provavelmente é legal, se o Dright faz sem problemas. Eles se guiam principalmente pelo orgulho, a aparência e o que a pessoa faz.

Christopher resolveu instantaneamente que, no que dependesse dele, o Dright não conseguiria o seu intento com facilidade.

— Imagino que ele simplesmente esperou para ver quantas vidas de Gabriel estavam à solta e então recolheu todas — disse. — Agora conte-me tudo o que

conseguir se lembrar sobre o Mundo Onze.

— Bem, nunca mais voltei lá, mas sei que eles governam tudo com magia. A atmosfera é controlada, para que eles possam viver na floresta aberta e decidir quais árvores vão crescer, e onde. A comida chega quando eles chamam, e não utilizam fogo para cozinhá-la. Aliás, nunca usam fogo. Acham que todos vocês aqui são selvagens porque fazem uso do fogo, e da mesma forma zombam do tipo de magia que todos os outros mundos usam. A única ocasião em que eles consideram alguém de outro mundo satisfatório é quando essa pessoa se mostra absolutamente leal a um rei, a um chefe ou a alguém. Eles admiram as pessoas assim, principalmente se elas mentem e enganam por lealdade...

Tacroy dissertou durante a meia hora seguinte. Falava como se fosse um alívio poder finalmente desabafar, mas Christopher percebia que era também um esforço. Na metade do relato, quando as rugas no rosto de Tacroy davam-lhe uma aparência abatida, Christopher pediu-lhe que esperasse e esgueirou-se para fora do feitiço de privacidade, para ir até a porta. Como havia imaginado, a Srta. Rosalie estava parada do lado de fora, parecendo ainda mais enérgica do que normalmente.

— De um jeito ou de outro, Mordecai se esfalou por você! Que é que está fazendo com ele? — ela sibilou.

— Nada, mas ele precisa de alguma coisa para sustentá-lo. Será que você poderia...?

— Que é que pensa que eu sou? — retrucou a Srta. Rosalie.

Quase no mesmo instante, Érica chegou apressada, trazendo uma bandeja. Além de chá e de dois pratos cheios de bolinhos, havia uma diminuta garrafa de conhaque aninhada em um canto da bandeja. Quando Christopher carregou a bandeja para dentro do feitiço, Tacroy olhou para o conhaque, sorriu e serviu uma boa dose na sua xícara de chá. A bebida pareceu restaurá-lo tanto quanto os bolinhos restauraram Christopher. Enquanto os dois esvaziavam a bandeja, Tacroy pensava em todo um novo capítulo de coisas para relatar.

Uma das coisas que contou foi:

— Se você avistasse algumas pessoas do Mundo Onze sem saber disso, poderia imaginar que fossem nobres selvagens, mas nesse caso estaria cometendo um grande erro. Eles são muito, muito civilizados. Quanto a serem nobres... — Tacroy fez uma pausa, com um bolinho a meio caminho da boca.

— Coma o seu lanchinho — brincou Christopher. Tacroy deu um leve sorriso.

— Os seus mundos sabem alguma coisa sobre eles — prosseguiu. — São as pessoas que originaram todas as histórias sobre Elfos. Se pensar neles deste modo, como pessoas frias e sobrenaturais que seguem normas bem peculiares, terá uma pequena idéia de como são. Na verdade eu não os compreendo bem, mesmo tendo nascido um deles...

A essa altura, Christopher sabia que trazer Gabriel de volta seria a coisa mais difícil que ele já fizera nas suas vidas. Se não impossível.

— Você suportaria voltar ao Mundo Onze comigo, para impedir que eu cometa enganos? — per-

guntou a Tacroy.

— De qualquer maneira, vão me arrastar de volta para lá, assim que tiverem conhecimento de que revelei tudo a você. E você também está em perigo porque ficou sabendo — Tacroy disse, outra vez muito pálido.

— Nesse caso, vamos contar para todos no Castelo, e pedir a Yolande e Beryl para datilografarem um relatório sobre isto para o Governo. O Dright não vai poder matar todo mundo.

Tacroy não parecia muito certo disso, mas voltou com Christopher para a Sala de Estratégia, a fim de revelar tudo aos outros. Naturalmente aquilo causou um grande alvoroço.

— O Mundo Onze! Vocês não podem fazer isto! — exclamaram todos.

As pessoas vieram do resto do Castelo e se aglomeraram na Sala de Estratégia para dizer a Christopher que ele estava sendo louco e que seria impossível trazer Gabriel de volta. O Dr. Simonson interrompeu os ajustes finais na Caçarola de Lagosta para marchar escadaria acima e proibir Christopher de ir.

Christopher já esperava por isso.

— Besteira! Agora vocês não precisam de mim para pegar o Assombração! — disse.

O que ele não imaginava era que a Deusa fosse esperar o tumulto diminuir para então anunciar:

— Eu vou com vocês.

— Por quê? — Christopher quis saber.

— Por lealdade. Nos livros da Millie, ela nunca abandona as suas amigas da escola — explicou a Deusa.

Christopher achava totalmente inexplicável aquela obsessão da Deusa. Suspeitava de que no fundo ela estivesse com medo de permanecer onde o Braço de Asheth pudesse encontrá-la sozinha, mas não mencionou a sua suspeita. Além do mais, se ela fosse junto, a quantidade de magia duplicaria.

Então, obedecendo à orientação de Tacroy, ele vestiu roupas adequadas para a viagem.

— Peles. Quanto mais peles você usar, mais alta a sua posição — Tacroy explicou.

Christopher conjurou o tapete de pele de tigre do Salão Médio e a Deusa abriu nela um buraco para a cabeça dele. A Srta. Rosalie encontrou para ele um magnífico cinturão com grandes tachas de bronze, para prender a pele de tigre, ao passo que a governanta apareceu com uma pele de raposa para ele enrolar em torno do pescoço, além de uma estola de arminho para a Deusa.

— E ajudaria ter muitos penduricalhos — disse Tacroy.

— Nada de prata, lembrem-se — Christopher avisou a todos que saíram correndo para procurar enfeites.

Ele acabou ornamentado com três colares de ouro e uma fiada de pérolas — e o estoque inteiro de brincos de Yolande pendurados artisticamente por toda a pele de tigre, intercalados com os broches de Beryl. Em volta da cabeça ele ostentava o cinto dourado que a Srta. Rosalie usava em ocasiões de grande gala, e o broche que Ética herdara da mãe preso na frente, sobre a testa. Ele tilintava de uma maneira imponente quando se movia, parecendo

a Deusa no Templo. A própria Deusa trazia apenas um apanhado de plumas de avestruz na frente da cabeça e as pulseiras de ouro de alguém em torno da bainha das calças curtas. Queriam que ficasse bem claro que Christopher era o mais importante entre eles. Tacroy simplesmente continuou como estava.

— Todos lá me conhecem. E em Sept a minha posição é das mais baixas — justificou.

Os três apertaram a mão de cada pessoa na Sala de Estratégia e viraram-se para o Portal. Ele agora estava ajustado para o Mundo Onze, pelo que Flavian e Tacroy calculavam, mas a Srta. Rosalie advertiu Christopher de que provavelmente seriam necessários todos os poderes deles para quebrar os feitiços em volta do Mundo Onze, e mesmo assim isso talvez não fosse suficiente. De modo que Christopher foi na frente, empurrando com toda a sua força, e a Deusa caminhava atrás dele, com o seu par de braços indistintos estendidos sob o par de braços físicos. Fechando a fila vinha Tacroy, murmurando um encantamento. E foi fácil — tão fácil que até despertava suspeitas, foi o que todos sentiram de imediato. Houve um instante disforme, como um rápido vislumbre do Lugar do Meio. Então encontraram-se em uma floresta, onde um homem que se parecia com Tacroy tinha os olhos fixos neles.

A floresta tinha uma beleza harmoniosa, com o solo verde e relvado, e nenhum tipo de arbusto; havia somente árvores altas e esguias que pareciam ser todas da mesma espécie. O homem estava parado em meio aos troncos lisos e ligeiramente brilhantes, com o peso do corpo sobre um dos pés, como um cervo assustado

pronto para fugir, e olhava para eles por cima do ombro moreno e nu. Ele se parecia com Tacroy na cor de café da pele e nos cabelos cacheados e mais claros, mas a semelhança parava aí. Estava despido, com exceção de um saiote de peles que lhe dava a aparência de uma estátua grega particularmente elegante, se não se levasse em conta o seu rosto. A expressão das feições daquele homem fazia Christopher lembrar-se de um camelo. Era cheia de orgulho, antipatia e desdém.

— Chame-o. Lembre-se do que eu lhe disse — Tacroy cochichou.

No Mundo Onze era preciso ser rude com as pessoas, para conseguir o respeito delas.

— Ei! Você aí! — Christopher chamou, da maneira mais autoritária que conseguiu. — Leve-me imediatamente ao Drigh!

O homem reagiu como se não tivesse escutado. Depois de encará-los por mais um segundo, ele terminou o passo que havia começado a dar e afastou-se caminhando por entre as árvores.

— Será que ele não escutou? — perguntou a Deusa.

— Provavelmente escutou, mas quis deixar claro que é mais importante do que você — Tacroy explicou. — É óbvio que em Sept ele tem uma posição inferior. Até os mais subalternos gostam de pensar que são melhores do que qualquer pessoa dos outros Mundos Vinculados. Continue andando, vamos ver se acontece alguma coisa.

— Em qual direção? — Christopher quis saber.

— Qualquer uma — respondeu Tacroy com um leve sorriso. — Aqui eles controlam a distância e a

direção.

Continuaram no mesmo rumo. As árvores eram tão iguais e regularmente espaçadas que, depois de uns 20 passos, Christopher perguntava-se se estariam realmente se movendo. Olhou em volta e ficou aliviado ao ver atrás de si a estrutura quadrada do Portal por entre os troncos das árvores, a uma distância plausível. Ele ficou curioso para saber se o Mundo Onze inteiro estava coberto de árvores. Se estivesse, não era de surpreender que as pessoas de lá não usassem fogo; correriam o risco de incendiar toda a floresta. Ele tornou a olhar para a frente e constatou que, sem qualquer modificação na paisagem, de alguma forma eles estavam indo na direção de uma cerca.

A cerca estendia-se, de ambos os lados, até onde eles conseguiam enxergar. Era feita de estacas de madeira bem envernizadas e cruelmente pontiagudas no topo, enfiadas na terra a cerca de 30 centímetros uma da outra. As pontas aguçadas chegavam apenas à cintura de Tacroy e não pareciam ser um grande obstáculo. Mas quando eles viraram-se de lado para passar entre duas estacas, estas aparentemente estavam perto demais umas das outras e não havia espaço para eles passarem. Quando Tacroy tirou o paletó para cobrir as pontas das estacas para que Christopher pudesse passar por cima da cerca, não conseguiu que o paletó ultrapassasse o seu lado da cerca. Enquanto Tacroy pegava o paletó do chão pela sexta vez, a Deusa olhava para a esquerda e Christopher olhava para a direita, e eles constataram que a cerca agora os rodeava por todos os lados. Atrás deles já não havia sinal do Portal entre as árvores — nada além de uma cerca feita de estacas

bloqueando o caminho de volta.

— Ele bem que escutou — comentou a Deusa.

— Acho que estavam à nossa espera — disse Christopher. Tacroy estendeu o paletó na relva e sentou-se sobre ele. — Vamos ter que esperar para ver — disse melancolicamente. Christopher fez menção de sentar-se também, mas Tacroy apressou-se a dizer:

— Você não. Aqui, as pessoas importantes sempre ficam de pé. Dizem que o Drighr não se senta há anos.

A Deusa deixou-se cair ao lado de Tacroy e esfregou os dedos dos pés na grama.

— Então não serei importante. De qualquer maneira, estou cansada de importância — declarou. — Ei, ele estava aqui antes?

Um menino com um pedaço de pele suja enrolada em torno dos quadris, como se fosse uma toalha, estava de pé ao lado de Tacroy, aparentemente muito nervoso.

— Eu estava aqui, sim. Vocês é que não me viram — revelou timidamente. — Passei a manhã inteira dentro desta cerca.

A cerca rodeava um espaço relvado que não era maior do que o quarto da torre onde Christopher havia escondido a Deusa. Christopher não conseguia entender como podiam ter deixado de enxergar o menino. Contudo, devido à estranheza de tudo ali, talvez isso tivesse mesmo acontecido. A julgar pelo corpo branco e magro e os cabelos louros e lisos, não se tratava de alguém do Mundo Onze.

— Você é prisioneiro do Drighr? — a Deusa perguntou. O menino esfregou o seu estranho narizi-

nho adunco como se estivesse confuso.

— Não tenho certeza. Não consigo me lembrar de ter vindo para cá — disse. — E vocês, que é que estão fazendo aqui?

— Estamos procurando uma pessoa — Tacroy respondeu. — Será que você viu um homem, ou talvez vários homens, com o nome de Gabriel de Witt?

— Gabriel de Witt? Mas este é o meu nome! — exclamou o menino.

Os três o encararam. Era um menino tímido e fracote, com mansos olhos azuis. Era o tipo do menino a quem Christopher, e com muita probabilidade a Deusa também, naturalmente começariam a dar ordens dali a um minuto. Fariam isso com certa bondade, porque era evidente que não era muito difícil perturbá-lo e deixá-lo doente dos nervos, como Fenning no colégio. Aliás, Christopher achava que esse menino lembrava-lhe, mais do que qualquer outra coisa, um Fenning alto e magro. No entanto, agora que sabia, ele distinguia no rosto do garoto o mesmo perfil aquilino de Gabriel.

— Quantas vidas você tem? — perguntou, ainda incrédulo. O menino pareceu olhar para dentro de si mesmo.

— Estranho, geralmente tenho nove. Mas agora acho que só estou conseguindo encontrar sete — ele respondeu.

— Então pegamos ele inteiro — a Deusa comentou.

— Com algumas complicações — acrescentou Tacroy. — O título de Crestomanci significa alguma coisa para você? — ele perguntou ao menino.

— Não é aquele mago velho e chato? — re-dargüiu o menino. — Acho que o nome verdadeiro dele é Benjamin Allworthy, não é?

Gabriel voltara a ser criança; Benjamin Allworthy havia sido o penúltimo Crestomanci.

— Você não se lembra de Mordecai Roberts ou de mim? Sou Christopher Chant.

— Prazer em conhecê-lo — disse Gabriel de Witt com um sorriso educado e tímido.

Christopher o encarou, perguntando-se como Gabriel havia se tornado tão intratável depois de grande.

— Não adianta, nenhum de nós era nascido quando ele tinha essa idade — disse Tacroy.

— Aí vem mais gente — avisou a Deusa.

Eram quatro pessoas, três homens e uma mulher, a certa distância deles, em meio às árvores. Todos os homens usavam túnicas de peles que só cobriam um dos ombros, e a mulher levava uma túnica comprida, que mais parecia um vestido. Os quatro estavam parados, voltados de lado para a cerca, conversando entre si. Ocasionalmente um deles lançava para a cerca um olhar desdenhoso por cima do ombro despido Tacroy pareceu afundar-se dentro de si mesmo. O seu rosto estava cheio de sofrimento.

— Não preste atenção naquelas pessoas, Christopher, de modo algum — cochichou. — Era delas que eu recebia as minhas ordens. Acho que são importantes.

Christopher, impassível, ficou a olhar arrogantemente por cima da cabeça dos outros. Seus pés começavam a doer.

— Eles ficam sempre aparecendo desse jeito. São uns animais grosseiros! Eu pedi alguma coisa para comer e eles fingiram que não ouviram — contou Gabriel.

Cinco minutos se passaram. A cada segundo Christopher sentia os pés mais inchados, mais quentes e mais cansados. Começou a odiar o Mundo Onze. Parecia que lá não havia pássaros, nem animais de qualquer tipo, nem vento; apenas fileiras de lindas árvores, todas parecidas. A temperatura nunca mudava, era sempre agradável. E as pessoas eram horríveis.

— Odeio esta floresta. E tão igual... — disse Gabriel.

— Aquela mulher me lembra a Mãe Anstey — disse a Deusa. — A qualquer momento ela vai rir de nós; vai soltar uma risadinha tapando a boca com a mão.

A mulher levou a mão à frente da boca e soltou uma risadinha zombeteira e estridente.

— Não falei? E já vão tarde!

O grupo de pessoas desaparecera subitamente.

Christopher apoiou o seu peso em um pé, depois no outro. Isso não fez diferença para a dor nos pés. Ele voltou-se para Tacroy:

— Você teve sorte, Tacroy. Se não tivessem jogado você no nosso mundo, era aqui que você seria obrigado a viver.

Tacroy ergueu os olhos para ele com um sorriso torto e infeliz, e em seguida deu de ombros.

Cerca de um minuto depois disso, o homem que tinham visto primeiro estava de volta: vinha caminhando por entre as árvores a pouca distância deles.

Tacroy assentiu para Christopher e este chamou em voz bem alta e num tom irritado:

— Ei, você! Eu mandei nos levar até o Drigh! Que acha que está fazendo, me desobedecendo desta maneira?

O homem não deu sinais de haver escutado; aproximou-se e inclinou-se, apoiando-se na cerca, e ali ficou, olhando para eles como se fossem alguma coisa em um jardim zoológico. Para conseguir colocar os cotovelos no topo das estacas pontiagudas, de algum modo ele havia feito aparecer um descanso de madeira para apoiar os braços. Christopher não conseguiu entender a magia peculiar que ele usara para fazer isso. Mas a Deusa sempre parecia pegar as coisas mais rapidamente do que Christopher. Ela franziu a testa ao ver o descanso de braço e deu mostras de ter entendido o truque: o bloco de madeira voou para o meio das árvores e os braços do homem caíram com força sobre as pontas dos mourões. Gabriel deu uma risada — uma gargalhada comum, benévola. O homem endireitou-se, indignado, e fez menção de esfregar o braço, mas então lembrou-se de que não deveria demonstrar sofrimento diante de inferiores. Fez meia-volta e saiu marchando.

Christopher ficou contrariado, tanto com o homem quanto com a Deusa, por ela ter sido tão mais esperta do que ele. As duas coisas juntas deixaram-no com tanta raiva que ele ergueu os braços e tentou lançar o homem para cima, do mesmo modo como havia feito todas as coisas levitarem na casa do Dr. Pawson. Mas ali foi quase impossível fazer isso. Realmente o homem elevou-se uns dois metros, mas no instante seguinte tornou a descer suavemente e com

facilidade. E ainda olhava para trás com zombaria enquanto baixava para o chão.

Ao que parecia, aquilo deixou a Deusa ainda mais furiosa do que Christopher estava.

— Todos juntos! Vamos, Gabriel! — ela sugeriu. Gabriel deu-lhe um sorriso travesso e todos puseram-se a fazer força juntos. Ainda assim, só conseguiram erguer o homem a um metro do chão, mas descobriram que conseguiam mantê-lo assim. O homem fingiu que nada estava acontecendo e continuou a caminhar como se ainda estivesse no chão, o que decididamente parecia uma idiotice.

— Leve-nos ao Drigh! — Christopher berrou.

— Agora, para baixo — disse a Deusa.

E eles jogaram o homem de volta no chão. Ele saiu caminhando, afastando-se deles, ainda fingindo que nada havia acontecido, o que provocou em Gabriel um ataque de riso.

— Será que isto adiantou de alguma coisa? — Christopher perguntou a Tacroy.

— Não há como saber. Eles sempre gostam de manter a pessoa esperando até que ela esteja cansada e furiosa demais para pensar cora lucidez — Tacroy explicou.

E, com uma expressão de infelicidade no rosto, encolheu-se com os braços em volta dos joelhos.

Ficaram aguardando. Christopher perguntava-se se valeria a pena fazer o enorme esforço que seria necessário para ele próprio levitar e assim poder tirar o peso de cima dos pés, quando percebeu que as árvores estavam deslizando para os lados, à direita e à esquerda da cerca. Ou então, talvez o espaço cercado estivesse

avançando sem qualquer mudança na relva lisa, dentro ou fora da cerca. Era difícil saber ao certo. Qualquer das duas hipóteses fazia Christopher sentir-se tonto e enjoado. Ele engoliu em seco e manteve os olhos arrogantemente nas árvores à sua frente. Contudo, em menos de um segundo essas árvores haviam deslizado para fora de vista, deixando uma clareira verde cada vez mais larga. Nessa clareira, na sua extremidade mais distante, via-se uma pessoa alta e corpulenta que caminhava lentamente era direção a eles. Tacroy engoliu em seco.

— Aquele é o Dright.

Christopher apertou os olhos para fazer funcionar a sua visão-de-bruxaria e observou as árvores deslizando, afastando-se cada vez mais uma das outras. Aquilo lhe lembrava o modo como costumava brincar de mudar as árvores de lugar na Rua Trumpington. Agora via o Dright fazer a mesma coisa. Pelo que parecia, para ter o poder de fazer mágicas naquele mundo era necessário agir de um modo que, comparado ao modo de agir em qualquer outro mundo, era enviesado — era preciso fazer uma curva e uma ondulação na magia, como se ele estivesse observando a si mesmo refletido em uma bola de vidro ondulada. Christopher não tinha certeza se seria capaz de fazer isso.

— Não consigo aprender o truque desta magia estrangeira — Gabriel suspirou.

Enquanto o Dright se aproximava devagar, Christopher fechou a boca com força para conter um sorriso de satisfação ao pensar que havia compreendido aquela magia mais depressa do que Gabriel. A essa altura as árvores haviam se afastado o suficiente para

formar uma grande clareira circular, cheia de luz do sol esverdeada. O Dright estava suficientemente próximo para constatarem que ele estava vestido de modo parecido com Christopher, com pelo menos duas peles de leão inteiramente cheias de penduricalhos. Os cabelos cacheados e a barba cerrada eram brancos. Havia anéis nos dedos dos seus pés marrons e lisos.

— Ele parece um desses deuses cruéis, daqueles que devoram os próprios filhos — declarou Gabriel em uma voz clara e nítida.

Christopher foi obrigado a morder a língua para não rir. Estava começando a gostar daquela versão de Gabriel. Quando conseguiu controlar o riso, estava do outro lado da cerca, cara a cara com o Dright a poucos metros de si. Olhou para trás com incredulidade. A Deusa e Gabriel, com expressão atônita, estavam de pé atrás da cerca, ainda prisioneiros. Tacroy ainda estava sentado no chão, fazendo o possível para não ser notado.

Christopher levantou o queixo e ergueu o olhar para o rosto do Dright. As feições marrons e lisas não mostravam qualquer expressão. Mas Christopher continuou a encarar o outro, tentando ver a pessoa por detrás da expressão vazia. Fossem quais fossem os sentimentos do Dright, eles eram tão diferentes dos seus, e tão repletos de orgulho, que por um momento ele se sentiu como um inseto. Então lembrou-se daquela geleira na Série Sete, muitos anos antes; Tacroy lhe dissera que a geleira lhe lembrava duas pessoas. Christopher compreendeu que uma delas era o Dright. Como a geleira, o Dright era frio, e arrogante, e incrustado demais de conhecimento antigo para que as

pessoas comuns o compreendessem.

Por outro lado, a outra pessoa que a geleira havia lembrado a Tacroy era o tio Ralph. Christopher procurou cuidadosamente qualquer indício de que o Dright fosse parecido com o tio Ralph; não havia muito da aparência vulgar do tio Ralph na fisionomia arrogante do Dright, mas a sua expressão não era de sinceridade. Para Christopher, era evidente que o Dright mentiria e trapacearia se isso lhe fosse de alguma utilidade, como o tio Ralph, mas achava que a principal semelhança entre os dois consistia em que ambos eram inteiramente egoístas. O tio Ralph usava as pessoas, e o Dright fazia a mesma coisa.

— O que é você? — o Dright perguntou. A sua voz era profunda e desdenhosa.

— Sou o Dright — Christopher respondeu. — O Dright do mundo Doze A. O termo que se usa é Crestomanci, mas trata-se da mesma coisa.

Ele sentia as suas pernas tremerem por causa daquela ousadia — mas Tacroy havia dito que a única coisa que o Dright respeitava era o orgulho. Então manteve os joelhos rígidos e assumiu uma expressão de arrogância.

Não havia como saber se o Dright acreditava ou não em Christopher; ele não deu resposta nenhuma, e o seu rosto permaneceu sem expressão. Mas Christopher conseguia sentir que o Dright estendia pequenos tentáculos da magia enviesada e ondulante do Mundo Onze, testando-o, apalpando-o, para ver quais eram os seus poderes e quais os seus pontos fracos. Christopher sentiu-se todo feito de pontos fracos. Mas imaginava que, como a magia naquele lugar era tão pecu-

liar, ele mesmo não fazia idéia de quais eram os seus próprios poderes, portanto o Drighr também não saberia.

A campina atrás do Drighr enchia-se de pessoas. No princípio estava deserta, mas agora havia muita gente ali — uma multidão de cabelos claros e pele marrom, usando variadas quantidades de peles, que iam de tangas minúsculas a compridas túnicas de pele de urso. Parecia que o Drighr estava dizendo: “Chame-se de Drighr, se quiser, mas dê uma olhada no poder que eu tenho”. Cada pessoa na multidão estava encarando Christopher com desprezo e antipatia. Christopher colocou a mesma expressão em seu rosto e encarou a multidão. E então se deu conta de que o seu rosto estava bastante acostumado a usar aquela expressão: era assim que ele ficava na maior parte do tempo em que havia morado no Castelo. Foi para ele um choque desagradável constatar que costumava ser tão horrível quanto eram aquelas pessoas do Mundo Onze.

— Por que está aqui? — o Drighr perguntou.

Christopher deixou de lado o choque que acabava de sofrer e tomou uma decisão: se conseguisse sair dali, passaria a ser mais simpático. Então concentrou-se cuidadosamente naquilo que Tacroy lhe ensinara que poderia ser a melhor coisa a dizer:

— Vim buscar uma coisa que me pertence — declarou. — Mas primeiro quero apresentar-lhe a minha colega, a Asheth Viva. Deusa, este é o Drighr do Mundo Onze.

A pluma de avestruz estremeceu na cabeça da Deusa quando ela avançou até as estacas pontiagudas e

fez uma reverência graciosa. Nas feições do Drighit houve o mais leve dos espasmos, que sugeria que ele havia ficado impressionado por Christopher ter trazido consigo a Asheth Viva, mas apesar disso a Deusa continuou atrás da cerca.

— E naturalmente já conhece o meu criado, Mordecai Roberts — Christopher acrescentou em tom imponente, tentando empurrar este fato por cima de uma rocha de orgulho.

Também sobre isso o Drighit não se manifestou. Atrás dele, porém, as pessoas estavam todas sentadas. Era como se nunca estivessem estado de pé. Com isso o Drighit parecia estar dizendo: “Muito bem, você é meu igual, mas gostaria de observar que meus seguidores ultrapassam os seus em número, vários milhares para cada um — e os meus obedecerão a qualquer capricho meu”.

Christopher ficou impressionado por ter conseguido essa vitória. Tentou diminuir o seu espanto observando as pessoas. Algumas conversavam e riam juntas, embora ele não conseguisse escutá-las. Outras estavam preparando comida sobre pequenas bolas azuladas de fogo-de-bruxaria, que, ao que parecia, era o que usavam em lugar de fogueiras. Havia pouquíssimas crianças — Christopher via duas ou três sentadas calmamente, sem fazer coisa alguma. E pensou: detestaria crescer no Mundo Onze! Devia ser cem vezes mais chato do que o Castelo!

— Qual é a coisa que lhe pertence e que você permitiu que se perdesse no meu mundo? — o Drighit perguntou depois de algum tempo.

Finalmente estavam começando a tratar de ne-

gócios, mesmo que o Dright estivesse tentando insinuar que Christopher havia sido descuidado. Christopher sorriu e balançou a cabeça, para mostrar que considerava aquilo uma piada do Dright.

— Duas coisas — respondeu. — Primeiro, tenho que lhe agradecer por ter recuperado as vidas de Gabriel de Witt para mim. Poupança-me muito trabalho. Mas parece que você montou as vidas dele de maneira incorreta e fez de Gabriel um menino.

— Coloquei-as na forma mais fácil de lidar — o Dright explicou. Como tudo o que ele dizia, aquilo estava cheio de outros significados.

— Se está querendo dizer que é fácil lidar com meninos, infelizmente neste caso não é assim. Não se os meninos são do Doze A.

— E também não é fácil lidar com meninas. De qualquer parte — disse a Deusa em voz bem alta.

— Esse Gabriel de Witt, o que ele é para você? — o Dright perguntou.

— É como um pai para um filho — disse Christopher. Com certo orgulho pelo modo como tivera o cuidado de não dizer qual era qual, ele olhou de relance para Tacroy do outro lado da cerca. Tacroy ainda estava sentado, encurvado como uma bola, mas Christopher imaginou que ele assentia de leve com a cabeça cacheada.

— Você tem direito a Witt. Ele pode ser seu, dependendo do que mais você tem a dizer — decidiu o Dright.

A cerca era volta dos outros três deslizou para o lado até desaparecer de vista, como as árvores haviam feito. Gabriel pareceu ficar atônito. A Deusa, clara-

mente cheia de suspeitas, ficou onde estava. Christopher lançou ao Dright um olhar cheio de cautela; aquilo estava bom demais para ser verdade.

— A outra coisa que tenho a dizer é sobre este meu criado que é geralmente conhecido como Mordecai Roberts — afirmou. — Acredito que ele já foi seu, o que significa que você ainda tem a alma dele. Como ele agora é meu, talvez você possa me dar essa alma.

Tacroy ergueu a cabeça e encarou Christopher com horror e medo. Christopher não deu importância; sabia que com isso estava forçando a sua sorte, mas a sua intenção sempre fora tentar recuperar a alma de Tacroy. Ele afastou mais os pés doloridos, cruzou os braços na frente de suas peles cheias de jóias e tentou sorrir para o Dright como se aquilo que estava pedindo fosse a coisa mais normal e razoável de qualquer mundo.

O Dright não deu sinal de raiva ou surpresa. Não era simplesmente autocontrole ou orgulho; Christopher entendeu que o Dright já esperava que ele pedisse isso e não se importava que Christopher soubesse. O menino pôs-se a raciocinar furiosamente. O Dright facilitara a vinda deles para o Mundo Onze; fingira aceitar Christopher como igual e lhe permitira ficar com as vidas de Gabriel. Aquilo significava que havia algum proveito que o Dright pretendia tirar da situação, algo que ele desejava muito. Mas o que seria?

— Se o meu septiano alega ser o seu criado, você deve saber o nome da alma dele — declarou o Dright. — Ele lhe revelou esse nome?

— Sim. É Tacroy — Christopher respondeu.

Todas as pessoas sentadas na clareira atrás do Dright viraram o rosto para ele. Cada uma delas sentia-se escandalizada. Mas o Dright limitou-se a dizer:

— E o que Tacroy fez para tornar-se seu?

— Ele mentiu durante um dia inteiro para me proteger. E conseguiu que acreditassem nele — Christopher contou.

O primeiro som real naquele lugar veio das pessoas sentadas. Era um murmúrio rouco e longo. De medo? De aprovação? Fosse o que fosse, Christopher percebeu que dissera a coisa certa. Como Tacroy lhe explicara, para aquelas pessoas era natural mentir pelo seu Dright. E mentir convincentemente durante um dia inteiro era o máximo da lealdade.

— Ele poderia ser seu, mas com duas condições — admitiu o Dright. — Faço duas condições porque você me pediu duas coisas. A primeira, naturalmente, é que você mostre que consegue reconhecer a alma do septiano.

O Dright fez um pequeno gesto com uma das mãos marrons e poderosas.

Um movimento entre as árvores, a um lado, chamou a atenção de Christopher. Ele olhou e viu que os troncos esguios estavam a mover-se silenciosamente para os lados. Quando tudo parou, via-se um gramado que levava à moldura quadrada do Portal. Este ficava a cerca de 15 metros de distância. O Dright estava querendo demonstrar que Christopher poderia ir para casa se fizesse o que ele queria.

— Há um enorme bloco de magia deles no caminho — cochichou-lhe a Deusa.

Gabriel olhou por cima do ombro para con-

templar ansiosamente o Portal.

— Sim, mostrar o Portal é apenas uma isca para nos atrair — ele concordou.

Tacroy, com a cabeça sobre os joelhos, limitou-se a soltar um gemido.

Na frente de Christopher, as pessoas começaram a trazer objetos e a colocá-los no solo formando uma grande meia-lua. Cada homem ou mulher trazia duas ou três coisas e as colocava na fila que crescia, enquanto olhava desdenhosamente para Christopher. Ele observava os objetos. Alguns eram quase pretos, outros eram amarelados e outros, brancos ou brilhantes. Ele não tinha certeza se eram estátuas ou borbulhas de um material que havia derretido e depois endurecido em formatos esquisitos. Alguns deles pareciam vagamente humanos. A maioria não tinha uma forma que pudesse ser reconhecida — mas o material de que eram feitos significava muita coisa. Christopher sentiu o estômago revirar-se e foi obrigado a fazer um enorme esforço para continuar olhando com desdém, depois que se deu conta de que todas aquelas coisas eram feitas de prata.

Quando havia cerca de cem objetos sobre a relva verde, o Dright tornou a acenar com a mão e as pessoas pararam de trazê-los.

— Pegue a alma de Tacroy no meio das almas do meu povo — ordenou.

Profundamente infeliz, Christopher pôs-se a caminhar ao longo da fileira curva, com as mãos juntas atrás das costas para impedir que elas tremessem e os enfeites de Beryl tilintassem. Ele se sentia como um general passando em revista um exército de duendes

metálicos. Percorreu a fila inteira da esquerda para a direita e nenhum dos objetos tinha algum significado para ele. Então lembrou a si mesmo para usar a visão-de-bruxaria; fez meia-volta e recomeçou. Podia ser que isso funcionasse com as estátuas de prata, contanto que ele não tocasse nelas.

Christopher forçou-se a olhar para as estátuas daquela maneira especial. Foi preciso um grande esforço— para conseguir isso através da magia ondulada e torta do Mundo Onze. E, como ele receava, as coisas pareciam exatamente as mesmas, igualmente grotescas, igualmente sem sentido. Ele sabia que a sua visão-de-bruxaria estava funcionando. Percebia que muitas pessoas sentadas na clareira não se encontravam realmente ali; estavam em outras partes da floresta, ocupadas com outros planos do Dright, e projetavam suas imagens para a clareira em obediência ao comando do Dright. Mas a sua visão-de-bruxaria não funcionava com a prata.

Então, qual outro meio haveria para ele usar? Ele percorria a fileira sem parar de raciocinar. As pessoas o observavam com expressão zombeteira e o Dright virava a cabeça majestosamente para segui-lo com o olhar. Christopher pensou: eram todos tão antipáticos que não causava espanto que as almas deles fossem como pequenos monstros de prata. Tacroy era o único que era bom... Ah, lá estava a alma de Tacroy! Estava mais ou menos no meio, à esquerda. Não parecia mais humana do que qualquer das outras, mas parecia boa, cinqüenta vezes melhor do que o resto.

Christopher tentou continuar andando na direção dela como se não a tivesse visto, perguntando-se o

que aconteceria quando a pegasse e, conseqüentemente, perdesse completamente a sua magia. Teria que confiar na Deusa. E torcia para que ela entendesse isso.

O rosto dele deve ter mudado, pois o Dright percebeu que ele havia encontrado a alma certa e imediatamente começou a trapacear — como Christopher sabia que ele faria. Sem mais nem menos, a fila de objetos contorcidos tinha de repente mais de um quilômetro de comprimento, com a alma de Tacroy perdendo-se a distância. E todas elas estavam mudando de forma, derretendo-se para formar novas borbulhas esquisitas e novos formatos informes.

Então, com uma espécie de solavanco ondulado, tudo voltou a ser como era no início. Christopher pensou: a Deusa — ainda bem! Ele não havia desviado o olhar da alma de Tacroy, que estava bem próxima. Jogou-se para a frente e pegou-a. Assim que tocou nela, sentiu-se fraco, pesado, exausto. Sentia vontade de chorar, mas levantou-se segurando a alma. Realmente, a Deusa, com os braços abertos, estava encarando o Dright. Christopher ficou surpreso ao constatar que, mesmo sem a sua magia, conseguia distinguir o segundo par de braços estendidos sob os braços físicos da Deusa.

— Minhas sacerdotisas me ensinaram que é feio trapacear. Eu havia imaginado que você é orgulhoso demais para se rebaixar a isso — ela declarou.

O Dright olhou para ela de cima para baixo.

— Não mencionei regra nenhuma — disse.

Para Christopher, estar sem magia era um pouco como outra espécie de visão-de-bruxaria. O Dright lhe parecia menor agora, e nem um pouquinho magnífico.

Havia sinais claros da vulgaridade que ele havia vislumbrado no tio Ralph. Christopher ainda estava apavorado, mas sentia-se muito melhor, agora que vira essas coisas.

Enquanto a Deusa e Drigh t se enfrentavam, ele, com grande esforço, aproximou-se de Tacroy.

— Aqui está — disse, jogando para o outro a estranha estátua.

Tacroy, que ainda estava sentado, pôs-se de joelhos, com jeito de quem não conseguia acreditar naquilo. As suas mãos tremiam quando ele as fechou em volta da alma. Assim que a segurou, aquela coisa derreteu-se nas suas mãos. As suas unhas e veias ficaram prateadas. Um instante depois, o rosto de Tacroy também tinha uma coloração prateada. Então a cor desapareceu e Tacroy voltou à aparência de sempre, com uma diferença: havia nele um brilho que o tornava muito mais parecido com o Tacroy que Christopher conhecera no Lugar do Meio.

— Agora sou realmente seu criado! — ele disse. Estava rindo, de um modo que mais parecia estar chorando. — E compreensível que eu não poderia pedir a Rosalie que... Cuidado com o Drigh t!

Christopher girou e se deparou com a Deusa de joelhos, parecendo atônita. Não era de surpreender; o Drigh t tinha milhares de anos de experiência.

— Deixe-a em paz! — gritou.

O Drigh t olhou para ele, e por um instante Christopher sentiu a estranha magia distorcida tentando forçá-lo a ajoelhar-se também. Então isso cessou. O Drigh t ainda não havia conseguido de Christopher o que ele queria.

— Agora chegamos à minha segunda condição — disse em tom calmo. — Serei razoável. Você chegou aqui exigindo sete vidas e uma alma. Eu lhe dou tudo isto. Tudo o que peço em troca é uma vida.

Gabriel riu nervosamente.

— Eu tenho algumas de sobra. Se isso nos permitir sair daqui... — declarou.

Christopher deu-se conta de que era exatamente aquilo que o Dright queria. Durante todo o tempo, tudo o que o Dright almejava era uma vida de um mago de nove vidas entregue por vontade própria. Se Christopher não houvesse ousado pedir a alma de Tacroy, o Dright exigiria uma vida para libertar Gabriel.

Durante apenas um segundo, Christopher achou que bem poderia deixar que ele ficasse com uma das vidas de Gabriel.

Afinal, ele tinha sete, e outra deitada no chão do Castelo. Então chegou à conclusão de que isso seria a coisa mais perigosa que poderia fazer, pois daria ao Dright uma influência sobre Gabriel — a mesma que ele tivera sobre Tacroy — durante todo o tempo em que as outras vidas dele durassem. O Dright tinha a intenção de controlar o Crestomanci, exatamente como o tio Ralph tencionava controlar Christopher. Christopher não tinha coragem de dar a ele uma das vidas de Gabriel.

— Está bem — disse Christopher. Pela primeira vez estava realmente agradecido a Gabriel porque a sua nona vida estava em segurança, trancada no cofre do Castelo. — Como vê, ainda tenho duas vidas de sobra. Você pode ficar com uma delas. — Ele então passou a explicar com muito cuidado as suas condições, pois

sabia que o Dright iria tentar trapacear. — Só uma, porque, se tirar mais que uma, isso me matará, e dará ao meu mundo o direito de castigar o seu. Depois que tiver uma vida minha nas suas mãos, as suas condições estarão cumpridas e você deve deixar que nós quatro voltemos para o Mundo Doze A através do Portal.

— Aceito — disse o Dright.

Como sempre, ele mantinha o rosto vazio de expressão, mas Christopher percebia que por dentro estava rindo. O Dright aproximou-se de Christopher, que tentou criar coragem, torcendo para que não fosse doer muito. Na verdade, doeu tão pouco que ele quase foi dominado pela surpresa: um instante depois, o Dright deu um passo para trás com uma forma transparente e lânguida pendendo de suas mãos. A forma usava uma pele de tigre nebulosa e ostentava uma apagada faixa de ouro na sua cabeça transparente.

Christopher conjurou fogo para aquela forma, de maneira forte, enviesada e ondulante, com todo o poder que possuía. O fogo era algo com o qual o Dright não estava acostumado, e Christopher sabia que era a única coisa que poderia cancelar aqueles milhares de anos de experiência. Para seu alívio, a Deusa calculara exatamente a mesma coisa. Ele a viu de relance, com os quatro braços estendidos, conjurando fogo.

A sétima vida dele pegou fogo, por inteiro e instantaneamente. O Dright continuou a segurá-la pelos ombros, tentando apagar as labaredas, mas Christopher tinha razão: a magia do fogo era o ponto fraco do Dright. A sua tentativa de reverter o feitiço foi lenta e hesitante. Mas ele continuou tentando, e não largou a vida que segurava pelos ombros até ser obri-

gado a soltá-la para não perder as duas mãos. A essa altura, a frente da sua pele de leão estava em chamas também. Christopher teve um vislumbre do Drigh estapeando o próprio corpo para tentar apagar as chamas e tossindo por causa da fumaça, enquanto ele próprio desabava no chão como uma trouxa, em meio a espasmos. Era pior do que ser queimado pelo dragão! O seu sofrimento foi enorme. Christopher imaginara que não ia sentir dor, e jamais poderia pensar que doeria tanto assim.

Tacroy pegou-o no chão, jogou-o sobre um dos ombros, como um bombeiro carregando uma vítima, e disparou para o Portal. Cada passo dele sacudia Christopher, e cada solavanco era um tormento. Mas seus os olhos cheios de lágrimas viram a Deusa agarrar o braço de Gabriel com pelo menos, três mãos e arrastá-lo para o Portal com uma mistura de magia e força bruta. Todos chegaram lá juntos, e mergulharam para o outro lado. Christopher, quase desacordado, teve lucidez suficiente para cancelar os feitiços e fechar o Portal atrás deles.



Capítulo XXI

A dor cessou no instante em que o Portal se fechou. Tacroy baixou Christopher delicadamente para o chão e observou-o para ver se ele estava bem, depois foi direto à Srta. Rosalie.

— Ora, vejam! — disse a Deusa, apontando para Gabriel.

Tacroy nem olhou; estava ocupado demais, abraçando a Srta. Rosalie. Christopher sentou-se no chão e ficou assistindo, juntamente com o resto das pessoas na Sala de Estratégia: Gabriel amadurecia à medida que a magia do Drighr aos poucos o abandonava. Primeiro tornou-se um rapaz com uma gravata de seda florida e olhar atento e melancólico; em seguida era um rapaz mais velho e mais animado, vestindo um terno encardido. Depois tornou-se um homem de meia-idade, descorado e, de certa forma, desesperado, como se tudo aquilo que ele esperava houvesse desa-

parecido. No instante seguinte aquele homem havia se transformado em um cavalheiro grisalho, de ar eficiente; e então esse mesmo cavalheiro ficou mais idoso e mais carrancudo.

Christopher olhava fixamente, espantado e um pouco comovido. Percebia que Gabriel havia relutado muito em ser o Crestomanci, e que aquilo que estavam testemunhando eram os estágios pelos quais ele viera a aceitar esse cargo. Christopher estava pensando que felizmente ia ser mais fácil para ele, quando Gabriel finalmente tornou-se o velho carrancudo que Christopher conhecia. Nesse ponto, Gabriel cambaleou até o sofá onde Tacroy costumava entrar em transe e deixou-se cair sobre ele.

Beryl e Yolande acorreram com xícaras de chá. Gabriel bebeu a de Beryl (ou de Yolande) de um só gole. Então pegou a de Yolande (ou Beryl) e bebericou devagar, com os olhos quase fechados.

— Eu lhe agradeço de coração, Christopher — disse. — Espero que a dor já tenha passado.

— Passou, sim, obrigado — Christopher respondeu, pegando a xícara de chá que Érica lhe estendia.

Gabriel olhou de relance para Tacroy, que ainda estava abraçado à Srta. Rosalie.

— Pelo jeito, Mordecai ainda tem mais a lhe agradecer do que eu.

— Não deixe que o mandem para a prisão — Christopher pediu. E lembrou-se de que precisava interceder também pelo rapazinho que cuidava dos calçados.

— Farei tudo o que puder, agora que conheço as circunstâncias — Gabriel prometeu. — Aquele Drigh

medonho tem muitas contas a ajustar, mas talvez eu esteja correto em supor que Mordecai continuou trabalhando com você para o seu igualmente medonho tio porque sabia que qualquer outro viajante espiritual que o seu tio escolhesse não teria demorado a transformar você em um criminoso insensível. Concorde com essa minha suposição?

— Bom, acho que foi um pouco também porque nós dois gostamos muito de críquete — Christopher declarou, tentando ser honesto.

— E mesmo? — disse Gabriel em tom educado.

Ele então se voltou para a Deusa. Ela havia encontrado Proudfoot e a segurava nas mãos amorosamente. Gabriel olhou da gatinha para os pés descalços da Deusa.

— Mocinha! — chamou. — Você é uma mocinha, não é? Por favor, me mostre a sola do seu pé esquerdo.

Com ar de desafio a Deusa virou-se e ergueu o pé. Gabriel examinou a marca vermelha e azul. Depois olhou para Christopher.

— Sim, sou realmente Asheth, mas não olhe para Christopher assim! — disse a Deusa. — Vim para cá por conta própria. Tenho total capacidade para fazer isso.

Gabriel apertou os olhos.

— Usando a Deusa Asheth como a sua segunda vida? — perguntou, pousando a sua xícara vazia e pegando a cheia que Flavian lhe entregou. — Minha cara menina, que coisa mais tola você fez! — exclamou, bebericando o chá. — É óbvio que você é uma maga poderosa. Não tinha necessidade de usar Asheth. A-

gindo assim, simplesmente deu a ela uma influência sobre você. O Braço de Asheth vai persegui-la pelo resto da sua vida.

— Mas eu achava que as mágicas que consigo fazer vinham de Asheth! — protestou a Deusa.

— Ah, não. Asheth tem poderes, mas ela nunca os compartilha. Os que você tem são seus mesmo — Gabriel explicou.

A Deusa ficou boquiaberta. Parecia que ia chorar. Em tom constrangido, Flavian interrompeu, dizendo:

— Gabriel, o Braço de Asheth está cercando o...

Ouviu-se um estrondo violento vindo do térreo, onde a Caçarola de Lagosta despencou.

Todos correram para a escadaria, com exceção de Gabriel. Ele pousou a xícara devagar, obviamente perguntando-se o que estaria acontecendo. Christopher disparou para a escadaria e então, para ganhar tempo, fez o que sempre tivera vontade de fazer: desceu escorregando pelo corrimão de mármore cor-de-rosa. A Deusa o acompanhou. Quando chegaram ao solo, Gabriel já estava lá, parado junto à corda preta, de olhos baixos, contemplando a sua vida transparente e flácida.

Mas nenhuma outra pessoa tinha olhos para ela, pois o tio Ralph entrara através do pentagrama usando uma armadura de ferro e empunhando um pesado porrete. Christopher tinha calculado que ele faria isso; se por acaso ele tivesse trazido consigo qualquer feitiço antigatos, isso obviamente não funcionaria em um gato do Templo. A Caçarola de Lagosta caíra precisamente era cima do pentagrama, prendendo Throgmorten

juntamente com o tio Ralph, e Throgmorten estava fazendo o possível para pegar o tio Ralph.

Através da fumaça de sangue de dragão podia-se ver o tio Ralph andando lentamente em círculos dentro da gaiola, esmagando os pires do gato sob os seus pés de metal e dando golpes violentos na direção de Throgmorten com o seu porrete. Throgmorten movia-se mais depressa do que o tio Ralph ou o porrete, e conseguia subir pelas paredes da Caçarola de Lagosta, mas não tinha condições de atingir o tio Ralph através da armadura; tudo o que conseguia fazer era deixar nela muitos arranhões. Tratava-se de uma situação de impasse.

Christopher olhou em volta e encontrou Gabriel ao seu lado. O rosto de Gabriel ostentava um sorriso malicioso inteiramente inédito nele. Mas Christopher lembrou-se: não era inédito, pois Gabriel dera esse mesmo sorriso quando eles levitaram o homem no Mundo Onze.

— Vamos dar uma chance ao gato, por um minutinho só? — Gabriel propôs.

Christopher assentiu.

A armadura do tio Ralph desapareceu, deixando à mostra o seu terno de tweed castanho-avermelhado. Instantaneamente Throgmorten transformou-se em uma fúria de sete pernas, três cabeças e garras afiadas, voando e mordendo. Atacou por baixo, por cima, por todo o corpo do tio Ralph, apenas no primeiro segundo. Saía tanto sangue que Christopher ficou com muita pena do tio Ralph depois de 15 segundos iguais ao primeiro. Passados mais 30 segundos, ele se sentiu aliviado quando Throgmorten desapareceu com um

rosnado e um galeio no corpo.

Throgmorten reapareceu, a chutar e a debater-se, nos braços da Deusa.

— Não, Throgmorten! — ela repreendeu. — Já lhe disse que você não pode arrancar os olhos das pessoas. Não é bonito.

— Bonito ou não, eu estava gostando — disse Gabriel em tom de lástima. Ele estava entregue à ocupação de enrolar alguma coisa invisível, formando um novelo em uma das mãos. — Simonson! — chamou. — Simonson, é você quem está encarregado da gaiola? Tirei a magia dele enquanto ele tinha os pensamentos ocupados com outra coisa. Você agora pode mover a gaiola e prendê-lo até a polícia poder vir buscá-lo.

Isso produziu outro impasse: assim que a gaiola começou a erguer-se, Throgmorten deu um salto para enfiar-se no espaço entre ela e o chão, e o tio Ralph soltou um grito. No final, foi preciso que um dos cavaleiros subisse e desprendesse a gaiola da corrente do lustre. Então puseram-se a empurrar a gaiola para que ela deslizasse pelo chão, com o tio Ralph tropeçando dentro dela e Throgmorten acompanhando-a de perto, fazendo um ruído baixo e ritmado.

Assim que a gaiola estava fora do pentagrama, uma coluna de prata ergueu-se do chão pintalgado de sangue. A coluna parecia humana, mas era impossivelmente alta para um ser humano — tinha uns bons 30 centímetros a mais do que Gabriel. Ela cresceu ainda mais, e revelou-se uma mulher de túnica prateada, usando uma máscara de prata e segurando uma lança também de prata.

A Deusa soltou um uivo de terror e tentou esconder-se atrás de Christopher.

— É prata, e eu não tenho poder contra a prata — ele avisou.

Ele tremia a ponto de bater o queixo. Pela primeira vez experimentava essa sensação de estar frágil e indefeso pelo fato de ter apenas uma vida.

A Deusa passou para trás de Gabriel e agarrou-se ao fraque preto dele.

— É Asheth! Me salve! Gabriel disse polidamente à recém-chegada:

— Senhora, a que devemos a honra desta visita?

A mulher lançou um olhar penetrante através das frestas da sua máscara, primeiro para Gabriel e para a Deusa agachada atrás dele, depois para Christopher, depois para a Caçarola de Lagosta e para o caos generalizado que reinava no vestíbulo.

— Eu tinha esperanças de encontrar aqui um estabelecimento mais respeitável — disse.

A sua voz era profunda e melodiosa. Ela ergueu a máscara para o topo da cabeça, revelando um rosto idoso, magro e carrancudo. Era o tipo de rosto que imediatamente fez Christopher sentir-se muito tolo por estar usando um tapete de pele de tigre e brincos.

— Mãe Proudfoot! — exclamou a Deusa.

— Estou tentando atravessar este pentagrama desde que descobri o seu paradeiro, minha menina — disse Mãe Proudfoot com impaciência. — Você devia ter conversado comigo antes de fugir daquela maneira. Certamente sabia que eu teria desrespeitado o regulamento por sua causa, se pudesse. — Ela voltou-se autoritariamente para Gabriel. — Você parece bastante

respeitável. E Witt, um mago do Doze A, não é?

— As suas ordens, senhora — disse Gabriel. — Por favor perdoe esta desordem momentânea. Tivemos um problema. Normalmente somos mesmo um grupo muito respeitável.

— Era o que eu havia imaginado — disse Mãe Proudfoot. — Você seria capaz de tomar conta desta Filha de Asheth? Seria o ideal para mim, pois devo comunicar oficialmente a morte dela.

— Tomar conta... de que maneira? — Gabriel perguntou cautelosamente.

— Providenciar para que ela seja educada em uma boa escola e assim por diante; tornar-se o seu guardião legal — explicou Mãe Proudfoot.

Ela desceu majestosamente daquilo que parecia ser o seu pedestal. Agora tinha mais ou menos a mesma altura de Gabriel. Ambos eram bastante parecidos: magros e carrancudos.

— Ela sempre foi a minha Asheth favorita. De qualquer maneira, geralmente tento poupar a vida delas quando elas ficam crescidas demais, porém a maioria é de pessoinhas estúpidas e não faço questão de fazer por elas algo mais do que isso. No entanto, assim que percebi que esta era diferente, comecei a economizar a verba do Templo. Acho que tenho o suficiente para pagar os estudos dela.

Ela afastou para o lado a saia comprida, e todos constataram que o pedestal era uma arca pequena e sólida. Mãe Proudfoot abriu a tampa com um gesto teatral: a arca estava cheia até a borda do que parecia ser uma infinidade de pedrinhas de quartzo vítreo com alguns pedaços manchados, como cascalho de estrada.

Mas o rosto de Gabriel espelhava respeito e admiração. Christopher viu de relance Tacroy e Flavian, de olhos arregalados, murmurando uma palavra:

— Diamantes!

— Infelizmente estes diamantes estão em estado bruto. Acha que há o suficiente? — disse Mãe Proudfoot.

— Acho que menos da metade desta quantidade seria mais do que suficiente — Gabriel respondeu.

— Mas eu estava pensando em um colégio na Suíça para completar os estudos dela — disse Mãe Proudfoot em tom cortante. — Estudei este mundo e não quero saber de mesquinha. Fará isto por mim? Naturalmente vou providenciar para que os seguidores de Asheth façam qualquer favor que você pedir em troca.

Gabriel olhou da Mãe Proudfoot para a Deusa. Hesitou. Olhou para Christopher.

— Muito bem — concordou finalmente.

— Ora, que gracinha! — disse a Deusa. Ela rodeou Gabriel e abraçou-o, depois lançou-se sobre Mãe Proudfoot e abraçou-a com força também. — Eu te amo, Mãe Proudfoot — disse, toda embrulhada nas pregas prateadas.

Mãe Proudfoot fungou um pouquinho enquanto retribuía o abraço da Deusa. Mas controlou-se e olhou com muita severidade para Gabriel, por cima da cabeça da menina.

— Há um detalhe desagradável — disse. — Asheth precisa mesmo de uma vida, sabe, uma para cada Deusa Viva.

Christopher suspirou. Parecia que todas as

peçoas, em todos os Uns Lugares, queriam que elle desse suas vidas. Agora só lhe restaria aquella que estava no cofre do Castelo.

Gabriel endireitou-se, assumindo a sua aparência mais imponente. Antes que elle conseguisse falar, Mãe Proudfoot disse:

— Asheth não é muito exigente. Em geral arranco uma vida de um dos gatos do Templo. — Ella apontou a sua lança de prata para onde Throgmorten estava a rodear a Caçarola de Lagosta, soando como uma chaleira fervendo. — Aquele bichano velho ainda tem cerca de três vidas. Vou pegar uma das dele.

Os ruídos de chaleira fervendo cessaram, e Throgmorten demonstrou a sua opinião a respeito daquela proposta tornando-se uma centelha alaranjada voando escada acima.

— Não tem importância — disse Gabriel. — Pensando bem, por acaso tenho uma vida sobrando. — Elle passou por cima da corda preta e ergueu a sua vida flácida e transparente que jazia entre as cadeiras da biblioteca. Delicadamente colocou-a sobre a ponta da lança de Mãe Proudfoot. — Pronto. Esta serve?

— Admiravelmente, muito obrigada — disse Mãe Proudfoot. Ella deu um beijo na Deusa e partiu chão adentro majestosamente.

A Deusa fechou o baú e sentou-se em cima dele.

— A escola! — disse, sorrindo extasiada. — Pudim de arroz, monitoras, dormitórios, lanches à meia-noite, seguir as regras...

— Ella interrompeu-se sem mudar o sorriso, embora já não fosse um sorriso. — Honra — prosseguiu. — Assumir os próprios erros. Senhor Witt,

acho que é melhor eu ficar no Castelo, por causa de todos os problemas que causei a Christopher. Ele... ha... ele se sente solitário, o senhor sabe.

— Eu seria tolo se não tivesse percebido isto — disse Gabriel.

— Estou no meio de uma negociação com o Ministério para trazer alguns jovens magos para serem treinados aqui. No momento, você sabe, só posso empregá-los como criados domésticos, como o jovem Jason ali, que é quem cuida dos nossos calçados, mas isto em breve será diferente. Não há motivo para você deixar de ir para a escola...

— Mas há, sim! — interrompeu a Deusa. Tinha o rosto muito vermelho e os seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Tenho que assumir a responsabilidade, como fazem nos livros. Não mereço ir para a escola! Sou muito má. Não usei Asheth como minha segunda vida para poder vir para cá; usei uma vida de Christopher. Não tive coragem de usar Asheth, tive medo de me pegarem, de modo que tirei uma das vidas de Christopher quando ele estava preso na parede, e foi ela que eu usei.

As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

— Onde é que ela está? — Christopher perguntou, muitíssimo espantado.

— Ainda na parede — soluçou a deusa. — Empurrei-a bem para dentro, para que ninguém a encontre, mas desde esse dia eu me sinto arrependida. Tentei ajudar e reparar o mal que causei, mas não consegui muita coisa, e acho que devo ser castigada.

— Não há a menor necessidade disso — Gabriel declarou. — Agora que sabemos onde está a vida

de Christopher, podemos mandar Mordecai Roberts ir buscá-la. Pare de chorar, mocinha. Você precisa ir para a escola porque, se não fosse, eu estaria usando indevidamente o seu baú de diamantes. Considere isso o seu castigo. Durante as férias pode vir morar no Castelo com o resto dos jovens magos.

O sorriso extasiado da Deusa retornou, desviando as lágrimas do seu rosto para trás das orelhas e para o meio dos cabelos.

E isso foi tudo, na verdade, à exceção de uma carta que chegou do Japão para Christopher logo depois do Ano Novo:

Querido Christopher:

Por que não me contou que o seu querido Papai estava estabelecido aqui no Japão? É um país tão elegante, depois que a gente se habitua aos costumes deles, e seu pai e eu estamos ambos muito felizes aqui. Os horóscopos do seu pai tiveram a honra de despertar o interesse de algumas pessoas que têm acesso ao Imperador. Já estamos freqüentando os círculos mais elevados e esperamos chegar ainda mais alto antes de muito tempo.

O seu querido Papai manda dizer que o ama e que lhe deseja tudo de bom no futuro, como o próximo Crestomanci. Também amo você.

Mamãe.

Fim

Tudo neste livro acontece pelo menos 25 anos antes da história contada em *vida encantada*

Descobrir que possui nove vidas e que seu destino é ser o próximo Crestomanci não faz parte dos planos de Christopher para o futuro. Ele teria preferido muito mais jogar críquete e viajar por seus secretos mundos de sonho. Contudo, Christopher logo descobre que é difícil evitar esse destino, e que ter mais do que o número costumeiro de vidas é bastante inconveniente — especialmente quando uma pessoa perde com a facilidade com que ele faz isso! Então um contrabandista perverso, conhecido apenas como O Assombração, torna-se uma ameaça para os caminhos dos mundos paralelos e obriga Christopher a agir... Se você gostou de *Vida Encantada*, prepare-se: é agora que a história pega fogo e coisas ainda mais incríveis começam a acontecer.